

Roger González Margalef

# **SALVAÇÃO**

## **Ficha técnica**

**Título:** Salvação

1ª Edição

**Autor:** Roger González Margalef

© 2022: Autor

**Coordenador Editorial:** Alex Barga

**Revisão Linguística:** Miguel Ouana

**Maquetização:** Cremildo Bié

**Capa:**

**Impressão:** Editora e Tipografia Prelo Clássico, Lda.

**Endereço:** Av. Julius Nyerere, Rua da Beira, nº 8

Maputo - Moçambique

**Contactos:** 84 729 5964/ 82 477 4050

**E-mail:** coleção.xikalavitu@gmail.com

**E-mail:** tipografiapreloclassico@hotmail.com

**ISBN:** 978-989-9055-16-2

**Tiragem:** 500 Exemplares

*No mundo em que vivemos, o anormal é o normal e longe  
a salvação!*

Alex Barga



## Prefácio

Roger Margalef é linguista de profissão, tradutor, professor de Língua e Literatura, nascido na Espanha e actualmente residente em África, mais concretamente em Moçambique. Roger Margalef é um homem apaixonadíssimo pelas Artes, Letras e pela Cultura.

É para mim uma grande honra receber um convite por parte de Roger Margalef para prefaciar a sua obra literária que muito justamente leva o título de “*Salvação*”. Eu próprio sinto-me salvo. Sinto-me verdadeiramente um Homem Novo, como se tivesse acabado de sair das águas sagradas do rio Jordão e aceite sem reservas a divina trindade na Sua suprema qualidade de Senhor e *Salvador*. Tenho a plena convicção de que a obra “*Salvação*” vem preencher um vazio no campo da literatura sagrada, representando, assim, um grande e valioso contributo para a cultura, literatura, educação e para uma nova forma de olhar e ver a arte e as letras em Moçambique.

A “*Salvação*” é uma obra literária assente numa base ficcionária. A obra visa, a partir das suas estórias, salvar a humanidade dos seus problemas sociais e resgatar a cultura como um factor pacificador. Ela aborda questões diversas (sociais, políticas, económicas, ambientais, culturais, educacionais, desportivas, entre outras) da vida de uma sociedade imaginária no mundo contemporâneo. “*A Salvação*” é, na verdade, uma obra particularmente peculiar, na medida em que as estórias nela ficcionadas dão volta ao mundo, emergem e ensinam várias formas de salvar o mundo, desde a salvação do meio ambiente até a salvação da cultura.

“*Salvação*” é justiça. Sem ela, não há paz. “*Salvação*” debruça-se em simultâneo sobre a guerra e sobre a paz! As estórias da guerra na “*Salvação*” são extremamente interessantes. A guerra é vista como um problema dos

outros. Em contrapartida, a paz é assunto de todos. Na “*Salvação*” ninguém assume a autoria da guerra. Pelo contrário, todos se unem e se esforçam para construírem a paz.

Na “*Salvação*”, a guerra não é apenas o barulho das armas. Ela engloba igualmente a corrupção, a desonestidade, a mentira, a sabotagem, a traição, a ambição, a inveja, entre muitos outros males.

A forma ímpar como são narradas as estórias neste livro revela um grau de inteligência particularmente elevado do autor da obra. A isto juntam-se as dezanove partes que compõem o livro, sabiamente interligadas e continuadas.

Na primeira parte, nasce o *Salvador*, um dos poucos personagens (in)ativos de tantas estórias do livro. Na parte *intratextual*, encontramos nomes de personagens que remetem o leitor para conhecimentos planetários, orbitários, históricos, geográficos como os dos planetas anões (Ceres, Plutão, Haumea, Makemake e Éris), desfilando um alto sentido de cultura geral, numa pequena vila remota, num espaço chamado Kuiper. Na décima nona parte é retratada a *Salvação* do Presidente do Governo, o qual, mesmo sem merecer essa proeza, é salvo por valores como o humanismo, o perdão, a reconciliação, o respeito pelas diferenças, a paz, a colectividade, o amor à pátria, o sacrifício pelo bem comum, que falam bem mais alto.

Por estas e por outras razões mais que o prezado leitor terá, com certeza, oportunidade de descobrir ao longo da sua leitura, as quais testemunham o carácter educativo, artístico e instigante da obra, é com muito prazer, orgulho e gratidão que tenho a honra e o privilégio de prefaciar o presente livro cuja leitura recomendo a toda gente mas, de modo muito particular, aos amigos e amantes da literatura.

**Rosendo Mate**

*Historiador. Mestre em Ciências de Educação. Docente de História e Patrimônio Cultural no Instituto Superior de Artes e Cultura. Especialista em Estudo de Cultura, Educação e Patrimônio Cultural.*

*Sempre chega a hora em que descobrimos que  
sabíamos muito mais do que antes julgávamos.*

José Saramago (1922 - 2010)



## **Primeira parte: Nascimento**

# 1

Durante as dores do parto prévias ao nascimento de Salvador, Makemake apercebe-se, qual uma revelação nunca antes contemplada, de que hoje em dia já não é necessário o acompanhamento de três mães, como nos tempos do velho carrasco Arreug. Desta vez, o futuro pai Haumea conduz o carro azul para o hospital provincial, no bairro central da cidade, onde o atendimento é eficaz e brilhante.

Ainda bem que o parto é natural e não à cesariana. Também não é necessário ir à procura de bostas no campo para fazer carvão e aquecer-se durante a noite, na agonia da espera pela epifania, desde o momento em que entram na maternidade do hospital até ao glorioso instante em que o novo inquilino do mundo marca presença. Porém, a espera não é longa até à madrugada.

Num dia normal, o casal estaria em casa a trocar frases de interesse cultural, desafios linguísticos e outros pensamentos semipúblicos e pseudoprivados antes do jantar, ou, se calhar, estaria a tomar um aperitivo no Kuiper, a assistir a um jogo ou a comentar as notícias da actualidade.

O menino chegou, já está aqui, já não é mais uma imagem ecografada. É um ser real, como nós todos fomos algum dia. Como Deus nos trouxe ao mundo.

Um dia como este, não se esquece, porque cria memórias – abre conversa Hau, ao lado da cama do hospital onde Make

passa a noite a descansar. Ela não reage verbalmente, só escuta e pestaneja com elevada frequência quando quer concordar com o marido. Num momento assim, não há possibilidades emocionais de discordar em nada. Até então, só tínhamos o dia do casamento, mas, agora, adicionamos a este dia, o nascimento de Salvador.

– E com qual ficas? – Articula a mãe de Salvador. A voz denota-lhe cansaço, por motivos evidentíssimos.

– Melhor não decidir, só acumular e deixar que o tempo faça o seu trabalho de decidir por nós, se quiser.

O dia do casamento de Makemake e Haumea, agora, faz quatro anos, não foi nada pomposo nem grandiloquente. Poucos convidados dos dois lados, especialmente, da família de Hau. Só a mãe, que ainda estava em casa e relativamente activa, acompanhada de duas primas de longe, que o próprio Hau só tinha visto duas vezes na sua infância, antes de ir para o internato onde fizera o ensino secundário para se tornar um homem inteligente e, segundo opinava o pai mercenário, não precisar de ir às vilezas da indesejável tropa.

Na viagem de ida, com o tempo justissimamente apertado, o pastor sentou em frente e todos os outros, Hau e as três mulheres, no banco traseiro do minúsculo táxi. O noivo, engravatado e de fato azul escuro, não podia respirar; porém, durante alguns minutos, teve um sossego para relaxar e apenas preocupar-se em seguir o carro em frente deles, o seu próprio carro azul, conduzido pela sua iminente esposa. Do lado da Make, os pais, que estavam sentados nas cadeiras posteriores. Entre os pais, dona Aure, que seria madrinha da Make; no assento de copiloto, marchava, sigiloso, Horte, concentrado no exercício das suas funções como padrinho de Hau.

Fora escolhido um centro cívico da capital provincial para o acto oficial, e o melhor restaurante para a celebração não podia ser outro que o Kuiper. O único problema para

usufruir do espaço do Kuiper é que seria necessário, pela primeira vez, na história do local, procurar empregados temporais, dois jovens irmãos de uma vila circunvizinha, que já trabalhavam no negócio familiar de restauração, uma pousada ao longo do caminho que vai para a cidade. O regime de prestação de serviços dos dois moços incluíra duas jornadas e meia, no total. Um dia, quinta-feira, para fazer as compras de alimentos e limpezas no local, com ornamentação caseira. O segundo dia, sexta-feira, era o dia próprio do casório, em que ficaram a preparar a refeição, aguardar pelos dez convidados e servir as viandas.

No sábado de manhã, até às doze, os moços ficaram a limpar o local de forma a deixá-lo reluzente como se nada se tivesse passado. Receberam a grana em numerário, contante e sonante, e esgueiraram-se para curtir o fim-de-semana com aquilo que merecidamente ganharam. Aquela tarde, o Kuiper fechou; só aquela tarde, pois, ao amanhecer da festa, recusando a babalaza, dona Aure já tinha enviado todo o mundo para as suas respectivas casas. Devia abrir e servir os cafés, os chás, as fatias de pão com salada, os sumos de frutas, os pratinhos de amendoim torrado, as omeletes e demais brioches, pontualmente.

Depois de tudo, os recém-casados tiveram tempo de descansar só aquele domingo, pois, na segunda-feira seguinte, voltaram às obrigações remuneradas, ela na editora OriOn e ele na ONG meioambiental. O descanso dominical serviu de jornada de reflexão. Curioso, os políticos fazem ao contrário – expressa Hau, a admirar a aliança brilhante no seu dedo anular. – O dia de reflexão é aquele que usam para se abstraírem, antes do grande dia da votação, a festa da democracia; e nós não usamos uma hora, nem sequer dez minutos para a reflexão prévia ao dia marcado. Só hoje é que podemos começar a analisar a decisão que tomámos.

- Estou a notar arrependimento, meu marido?
  - Não, nada disso – resolve apressadamente Hau, no momento em que coloca a sua mão anelada por baixo da mesma extremidade da sua esposa. Se até acho melhor assim, como fizemos, de não pensar muito e decidir logo. Nunca me senti tão reconfortado depois de cumprir o propósito de uma decisão firme.
  - Nem mesmo quando decidiste terminar uma licenciatura que não te apaixonava?
  - As ciências políticas me apaixonavam e ainda me apaixonam, nem imaginas quanto, só que não via por lado nenhum qual a utilidade de passar por todo aquele currículo, sem nenhuma intervenção para melhorar o mundo.
  - Mas agora acabamos de mudar o mundo. Somos casados, vivemos em paz, estamos a contribuir para que se acalme a tensão e as guerras no mundo.
  - Não sabia que fosse necessário casar para viver em paz.
  - Não é isso que eu disse, já me entendeste, só queres atrapalhar-me, marido.
- Make ficou empolgada com a palavra *maridão* durante aquele fim-de-semana, mas não levou o assunto muito a sério, tão cedo como a rotina pré-nupcial se reinstalou na vida do casal. Também solta que lua-de-mel havemos de fazer, pode ser uma viagem para longe, como também uma excursão aqui por perto. Haumea volta a reflectir sobre o mundo, a paz e as desigualdades, agora encostando o seu nariz no cabelo fino e comprido da sua parceira vitalícia.
- Já pensaste que o contrato que assinámos hoje é também uma condenação? – Diz ele.
  - Não sejas tão negativo – ela retorque. – É um contrato sim, sem data de caducidade, e vamos fazer de tudo para cumpri-lo.

– Condenação refiro-me a que um de nós, algum dia, terá que assitir ao funeral do outro. Esse é o contrato que rubricámos hoje.

– Sim, mas para isso ainda falta muito, e temos urgências maiores – Make tenta contrapesar as doses de negatividade do seu esposo. – Nós, hoje, estamos a casar, e cá perto há montes que estão a arder. Tudo é tão desigual: de um lado este carnaval, com uma refeição pantagruélica na base de frango, peixe, carnes, frutas e bolo; do outro lado, a fome total, o grito crepitante da natureza devastada pelos incêndios, o pé descalço, o peito descoberto, o prato rasgado por onde já não pinga mais molho. Os incêndios são o quê, marido? Quero dizer, se são causados pelo homem ou são desastres naturais?

– Uma opção é a causa e a outra é a consequência – argumenta Hau. – Não as coloques dentro de uma frase disjuntiva, simplesmente. O homem causa desastres naturais, não a natureza. Fogos selvagens e inundações pantanosas são as duas caras da mesma moeda. O mais ridículo é, porém, a forma que nós humanos temos desenvolvido de combatê-los. Tanto fogos como incêndios, a primeira coisa sempre precisa de um chefe de estado ou de governo a sobrevoar a zona, com tal de fazer prospecções do terreno, avaliação de danos, alcance do terror, magnitude da tragédia. Tudo isso de helicóptero, com uma pegada ecológica obscena, para não falar do custo económico, só para que um homem de fato e gravata observe a zona, em vez de paliar os danos causados com esses mesmos emolumentos públicos, que supostamente são de todos nós.

– O erário público é de todos, tens razão. Mas esqueces uma coisa: não somos todos que o administramos.

– Acto seguido ao desastre e depois do voo das autoridades – o trabalhador de ONG meioambiental ignora o esclarecimento da sua esposa – aparecem mais veículos, camiões, barcos e aviões solidários, normalmente,

internacionais e todos eles cheios de plásticos não biodegradáveis, com alguma coisa dentro parecida com alimentos. Estamos numa fase da humanidade em que se apaga o fogo com máquinas que provocam mais fogo. Os seres do futuro, humanos ou não, editarão livros de história para as escolas de ensino básico, dizendo que, por volta dos anos 2000, houve a chamada “Segunda Idade Média”, ou “Idade Média Redobrada”, onde as doenças, pragas, guerras e mais desastres não conseguiram equilibrar-se com o nível de progresso social, industrial, tecnológico e humano. Uma época efêmera, uma Idade Alienada.

Recordar é viver. Haumea e Makemake não são capazes, mais de quatro anos após o casamento, de esquecer nenhum detalhe daquela efeméride. Eis a razão de não preferir comparar aquela data com o dia do nascimento de Salvador. Seja como for, Make opina que devemos convidar os meus pais, que venham conhecer o neto. Não podemos procrastinar *sine die* o encontro com eles. Imagina que, um dia, o nosso filho tem um filho e nós não podemos exercer o papel de avós. Que tal depois de amanhã?

– Eu ainda estarei a descansar, mas posso falar e será tão bom tê-los por perto. Tira-me uma foto com telemóvel, o menino a sugar-me os mamilos, quero mandar para eles, para que comecem a salivar com esta beleza de criatura.

O pai de Salvador concorda com o dia escolhido, depois de amanhã. Eles podem pernoitar aqui e, ao novo amanhecer, vamos visitar minha mãe no asilo, com o menino.

Make sente-se insegura, pois, sendo nova na experiência da maternidade, não quer sobreesforçar-se. O casal acaba por concordar que ela fique em casa de repouso e ele vai, com os sogros e com Salvador, ao asilo da mãe, que se encontra em estado pré-moribundo. Há alguns meses que Haumea já tinha assumido que a sua mãe

estava mais perto do cemitério do que entre os vivos, razão pela qual esta visita do primogénito do seu único filho se faz ainda mais inevitável. A viúva de mercenário deve saber, antes de deixar-nos, que tem um neto agora pequenino, e que um dia será a luz que salvará a nova ordem mundial, por isso, lhe deram o nome de Salvador. Também gostará de saber que a sua nora passou uma gravidez que parecia de paquiderme, com os nove meses de rigor, dentro dos padrões humanos, mais talvez uns vinte ou vinte e dois meses de gestação mental, de gorjeta, nos que ela se imaginava como uma elefanta proboscídea a rondar pelo mundo com a sua enorme e pesada tromba.

Desgraçadamente, o dia da visita nunca se plasma na realidade. No anoitecer da vigília da chegada dos avós maternos, toca o telemóvel de Hau a uma hora intempestiva.

– Boa noite, és o Haumea? Tenho notícias da tua mãezinha.

O diminutivo usado pelo director do asilo fez pressagiar o pior desfecho.

– Sim, sou o filho dela – responde, sério, o filho da aludida. Há alguma coisa com ela, fora do normal?

– Sou o director do asilo, penso que já me conheceu alguma vez nas festas de aniversário que tivemos cá. Deus a tenha.

Haumea fecha os olhos e demora a responder. Makemake está sentada numa cadeira, cotovelos sobre o tampo da mesa, com Salvador ao colo, a observar a reacção do seu marido enquanto este não solta o aparelho nem o remove da proximidade da aurícula. Não sabe com quem está a conversar nem consegue ouvir nada, mas é totalmente capaz de perceber, sem possibilidade de enganar-se, que o seu filho só poderá conhecer o aspecto físico da avó materna pelas fotografias. Finalmente, Hau articula palavra.



- Obrigado pela prontidão na comunicação, foram muito gentis e profissionais em tudo. Viremos levar os seus pertences durante os próximos dias.
- Não se preocupe com isso, guardaremos bem as coisas dela todo o tempo que for necessário.
- Estou a sair para lá imediatamente para tratar das exéquias.
- Também não precisa. A empresa funerária já se encontra nas nossas instalações para recolher o corpo e levá-lo para a capela mortuária da vila, onde se realizará o velório e a inumação, num dia a combinar entre a edilidade e a família.
- Obrigado por tudo. Aguardarei pelos da funerária chegarem, estarei com eles até terminarem o trabalho esta noite. Passe bem.
- Os meus sentimentos. Boa noite.

Haumea liga para o director da ONG onde trabalha, para apresentar a situação familiar. São concedidos cinco dias livres para passar-se o luto, por membro familiar directo; esse é o tempo que o governo nacional concede, hoje em dia. Nos tempos, era pior, apenas concediam dois dias ou três, no máximo, para quem tivesse bons contactos com os poderes fácticos. Mesmo assim, esses cinco dias já os tinha por causa da paternidade, e não se acumulam. Recebe as condolências do director da ONG, que se despede com uma frase comercialmente encorajadora: *em cinco dias, nós faremos de tudo para que estejas renovado e fresco para o trabalho. Abraços.*

Hau passa horas no velório, contempla os operários da funerária a descarregarem o caixão da mãe, qual fosse uma mobília de escritório.

Nuvens pressageiras de chuva e mau tempo se avizinham para o dia do enterro, que é feito na mais estrita intimidade familiar, com as mesmas pessoas que estiveram no casório de Hau e Make, quatro anos atrás, mas, desta vez, sem Make, que fica a cuidar do recém-nascido Salvador; também sem dona Aure, que só poderá subir ao cemitério um pouco mais tarde, quando Horte descer e ficar a tomar conta do Kuiper. Também acompanham os amigos Ceres, Éris e Plutão, todos rigorosamente calados durante o traslado do caixão com o cadáver, do velório até ao ponto mais alto da vila, o bairro dos defuntos. Em todos os enterros não devia ser falada nenhuma palavra, em nenhuma língua, pois esta seria a forma mais decente de equiparar-se com a pessoa homenageada. Haumea entende que os verdadeiros amigos são aqueles que não trazem flores, nem símbolos, nem pronunciam palavras cerimoniais. São os que estão presentes nos momentos em que se fazem necessários. Não são dias de debates no Kuiper, conversas e discussões inacabáveis em que se resolve o mundo. Quando há um morto, a melhor forma de reparar o mundo é ficar em silêncio e observar como as tradições nos respeitam e se repetem automaticamente.

Aprender a falhar. Saber como não se falha. Eis a maior lição que Hau pode tirar tanto da vida como da morte da sua mãe, a viúva de mercenário que foi feliz enquanto enganada, e martirizou-se até à prostração quando soube de tudo que o seu marido escondera. Quem diga que vale a pena falar as verdades para evitar males maiores no futuro, é que nunca teve um familiar no papel mais escuro de uma guerra. Nessas situações em que o esquecimento é o melhor remédio e único aliado para não perder a estabilidade, Hau não é capaz de interpretar se a sua mãe gostaria de ter um epitáfio. Mas a cerimónia faz-se, igualmente. Sem responsório, nenhum tipo de ofício às exéquias, só o silêncio e o cantar de alguns pássaros. Nesta zona do mundo, onde nenhuma tradição chegou

a sentar raízes, as pessoas de classe média fazem várias gerações que deixaram de cerimoniar enterros.

Uns operários, os mesmos que trouxeram o corpo do asilo para a vila, são os encarregados de inumar o caixão de madeira, coroado por uma cruz de prata, que não tem nenhum significado religioso; é apenas um símbolo sem simbologia, cuja presença se justifica em que todos os caixões devem ter uma cruz de prata ou metálica.

Em poucos minutos, a fossa está coberta de areia vermelha, na presença de poucas pessoas vivas envelhecidas e de muitos mortos jovens como testemunhas. Todos em silêncio. É assim como se deveria despedir de uma pessoa que viaja, mesmo no mundo dos vivos, só com silêncio, nem abraços ou lágrimas, nem desejos de regresso, escreve ao chegar, come bem, se cuida, faz novos amigos, pensa em nós, traz alguma lembrança. Bastaria ajudar a carregar as malas e separar os caminhos, sem mais.

Não se modificam os planos de visita dos pais da Make. De facto, agora os sogros são a maior necessidade para alguém que passou de pai a órfão, em menos de dois dias. Makemake dá o peito a Salvador, que chupa sem interrupção, gulosamente. Haumea não está tranquilo, consegue ficar sentado ou concentrado numa única coisa. Toma um copo de água, da torneira, mas nem sente o efeito hidratador no seu esófago. Pergunta à mãe de Salvador se quer um chá de canela ou de ervas cheirosas. Também oferece, enquanto ela está ocupada a aleitar o futuro, se pode preparar uma refeição simples, ferver batata ou arroz com molho. Ela aceita, mas antes quer olhar nos olhos do seu marido e identificar alguma daquelas marcas fisiológicas que as palavras nunca podem explicar. Mas não é Make quem fala, nem Salvador, ainda apurando o mamilo materno como se nada houvesse para o depois-de-amanhã.

– Quando vierem os teus pais, queres que falemos da herança? – Atrave-se a comentar Hau, sabedor de que a

sua senhora, muito menos os sogros, iriam falar-lhe de dinheiro, num momento como este.

– Bom, se achas que queres partilhar, eles estarão gratos em ajudar-te a decidir. Era assim muito, o que ela tinha?

– Pergunta Makemake, com Salvador no colo, a dormir.

– Como achas que se pagava o asilo onde ficou todo este tempo?

– Bem, ela não tinha muitas poupanças, não é?

– Ela nunca soube nem sequer quanto dinheiro tinha, exactamente – lapida Hau. – Nem antes nem depois do pai.

O pai de Salvador tira o seu telemóvel do bolso e entra na aplicação bancária onde figuram as contas da mãe, que ele controlava desde que a morte do pai, vinte anos atrás, descontrolara a mente da mãe, empurrando-a inexoravelmente para uma ancianidade prematura. Mostra para a sua esposa o valor existente na conta, que surpreende a Make, que esperava muito menos no património de uma senhora que tinha sido camponesa e dona de casa durante a vida activa, e peça de mobília durante os últimos anos, para não falar dos tratamentos hospitalares com o primeiro hematoma subdural, o primeiro aviso pré-mortal antes do segundo e definitivo.

– Melhor que falemos entre nós, primeiro. Mas eles também têm todo o direito, são família e têm sonhos por cumprir. Metas da idade em que se encontram.

– Os meus pais nunca vão aceitar dinheiro nosso. Conheço a eles, e com o que recebem da reforma e alguns pequenos negócios culturais que têm estado a fazer, podem funcionar bem.

– Este dinheiro é mais deles do que nosso, porque é um dinheiro que vem da sua geração – assevera Hau, com ar triste. É dinheiro do meu pai, fortuna não declarada e que as leis nunca descobriram. Uma pequena parte foi

usada para o asilo e os tratamentos médicos, mas o resto, que é muito, nunca foi mexido. Por nós nem por nenhum familiar oportunista. Minha mãe tinha um coração muito firme e decidido, também uma mente claríssima, pelo menos antes de ficar maluca. Ela era como um daqueles políticos rasteiros, que têm os seus princípios e, se alguém não gosta deles, tem outros. Só que minha mãe, a diferença dos políticos rasteiros, que agem para lambar botas a um chefe, ela o fazia tudo por si mesma, para proteger-se e dar-me uma vida condigna, fosse como fosse. E consegui, não vou negar.

Make não consegue digerir toda a informação de uma só vez.

– Portanto, ela preferiu deixar sem declarar todas as moedas ilícitas que o desalmado do meu pai mercenário tinha feito com os encargos bélicos – continua Hau. – Também é verdade que uma parte do dinheiro, igualmente sanguinolento, ilícito, corrupto e nunca sujeito a taxas legais, era resultado de salvagens humanitárias, tais como resgates de populações vulneráveis em zonas de incêndios, cheias, ciclones ou guerras de outrem. Minha mãe pensaria que o dinheiro que financiava o asilo era esse, um pouco mais digno, enquanto o outro dinheiro, o mais sujo, podia ficar guardado como depósito que comprasse tempo. Tempo para que, um dia, talvez, os netos deste nosso recém-nascido Salvador, esqueçam a origem do patrimônio e fique como uma simples herança limpa, que passou de geração em geração. O tempo sempre é o melhor remédio para tudo, não porque cura, mas porque coloca a distância necessária que nos permite olhar para o futuro sem remordimentos. Tudo isso planejou a minha mãe, que não é pouco.

## 2

Haumea abre a porta de casa e encontra-se de frente com os seus sogros, extensos sorrisos ébrios de alegria nos respectivos rostos. Abraçam-se de forma tão prolongada como quando se reencontra um filho que passou anos no estrangeiro. Primeiro com o patriarca, depois com a sogra. A filha do casal aposentado está deitada na poltrona, num canto da sala de estar. Salvador a chorar entrecortadamente. A avó senta-se ao lado da nova mãe e as duas figuras masculinas permanecem paradas, a olhar para a dupla de mães. Os pais de Make, orgulhosos da filha que acaba de dar-lhes um neto, anunciam que decidiram passar uma temporada com o neto, se os pais não se opusessem. Isto merece uma celebração, algo simples, familiar, espero que gostem. O avô desembulha uma bolsa que trazia debaixo do braço direito, e entrega-a a Hau. Agora são as duas mulheres a observarem os movimentos dos homens. O recém-nascido cala-se, parece que não lhe perturba a visita, também porque não fazem muito barulho, os avós. Da bolsa sai uma camisa elegante para o jovem pai, azul-marinho; para a Make, um vestido estampado com florezinhas coloridas, além de um agraphador, uma caneta e um minúsculo bloco de notas de não mais de cinquenta páginas.

– Obrigada pelo vestido, é tão lindo, me fará sentir jovem agora que a maternidade desabou em mim uma quantidade de anos que podia estudar sei lá quantos

graus universitários. Mas pai, achas que estou em condições de escrever?

– O bloco e a caneta não são para ti, são para o Salvador. Já que dizem que a caneta é uma arma mais poderosa que as balas, assim, o menino vai aprender a atacar desde bem cedo. Serão vocês, tu e Hau, a ensinar-lhe como se dispara este tipo de fuzil.

– Devem ensinar-lhe a viajar antes que vá sozinho – a mãe de Make complementa o depoimento do seu marido. – Ele um dia viajará e terá diários. Portanto, vale a pena que saia de casa bem munido. A escrita o libertará, poderá viajar para onde quiser, sem depender de ninguém. Como mãe, digo-te, filha, que não há nada mais doloroso de ver que um filho ido embora de casa. Bom, – rectifica a velha – só uma coisa pode ser ainda mais terrorífica: ver que o filho não sai porque não tem as capacidades de voar sozinho.

– E o agrafador, pai, para fazer o quê com ele?

– É para que não sintas saudades do trabalho na editora, sei que adoras agrafar documentos, nem que sejam tolices de duas páginas que terás que jogar fora no mesmo dia.

O jovem pai interrompe para agradecer pela camisa. Espero usá-la nos dias importantes. O sábio sogro medita a sua resposta, se é que deve dar alguma. Reflecte, dentro de si, que nesta vida há dias mais marcantes que outros, quer por novidades familiares, graduações académicas ou eventos sociais destacados. Mas, olhando bem, todos os dias são importantes, pois sem os dias de rotina e desabafo inacabável, nunca chegaria a alegria. Sem o doloroso percurso diário nas aulas, nunca seria possível atingir a graduação, e sem guerras, destruições naturais ou genocídios, nunca haveria dias comemorativos de paz nem conferências nacionais de reconciliação. Afinal, o velho solta uma resposta de vaga interpretação.

– Usa-a tantos dias como te seja possível. Importa é como estás tu no momento de envergares.

Este menino, com o nome que lhe deram, só pode salvar o mundo. A mãe de Make pega na caneta com muito afinco e coloca-a nas ternas mãos de Salvador. Ela revela-se como uma boa contadora de estórias, de memória privilegiada. Um dia, daqui a uns cinquenta anos mais ou menos, este menino fará honra ao seu nome. Ele salvará a escrita, as sociedades como as conhecemos hoje que usam as letras, dever-se-ão a ele como referente. Escreverá muito bem em todos os géneros: contos, romances, poemas, artigos, guiões de cinema e peças teatrais. Tão bem que será necessária uma outra guerra e a provável subsequente comandância de mão de ferro inexorável para travar-lhe o talento. Despertará o temor de mandatários e será censurado por uma feroz ditadura, que é a maior honra para um escritor, mais do que qualquer prémio. Por isso é que deve começar a manusear a caneta agora. Já que nós temos tempo disponível – arranca o pai da Make, em alusão a si próprio e à sua senhora – penso que podemos dedicar mais tempo à nossa paixão de juventude, a olaria. Me apaixonei por esta arte com a leitura de Saramago, onde um tal Cipriano Algor é oleiro. Tenho curiosidade de saber como é este ofício na prática, se é igual à forma como se descreve no livro.

– Pai, ainda bem que não ficaste apaixonado por uma leitura de Kant, sobre a paz perpétua, que nem terminei.

– Filha, a paz pratica-se com leituras ou sem elas. É um dever muito prazeroso.

O tempo volta para trás, sempre. Os literatos que dizem que o tempo nos foge, que tem pernas vivazes e que avança inexoravelmente sem contemplar os restos deixados, todos eles mentem ou nem sabem do que estão a falar. O tempo sabe voltar e dar-nos segundas oportunidades de reviver o que ficou. Minha filha, nos tempos em que estudavas Latim, na Faculdade, terás aprendido o que é



um *modus vivendi*. Eu agora só tenho medos *vivendi*. Não sei se, como velho aposentado, devo calcular o meu tempo como uma conta atrás para o cemitério ou fazer tudo que eu não tive ocasião de fazer durante a juventude. Ou uma combinação das duas.

– Pai, tens tempo para ti, e isso é um tesouro. Poderás começar a moldar os teus próprios vasos, como se fossem filhos. Uns de uma forma e outros de outra forma, mais altos, mais gordos, mais magros e altos. Alguns serão para colocar flores, outros para guardar canas-de-açúcar, e mesmo terás um vaso especial, colorido, majestoso, que dará as boas-vindas a todo aquele que visite a vossa olaria.

– Não te falta razão, mãe de Salvador. Por exemplo, posso cultivar afições abandonadas. Para além da olaria, sempre quis seguir o desporto feminino, porque, infelizmente, fiquei naquele grupo de velhos que conhecem os nomes de cada jogador de todas as equipas do campeonato masculino, mas nem sabemos quem é a máxima estrela do torneio feminino.

O pai não compreende que agora os jovens tenham esta tendência de, quando têm filhos, esquecerem-se da sua identidade de origem e se designarem como pai de, mãe de. Mas adapta-se à vontade da filha, que assim o quer.

– O meu medos *vivendi* radica em que agora, na idade avançada, estou a aprender que a pobreza e a riqueza não têm nada a ver com o dinheiro ou com a falta dele. Não se compra um quilo de pobreza, uma ração de riqueza, uma dúzia de bem-estares ou uma porção de miséria. Também não se vende, nem se importa, exporta ou cotiza na bolsa de valores mercantis. A pobreza e a riqueza só podem ser adquiridas imaterialmente e treinadas, nunca as duas em unísono, mas em forma de escolha. Me produz medo é que não sei se fiz a escolha certa nos devidos momentos da minha vida em que a riqueza e a pobreza se batiam por me conquistar. A jovem mãe quer apoiar o pai, igual

que quem apoia alguém é para ajudá-lo a vencer e não quando já venceu. O que é que o seu pai precisa, como apoio, nesta fase translúcida da vida?

Nessas, pensa num louco artista decimonónico, ruivo e de nome Vincent, que nunca recebeu apoios em vida e sim muitos elogios depois de morto.

Makemake opina que a morte e o suicídio são duas coisas completamente diferentes. O fim de ambos é o mesmo, mas não a forma. São processos opostos, no entanto, que o primeiro é causado pela falta de medo, o segundo é o maior de todos os medos. Van Gogh era o tipo de pobre rico, que não conhecera a poupança nem a medida racional do uso dos materiais de trabalho, pincel, pintura, paleta, cavalete, ao mesmo tempo que não tinha para comer e muito menos para cuidar dos seus transtornos mentais. O único remédio que teve foi imolar-se.

Poupança é para ricos, que não experimentam loucura verdadeira e não têm outra paixão na vida que não seja contar, prever, assegurar, planificar, reciclar, calcular, controlar e meditar. Agora que o pai da Make é oleiro, deverá aprender a cominbar a nova paixão com a tarefa de vovô. O pai da Make também pensa ler os livros que nunca teve tempo de ler, assistir filmes clássicos e modernos, pintar paredes e lenços, sem confundir as artes que se correspondem com cada tipo de suporte, rebitar peças de alumínio, quinar chapas de zinco, alimentar pintos, lançar sementes de alface, cebola, alho, pimenta, cenoura e tomate.

Nas viagens da vida, o pai da Make também aprendeu que na Europa fazem brincaderia a toda hora com as coisas mais detestáveis, como a corrupção dos políticos. Aparece um mafioso ex-Presidente, ex-Ministro, ex-Director de Banco Central, ex-Governador de Província, ex-promotor de campanhas eleitorais do partido xis ou ípsilon, e tudo que conseguem fazer os europeus é começar a tirar fotos com o telemóvel da televisão onde se visualiza a notícia. Os

corruptos lá são vistos como heróis, como salvadores da unidade entre pessoas, o sustento de relações familiares, a motivação para escrever livros sobre eles e não sobre os humildes trabalhadores que fazem possível a criação de riquezas que depois esses espoliam.

A avó materna de Salvador também tem paixões artísticas, como cantar, só que a voz já não aguenta. Pegar enxada também não, pois o corpo tem os seus limites. Mas, na posição de avó, poderá matar dois pássaros de um tiro: voltar a cuidar de um bebê, agora do sexo masculino, e crescer com ele no domínio das tecnologias da informação e comunicação. Pelo momento, exercitará o seu cérebro com leituras infantis e *sudokus* japoneses, para não esquecer os números de um a nove.

A mãe de Make conta que, quando a Make nasceu, a maternidade dos hospitais provinciais estava num processo de modernização, porque já havia alguns meios, em termos de equipamentos. Mas não havia o recurso principal para que as coisas andassem: pessoas humanas que soubessem tirar proveito dos tais equipamentos. Neste país, aliás, nesta província, que é uma República isolada de tudo, sempre fizemos tudo ao contrário e sem jeito. Se começa pela última prioridade e o resultado é a crónica de uma morte anunciada. As pessoas colocadas para exercer uma função não sabem como fazer nada, passo a passo. Não porque sejam burras ou mal comportadas, mas simplesmente porque lhes é exigido falar uma língua desconhecida, de hoje para amanhã. Como resultado, os equipamentos de qualidade correm o risco de estragar-se rapidissimamente. Pelo contrário, quando se conta com pessoas sabedoras de onde estão os pontos cardeais, os mapas já fazem mais sentido, mesmo que sejam cartografias antigas, desactualizadas, rasgadas e incompletas. Essa era a triste situação no hospital onde nascera Makemake, recorda a mãe, há

mais de três décadas. Bons meios, nenhum obstétrico em condições, só um guarda e algumas enfermeiras que, amiúde, aqueciam chá para o doutor tomar, sentado na sua cadeira. Claro é que a palavra doutor é um eufemismo que lhe ficava grande demais, a um senhor de barriga interminável, fala obstruída por uma boca tortuosa e movimentos pouco lestos.

O sujeito que extraíu Makemake do corpo materno, abruptamente, como se tivesse pressa para que Make nascesse para ele ir de férias um minuto depois, tinha sido formado, muito tempo atrás, num colégio de seminaristas, onde só se podia escolher uma de duas especializações profissionalizantes, tipografia ou medicina, após três anos de rezas, comida de internato e memorização de leis. Cada especialização, a parte mais dinâmica, diga-se, daquela formação, tinha a duração de só dois meses, e era feita sob orientação do mesmo padre que já estivera em cima dos jovens por três anos. Sem estágio nem nada, só escutar os saberes que o Todopoderoso misericordioso tinha deixado para os humildes herdeiros da humanidade.

– Sortudo, Salvador, que teve acesso às duas coisas que hoje achamos essenciais. Obstetra e edifícios equipados. Como num país avançadíssimo.

– Amanhã, haverá outras essencialidades que agora nem contamos com elas. Só quando surjam é que serão imprescindíveis.

– O que queres dizer? Coloca-me lá um exemplo.

– A política mediática, mãe. Desculpa, sou casada com um especialista no tema – olha para Hau, parado, ao lado do pai da Make. Se um responsável político, ponhamos por caso, o Presidente do Governo, não publica nada nas redes sociais acerca de um caso que agita a sociedade, automaticamente, é bombardeado pelos da oposição. E se é muito activo nas redes, toda a hora a publicar, tuitar ou faisbucar – continua Make a falar, fazendo o

seu derradeiro esforço discursivo antes de descansar, – também será dito que o tal Presidente de Governo não está a tratar os assuntos reais que apoquentam o povo e, pelo contrário, está a passar os seus dias no poder, como um adolescente a brincar com os presentes que pai natal trouxe.

– Contradição acima de contradição. É um argumento filosófico gasto demais, que nem vale a pena – intervém Hau.

– Isso não era assim, nos tempos em que nasci, pois, mãe?

– Questiona, Make, como se nos tempos passados, por não haver certas tecnologias, o mundo fosse maravilhoso.

– Filha – a avó materna de Salvador recupera a palavra –. Se o político, usando este mesmo exemplo, não fazia nem dizia palavra perante uma situação de preocupação pública, melhor para todos, como umas férias, era como se todos ficássemos dispensados dos problemas. De facto, como se os problemas fossem dispensados de nós.

– Hoje temos o mundo mais avançado – argumenta. Em termos tecnológicos, seguramente, seja assim, mas há cantos do mundo onde ainda não se usam telemóveis, carros a motor ou computadores, que são aparelhos inventados no século XX. Mas em outros contextos, dentro do mesmo planeta, já se fala de dispensar esses todos engenhos porque a sua utilidade já foi explorada ao máximo.

– E, neste mundo avançadíssimo, não continua havendo guerras, crimes contra os vulneráveis, fome, desigualdades sociais, ricos e pobres? É este um mundo avançado, com alguns países desenvolvidos e outros subdesenvolvidos? – Completa retoricamente o pai da Make, que permanecera calado até então, a contemplar a sabedoria familiar ao seu redor.

### 3

O fim da mãe de Hau era algo intuível, porém, não menos doloroso. Feito e revisado o exame autóptico, a senhora não superara o segundo hematoma subdural da sua vida, ambos em idade avançada e num lapso de menos de um ano. Aquele mal evoluira numa hemorragia grave e invadira, qual uma frente bélica que avança inexoravelmente no campo de batalha, todo o corpo da viúva de um mercenário. É enterrada no cemitério da vila, perto do pai de Horte. Já estava morta faz muito tempo, só que podia comer, falar e ir à casa de banho.

Não vejo diferença, diz Hau, frio como o gelo da calota Antártica. E continua a falar, já no fim da cerimónia fúnebre, a sós com os pais da Make: agora é que ela passa a reforma, bem merecida. Descanso, paz, tranquilidade. Se Make estivesse cá, no cemitério, estaríamos a interrogarmo-nos se aqueles elefantes, que fomos observar no Zimbabwe, estavam reformados ou ainda em idade activa. Caso reformarem, fazem o quê? O que os ocupa? Será que esperam a morte só, enquanto os mais novos lhes procuram comida? Make retorquiria, com vontade de animar o seu marido, usando as seguintes palavras.

– Há muitos povos humanos que também passam pela mesma situação que os elefantes, os hipopótamos ou os pinguins. Não diferem as suas rotinas da vida activa às do aposentado. Assim, livram-se da azáfama que supõe

tramitar papelada legal para solicitar a reforma e calcular o subsídio com fórmulas impossíveis.

– Muito triste – Hau responderia, se Make estivesse ao seu lado.

– Não é triste, meu filho – intromete-se a mãe de Make na conversa imaginária que Hau estava a ter com Make, telepaticamente. – É assim, e cada um aproveita o tempo vital como melhor pode.

– Digo que resulta triste, se permites que mantenha a minha opinião.

– Não há nada de tristeza. Pelo contrário, Hau, só estamos a aprender quão magnífica é a capacidade de maleabilidade da vida natural na adaptação ao meio e às circunstâncias.

– É triste para nós, mãe, que estamos a falar de elefantes, de hipopótamos, de pinguins e de processos legais de reformas humanas, logo após fecharmos para sempre a campa da mãe. Nos tempos em que minha mãe era uma menina – procede Hau – sempre me contava que em casa havia pouca comida, e, precisamente por isso, agradeciam sempre a Deus pela bênção. Partilhavam o pouco que tinham. Mais valia ficar feliz por ter pouco do que não ter nada, alegava a saudosa que estamos a enterrar hoje. Eu aceitei o discurso da mãe, só por isso, porque era da mãe, não porque concordasse. Isto me faz recordar, justamente aqui e agora, uma vez que passei da Zambézia, em Moçambique, onde uma senhora de capulana me aproximou e disse-me que nós éramos águias, que só podíamos procurar mais e melhor, nunca ficar no pequeno e limitado, pois, quando as almas vivas de uma metade do mundo agradeciam por ter pouco e se conformavam, colavam-se à terra como galinhas, enquanto os da outra metade do orbe descolavam, quais águias majestosas, à procura de mais.

– Eis a razão pela qual o rico sempre explora o pobre, nunca o contrário.

Contudo, Make fez bem, ficando em casa a cuidar de Salvador. Um cemitério não é lugar para um bebê dos seus poucos dias de vida. Representaria um contrapeso inassumível para a mente humana.

Hau pretende ficar mais uns minutos no elevado lugar do eterno repouso, se calhar até anoitecer. Está em paz e diz aos pais da sua senhora que podem ir para casa, se quiserem, com o carro. Ele poderá voltar a caminhar pelo próprio pé, montanha abaixo.

Os pais da Make, de princípio, não estão dispostos a deixar o pai do seu neto aí sozinho, mas acabam por aceitar e vão-se embora. Por favor não te demores.

Logo que deixa de ouvir o som do motor do carro afastar-se, Hau acompanha visualmente a curta viagem que os sogros fazem até ao coração da vila. Neste momento, já sem ninguém no conjunto de campas, escuta passos de alguém a aproximar-se.

– Desculpa-me, meu filho, não podia perder o enterro da tua mãe, a minha chefe da turma na sétima classe – fala dona Aure, que trocou com Horte para que o Kuiper não encerrasse, naquela tarde. Curioso, porque, depois, na oitava e nona classe, eu é que fiquei chefe da turma, e até muitos anos mais tarde, ainda, nos chamávamos “chefe” uma à outra.

Com ela anda o edil, quem, apesar de ser pouco admirado por Hau, também era colega de escola, muito tempo atrás, da falecida e da co-proprietária do Kuiper. Traz umas flores, que, provavelmente, adquirira com dinheiro sujo, ou quem sabe, mandou passar numa requisição das contas públicas da edilidade. O caso é que teve o detalhe. Conversam sobre ela e os momentos vividos



juntos. Não falam do pai de Hau, morto muito tempo atrás em circunstâncias diametralmente opostas às da mãe. O autarca, já mais de doze anos no cargo, pergunta ao pai de Salvador o que pensa fazer a partir de agora, na vida.

– Seguir em frente – responde, ofendido, o filho da falecida. Ou será que existe alternativa?

O edil entende que fez uma pergunta directa demais, inútil para aquele momento, situação e receptor. Dona Aure olha para baixo, escutando a conversa entre os dois homens, mas nada diz nem gesticula.

– Seguir com a luta, e vou seguir com a minha vida aqui, se é isso que estava a querer saber – prossegue Hau, agora de costas para a campa da mãe.

– Sabes que a edilidade e eu, em nome pessoal, estamos à tua disposição para quaisquer necessidades nos processos legais que poderão vir nos próximos dias. Acompanho-te no sentimento, poderá pedir-me o que quiser.

– Sim, uma coisa vou sugerir que faça, Vossa Excelência: deixe de nos caudilhar, abandone o seu lugar agora que ainda está a tempo de sair e usufruir de tudo quanto levou e não lhe pertence.

– Meninos! Este não é lugar para falar assim – exorta dona Aure. Senhor edil, deixe as flores na campa e vá embora, se faz favor.

Quando ficam a sós, dona Aure e Hau acabam falando daquilo que precisamente queriam evitar falar, com todas as suas forças. O pai de Hau, morto, há mais de vinte anos, nas últimas guinadas da guerra que houve na nação, fora assassinado por uma pessoa que dona Aure tinha odiado e rejeitado por todos os meios possíveis, nos tempos da juventude em que ela, sozinha, levantou o local que agora se chama Kuiper. Esse mesmo edil que se apresentou com flores à campa da mãe de Hau era

o mesmo que tem estado a fazer, durante muitos anos e até hoje, parcerias escuras com empresários do nível dos donos da cervejeira TonnaH, que precisamente eram os homens poderosos que dominavam vastas áreas de território desgovernado, durante a anarquia da guerra.

Empresas como a TonnaH é que abrigaram assassinos, e não felizes com o fim da guerra, permitem antes que o seu negócio vá abaixo, com tal de financiar projectos fictícios que encham os bolsos de edis isentos de escrúpulos. Dona Aure consola Haumea.

Pelo menos, meu filho, a tua mãe poderás visitá-la sempre que quizeres. Ela estará a observar-nos, lá de cima.

De volta a casa, encontra Make sentada, qual uma senhora idosa, com Salvador ao colo. O bebé já adormeceu, mas a mãe espera acordada pelo marido. A mãe de Make já foi para a cama, tendo deixado o jantar pronto, umas batatas cozidas com pernas de frango e salada. Precisa estar fresca amanhã para cozinhar todo o dia e aliviar a filha. Hau procura desabafar um pouco, mas não fala do desagradável incidente com o edil, no cemitério.

– Aquela senhora moçambicana de capulana, te falei antes – quebra o silêncio Hau, que é quem mais necessitado está de falar – perguntei-lhe se todos esses seus pensamentos de águias e galinhas tencionava escrevê-los, publicá-los, ou apenas que ficassem assim na mágica flutuação da oralidade, maleável às licenças dos próximos contadores. Ela me respondeu que entrasse numa livraria qualquer e procurasse um livro que tivesse uma foto dela.

O pai da Make gosta de ver o seu genro a recuperar a vontade de falar coisas profundas, tocar os pensamentos e aproximá-los à alma. O avô materno de Salvador argumenta que, como diz o velho ditado, a letra com sangue entra. Quero dizer que a oralidade está bem, é uma tradição mais milenária que os próprios milénios,

mas sempre será um valor adicional o facto de conservar fontes escritas. Nós todos, se nos acreditamos seres humanos, estamos no texto escrito. Que o perguntem a Homero, o mais rentável de todos os rapsodos do mundo antigo.

A conversa sobre oralidade e sistemas de escrita faz reacionar Hau.

– Caraças! Não escrevemos epitáfio na campa da mãe – lamenta Hau.

- Ela teria gostado? – Retorque Make, com um olho fechado e o outro a contemplar o dormente Salvador.

– Nem sei, ela não era afim de letras, palavras, frases. Era mais de tecer e destecer, como Penélope à espera de Ulisses.

– Então, relaxa.

O pai de Make, aprazido com o ambiente actual em casa, anima-se a saber mais da juventude do pai de Salvador.

– Assim foste a Moçambique, Zimbabwe... És muito africano. Eu passei por aqueles países também, mas era uma outra época, em que eu trabalhava numa escola e tinha que organizar excursões com alunos. O colonialismo ainda se fazia sentir e a insegurança era o pão de cada dia, tanto para os locais como para nós, visitantes. Uma coisa entendi: os povos da África Austral são como nós, porque não podem viver sem literatura.

– Viajei um pouco, sim, mas porque só podia escolher, por razões económicas: viajar ou comprar livros. E pensei que vale mais a pena ver a realidade, o mundo, que é como um livro. Tarde demais, acabei por aprender que os livros são a forma mais segura de viajar, porque sempre se chega ao destino. E comecei a comprar alguns livros.

– A diferença é que nós não temos cães tinhosos por matar, nem ualalapis, estradas sonâmbulas ou ventos apocalípticos. Concordo contigo, Hau, que a literatura é a melhor forma de escapar das guerras e das opressões. A leitura é a única forma de trabalho escravo que conheço, na qual o escravo não tenta sabotar a produção.

– Imaginas que – desafia o pai de Salvador – todos os soldados dos dois bandos, estacionam as armas, abandonam as sevícias e começam a ler, cada um, um livro? Ou melhor ainda, aos pares: um lê e um parceiro do bando inimigo escuta, e se alternam as tarefas de emissor e receptor, cada certo tempo, por exemplo, a cada capítulo. Passariam dias e dias de luta na frente, a recitar-se obras, e, ao voltarem a casa, as suas esposas perguntariam como se fizeram as feridas e cicatrizes nas mãos. E os maridos, heróis nacionais, responderiam que são feridas das brigas por ficar com o livro que tinham partilhado com o inimigo íntimo. Então, na ausência do troféu nas mãos do marido, a mulher imaginaria que o marido perdera o livro, que ficara conquistado pelo inimigo, e que, portanto, o seu marido teria perdido a guerra. Mas, ufanosamente, o marido remataria o relato, dizendo que o livro se partira, pela força usada na luta por ele, e ficara rasgado, aí no campo de batalha, junto com os outros livros dos pares de soldados que lutaram juntos, na mesma trincheira.

– Pena que da nossa guerra não tenha surgido nenhuma obra destacada, pelo menos cá na nossa província. Sei lá na capital da nação, mas aí é longe. A nossa literatura é consumista, não produtiva. Conhecemos os heróis da Europa, da América, da África, das guerras mundiais, lemos sobre as reformas maoístas e sobre os genocídios polpotiano e suhartiano, inclusive conhecemos a guerra trissecular de não sei quais ilhas Sorlingas. Mas de nós para nós, não somos capazes de encher nem sequer uma bibliotecazinha.

– Concordas com Hau como, pai, se ele nunca falou nada disso? – Pergunta Make.

Hau faz um gesto à sua senhora para não se impacientar, vamos deixar o pai que se expresse. Haumea entra numa fase de comodidade transitória para assimilar que a mãe já não está, mas que, por esta razão, deverá passar a amar os sogros da forma mais incondicionalmente paternal. Contribui no debate, dizendo que razão não lhe faltava àquela senhora das águias e das galinhas. Mulheres africanas são como as nossas, como todas: não podem viver sem acção; se nada se passa nos arredores, elas é que são o movimento, mesmo estando imóveis.

Make rende-se ao sono, nunca antes presenciara os dois homens, marido e pai, a trocarem ideias tão intensamente. Ela adoraria participar, como em tantas outras vezes tem feito na intimidade conjugal, mas, neste instante, já está com os dois olhos trancados. Ainda tem forças para dar a ordem a Hau de pegar em Salvador e deitá-lo na caminha tamanho bebê, em cima da mesa da sala.

Os dois homens ficam sentados um de cada lado da mesa onde descansa o herdeiro da família.

– Assim que o pai andou muito pelo mundo, estou a ver – investiga Hau, faminto de conversa, precisa recordar e esquecer um pouco de tudo, e melhor que seja em família, algo que outros, na mesma situação, teriam feito na barraca, na base de insumos etílicos espumosos.

– Andei o suficiente para perder-me no deserto do Saara e jurar para mim mesmo que nunca mais iria passar sede na vida; bastante, também, para morrer de frio na gélida planície siberiana e prometer-me que nunca mais na vida iria esquecer-me do agasalho.

– Azar o meu – reclama Hau, ironicamente. – Quem me dera ter vivido no seu tempo e presenciar tudo aquilo, de primeira mão. Nos tempos de luta pelas independências,

será que as fronteiras actuais do mundo já eram estas mesmas que existem hoje?

– Nenhuma luta pela independência terminou, meu filho. A luta continua. E sim, as fronteiras eram praticamente as mesmas. Uma e outra foram alteradas, mas só umas migalhas. Observa a África, por exemplo: quem partiu o continente em pedaços foram os gordos e bigodudos bismarques. Não foram os sobas do Mbanza Kongo, nem os reis zulus ou songais a se desunirem de si mesmos.

– Sempre entendi que o continente já estava partido antes, nos primórdios da civilização, em mais de mil e oitocentas tribos e muitos mais grupos étnicos.

– Onde é que ficam esses primórdios da civilização?

– Remata o pai da Make, que manda o genro ligar a lamparinha central da sala, uma vez que os últimos raios de sol se esgotaram.

– Também isso seria interessante investigar. E quem descobriu a quem?

– Nas minhas viagens, também estive em Portugal. Tu chegas a Lisboa e te dizem, com todo o orgulho, que eles têm o direito de se dizerem descobridores. Bonito monumento erigiram lá os tugas, em honra de si mesmos.

Haumea quer comer. Levanta-se e traz da geleira as tigelas que a sogra tinha estado a preparar no tempo em que Hau tinha ficado no cemitério a brigar com o edil da vila. Deposita a comida em cima da mesa, não sem antes afastar o menino uns centímetros. Salvador não acorda e permanece calado, no sono profundo, como é habitual nele. Sortudos os pais que podem organizar os seus horários de atenção ao recém-nascido sem ter que acalmá-lo a cada minuto. Entre bocados de frango e goles de água, os dois homens recuperam a conversa, querendo passar por mais capítulos da história. O pai da Make, avô materno de Salvador, comenta que azar o dele de não ter estado no mundo antes, no tempo das

guerras mundiais. Aquele tempo teve de ser o mais grandiloquente, a segunda grande guerra é a semente do fim do colonialismo.

O homem negro, recrutado pela força para lutar ao lado dos seus patrões coloniais, consegue ver com os seus próprios olhos que o homem branco também morre, também chora, sofre e passa fome se não chove e a machamba não produz.

O homem africano também aprendeu, naquele tempo de indelével memória, que o homem branco se classifica racialmente entre moreno-mulato, amarelo, branco-neve, branco-porco, moreno-mas-não-mulato, olhos-azuis, olhos-castanhos. Cada homem é uma raça, e já não é apenas o negro que tem a honra de se segregar pelo aspecto exterior: escuro ou clarinho. Eis o resultado de internacionalizar guerras.

As guerras mundiais, analisa Hau, foram como os campeonatos de futebol, onde a equipa da casa sempre tem mais possibilidades de ganhar, pelo facto de jogar no próprio terreno. Nas guerras, tanto Napoleão como Hitler tinham equipas poderosas e temíveis, goleiros de pontaria bem afiada, fortaleza na retaguarda e reforços suficientes no banco dos suplentes. Só falharam, em iguais doses, no concernente à estratégia de observação do terreno. Não contaram com o frio, a neve e o gelo que nas suas terras eram menos usuais, mas que nas estepes sub-urálicas resultaram determinantes, e os impeliram à retirada inapelável. Igual como os militares espanhóis que, não felizes com o ridículo decimonónico na Cuba, e às ordens do orgulhoso décimo-terceiro Afonso, desencadearam um desastre de mil diabos por causa do seu fraco ou inexistente estudo prévio do terreno rifenho. Hoje, nós temos a protecção de Deus do nosso lado – conclui o pai de Make, – e vale a pena que assim seja por muito tempo.

Hau pensa que, do jeito como os dois homens estão a sentir nostalgia de tempos passados que não viveram,

um dia Salvador também poderá sentar com eles e falar saudades dos tempos prévios ao seu nascimento, em que as pessoas viajavam de um lado para outro do planeta e até para outros planetas, quase como quem apanha chapa de um bairro para outro.

Engolidas as porções de frango, batatas e folhas de alface, a digestão faz-se ritmadamente com a planificação de uma meta a médio prazo. Hau toma a iniciativa. De facto, recupera uma ideia que já tinha manuseado com a sua esposa desde os tempos em que eram namorados. O pai de Make recorda-se perfeitamente da cena em que o jovem Hau, agora pai do seu neto, entrou em casa pela primeira vez e conversaram acerca do outro lado da realidade que aparece nos meios de comunicação, a propósito da viagem que os dois jovens universitários, Hau e Make, tinham realizado ao Zimbabwe.

– Temos que organizar a mesa redonda no Saber Popular. Pensa que esqueci? Nada. Agora já temos o tema mais bem definido. Vale a pena a mãe ficar orgulhosa do filho que deixa no mundo – diz Hau. Vamos dizer isso mesmo que acabamos de falar, que as guerras mundiais foram uma bênção para os povos africanos. Não para nós, infelizmente, que sempre fomos e continuamos desgraçados, nem por sermos pobres, mas porque ninguém nos conhece, ninguém nos contempla. Não temos nada especial a oferecer ao mundo de lá fora.

– Bom, os europeus do tombante entre os séculos XVIII e XIX, como também não tinham nada para exportar a ninguém, começaram a transformar-se a si próprios na versão moderna que hoje conhecemos deles. A revolução industrial é deles, mas vale a pena tentar imaginar como teria evoluído a história se os europeus, em vez de criarem as primeiras máquinas em grande escala, só tivessem tido a opção de importar bens de outras nações mais avançadas? Acredito que essa deve ser a vantagem de ser o primeiro, que se fica impune de decidir por



cima dos direitos de outrem, tudo seja pelo progresso da humanidade. Como quem chega antes aos lugares, tem direito de escolher onde quer sentar sem sentir que está a ocupar cadeira de ninguém.

A mãe de Hau, pelo menos, tinha um sorriso contagioso, dos que revitalizam o ambiente mais decrépito. O pai de Salvador procura um papel e caneta, mas não os encontra, e grava na mente o epitáfio que acaba de encontrar para a sua saudosa mãe, viúva de mercenário: *se consegue mais com um sorriso do que com a ponta de uma espada.*

– Não te esqueças – prossegue o sogro – que esses sacanas de nazis também faziam favores aos seus inimigos mais acérrimos, os soviéticos: entravam no território e dedicavam-se a matar pessoas sem consideração nenhuma, só porque estavam lá e eram, supostamente, população local afim ao inimigo. Pobres camponeses que nem sabiam de guerras ou política. O caso é que os invasores passaram tanto tempo a liquidar pessoas não-alvo, potenciais dissidentes soviéticos, mortos de fome antistalinistas que se podiam ter revoltado contra o seu próprio governo, os inimigos dos nazis. Com tal situação, os soviéticos encontraram mina de ouro, e aproveitaram para ganhar tempo e rearmar-se, enquanto esperavam que os tanques estadunidenses chegassem do outro lado.

– Se até parece fácil! – Exclama Hau. – Olha, imagina que o teu maior inimigo, seja pela causa que for, chega a tua casa e começa a eliminar tudo aquilo quanto tu não gostas do teu próprio lar, o inimigo te faz a limpeza, carrega com a culpa de eliminar elementos do teu território e ainda te oferece tempo para que te organizes melhor e o derrotes.

– Bom, fica a pensar nisso. Eu confio em ti, em vocês os dois, meus filhos, de por fim prepararem o tema e levarem-no ao centro cultural. Como poderão imaginar, não quero que a minha senhora fique sozinha a cuidar do neto, pelo que não precisam de convidar-me, no dia da mesa redonda.

– Sim. Faremos isso, mas o tema bélico qualquer um pode encontrar nos livros ou em documentos da internet. Não é atractivo ir falar a um público acerca de um conflito que já passou há tantas décadas. Com total probabilidade, os ouvintes poderão aumentar dados que nós próprios, como palestrantes, desconhecemos, e até contradizer informações, facto este que seria a nossa maior vergonha.

– Não te preocupes, filho. Promove exercícios, debates em grupos pequenos. Depois do papo introdutório inicial, podem colocar a audiência no desafio de responder a questões espinhosas, em consenso dentro do grupo, talvez de três pessoas. Pensa que muitas das pessoas que virão à mesa redonda nem se conhecem entre elas. Faz pedagogia com eles e para ti mesmo, prepara-te para ouvir todo tipo de respostas, também as mais sádicas e rocambolescas.

A instrução está clara. O pai de Make é um conhecedor da causa e um homem experiente, estudado, viajado, conversador e contrastado. Já de noite, as louças ainda em cima da mesa com ossos de frango, o avô pega no bloco de notas presenteado poucos dias atrás, por ele mesmo à sua filha, que o guarda numa gaveta próxima da mesa de jantar. Faz um esqueleto do programa da mesa redonda: primeiro, boas vindas e tu introduzes o tema central, mas sem detalhes; colocas uma pergunta no quadro e a repetes duas vezes oralmente, por exemplo “O que faria você se fosse soldado raso, tivesse perdido uma guerra e andasse a vagar pelo enorme oceano, sem reservas de comida, e um barco inimigo o encontrasse? Ficaria feliz porque lhe fariam prisioneiro e lhe salvariam a vida, ou preferiria morrer esfomeado e abandonado no meio da imensidão da água salgada?”. Uma vez colocada esta pergunta inicial, as pessoas já irão entender o tema e irão escutar com atenção a introdução.

Deixa a Make fazer esta parte, ela gosta de listar barbáries. Se ela começa a falar de nazis, de impérios

genocidas e por aí, tu sempre poderás aumentar com outras desgraças da história que conheces bem, como as lutas fratricidas entre bóers e a privatização das águas andinas, por exemplo. O público poderá ficar perplexo perante tanta informação, mas é melhor porque já sabem qual é a pergunta que devem enfrentar depois, na fase de debate, a mesa redonda propriamente dita.

Haumea mostra satisfação e esboça um sorriso de agradecimento verdadeiro ao sogro, pois a conversa intergeracional serviu a dois propósitos: por um lado, tamisar o pranto derramado no luto familiar que a orfandade lhe causa, e, por outro, planificar de forma prática o evento público que a Make deseja desde há muito tempo, e que o jovem casal tinha procrastinado repetidamente. Agora, Hau entende que a orfandade não é apenas nascer e crescer sem progenitores, mas sim perdê-los em qualquer etapa da vida. O velho arranca a folha do bloco onde desenhou o esquema e estica-o ao genro.

– Entendido, meu pai. Haumea não pronunciava as palavras “meu pai” desde que era um menino antes de fazer o ensino secundário no internato. Pergunta ao seu sogro até quando é que ficam em casa deles, não por querer que saiam, ao contrário, podem ficar para sempre. Só para saber.

– Se podemos ficar para sempre, talvez consideramos – ameaça o velhote, com um sorriso. Mas de certeza que um dia, este miúdo – a assinalar Salvador – nos manda embora. Por hoje é tudo, boa noite.

– Boa noite e bom descanso – despede o jovem pai, Hau, que permanece a passar a noite sentado ao lado da sua esposa, na sala, com o menino que irá salvar o mundo. O avô paterno dirige-se ao quarto para acomodar-se à beira da avó materna.

## 4

Numa tarde de terça-feira, a tomar cervejas, chás de canela e amendoim torrado no Kuiper, o grupo de amigos discute sobre a utilidade dos guarda-costas no mundo actual. Ceres posiciona-se a favor deles, infelizmente, porque se este fosse um mundo racional, não haveria espaço para a violência. Os guarda-costas são o prenúncio de que a pessoa a quem protegem já deu motivos ao público para o espancarem. Plutão concorda, mas, ao mesmo tempo, desafia os seus colegas de mesa a imaginarem a situação em que um dirigente, altamente protegido, manda dispensar todos os seus homens próximos para caminhar sozinho pelas avenidas de uma cidade, entrar num teatro, num mercado, numa padaria. Adiciona que, só de ver a forma como a pessoa anda, como olha ao redor, como agita os braços ao saudar à multidão, é possível saber se está traumatizada por alguma experiência prévia ou está bem-disposta.

Num determinado momento, Plutão pede a dona Aure o seu segundo chá, Make e Ceres, a segunda TonnaH. Ainda existe amendoim no prato central da mesa para mais bebidas, até ao fim da tarde. Se calhar uma salada ou batata cozida poderão completar os manjares.

Éris recebe uma chamada, a essa hora é bem pouco comum, pois lhe podiam deixar uma mensagem pelo

whatsapp que ela poderia consultar e responder, no dia seguinte. Porém, é um número não gravado, que provoca que a professora de nível infantil se levante da cadeira, mostrando o telemóvel a vibrar como pretexto da sua ausência imediata. A ligação não leva mais de alguns segundos. Uma voz firme e feminina identifica-se como secretária do gabinete da Directora Provincial, e apela à professora Éris para visualizar a sua caixa de entrada de email na maior brevidade. A professora não tem tempo de reagir e só ouve a dizer “obrigado, passe bem”, mas a voz da comunicadora oficial já tinha desligado. Acto seguido, Éris abre a caixa do seu email pessoal, através do mesmo telemóvel, e deixa que refresque por uns instantes, nos quais aproveita para voltar a ocupar o seu espaço na mesa central do Kuiper, com os seus amigos. Finalmente, aparecem duas mensagens novas: uma de uma empresa fictícia e cardeal que vende carros japoneses por muito bom preço, que a jovem professora apaga, e uma outra com um texto formal.

*Prezada professora Éris,*

*Esta é uma comunicação oficial do Serviço Provincial de Educação, repartição de educação infantil. A excelentíssima directora provincial de educação efectuará uma visita de trabalho à sua escola de ensino pré-primário, na próxima quinta-feira de manhã. Contempla-se a chegada nas primeiras horas, e virá acompanhada por um oficial de confiança, que velará pela segurança da directora e de todos os intervenientes.*

*Aproveitamos para solicitar que prontifique os materiais de ensino em uso actualmente na escola, para a devida consulta que a directora irá realizar durante a sua visita.*

*Com os melhores cumprimentos,*

*Gabinete da Directora Provincial de Educação.*

Aquela quarta-feira amanhece dentro de um turbilhão de emoções, porque, por fim, uma autoridade educacional ia visitar, no dia seguinte, esta minúscula escolinha. Éris aguarda toda a manhã um novo email com o programa detalhado das actividades que a visita implica, mas não entra nada. Pelas catorze horas, Éris sente o telemóvel a mexer-se no modo de vibração silenciosa, dentro do bolso direito da sua bata branca de docente. Aquela indumentária não é obrigatória para o nível em que Éris se encontra a trabalhar agora, mas ela sempre sonhava envergá-la desde antes de começar a formar-se para ser professora. Não ia renunciar àquele orgulho que a identificava. Tinha as letras iniciais bordadas no canto superior esquerdo da parte frontal, e sabe que, como a polícia ou os bombeiros, é respeitoso para a sociedade ver alguém de uniforme. Atende a chamada, é uma voz masculina, ou talvez uma mulher com voz rouca demais. Em qualquer caso, não é a mesma senhora que ligara, ontem à noite, do gabinete da directora provincial.

– Boa tarde – responde Éris, logo ao atender. Sem tempo para completar toda a saudação, a voz do outro lado da linha corta, apressadamente.

– Abra o seu email, professora. Em apenso, encontre o programa de amanhã com a directora. Bom trabalho.

Começa às nove horas e vai até às doze. Assumível, pensa Éris. Até menos do que um dia de trabalho normal. Só resta confiar que dois elementos imprevisíveis saiam bem: o primeiro, que as crianças se comportem, não vejam uma ameaça naquela pessoa estranha, ou ainda pior, se aproveitem da situação para falar coisas ruins da professora. Mas isso é tecnicamente impossível, crianças do pré-escolar, será que já raciocinam com tal malevolência? O segundo elemento imprevisível é o acompanhante da directora, que vai fazer de motorista, guarda-costas, assistente, relator e mestre de cerimónias. Um todo-terreno, pelos vistos.

À tarde, Éris só passa pelo Kuiper para dizer aos colegas que hoje não tem tempo de entrar em conversa, pois aqui só sabemos quando iniciamos, mas não quando termina, chá, cerveja, mandioca a circular, acabará por anoitecer e o trabalho sem fazer. No Kuiper, só encontra dona Aure e Horte, a prepararem-se para a entrada massiva de clientes a partir de breves minutos. Sem demoras, a professora volta para a escola, onde fará as últimas preparações em termos de ornamentação, algo simples mas bem caprichado. Enquanto está a escrever uma mensagem de boas vindas para pendurar na porta da sala, ouve as juntas das mãos da Make irromper com três toques repicados na porta.

A mãe de Salvador deixou o menino, por uns minutos, com o pai e os avós maternos. Não podia deixar-te sozinha hoje, sei o que significa para ti e para a tua carreira profissional esta visita de amanhã. E além disso, sou mãe de um dos teus afilhados alunos.

– Mas olha, Make, não faz nem três meses que tiveste o Salvador e já estás a andar de um lado para outro como nos tempos. Agradeço imensamente a tua disposição, mas debes repousar.

Tens razão, uns minutos e vou-me embora. Só te queria ver, na verdade. Esta escola me faz sentir tão bem, só estar cá dentro. Quem me dera ser professora.

– Não é que queira sair da vila – comenta Éris, com ar de preocupação –, ir trabalhar num outro lugar, Make. Mas na minha situação, entendes que não se pode deixar nunca de puxar para o progresso, e aqui é difícil prever um futuro a longo prazo como professora de escolinha, pois a taxa de natalidade não dá para manter isto a funcionar em pleno e com rendimento.

– Certo, e sinto muito, mas tudo andar bem. Se queres, Hau e eu podemos fazer um filho a cada ano, assim, pelo

menos, asseguras o mínimo emprego – tenta descontrair Make, mas a piada não é realmente das melhores.

– O mínimo emprego são cinco meninos por turma e ano  
– remata Êris, cabisbaixa.

– Vamos lá, falta mais o quê por pendurar, escrever ou arrumar?

– Não te vou permitir carregar nada, mãe de Salvador. De facto já está tudo pronto, amanhã de manhã trago de casa umas frutas e garrafas de água. Mas obrigado por tudo. Vamos sair juntas, te acompanho a casa.

No meio da caminhada, sem cruzar-se com vivalma pela vila, já todo o mundo deve estar no Kuiper ou nas casas, Make faz um comentário inesperado.

– Se o edil que nós temos aqui nesta vila sai, asseguro-te que poderás ter uma vaga permanente nesta escola ou alguma da zona circunvizinha. Há poucos dias falámos no Kuiper. Bom, foi uma proposta muito mais de Ceres, Horte e Hau. Que se pode fazer um contacto formal e estabelecer uma união entre as vilas mais próximas, com o objectivo de criar uma zona de influência pedagógica, uma ZIP, e assim juntar-se-iam mais meninos numa única escola, seguramente esta. O que achas?

– Outra coisa não sei, mas devo admitir que esses homens, incluindo o teu, possuem uma visão política bem decente.

– E não só, porque, para além desta nova forma de agrupar escolas, que te beneficiará, este nosso autarca vai cair, não terá como manter os apoios que tem até hoje. Só poderá ceder o lugar e exilar-se, mas de certeza que o seu império não resistirá.

– O que te faz pensar que esse bandido vai cair, enquanto a barriga não para de encher de moedas?

– Porque tudo tem o seu limite. Se a manobra de Horte, Ceres e Hau sai bem, também será possível descobrir



todas as artimanhas que o actual edil tem estado a tecer durante o seu mandato, para cortar despesas daqui e acolá e meter no bolso. Todo o mundo sabe, é segredo às vozes. E porque não existe mal que cem anos dure, senhora professora. Os cargos podem ser vitalícios, mas nenhuma pessoa é mais vitalícia do que a própria extensão da sua vida.

Na bifurcação das ruas que conduzem às respectivas residências das duas mulheres, se agradecem mutuamente pela companhia desta tarde-noite e se despedem, com a esperança de que amanhã será um dia brilhante.

Quinta-feira, pontualmente ao bater das nove horas da manhã, uma viatura cinzenta acede ao recinto da escolinha. O segurança levanta a cancela e o motorista circula devagar até alcançar a sombra de uma mangueira, no centro do minúsculo pátio. Sai o condutor, de uniforme policial, que se apressa a abrir a porta traseira para que a sua superior possa sair. Ela desce, pisa o terreno com alguma dificuldade. Também apresenta dificuldades no andar, é uma senhora dos seus sessenta anos e usa um casaco volumoso, cor castanha, e óculos de sol em espaços exteriores. Éris está parada na porta do edificio da escola, que apenas contém duas salas de aulas, uma sala para docentes e direcção, e um breve corredor que conduz às casas de banho, masculina do lado direito, feminina do lado esquerdo, sem distinção de professores, alunos ou pessoal administrativo, como seria de esperar numa escola primária ou secundária com as mínimas condições. Éris mostra os dentes com o seu melhor sorriso, que é correspondido efusivamente pelo guarda-costas e com menor emoção por parte da directora provincial.

– Seja bem-vinda, senhora directora, um prazer receber a sua visita.

– Obrigada – responde a senhora. Bom dia, prazer estar aqui.

Nota-se na voz e na expressão facial da directora um certo ar de cansaço, mesmo antes de iniciar os trabalhos marcados. Será por causa dos anos acumulados a fazer o mesmo tipo de actividades? Esta sensação de desalinho fica mais patente quando entram na sala de aulas e tira os óculos de sol. Os seis meninos gritam e se emocionam quando vêem a senhora passar pela mesma porta por onde eles acedem à escola todos os dias. Mais do que isso, não percebem quem é aquela figura, se bem que duas meninas de dois anos de idade já são capazes de articular um galopante “bom dia!” Salvador só chora porque tem saudades da sua mãe, está no seu berço, num canto da sala, a observar tudo, porém.

A directora saúda os seis meninos e senta na cadeira preparada para ela. O guarda-costas tem estado num segundo plano durante todos os movimentos da directora e a professora, e fica parado perto da porta de entrada à sala de aulas, com o seu rigoroso uniforme da lei e ordem. Entra o segurança da cancela e pede para falar com o guarda-costas, para informar que as mães das crianças estão cá fora para vir levar os meninos. Após a saudação inicial, a turma é dispensada e o trabalho fica só entre adultos.

Makemake entra na sala e levanta Salvador do berço, que começa a chorar com estridência, algo não habitual nele quando está em casa, mas muito comum quando entra e sai da escola.

O guarda-costas entra e senta-se numa das cadeiras dos meninos, deixando uma certa distância entre ele e as duas mulheres. A directora começa a contar anedotas da sua vida, tanto profissional como pessoal. Uma vez, quando era menina, acho que devia estar na quinta ou sexta classe, vi um dicionário de língua. Não era meu, pois naquela altura as famílias não tinham condições

para comprar nenhum material escolar, só íamos à escola umas três vezes por semana, porque, nos outros dias, nós, as mulheres devíamos atender tarefas caseiras. Ler aquele dicionário, seja como for, transportou-me a um novo mundo, como se tudo iniciasse e terminasse ali dentro. O mundo inteiro, a vida era aquele dicionário. No dia seguinte voltei a pedir o dicionário à professora, mas ela respondeu-me que já o tinha devolvido ao proprietário, e que só poderia trazê-lo de volta na aula seguinte de língua, uma semana mais tarde. A semana passou, mas o dicionário não veio, devia estar na posse do dono ou de alguma outra menina afortunada, como eu, que estava a descobrir um novo mundo de letras escritas em ordem. A mulher olha para o guarda-costas, um homem não muito mais velho do que Éris; tanto ele como a professora podiam ser filhos da senhora directora, em termos de idade. A senhora explica que, depois de muitas batalhas, conseguiu que a professora voltasse a trazer o tal dicionário de língua, um exemplar antigo, mas bem conservado, com a capa dura e as páginas muito finas, como as de uma Bíblia ou de charuto. Até foi-me permitido levar o dicionário para casa alguns dias, eu menina dos meus nove anos, recebia um presente que valia ouro, naquele momento, na zona onde eu vivia com os meus tios. Comecei a ler o dicionário como se fosse um romance, uma obra de ficção ou um livro de história: letra por letra, entrada a entrada, qual se tratasse dos capítulos de uma mesma narração, ou os diversos contos de uma colectânea. Posso dizer que um dicionário foi a minha salvação. Mudou a minha vida, pois, desde aquele momento, já não houve como voltar para atrás, para a menina tímida que eu tinha sido, sem entender bem porque devia ir à escola. Sem aquele dicionário, eu não estaria aqui nem ter-me-ia dedicado à docência. Talvez estaria numa padaria a despachar brioches, num banco a encaixar cheques ou numa cozinha industrial a cortar tomates e cebolas em formas geometricamente perfeitas.

Éris escuta atentamente as palavras da directora. É consciente que o programa que recebeu no dia antes pelo email não contempla este tipo de vivências pessoais, mas pelo conteúdo educacional que implica, e pela singularidade da ocasião, não há problemas, podemos proceder assim mesmo.

O guarda-costas agora anota qualquer coisa num caderno que trazia escondido no bolso interior do casaco. Pelo seu gesto, quando Éris cruza o seu olhar com o dele, o homem não tem nenhuma intenção de travar a directora, que continua com o seu relato.

Mais logo interessei-me pela educação religiosa. Bom, apesar de que eu não era muito de rezar, pois na minha família não tínhamos esse costume, só nas idades mais adultas é que comecei a sentir interesse pelos assuntos sagrados. Interesse, não paixão, pois em casa éramos tão pobres que nem tempo ou vontade tínhamos para esta actividade de lazer que se chama religião. O caso é que um professor que eu tive na universidade, enquanto eu estudava o curso de Magistério, dizia que o segundo livro da Bíblia, o Gênesis, no seu capítulo vinte e dois, explica a dimensão mais necessária para o ser humano, e que por essa razão qualquer criança do ensino público deve ler a Bíblia, independentemente do credo que pratica, mesmo sendo ateu.

Éris, ateu, sente a necessidade de perguntar à senhora acerca do conteúdo desse capítulo bíblico, mas não ousa interromper. A directora continua.

O tal capítulo fala-nos do saber escutar, de acreditar nas pessoas que nos rodeiam, sejam quais sejam as suas ordens. Por difíceis que possam resultar algumas indicações, se a pessoa que está ao nosso lado é piedosa e nos ama, vale a pena fazer o que ela diz, até às últimas consequências. Assim te asseguras um resultado feliz, ou, pelo menos, satisfatório, porém, não isento de sacrifício e sofrimento.

Éris está a acompanhar com prazer os monólogos da directora provincial, que, a um certo momento, parece fatigada de falar, e inquirir a jovem professora por que motivo escolheu ser professora e procurar uma vaga aqui, neste cotovelo do mundo. Este é o momento para Éris soltar o discurso que tinha preparado e ensaiado repetidamente nos últimos dois dias. Explica que adora ser professora, não só pelo trabalho diário com crianças, mas também porque, em dias como aquele, cada vez que aprende coisas novas da profissão, sente que está a escalar uma montanha de mais de oito mil metros de altitude, base a base. Ainda sem terminar de falar, Éris sente que a directora já ouviu o suficiente.

A senhora dirige-se para o seu assistente e pede para ir à casa de banho, será um minuto só. Desloca-se com alguns pesadumes, mas consegue ir sozinha. Neste imprevisto intervalo, o guarda-costas aproxima-se da professora e faz um gesto com o polegar acima: está tudo bem, estás a controlar perfeitamente a situação. Deixa a ela falar, fica calma, responde o que ela te pedir, e depois mostra-lhe a escola e alguns materiais que tens usado como ferramentas pedagógicas, brincadeiras e jogos que fazes com as crianças no teu quotidiano. Mais nada, em breve já terá terminado tudo. Éris fica feliz, mas está ciente de que ainda há trabalho por fazer. Sente-se como uma tenista profissional em disposição de *match-point*, mas que ainda deve certificar o triunfo.

Ainda à espera de que a directora volte das intimidades, o guarda-costas conta para Éris, com uma voz moderadíssima, que a senhora directora está interessada nos métodos que a professora usa para conquistar os alunos, e motivá-los para que aprendam a ler e escrever desde a tenra idade. Éris sabe que este é o seu momento de brilhar, de dar aula a alguém que entenda a sua valia. Pisca o olho ao homem e ficam sérios, logo que a directora volta a fazer acto de presença na sala. O guarda-costas

senta na mesma cadeira que já ocupara antes. Éris permanece parada até que a directora volte a sentar-se.

– Senhora professora, podemos passar para a parte prática? – Desafia a autoridade provincial.

– Com certeza – diz, confiante Éris.

– Diga lá, como é que faz para conquistar os alunos, motivá-los para que aprendam a ler e escrever desde a tenra idade que eles têm?

– Uso as paredes falantes, como recurso principal. Mas tenho mais.

– Pode ser mais concreta?

– Com as paredes falantes refiro-me às letras e desenhos que se podem ver aqui numa parede. Por exemplo, a partir dos animais. Com a letra “c”, temos o crocodilo; com a letra “p” temos o pinguim; com o “e”, o elefante. Dos outros recursos, posso dizer que uso gravações que eu mesma faço, contando-lhes um breve conto. Eles ouvem a minha voz, mas em suportes diferentes, assim descansam da minha voz natural e concentram-se na minha voz da gravação, que pensam ser uma outra pessoa.

– Aqui nesta vila, será que tem crocodilos, pinguins e elefantes? Não sabia. Se for assim, é o primeiro local de toda a província que dá abrigo a esse tipo de bestas.

– Não, senhora directora, que eu saiba também não os temos aqui, esses bichos todos.

– E, então, por que razão os ensina às crianças como recurso motivacional para a leitura?

– Bem, porque eu entendo que o desafio de algo desconhecido é que motiva mais o querer saber, do que apenas associar coisas que já fazem parte do seu imaginário. Já tive casos em que alguns meninos dos seus dois e três anos, em casa, falam com os pais sobre

gatinhos, pássaros, cabritos, galinhas. Tudo isso já têm na casa própria ou do vizinho, pelo que os pais acabam por acreditar que os seus filhos na escola não fazem nada, senão sentarem e repetirem coisas que já sabem.

A directora faz um breve silêncio. Se bem que não esperava aquela defesa da jovem professora, deve admitir que o argumento está bem construído. Volta a encher os seus velhos e cansados pulmões de ar, para recomeçar a discursar. Eu tive que esperar até ao ensino superior – diz com voz de lamento – na Faculdade, para abrir a mente a algo novo. Desde a infância até à Faculdade parece que só fiquei empolgada com aquele meu dicionário da sexta classe, nada mais me atraía tanto: fórmulas matemáticas, variáveis físicas, normas gramaticas e de acentuação, reacções entre elementos químicos, figuras de estilo na literatura, orografia da terra da nossa província. Tudo interessante, mas só passava porque tinha que fazer os exames e mostrar aos meus tios ao fim do semestre, mais nada. Eu só vivia no meu dicionário, que já estava quase a memorizar de tantas vezes que o lira. Até que um dia, como te digo, na Faculdade, chegou uma jovem professora, tu me recordas um pouco a ela, que apareceu nas nossas vidas como substituta da professora permanente, mas que acabou ficando todo o semestre. Nem sei qual a cadeira que ela leccionava, eu só sei que aprendi a pensar com ela. Cruzar uma ciência com outra. Ela usava o método transdisciplinar, e eu não podia parar de procurar pontos de relação entre uma aula e a outra a seguir, nem que uma fosse de educação física e a outra de geografia, ou de matemática com tecnologia, ou de literatura comparada com sociologia, ou de filosofia da educação com químicas. Tudo tinha uma potencial relação, e eu devia encontrá-la. Para não fazer a sessão monótona, a directora dá uma ordem a Êris.

– Professora, podes pegar no giz e escrever no quadro o que eu vou ditar?

Éris levanta e cumpre a ordem da directora.

– Vamos fazer problemas matemáticos para saber se você sabe ler. Não é que deves usar estes exemplos com os meninos do pré-primário, naturalmente. Mas vai lá, escreve:

*Se compro um caderno e uma caneta por cento e dez gramas de ouro, como preço total, quanto paguei pelo caderno e quanto pela caneta, tendo em conta que o caderno custa cem gramas de ouro mais do que a caneta?*

Após a redacção no quadro, Éris fica parada, a pensar na resposta, silenciosamente. A senhora directora retoma a iniciativa.

– Que tal, podes dizer-me a resposta ou preferes escrever no quadro como eu vou ditá-la?

–Tenho a resposta, senhora directora – a professora mostra um sorriso que indica não só que resolveu mentalmente a operação, mas que entendeu a mecânica da actividade que a senhora está a colocar. Uns metros mais além, o guarda-costas desenha um sorriso no seu rosto e volta a levantar o polegar, em aprovação do trabalho que a Éris está a fazer.

– Então, podes falar e escrever a resposta, ou escrever primeiro e depois explicar, como quiseres – aquiesce a directora, ainda com um tom de voz autoritariamente amável.

– Muitos pensarão, – explica a professora – automaticamente, que o caderno custa cem gramas de ouro e a caneta custa dez, não é? Mas lendo bem, o enunciado diz que o caderno custa cem gramas de ouro mais do que a caneta. Portanto, a diferença entre os dois preços deve ser cem, e se entendemos que o caderno custa cem e a caneta dez, a diferença é de noventa, estamos mal, nunca daremos com a solução.

– Compreendamos o enunciado! – Exclama a directora.



Com aprovação da senhora directora, agora Êris escreve no quadro a resposta definitiva: o caderno custa cento e cinco gramas de ouro e a caneta custa cinco gramas de ouro. Total: são cento e dez, e um artigo custa cem gramas mais do que o outro artigo, prontos.

– Vejamos agora este outro problema – insiste a directora, que começa a ditar enquanto Êris continua parada, com giz na mão direita.

*Se uma árvore de limoeiro dá vinte e cinco limões, quantos limões poderei levar para casa se dezoito estão bons, três estão podres e quatro ainda não amadureceram o suficiente?*

Novo sorriso de satisfação de Êris, tanto profissional como pessoal.

– Em nenhum momento do enunciado se diz que apenas posso levar os limões bons. Portanto, a resposta é que posso levar todos os limões, isto é, vinte e cinco, de acordo com o enunciado da pergunta, que é: quantos poderei levar para casa? Nenhuma lei me impedirá de levar para casa aqueles que estão podres e/ou aqueles que ainda não estão maduros.

– Compreendamos o enunciado! Aprendamos a ler! – Exclama a directora.

Acto seguido, Êris escreve a resposta no quadro: vinte e cinco, de forma a corroborar o conhecimento perfeitamente interiorizado.

– E agora, o desafio maior, professora. Aviso-te que eu não tenho resposta, simplesmente te faço saber que passei toda a minha vida docente a tentar evitar esta questão. Escreve lá, no quadro, mais uma vez.

O que significa “e/ou”, se entendemos que “e” é uma conjunção copulativa, “/” é uma barra ou sinal gráfico que implica opção disjuntiva, e finalmente “ou” que também tem o mesmo significado, de opção disjuntiva. Podemos

ficar com o “e” e eliminar um dos outros dois elementos: deixar “e ou”, ou “e/”. O que acha, senhora professora?

Reina o silêncio sepulcral na sala. Relaxa, minha filha, pois se não tenho a resposta eu, vou exigir-te o quê, neste assunto? A directora conecta o seu olhar com o do guarda-costas, e concordam visualmente que já está na hora de partir, a visita chegou ao fim.

– Foi um prazer estar aqui – encerra a directora, com a sua voz seca mas sempre correcta.

– O prazer foi todo meu, volte mais vezes. Aprendi muito hoje e sinto que a nossa escolinha, apesar de ser pequena, pode catalisar muitos benefícios para a província. Darei sempre o meu máximo.

– Isso espero, minha filha. Até mais ver. Bom trabalho.

– Bom regresso, senhora directora.

De saída, o guarda-costas abre a porta lateral traseira esquerda do carro para que a sua superior ingresse na viatura. Com a encomenda dentro, ele aproxima e, sem desabotoar nem sequer a parte superior da sua camisa oficial, tenta falar civilmente com a professora, que está muito aliviada e mostra-se receptivíssima. Ele faz um acto de galantaria, com altas doses de formalidade e solenidade.

– Oort é o meu nome. Ao seu dispor.

– Sou a Éris, prazer.

– Sim, conheço o teu nome, fui eu que te liguei, ontem à tarde, para pedir-te que abrisses o email. Queria apenas gravar a cara da voz que ouvi.

– Uma senhora muito peculiar, a tua directora.

– O diabo é mais diabo por velho do que por diabo. Até mais ver, estarei por aqui nos próximos dias, seguramente.

– Até lá, então. Tchau!

Hoje, após parabenizar a Éris pelo sucesso no encontro com a senhora directora provincial, o debate no Kuiper é sobre vários aspectos ligados à educação, e quem toma a palavra principal é, logicamente, a professora. Com uma merecidíssima chávena de chá de canela bem quente, Éris comenta que a dor de cabeça que mais a apoquentia não é que saiam alunos ignorantes das suas mãos, pois pessoas ignorantes é o que há de mais neste mundo. A ignorância é uma fonte de energia inesgotável, como o sol e o vento, só que fica a dúvida de para onde vai toda essa energia, o que produz. A pior coisa que eu tenho de suportar como professora, e aceito voluntariamente esta profissão, é que um dia, já na vida adulta, estes meninos e estas meninas irão usar tudo que estão a aprender aqui, segundo a conveniência da sua empresa, do seu partido político, da sua família, da sua fama. Mas nunca, ou quase nunca, para o bem de todos. Tenho medo que não saibam aplicar a escuta e reflexão, que o egoísmo os domine sempre atrás do dinheiro, do poder, inclusive da pilhagem. Não eram cultos, estudiosos e educados esses todos exploradores que viajaram da Europa para África e as Américas à procura de rios, terras, tribos exóticas e minerais preciosos?

## 5

O regresso da Brada era questão de tempo. Quer lançar o seu livro. Finalmente, quando aparece, explica, certa noite no Kuiper que, uma vez, depois da morte do velho Arreug, foi para uma vila longínqua, fora da província, e provou sorte com um novo nome temporal. Fez-se chamar, por um breve período, Preciosa. Conta que um dia, ao sair de uma reunião do conselho editorial de uma pequena emissora local de rádio, onde apanhou emprego, aproximou-se dela um dos colegas, que a levou para um local de entretenimento. Já no local, começaram a falar, amistosamente. Com os homens, Brada não tinha nada a perder. Depois de tudo que tinha passado na sua vida anterior, nesta nova etapa, não havia razão nenhuma para preocupação.

- Ainda não me disseste o teu nome – começa ele.
- Só faz uma semana que trabalhamos juntos, nem coincidimos tanto. Sou a Preciosa, um prazer.
- Dá para ver que és linda, preciosa, mas de facto eu estava a perguntar-te o teu nome – tenta resultar engraçado, o Liandro.
- Podes chamar-me Preciosa, queria dizer. O meu nome é uma história muito longa de contar. Ou muito curta, também. Tão curta como a sua relação com o Liandro.

Assim, ela deixou aquele emprego precário, mais um, na emissora de rádio e voltou a pôr os pés na estrada. Desta vez, para uma vila que, não sendo a sua casa, representa algo parecido àquilo que alguns chamam de lar, origens, raízes.

A reaparição da Brada na vila tem o propósito de se voltar a unir à Make. Sabe que a amiga tem um filho, pois recorda que já lhe tinha dito que estava grávida, na conversa que tiveram no dia em que, quase um ano atrás, foram juntas à procura das reminiscências de uma casa abandonada. Sem nada em concreto pelo momento, a mais nova só quer ficar perto dela, e do marido Hau e das pessoas da vila, dona Aure, Horte, Éris, Plutão e aquele velhote Ceres, empenhado com o perdão. Cansou-se de vagar miseriosamente.

Decide fazer uma visita à casa dos pais de Salvador, para conhecer o novo habitante do lar. Tomam chá, tiram fotos com a criatura. Brada senta na cadeira e entra nas suas cavilações, em alta voz. Haumea está no quarto, a preencher uns documentos para fechar alguns pormenores da quantiosa herança da sua mãe.

– Consegui estudar – começa a falar Brada, que ainda é jovem e brilha nos seus olhos a vontade de estabelecer-se, visualizar o futuro. – Uma obra tenho que lançar, pois eu também tenho memórias, ou será que um livro de memórias só pode ser publicado por alguém de muitos anos? Alexandre, o Grande, morreu relativamente jovem, aos trinta e dois anos, tempo mais do que suficiente para ele explorar e conquistar meio mundo sem carro, barco nem avião, mas a sua biografia pode fazer-nos acreditar que se trata de alguém que viveu uns duzentos anos.

Make escuta atentamente, o bebé no regaço e uma manta grossa por cima de ambos, que cobre o corpo inteiro, de pescoço para baixo, tanto da mãe como do filho.

– Tens razão: tu podes, precisamente porque és jovem e decidida, dizer muitas coisas de interesse. O teu livro é de tipo diário, ou de estilo narrativo? Está na primeira pessoa, ou mostra primazia pela terceira do singular, impessoal? Ou será que se trata de um romance de ficção, onde pões a tua voz a personagens inventados?

– Um pouco das duas coisas, agora que penso bem. E muitas perguntas. O início de cada capítulo, em vez de colocar um provérbio ou ditado popular com um significado caseiro e traseiro, é encabeçado por uma questão, como, por exemplo: se te dão a escolher entre a vida ou uma quantidade ilimitada dos melhores livros, com qual preferência te alinhas? E depois, a reflexão: fácil, a vida sem livros não é vida, e os livros já trazem a vida incorporada dentro de si mesmos. Os livros são a forma de salvação mais hedonista, ao passo que a vida por si só é um elemento frágil, inestável e que precisa de alimentação constante. Quem não come e não bebe, reclama de fome e sede. Mas quem não lê, não reclama. Morre.

Está a anoitecer em casa de Salvador. As duas jovens mulheres são conscientes de que têm muito por contar-se, mas, infelizmente, o tempo hoje está a esgotar-se. Brada empreende a última invasão de espaço, antes que Salvador comece a reclamar as atenções maternas que o ajudem a satisfazer fome, sede e sono.

– Make, este livro escrevi na cabeça, agora falta é só pensá-lo no papel. Make, assegura-me o teu apoio na livraria, quero espalhar a minha voz, quem sou eu? Não pretendo fazer-me rica nem famosa, só quero divulgar uma vida. Sinto que sou capaz de escrever, ou, simplesmente, nem que seja um panfleto de umas dez páginas, um conto que o público possa ler para entender. Leitura que será comida para o raciocínio. Não vejo melhor forma de conceber a literatura. Sabe, sinto que preparei uma refeição por muitas horas, até por dois dias de marinada com carnes e

peixes, bebida fermentada em maceração exclusiva, azeite virgem extra selectamente extraído em frio. Tempo de preparação, todo o cuidado e carinho no empratamento, para depois ser consumido em escassos minutos. Aliás, em breves instantes. Não faz mal, de verdade. É assim como quero começar. Na literatura, como na gastronomia, a quantidade impressiona, mas conquista de verdade a qualidade, o esforço extraordinário, o coração.

Após a primeira paragem, em casa de Hau, Make e Salvador, toca a irem ao Kuiper, onde Brada se encontra com Ceres e Êris, com quem partilha a mesa, Horte, que se junta à conversa com eles, poucos minutos depois, e dona Aure, que não senta porque está no tráfego serviçal, característico nela.

A sociedade hoje pode querer saber como se fez jornalista uma menina que cresceu num orfanato e foi usada e abusada como objecto. Make escuta com muita atenção. Na conversa com Horte, Brada comenta que, no Iraque, é comum os jornalistas lançarem sapatos quando odeiam a pessoa com a qual estão a interagir. Brada e Horte falam, qual um tio e uma sobrinha que se admiram mutuamente, sobre várias curiosidades que os levaram a tomar decisões na vida. Concordam que o jornalismo e a serventia de um local como o Kuiper são trabalhos parecidos, mesmo na distância. Um é contemplativo, até certo ponto, e o outro é activo, de campo. Mas os dois têm a sua parte prática, e também a sua vertente contemplativa, de pura observação e análise.

– Dentro desta cozinha, a lavar pratos, copos, talheres e bandejas, escuta-se tudo. – Recorda Horte – Escutar faz parte de contemplar, é actividade passiva porque os outros produzem, tu engoles.

– Um professor da Faculdade dizia que, nem tudo que engolimos, podemos digerir, em termos jornalísticos.

- Acho que o teu professor tem razão. E mais uma coisa posso adicionar, de acordo com ele: quanto mais mastigamos, mais poderemos engolir.
- Há quem gosta de engolir pão. Outros preferem o circo.
- Isso dizia o teu professor, ou é de colheita própria?
- Reflexão pessoal não publicada por escrito, só divulgada oralmente, porque não creio que seja novo para ninguém. Quanto mais trabalha um jornalista, mais material para que a população se distraia e pense em coisas circenses em que não deve pensar, e esqueça o pão.
- Ainda bem que o estômago nunca se esquecerá de reclamar o pão, por muito que nos empenhemos a desseguir as leis fisiológicas.

Horte e Brada podiam continuar a falar toda a noite sobre este tipo de experiências. O coproprietário do Kuiper recupera o fio de pensamento inicial. Diz que conhece os movimentos de cada cliente da vila, e até dos seus familiares e amigos, só pelo que ouve enquanto está na cozinha, a cortar cebola, tomate, lavar châvenas, servir cafés, ferver mandioca ou, simplesmente, a falar com a sua esposa, dona Aure, com uma orelha nela e a outra, no resto do mundo.

Nesta tarde-noite no Kuiper, garrafas de TonnaH para Ceres e Brada, chá de canela para a professora Éris. Ceres mostra-se interessado em iguais quantidades, pelo livro e pela jovem, nesta nova etapa da vida dela. O ex-diplomata explica que um cliente lhe fez a proposta de criar um novo nível de execução dos computadores: o cliente é jornalista, e pretende que, ao falar, perto do ecrã, a máquina registre tudo que é dito por escrito, num documento de texto *word*. Quantas actas de reuniões, quantos exames escritos, quantas entrevistas, quantíssimos discursos públicos poderiam ser feitos com esta tecnologia, reduzindo o tempo e dedicação do escriba, neste caso, o jornalista, professor, secretário de reunião. Uma outra



alternativa seria escrever um texto manuscrito, numa folha de papel, para quem não tiver computador. Acto seguido, faz-se foto com telemóvel e o próprio telemóvel ou computador transformaria o texto capturado na imagem, em documento de texto *word*. Brilhante. Assim, Ceres está à procura de cliente que lhe forneça mais instruções sobre como fazer aquilo. Talvez, se conhecesse um informático, exímio em cabos, conexões, formatação e programação. Seria um bom negócio, acho. Mas quem estaria interessado neste tipo de aparelhos? Só por serem sofisticados é que teriam o sucesso assegurado? Seriam para um público elitista, com alta renda económica, donos de grandes companhias, ou serão acessíveis para estudantes, trabalhadores informais da rua, mamans do mercado, classes populares, já me entendes?

Nunca antes tinha sentido uma sensação de estar numa encruzilhada deste tipo, ironicamente, agora que estou aposentado e apareceu este contacto espontâneo. Por acaso, é um jovem estudante, não sei se de classe alta, com pais acaudalados, ou dos bairros de lata da periferia. Seja como for, Plutão deve conhecer alguém muito bom da área, ele que trabalhou numa loja da cidade durante alguns anos. E tu podes ajudar-me a obter este tipo de informação do teu bom amiguinho Plutão, não é, querida Brada?

Numa manhã em que o frio está a recrudescer, Make e Hau observam que Salvador tem passado dos zero aos três meses de idade a uma velocidade vertiginosa, de recorde planetário. Em breve, já será o tempo de levá-lo à escolinha onde Éris trabalha. Às escondidas, a professora chora por um olho só. Sente o sabor amargo de não ter filhos, por um lado, e, por outro, o prazer de educar meninos, estar com eles, usar a maior parte do tempo útil com crianças. Tomara que um desses meus alunos fosse o meu filho. Éris quer correr como os corredores

internacionais, de todas as nacionalidades, que lutam por medalhas nas corridas federativas. Desta feita, poderá sair a toda velocidade, proclamar ao mundo que já está cansada de esconder-se de si mesma, que já não pode mais encerrar essa magia concedida a ela, muito tempo antes de nascer. Quer viver, quer sentir e gritar que não vai voltar. Precisa ser ela, sem amarras a nenhum porto. Se ainda não pode ser mãe, porque nenhum homem mostra interesse numa professorazinha de escolinha deste cotovelo do mundo? Talvez seja o momento de tentar algo novo. Está plenamente convencida de que a sua paixão pela história, e, concretamente, pela história local, pode levá-la a outros patamares, mais adultos, mais complexos. Talvez seja isso o que os homens querem ver, uma mulher que não fica a cuidar de criancinhas. A professora recorda-se que deve ir, pois amanhã tem que enviar um relatório à direcção provincial de educação, alusivo ao seguimento das recomendações deixadas pela directora na visita feita recentemente. Também está cansada, o dia foi pesado e a conversa no Kuiper está a chegar ao fim, com alguns membros, por conta própria, em subgrupos. Indicador de que melhor cada um na casa própria. Plutão quer acompanhar Êris, pelo menos, até à porta. Abre gentilmente e despede-se da professora, que se vai embora cabisbaixa, só concentrada nos passos que tem de dar até chegar a casa, beber um copo de leite, tomar um banho quente, e entrar nos lençóis de cama casal usados sempiternamente por ela sozinha.

Instantes depois que ela saiu, Plutão ainda em pé na porta, um homem entra, com ar apressado. Se cruzam de perto, mas sem contacto ocular. O guarda-costas da directora provincial de educação passa e olha de soslaio à mesa dos amigos desmembrados. Senta justamente debaixo da televisão, como forma de evitar ser engolido pela distracção oferecida pelo aparelho, igual a quem não quer sentir a geladeria de um ar-condicionado, senta debaixo da máquina, por respeito aos colegas de

escritório, que não querem desligá-lo. Espreita, por mais duas vezes, à mesa dos amigos da Êris, como se soubesse que são eles, até que vão embora todos, exceptuando Horte, que volta para a cozinha com o propósito de ajudar dona Aure a fazer a caixa do dia, e recolher as últimas consumições, contando com a cerveja do homem alto que acaba de entrar, com atitude contemplativa.

Plutão também demora ligeiramente a abandonar o local, fica pendente do telejornal, mas não presta nenhuma atenção ao homem sentado aí, o único cliente que resta no Kuiper. Sem nada que lhe chame atenção do que falam na televisão, Plutão sai e enfia o caminho para casa, mais um dia já passou.

Na parte final do telejornal, o único cliente, o guarda-costas Oort, acompanha que esta semana o calor estaria acentuado em toda a província, como se os meteorologistas também fossem linguistas, preocupados com acentos, cuja utilidade os próprios linguistas não se põem de acordo em consensuar. O homem degusta a cerveja nas correrias, paga com gorjeta e abandona o Kuiper, silenciosa e discretamente. Alguma coisa já contemplou, observou, se fez a ideia. Vai continuar num outro momento.

## 6

Só uma semana depois do regresso, é o lançamento da obra da Brada, pela editora OriOn. Cada um dos amigos consegue furar as suas agendas para poder estar presente no evento. Para o velho Ceres é fácil, pois ele já está folgado dos imperativos laborais, e afixa as suas grandiosas nádegas numa cadeira da fila traseira, num gesto como de querer deixar o espaço central aos mais novos. Êris está sentada na terceira bancada da plateia, bem aprumada com um vestido azul celeste que lhe chega aos tornozelos, cachecol branco de seda por cima dos ombros, brincos longos, também brancos em sintonia com o cachecol. Mesmo em frente, na segunda fila, a uma escassa distância dela, Haumea faz esforços sobrehumanos para manter o pequeno Salvador imóvel no seu colo, e consegue. Mais complicado é que esteja silente, especialmente, agora, que a sessão ainda não iniciou e todo o mundo procura lugar para sentar-se, provocando barulho desnecessário. A professora oferece ajuda ao marido da Make para que o menino pare de projectar o seu choro para toda a sala; a única alternativa que o pai tem será, caso a situação persistir, levá-lo para fora e ficarem os dois juntos à espera de o evento terminar. Às avessas, Êris tenta brincar com a criança para que fique mais à-vontade, grite, se mexa, volte a gritar e, finalmente, antes que o evento dos adultos atinja o seu começo, se

canse e soneque. A professora consegue que se faça o silêncio, em escassos segundos, e com uma quantidade de meios e métodos inversamente proporcionais aos que o jovem pai tinha estado a implementar durante vários minutos.

Na parte traseira da sala, numa das cadeiras do lado direito da mesma bancada onde senta Ceres, um senhor com cara de estrangeiro, de olhos verdes e tonalidade da pele a meio caminho entre mulato e amarelado oriental, observa o tecto, inesperado porque o evento ainda não começa. Espreita mais uma vez para o minúsculo palco onde duas cadeiras aguardam pela Make e pela Brada, ainda em pé a cochicharem entre elas. Com roupa de civil, apesar do seu aspecto permanentemente hierático, Oort resulta irreconhecível a Éris. Ele fixa a sua atenção nela, algumas cadeiras mais à frente. Acha que esta senhora tem muito jeito com as crianças, e vislumbra nela uma luz especial, será pelos brincos que brilham, as pérolas dentárias que mostra e esconde repetidamente para Salvador, em fugazes piadas.

No momento inicial, Brada surpreende a todos, enquanto toma a palavra, que ainda não devia ser da sua pertença. Ninguém teria esperado que fosse a própria autora a cortar a fita inaugural do evento, pelo que se faz um apagão de vozes imediato.

– Vou começar com um lugar-comum, mas que nunca é demais repetir. Discriminação de género não poupa nenhuma sociedade. Cada grupo social experimenta diferentes formas de injustiça de género, dependendo da sua cultura e costumes.

O silêncio vira ainda mais retumbante no pequeno salão nobre da editora OriOn, que acolhe, neste momento, uns trinta assistentes, se contarmos com os dois homens que acabam de entrar, atrasados e com cara de mil desculpas, uma vez que a intervenção já está a decorrer.

Brada ainda adiciona mais uma reflexão. Quem publica um livro costuma dizer que é uma forma de devolver aquilo que levamos. Dar aos leitores algo para alimentar futuras escritas, para que seja recíproco, igual como plantamos umas árvores proporcionalmente ao número de papéis usados a partir de árvores abatidas. E remata com um aviso legal.

– Peço desculpas por pular o protocolo, mas quis iniciar tal e qual o faço no livro, sem preâmbulos.

A professora Éris escuta com atenção e fica especialmente empolgada com a forma como a jovem mulher domina o auditório. Ela poderá fazer o mesmo, um dia, com os seus alunos.

Make faz a apresentação, primeiro da temática da obra, da autora, depois. Começa por dizer que o mundo está contaminado, todos sabemos isso se observamos as evidências científicas e as condições de saúde da população, especialmente, nas grandes cidades. Agora reflectamos: a poluição é causada pelo consumidor de bolachas que lança o plástico envoltório, ou devemos responsabilizar a quem produz o plástico? Afinal, quando esse pedaço de plástico está dentro da loja com bolachas dentro, chamámo-lo de produto, mas quando está no chão das ruas, desacompanhado, uma vez que as bolachas já foram para o lar do estômago do consumidor, chamámo-lo de lixo. A má saúde do mundo se resolve com mais hospitais, mais vacinas, mais comprimidos? Também podemos fazer o esforço de limitar as práticas que provocam que haja utentes dos hospitais, das vacinas, dos comprimidos. O mundo hoje é uma fábrica produtora de doentes. Quem escapa do processo industrial global é tido como herói, mas só é reconhecido como tal quando morre. Durante a vida só sofre, é marginalizado.

Uma salva de palmas irrompe na sala, em sinal de aprovação aos depoimentos da Make. Porém, ela não é nem quer ser a protagonista principal do dia. Vira-se para a Brada e volta a contemplar o público, estendendo a mão esquerda em direção à autora do livro, intitulado *Presidiária de Ouro*.

A nossa autora hoje aqui presente é minha amiga – afirma Makemake – e nada me faz mais feliz do que apresentar ao mundo o que ela tem vivido. Para mais detalhes, leiam o livro, mas de forma iniciática, entendam bem que estamos perante uma pessoa extraordinária. É, ao meu juízo, a pessoa que eu conheço com mais conhecimentos adquiridos por experiências pessoais. O meu desejo é que, desde um ponto de vista social e académico, muitas crianças tenham a mesma oportunidade de viver situações de aprendizagem como as que ela conta no livro; mas também, como mãe, só desejo o contrário: que as experiências fosse possível adquiri-las sem o mesmo sofrimento por que ela passou. O pseudónimo que ela usa, homónimo ao título da obra, *Presidiária de Ouro*, é um indicador claro de quem ela é e como se enquadra no mundo, apesar dos obstáculos.

Quando chega o seu turno da palavra, Brada explica ao público que parte da introdução da Make é verdadeira, mas incompleta. Sim, eu já vivi as minhas experiências, algumas mais intensas do que outras. Faxineirei, distribuí jornais ao domicílio nos bairros de altos dirigentes da cidade, entrei em rádios, canais de televisão, escrevi para jornais, anunciei bancos e outras empresas, reparei pneus, dancei em salas de jogos, vendi bilhetes para espectáculos, escrevi artigos e traduzi contos infantis, mas nunca pedi esmola. Eis o meu livro, um resultado semipoético escrito em prosa ou uma semiprosa escrita em verso, entenda-se como se queira. Mas eu me considero poetisa. A palavra poeta não é suficiente para descrever uma mulher: Mesmo que termine com “a”, não sinto que seja uma palavra feminina, que me identifique.

Eu penso que a cultura da escrita – assevera Brada – muito presente desde os tempos imemoriais nas culturas ocidentais, está a dominar o mundo, em geral, como se fosse o único padrão de fazer as coisas. Nas culturas africanas, por exemplo, os documentos não são tão importantes, e isso nota-se sobremaneira nos afazeres diários das vilas rurais, onde as pessoas podem, nas suas casas carentes de muros e de fechaduras nos portões, passar uma vida inteira sem certidão de nascimento, cartão de residência, bilhete de identidade, cédula de habitabilidade, e muito menos passaporte. Sem muros nem barreiras. Nas culturas ocidentais se vive numa caverna permanente, os alunos da escola precisam olhar pela janela para entender o que o professor está a contar-lhes. Lá fora é onde a vida acontece. O mundo inteiro é uma sala de aulas, e aquilo que chamamos sala de aulas faz parte desse mundo, como os cárceres ou as salas de espera dos hospitais.

Sentada na terceira fila, Éris sente uma dor intensa na cabeça. Alguma vez os médicos lhe diagnosticaram tinitus, a doença dos músicos. Ela faz muito que não toca nenhum instrumento, só escuta discos de vinil em casa, aproveitando a máquina reprodutora, antiga, mas que ainda está em plenas condições.

A palestra da Brada correu às mil maravilhas, com estrondos de palmas a ouvirem-se constantemente; não menos interessante fora a sessão de intervenções e debate que já está no fim. Algumas pessoas devem sair apressadamente por culpa de outros compromissos, e Haumea, com o seu filho nos braços, sai para o exterior com o propósito de evitar que Salvador sinta pânico e chore pela movimentação de uma multidão de trinta e tal pessoas. Éris despede o menino com um beijo na própria mão, que leva para a bochecha do bebé como forma de lhe colar o ósculo. Permance sentada, em



tempo para confirmar se essa dor que sentia é mesmo tinnitus. Identifica uma tontura leve, enquanto uma voz ligeiramente familiar se cruza no ambiente e rouba-lhe toda a atenção.

– Gostei dos brincos, estão a jogo com o cachecol – intromete-se o homem misterioso, que não tinha feito nenhuma intervenção durante o debate com a autora do livro.

– Obrigada, muito gentil o senhor. Me desculpe, somos conhecidos?

Éris não presta atenção à figura que tem em frente. Mas, quando mergulha na sua memória, consegue achar a mesma voz, alguns dias antes, insere no homem de chapéu de três pontas e uniforme que tinha estado a conduzir e a guardar as costas da directora provincial de educação. Pensa que o ser humano tem uma capacidade camaleônica assombrosa, que até os próprios camaleões almejavam passar despercebidos da forma como Oort o acaba de fazer.

– Isso depende do nosso comportamento, mas penso que sim, já – brinca Oort, atento à mudança de expressão da sua interlocutora, que já se apercebeu da identidade do homem. Não consigo ficar longe de tudo que brilha.

– Juraria que fosse qualquer pessoa, um amigo da infância, uma vizinha de parca saudação, ou inclusive um familiar longínquo. Sabes, nós civis temos problemas em identificar um oficial sem o uniforme. Mas já está, contigo jamais me vou confundir. Te descobri.

Éris espreita nos olhos verdes do homem. No conjunto geral do rosto, conclui que não é tão velho assim. Apesar de ser muito comprido, será um jovem maduro, que ainda nem envelheceu, mas que já viveu um bocado. Para além dos olhos, nota mais algumas estridências na sua cara: cicatrizes pequenas na fronte e uma maior no pescoço, a barba rala e mal rasurada, mas atractiva, as sobrancelhas

muito tupidas, lábios fininhos como de alguém que, pelo facto de ter passado fome aguda, a sua boca se tornou tímida. Muito mais alto que a sua interlocutora, o homem parece que gosta de ser examinado visualmente pela professora Êris, que não sabe o que deve falar. Finalmente, ele volta a abrir conversa.

– O meu nome, Oort, todos que me conhecem dizem que nem parece um nome deste mundo, mas é.

– Há tantas coisas que ignoramos e só aprendemos tarde, pensando que não existem só pelo facto de que não as conhecíamos.

– Tens um afilhado bem lindo.

– Afilhado? – Êris, envergonhada, esclarece que ela, como professora, é madrinha de muitas crianças, que é docente desde há mais de seis anos. Mas um afilhado assim de família, de verdade, não tem. Nem filho.

– Assim, nem é teu sobrinho nem nada. Desculpa, pensei. Entre desconhecidos é tão fácil imaginar histórias.

– Não, não é. Mas é filho dos meus amigos. O pai é quem tinha o bebé no colo, todo o tempo. A mãe é a Make, a apresentadora do evento. Ela trabalha aqui, e eu, já sabes, sou professora da escolinha da vila, é assim como o Salvador passa mais horas comigo do que com os pais.

Oort tinha conseguido congelar o tempo, naquela tarde. Num dia normal, sem o evento, teria sido uma jornada laboral que podia ter concluído perfeitamente com um aperitivo no Kuiper. Olhando bem, a distância entre a sede da editora OriOn até à vila não é nada do outro mundo, uns doze quilómetros para alcançar o cruzamento da barraca de dona Maluia, e mais uns três mil e tal metros para entrar na vila, o Kuiper bem mesmo no centro, a presidir uma pracinha.

O horário ainda permite, pensa Éris. Pergunta ao recém-conhecido se conhece a vila, não muito longe daqui, ainda podemos ficar um tempo no Kuiper e conversarmos. O novo amigo, porém, rejeita, alega que há-de procurar uma melhor ocasião nos próximos dias, já que agora mesmo deve voltar para a cidade. Fica num hotel, e está numa missão de serviço. Não dá mais detalhes do tal serviço. Antes de despedir-se, agora que o pessoal se dispersou em massa antes do anoitecer, Éris e Oort ainda têm tempo para uma última troca de frases. Ele explica que na escola tinha a alcunha de “O Terrorista”, porque sempre que havia problemas, lutas e demais brigas, ele era o alvo principal das acusações dos professores e dos colegas. Reconhece que mereceu aquela fama, porque de facto possuía uma tendência clarividente de atacar qualquer menino mais novo por causa de bolachas, caneta ou um lugar para sentar. Inclusive, às vezes, era capaz de embater rinocerontemente em algum dos moços mais velhos, da última classe do ensino secundário, já barbudo, pelos mesmos motivos pré-adolescentes. Imagina que até hoje, certos amigos e conhecidos daquela época ainda têm o meu contacto de telefone gravado como Terrorista.

– Só espero que agora não coloques bombas.

– Coloco bombas, sim. É um ofício bem legal e honesto.

– Fala sério?

– Falo sério, completamente: primeiro localizo as bombas, depois as desactivo, levo para o comando da unidade policial onde trabalho e as deposito num armazém de artefactos explosivos inutilizados. É isso que eu faço. Agora sim, já tenho de ir, foi uma honra falar contigo.

– Até à próxima – despede-se Éris, que fecha os olhos ligeiramente envergonhada pelo barrunto. Não tem tempo de reparar pela última vez nos olhos verdes daquele homem, pois já tinha contornado todo o corpo e marcha apressadamente em direcção ao parque de

estacionamento anexo ao edifício da editora. Em menos de dez segundos, a professora e madrinha eterna de tantos afilhados, por motivos profissionais, acaba de visualizar um possível pai para o seu filho verdadeiro, apesar de ser um terrorista que usa dupla identidade, como quem ostenta passaporte de duas pátrias diferentes.

Oort faz um aceno de tirar o telemóvel do bolso e oferecer à Éris a troca de contactos, quando se apercebe que não é necessário, pois já tinha ligado para ela no dia antes da visita da senhora directora provincial.

– Espera. Pensei melhor, deixa-me chegar à vila, quero pisar esse Kuiper de que me falas.

– E não vais mais para a cidade? – Pergunta Éris, esperançada de talvez poder oferecer espaço a Oort para dormir na sua casa.

– Hei-de ir, sim. Mas prefiro deixar passar as horas em que haverá maior engarrafamento na entrada da cidade, e chegar de noite ao hotel.

– Está bem, vais adorar conhecer as pessoas no Kuiper. Os meus amigos, a maioria são aqueles que estavam na editora. Eu vou à frente, segue-me.

Oort concorda com a instrução e os dois sobem nos seus respectivos carros. A viatura de Éris é pequena e branca, de só duas portas laterais e com algumas rachas no parachoques, não por negligência própria, mas porque tinha comprado no mercado de segunda-mão. O carro cinzento de Oort é o mesmo que conduziu no dia da visita da directora e que, pela maior potência, parece uma cena de savana em que um leão anda atrás de uma tartaruga que não pode ser caçada nem ultrapassada. Percorrem assim os escassos quilómetros até à entrada da vila. Neste ponto, Oort não resiste mais e adianta, nem tanto pelo prazer de mostrar o potencial do motor, mas sim porque avista um espaço para estacionar e não quer desperdiçá-lo.

– Relaxa, Fittipaldi<sup>1</sup>. Aqui não é na cidade, espaço para estacionar é o que temos de mais.

– Certo. Nunca se sabe – escusa-se Oort enquanto tranca o carro e caminha, junto à sua companheira, pela pracinha que dá acesso ao Kuiper.

Éris espreita o interior do local. Está muito cheio, não vejo os meus amigos, mas podemos passar. É lógico que hoje, pelo cansaço da apresentação do livro, tanto Brada como Make e os outros tivessem optado por não alongar a tarde-noite, até tarde, e ir para casa directamente repousar. Mas também seria lógico, entretanto, que pela singularidade do dia e o bom andamento do programa, se tivessem concentrado para celebrar e degustar as delícias culinárias de dona Aure. Oort apercebe-se da preocupação que embarga a professora de nível pré-primário, e decide contar-lhe uma vivência pessoal, enquanto estão parados na porta.

– Eu também fui professor, nos meus tempos. Nem terminei um ano, só estive como substituto. Passei por três institutos médios.

– Agora entendo a tua conexão com a Direcção Provincial de Educação. És um dos meus chefes, afinal de contas.

– Nada. Isso de proteger a directora provincial de educação foi uma bolada pontual, um biscatinho – esclarece Oort. Já sabes que ter contactos faz bem, às vezes.

– Entendo, apesar de que nunca trabalhei com jovens adolescentes – responde Éris. Mas passei por aquela idade, estudei em dois institutos da periferia da capital da província e imagino como se deviam sentir os meus professores, coitados.

---

1 Vulgo, entre algumas pessoas de certa idade, para designar alguém que anda rápido demais a conduzir um carro, em alusão ao ex-automobilista brasileiro Emerson Fittipaldi.

– Como te disse, não estive nem sequer um ano, foram onze meses. Eu adorava dar aulas de Artes e Ofícios. Gostava dos temas, dos planos de aulas, dos conselhos de professores, das actividades extracurriculares.

– Espera, davas Artes ou davas Ofícios? – Retorque Éris, curiosa.

– As duas coisas andam juntas, como também não se pode entender separadamente a Educação Visual e a Plástica, a Moral e a Cívica, a paz e a guerra, o calor e o frio, o planalto e a estepe, o arroz e o feijão, o Oriundo e a Onassis, os donos da editora OriOn.

– É que, olhando bem, as artes são ofícios e os ofícios são artes, como deixou entender a Brada na palestra de hoje. Devíamos fazer é criar uma palavra, se não existe já, que designe artes e ofícios como um todo unificado. Por exemplo, artificios.

Uma gargalhada lustrosa explode pela boca do agente da polícia, porque gosta do raciocínio que a professora faz, e também porque, de facto, a palavra que ela recém-criara já existia, mas nunca a teria encaixado no contexto concreto de uma disciplina escolar. O homem continua a relatar os seus tempos como docente.

– O ambiente de trabalho, em geral, era ótimo. O ordenado, considerando que eu era um iniciante e nem fazia as mesmas horas que os meus colegas titulares, era mais do que razoável. Mas esses meninos e essas meninas, dentro da sala de aulas, eram simplesmente impossíveis.

– O que te faziam, se posso perguntar? – Éris sente um interesse, talvez escutando as experiências de um colega, poderia aprender a melhorar aspectos chave da sua conduta docente.

– Me maltratavam psicologicamente, posso dizer assim. Nunca sofri agressões físicas, talvez pelo meu tamanho,

mas de verdade eu sentia medo real, qualquer dia podiam amotinar-se dentro da sala de aulas, e, como às vezes usávamos martelos, pincéis, régua e demais objectos contundentes para efeitos da aula de Artes e Ofícios, sentia temor. Às vezes, até sonhava que ia para a aula com capacete, espada e escudo, mas isso, na realidade, só teria aumentado o escárnio. E o pior de tudo é que, cada vez que trocava de instituto para substituir um outro docente doente ou velho que se aposentava, a situação piorava. Cansei-me de trabalhar com escória dos bairros baixos.

– Bairros periféricos – corrige Éris ipsofactivamente.

– Está bem, periféricos. Já me entendes, lá onde andam os desgraçados, subalternos, malandros, desalmados. Se eu não fazia algo para me distanciar deles, acabaria por tornar-me igual a eles. Devia puxar pelo meu futuro, precisava de me auto-salvar.

– E a salvação te chegou no corpo da polícia, estou em erro? Éris sorri abertamente, pela primeira vez, durante aquela conversa na porta do Kuiper.

Começa a fazer frio, e o sol esgota os seus últimos raios da jornada, neste cotovelo do mundo, antes de ir iluminar outras regiões, outros continentes, outras terras, outros povos, outros rios, outros mares e outros oceanos.

– Não me chegou nada, – altera-se levemente, qual um senhor velho que sofre de arritmia – eu é que fui buscar. Como te dizia, ter contactos é muito servível, neste mundo de hoje, mas não é nada fácil fazer os contactos, estabelecer redes confiáveis. Mais vale um confessor que fala a verdade do que mil falsos que duvidam até do seu próprio nome. Seja como for, posso bem dizer-te que a palestra de hoje da Brada me motivou a explicar coisas sobre mim e o meu percurso. Fiquei empolgado com a vitalidade daquela moça, e é uma honra que tu sejas a primeira a acompanhar esta minha palestra. O assunto

que irei preparar será este mesmo: que chegar a ser alguém custa, não há como estalar os dedos e *voilà*, já está tudo feito. Tanto para quem quer ser honrado como para quem entra na tendência dos amigos do alheio, a carreira está cheia de obstáculos. Vou falar bem de ti, na cidade. Tenho mais contactos que a própria directora provincial, eis a razão que ela me fez vir para cá no dia da visita.

– Obrigado, Oort, és o meu primeiro contacto poderoso, lá na cidade – diz Éris com ar brincalhão.

– Lá na cidade há melhores escolas, com condições de trabalho muito mais condignas, para alguém como tu. Estou a te falar do centro da cidade, não dos bairros de lata do extrarrádio.

– Bairros periféricos.

Neste momento, Make sai do Kuiper e acena para Éris. Não me vais apresentar com quem estás? Venham para dentro, vamos conversar um pouco. Deixam passar quase uma hora de tempo, a partilhar mandioca e amendoim torrado, que Oort não desestima. Toma chá, pois, apesar de gostar da cerveja TonnaH, tem de conduzir. Não tem hipótese de ficar essa noite na vila, prefere acordar amanhã de manhã já na cidade e continuar com os seus contactos.

De noite, em casa, Makemake comenta que a sua amiga Éris encontrou um homem bonito, alto, forte e simpático. Que tenha sorte, de uma vez, com os homens. Olha que é um poderoso da cidade, usa viatura oficial para uma deslocação privada. Que tipo de corrupção é essa? – Pergunta, descontraída, ao seu marido, que, como licenciado em Ciências Políticas e trabalhador de ONG, tem experiências em analisar casos de corrupção.



Hau responde que isso não é corrupção, porque o evento de hoje era de tipo cultural, portanto, é compreensível que use o carro do serviço. Lembra-te – recorda à sua esposa, enquanto o pai da Make escuta atentamente – que tudo o que é público somos nós a partilhar os custos, e que, sendo financiadores, não significa que automaticamente temos o privilégio de administrar um serviço, neste caso a viatura da direcção provincial de educação.

Make adiciona, após prestar a máxima atenção à explicação do marido, que a essa hora o homem já estará a dormir no seu hotel da cidade, que nós também contribuimos em financiar. Gostou da mandioca e do amendoim. Que melhor forma de aproveitar a deslocação que fez.

Os pais da Make, desta vez, ficaram dispensados dos cuidados do pequeno Salvador, que já sonecava durante a apresentação da Brada e agora está no colo da avó materna. Hau opina que o evento de hoje fora realmente bom e que serviria como ligação directa para a mesa redonda da próxima semana, em que temos a missão de limpar uma dívida de faz tempo, a nossa mesa redonda.

## 7

Com os velhos em casa a cuidar de Salvador, o casal, finalmente, tem a oportunidade de regularizar uma dívida comum, de muito tempo atrás. Organizam uma mesa redonda conjunta com um tema de fundo concreto: o perdão e a reconstrução humana, desde o ponto de vista individual e colectivo. Pensam que o velho amigo Ceres é um bom exemplo do que estão a querer tratar, porque ele foi perdoado por Brada e por todos os amigos próximos, e graças a isso agora é alguém que, apesar de já reformado, faz contactos para que professores, técnicos e nutricionistas voluntários venham da cidade a dar cursos sobre alimentação e vida saudável.

A mesa redonda sai muito bem. Mais de sessenta pessoas se fazem presentes, todos os assistentes encontram meio litro de água engarrafada na cadeira onde sentam, e não faltam os oportunistas que chegam antes da hora e se fazem proprietários de mais duas garrafas, à direita e esquerda, para além daquela legítima que lhes pertence. O director do centro cultural do Saber Popular, um homem alto e magro, de óculos enormes, de tamanho circular e vidro grosso, está sentado na ponta direita da primeira fila da pequena sala, ao lado das janelas que dão a uma das ruelas centrais desta cidade capital da província. Durante a sessão, quando Make e Hau falam, o director permanece calado e anota tudo quanto pode

num caderno, como um estudante universitário que corre inutilmente contra o tempo para caçar todos os conhecimentos que possam existir.

No turno de perguntas, surgem todo tipo de fabulações e ainda mais perguntas, mas não dúvidas. As contribuições, acima de quinze intervenientes, parabenizam a sessão cultural, pela qualidade e pela acessibilidade, pois era gratuita e o centro cultural tinha financiado a gentileza das garrafas de água para os assistentes. Aprende-se mais é na interação, diz uma jovem estudante de História Antiga. Com esta oração de sapiência que nos deram, entendi, finalmente, que a leitura e análise de fontes bibliográficas não é uma forma fria de estudar. É emocionante saber que podemos dialogar com o autor de uma obra, mesmo que já tenha morrido, a partir do que a nossa imaginação produz ao ler os escritos. A jovem adiciona que, também, um escritor de ficção, poeta ou correspondente de guerra tem a tarefa de produzir textos que dialoguem, que ofereçam opções ao leitor para configurar novos pensamentos. A escrita pode mudar o mundo. Infelizmente, as guerras também, e todos os conflitos que houve na história produziram o nascimento dos seus correspondentes mananciais de tinta.

Make e Hau concordam plenamente com a jovem estudante, mas antes de articular nenhum comentário de aprovação às visões que ela tem, um professor de idade madura, sentado ao lado do director do centro, levanta-se para falar. Identifica-se como ex-jornalista em zonas de conflito, agora professor de língua e literatura numa escola secundária, e comenta que a literatura, tanto de ficção como de não-ficção, é um diálogo que perdura já por muitos séculos, graças a uma simbiose básica: há leitores e há escritores. Ambos os grupos são produtores de literatura, e não apenas o escritor é que deve ser tido como produtor, como literato. Muitas vezes, convida-se às feiras de livros e festivais de poesia os escritores que publicam uma certa obra, mas nunca se convida

o leitor que, corajosa e disciplinadamente, destina um tempo precioso dentro das suas obrigações quotidianas para ler o livro. Faz isso para aprender a ler e interpretar, entender, emitir juízos de valores, pensamento crítico e, em geral, usufruir da literatura como elemento que muda o mundo.

Argumentos assombrosos. Make não cabe dentro de si mesma, pela emoção de sentir que a ideia da mesa redonda conectou com o público da forma mais prazerosa e produtiva possível. Responde sincronicamente à jovem estudante e ao professor, com uma fórmula que nunca falha: colocar exemplos de outras áreas aplicáveis ao discurso em questão. Qual é a função de um médico-cirurgião se não há ninguém que precise de operação? O que faz um vendedor de casacos e mantas na época de verão? Como actua uma banda de música numa comunidade de pessoas surdas? Ou um cinema mudo para cegos? Como joga uma equipa se o adversário não consegue chegar ao campo? Qual ocupação terá um político numa ilha deserta, se não tem ninguém para governar, para além dos milhões de grãos de areia que a insula possa conter? Todas estas questões exigem o mesmo tratamento: que se mude de actividade de forma a conectar com um público, uma comunidade, um certo grupo de pessoas. Esta é a essência da vida humana.

Na última das subseqüentes intervenções, o casal é abordado pelo director do centro, que lhes endereça um montão de parabéns com o seu sorriso mais profissional. Fala para o público, que já se prepara para abandonar o local. O director explica que precisamos deste tipo de sessões mais frequentemente, do mesmo formato e com o vosso estilo. Até sinto um pouco de vergonha, como cara visível deste espaço, que vocês tivessem que vir de uma vila muito remota da nossa província, enquanto aqui na cidade temos muitos jovens e mais velhos perfeitamente capazes, mas que, infelizmente, não dão o passo à frente. Vocês, Makemake e Haumea, foram muito corajosos e

esperamos vos ver mais vezes. Muito obrigado, esta é a vossa casa.

Ao fim do debate, é o momento das fotografias, saudações, intercâmbio de contactos e conversas informais.

– Como se financia o Saber Popular? O centro cultural, quero dizer – inquire Make ao senhor director do centro. A mãe de Salvador está plenamente ciente de que a pergunta que acaba de fazer não é farelório de se responder numa breve conversa. Seria necessária uma nova mesa redonda, com economistas.

– Tempos atrás, – articula o homem com gesto sério – tivemos imenso apoio do governo provincial e alguns pequenos parceiros, como empresas têxteis, sector dos comboios, casas editoriais e produtores de instrumentos musicais, tudo de forma espontânea e em pequenas quantidades, quer em montantes económicos ou em objectos materiais: mesas, cadeiras, papéis, canetas, alguma máquina de reprografia secundamanuseada. Mais logo, apareceram canais de televisão, dos mais pequenos aos mais renomados e até de projecção internacional, com o propósito de dar a conhecer o nosso espaço através das suas emissões e assim também incluir elementos publicitários que lhes geravam um bom rendimento. Acho que aquele momento foi o apogeu – fala com voz entrecortada, olhos humedecidos como uma placenta de mulher prestes a dar à luz – e tudo se foi abaixo em questão de poucas semanas, dias, na eclosão da guerra entre irmãos, aqui no nosso país. Depois da guerra, todo o mundo que não estava de acordo com os novos dirigentes saiu ou fez o máximo para fugir, se bem que é certo que nem todos conseguiram chegar à fronteira. A empresa cervejeira TonnaH renasceu como por arte de magia e, através de quem sabe quais escuras andanças, engoliu todo o espectro comercial e de apoio aos pequenos negócios da província. Isso para não falar de gentes como nós, o sector cultural, que sempre somos os mais odiados

durante e depois de uma repressão política. Não se pode permitir que as pessoas pensem livremente, ocupem as suas mentes em ficar inteligentes e discutam assuntos sociais. Há pessoas que estão muito bem treinadas na arte de perder o tempo. Nós, do centro cultural do Saber Popular, não sabemos disso. Nunca se fechou o espaço, é certo, mas posso dizer que ficou moribundo por vários anos de pós-guerra. Podíamos abrir só no sábado: de manhã, vinha eu com alguns amigos e fazíamos limpeza, e de tarde, aparecia alguém com um electroprojector e assistíamos a um filme. Eximo-me de dizer que os filmes eram todos previamente censurados para cumprir os padrões públicos: nem uma mulher de alças, nem nada de heróis mulatos ou achinesados. Prontos, isso era tudo até ao sábado seguinte. Nem doações, nem projectos de literacia, nem aulas de matemática, nem saraus culturais, muito menos, mesas redondas com jovens intelectuais do vosso patamar. Com tantos anos de incerteza, nem me apercebi que já estou muito perto da reforma.

Hau tinha ficado calado, como ele faz habitualmente, durante a primeira intervenção da sua esposa com uma outra pessoa. Porém, ao ouvir aquele velho falar dos sacrifícios de tempos pretéritos, renasce nele um fervor pela história, como se se tratasse de uma disciplina que ficara por aprofundar nos tempos da Faculdade, donde saiu como licenciado em Ciências Políticas.

Aquele senhor que dirigia o centro cultural do Saber Popular, já desde antes da guerra, pode estar a falar honestamente, ou também pode ser que queira tergiversar os rumos do que verdadeiramente aconteceu. É difícil que alguém mais novo possa reprimir um mais velho de dizer coisas do passado. Mas Hau não está preocupado com a capacidade de sedução verbal do director do centro. Inquieta-o a educação que o filho do jovem casal, Salvador, irá receber, daqui a uns anos, quando atingir a idade de frequentar a escola, depois o instituto vocacional e, se calhar um dia, a Faculdade.

Se a educação é algo que podemos receber, começamos mal, pretende dizer Hau à Make, mas não ousa interrompê-la da conversa com o dirigente, alto e magro como uma árvore mirtácea de eucalipto, de pouco cabelo e com duas bolsas como meias luas cheias, na parte inferior dos olhos. Finalmente, o pai de Salvador lança um ataque discursivo.

– E, antes da guerra, se me permite perguntar, o senhor foi formado onde?

Com cara de surpresa, abrindo os olhos mais que o normal, o velho esboça uma tentativa de cuspir uma resposta leve, que sirva para sair do assunto e de vez fechar a conversa com Make, também. Mas hesita, e só consegue balbuciar.

– Nem sei se antes da guerra... Não, eu não me formei. Quero dizer que a formação propriamente dita era algo muito restrito, só os ricos que tinham fundos de capital familiar, ou os bons aventureiros agraciados com bolsas das empresas da zona é que conseguiam estudar na capital da nação e no estrangeiro. Os outros, como eu e tantíssimos mais, apenas frequentámos a universidade da vida, das ruas, das machambas, dos jornais e revistas roubados, e, finalmente, a universidade da guerra, onde saquei o meu doutoramento *cum laude*.

– Assim, o senhor não gostaria de voltar às aulas, agora que está prestes a reformar? Algum curso de adultos, alguns chamam-no de reciclagem.

– Não me atrai a ideia. Gente como vocês é que são os meus professores na actualidade. Mais aprendo é aqui, no centro: aparecem livros, palestrantes, artistas, que já nem sou capaz de imaginar voltar às aulas, sentar na carteira, na minha idade.

O velho chega à azeda conclusão de que a sua decisão de não ir à guerra, quando era jovem, foi a melhor decisão da sua vida, porque lhe salvou a pele. Porém,

ninguém poderá erigir um monumento a alguém que, ao som dos primeiros tiros, pegou no tabuleiro de xadrez e foi se esconder nas montanhas, a jogar sozinho, ele das fichas brancas contra si mesmo das peças pretas. Perdeu a dignidade – olha para o chão e emana uma voz entrecortada –, diziam-lhe os que saíam para o combate. Ficou como apátrida na sua própria terra, mas preservou a vida, na esperança de que melhores dias viriam. E continua o relato, agora a falar mais descontraidamente. É verdade que a guerra me tirou a oportunidade de sonhar com um futuro, de sair daquela ratoeira que o país era por aquele então, sem oportunidades, longe de tudo. Para quem estuda a história hoje, e para os que virão a seguir, surgirá a dúvida de se esta zona do mundo, esta nossa província e país, são agora os mesmos que foram trinta e tal anos atrás. Em termos geográficos sim, podemos fazer o esforço e acreditar que é aqui onde as senhoras que cultivavam alho, cebola e batata nem sentiram a pegada feroz daquele conflito nacional. Mas se formos a analisar em termos históricos, fico triste que o vosso menino, daqui a alguns anos, terá que escolher se fica com as informações orais dos pais e dos pais dos pais, ou com os textos da escola. Os dois ensejos não convergem numa única realidade, infelizmente. Agora, os livros de história já saem editados com um muro dentro das suas páginas. Aquilo que os especialistas em informática chamam *firewall*, afinal não é tão moderno nem tão sofisticado tecnologicamente. Antes da guerra, não se passou nada, ninguém sabe nem quer saber de nada. Faz-se de conta que não existiu nenhuma matéria digna de ser estudada: o Conselho dos Cem, a Casa Pairal, os campos de reeducação para homossexuais, a elevação de categoria de tantas vilas para municípios, e de alguns municípios para cidades, a Ordenança Constitucional das Mulheres, a Associação Nacional dos Camponeses, o Motim dos Presidiários, os Factos do Palácio, o polémico Ministério da Limpeza Étnica, os Tribunais Dispositivos, etc. Nem sequer nada se diz da forma de governo anterior



à guerra ou da causa da própria guerra! O país nasce, para os historiadores modernos, um belo dia, em que um médico cancrroso e grávido de rancores consigo mesmo decide que certas pessoas poderosas se levantem em armas. Assim, sem mais. Depois, os consabidos seis anos de barbárie, um de posicionamento estratégico e cinco de matanças. E o pós-guerra, que ninguém sabe se já terminou logo após o calar das armas ou ainda está em vigor hoje. É isso que querem que o vosso filho aprenda na escola?

Make e Hau não reagem à interpelação, em primeira ordem.

– Quem ganhou a guerra nunca foi derrubado do poder, mesmo que digam que agora somos uma democracia moderna e avançada – consegue parapeitar-se Hau. Por isso, não querem que alguém lhes tire o protagonismo na paternidade da pátria. Acho lógico e, ao mesmo tempo, repudiável, infelizmente.

– Antes da guerra e muito antes de eu nascer – contrataca o director –, houve muito e houve pouco. Riquezas e pobreza. Afundados e salvados. Existia a vida, apesar dos pesares. Mas naquela guerra, se levantou um muro de memórias para que as gerações posteriores não o franqueassem, e isso não é lícito. Me provoca pesadelos.

O director volta a retrotrair o discurso para a sua juventude. Conta que antes da guerra, como era pobre, os governantes, todos corruptos desde a autarquia da vila até à nação, passando pela província, só tratavam bem os amigos. Quem não fosse da sua laia, só podia esperar ser extorquido financeiramente ou, no caso dos mais pobres, como eu, levado para o chibalo, chamboco. Foi uma salvação, olhando bem, porque agora muitos daqueles personagens terroríficos já não estão entre nós. Corruptos ainda restam em quantidade, é certo, mas agora os jovens sem condições já não são levados aos montes para cultivar algodão como mão-de-obra barata.

E ainda detalha mais: os chamados capatazes apareciam no domingo ao meio-dia, logo depois da igreja para os que rezavam. Entravam nas casas e apontavam com espingardas, que só pelo tamanho já feriam as nossas almas. Nesta tessitura, os adultos ficavam a um lado do quintal e olhavam como nós, putos, éramos levados do jeito como nos encontrassem. Das primeiras vezes, como desconhecíamos o procedimento, eu e os meus primos andávamos meio-nus no tempo do calor, sem mais nada do que umas cuecas ou calção. Sem chinelos nem camiseta. Nos devolviam no sábado de manhã, na mesma condição como nos haviam levado, mas com alguns quilogramas em falta. Nas árduas tarefas semanais, era tudo igual. Quem dissera que se deve mudar a rotina, enganou-se de rotina: pá, picareta e varão de manhã, das seis até às catorze horas; de tarde, das quinze até às dezanove, recolher algodão manualmente e meter na carrinha, em gestos mecânicos, impensável pensar em luvas. E, no concernente à alimentação, nem vale a pena. Quem precisa de uma guerra para passar fome, enquanto já existem os abusões oficiais dos tempos de paz? Manhã e tarde, só uma papinha pela manhã e uma refeição maior de noite, na base de feijão com arroz ou batata cozida. Pior aos sábados, que eram os dias de voltar para casa e não nos davam nem a papinha. Perdi a conta do peso que diminuí durante aqueles meses. Em casa, não tínhamos nem sequer uma balança. Fiquei em ossos, será por isso que até agora sou desta complexidade. Meus primos não correram melhor sorte, Deus os tenha. Quando comíamos pão caseiro aos sábados, nem que fosse de dois dias, entrávamos no paraíso, restaurante de sete garfos.

Mais tarde, já quando deram início as atrocidades da guerra, eu já era crescido, pai de três crianças, e todos eles trocaram o chibalo por algo tão terrível como a tropa. Naquela época, apareciam do nada, cada dia, homens poderosos dispostos a recrutar jovens a lutar pela pátria. De facto, eram os filhos dos mesmos homens que nos

levavam ao chibalo, lá acima nas montanhas. Sorte a minha, azar a dos meus queridos filhos. No mesmo dia em que entraram em casa os uniformizados, fardamento verde caqui e chapéu tricórnio preto, eu já sabia o que queriam e o que eu devia fazer. Não para obter nada de bom, mas para evitar a maior desgraça. A minha senhora convenci-a para que ficasse em casa mais alguns dias, pois mulher sem marido nem filhos não era alvo para ninguém, não interessava. Assim é que eu peguei no meu único companheiro, o tabuleiro de xadrez e a bolsa com todos os cavalos, reis, rainhas, torres, alfis e peões. Conhecia o caminho para o monte melhor do que ninguém, pois eu fui o único da vizinhança que ficou aqui depois dos tempos do chibalo, se bem que a maioria tenha ido embora procurar sorte algures, com uma mão atrás e a outra defronte. Também muitos nem conseguiram contar a vivência, pois faleceram por inanição e falta de nutrientes no organismo. Vivi escondido, a comer folhas e beber água do rio, por mais de uma semana. Ainda pensava em ficar mais uns dias sem fazer nada, só aguardar pela situação se acalmar. Mas, de repente, um domingo de tarde, xequematei-me a mim mesmo mais cedo do habitual e decidi que devia ir ter com a minha esposa, se não para trazê-la para lá comigo, pelo menos saber como estava, se algum desalmado a teria estuprado ou roubado algum dos escassíssimos pertences materiais que ainda havia em casa. E qual foi a minha surpresa quando me encontrei de cara com ela, a atravessar o rio, na liderança de um numeroso grupo de meus ex-vizinhos. Ajudei, sem mediar palavra, a carregar os pertences, principalmente, panelas, sacos de carvão, mochilas com roupas e algumas galinhas a cacarejar vivazmente, que os mais novos traziam nas mãos, apanhando-as pelas coxas. Uma vez, toda a tropa, mais de trinta pessoas, atingiu o meu lado da ribeira, minha esposa falou para mim, alto e claro para que todos acompanhassem: aqui vamos nos instalar. Este será o nosso Bairro Alto, a partir

de agora e quem sabe até quando. Só esses sacanas das espingardas é que sabem.

Naquela altura, já tinha visto os meus filhos pela derradeira vez, e os perdi para sempre. Como também perdi a minha esposa um ano depois de a guerra acabar. Se lixem os heróis, se lixe o heroísmo e se lixem as heroicidades. Hoje em dia, nos dizem que governam os sistemas capitalistas, que o comunismo já não existe e que o socialismo perdeu a essência. Eu chamaria a isto de dinheirismo, simplesmente, porque tanto antes da guerra como agora, quem tem meios para criar riqueza são, naturalmente, os adinheirados. A única forma que um pobre tem de acumular riqueza e poder é trair amigos, torná-los inimigos, levantar-se contra eles e eliminá-los, com a maior das aleivosias e o mínimo de escrúpulos.

O director do centro, afligido pelo que acaba de contar, olha através da janela e deduz, pela posição do sol, que já está a terminar a tarde, sinal de que já são horas de encerrar o centro. Pergunta aos visitantes se voltam ainda hoje para a vila ou ficam a pernoitar na cidade, a fim de evitar uma longa caminhada de regresso ao lar, agora que estão cansados. Hau e Make, sem alternativa, sentem a necessidade de abrir espaço com aquele homem.

Por hoje é tudo, os vovozinhos não podem ficar permanentemente com o menino, Salvador, que só tem três meses – explica educadamente Hau. – Assim, fizemos uma excepção para esta mesa redonda.

Mas iremos contactar-lhe – prossegue Make – assim que surgirem outras possibilidades. Inclusive têm pessoas que dão aulas, palestras e conferências online, em videochamada.

– Boa viagem, voltem mais. Fiquei maravilhado com o vosso trabalho e, por isso, vos agradeço, mais uma vez – despede-se o ex-xadrezista.

– Obrigado e fiquemos em contacto.

A caminho de casa, Make a conduzir, Hau a dormir. A senhora dirige o carro mais devagar do que é habitual nela. Temos um filho, diz para o seu marido, que, apesar do seu estado em sonolenta inclinação, escuta tudo o que ela transmite. Não é uma conversa, é um monólogo. Sabes que, por regra geral, não devemos andar juntos no mesmo carro? Se por desgraças da vida acontece um acidente indesejado, é melhor que um de nós fique em casa, assim, pelo menos, o Salvador ainda vai ter um dos progenitores disponível. Um breve resmungo de Hau indica que a mensagem foi compreendida e que acata a ordem. A partir de agora, escala de saídas pontuais.

Repentinamente, o corpo do copiloto é percorrido por uma força superior, como se o seu sangue voltasse a circular a uma velocidade de adolescente que é correspondido ao paquerar, qual uma chaleira a todo gás tivesse bloqueado o sistema de paragem automática e fervesse sem parar. Furiosamente, como um autódromo de corridas no momento em que os motores arrancam em uníssono. Junta em si uma alta dose de coragem e, enquanto a viatura supera o derradeiro cruzamento antes de entrar na vila, deixando a um lado a silhueta da barraca de dona Maluia, confessa à sua parceira vitalícia que já não aguenta mais. A paixão pela história, e talvez pela política, está de volta, como nos tempos de estudante ou ainda mais. Todos os muros um dia caem, quebram, furam, saem rachas ou, simplesmente, as pessoas saltam-nos ou tunelam-nos. Quando aquele senhor dizia que as senhoras da vila, a maioria nos seus afazeres agrários, nem sentiram a pegada feroz daquele conflito nacional, estava a falar sério? Eu penso que quis nos provocar.

– Fizemos bem em não responder logo – responde Make. Achas que não pensei na tua mãe e no teu pai? Claro que me vieram à cabeça, mas, simplesmente, optei por calar.

E sabia que tu também irias morder-te a língua. O senhor chibalo não pode descarregar todos os seus pesares dos tempos em nós de agora. Os velhotes sempre fazem igual, destacam muitas coisas relevantes do passado, mas só coisas que lhes tocam de perto a eles. Seremos iguais, nós? Contaremos ao Salvador e aos nossos netos acerca de digressões que fizemos com os elefantes do Zimbabwe?

– Bem, podemos. Mas a partir de hoje já temos mais uma nova aventura por contar-lhe: organizámos uma mesa redonda num centro cultural.

– Agora que mencionei os elefantes do Zimbabwe... Um dia tu não disseste que querias entrevistar pinguins da Antártida, e perguntar-lhes acerca de como se adaptam para fornicar a cinquenta graus negativos, se notam a diferença porque antes faziam a menos setenta graus?

– Mais uma dívida por saldar. Só que esta será de maior risco – conclui Hau, a meio caminho entre a piada e a aposta.

É a hora do cair da tarde, o casal feliz por não ter encontrado o engarrafamento que os teria mantido, pelo menos, mais uma hora na estrada. Também felizes porque os avós maternos do Salvador não terão que fazer, mais uma vez, horário extraordinário não remunerado em cuidados do miúdo. Já na entrada da vila, após um breve instante de silêncio entre os dois interlocutores, Haumea ainda precisa de argumentar mais acerca da sua decisão. Quer ser o novo edil da vila, já não aguenta mais o despota que governa acutalmente.

– Sabes onde radica o abismo que separa um país com políticos decentes de um país com ladrões oportunistas em cargos públicos?

– Faço uma ideia, mas quero que sejas tu a instruir-me.

– Que nos países governados por oportunistas, cabrões, traidores, faltosos, ociosos, malfeitores e delinquentes,

somente uma nova ditadura é que pode derrubar os monumentos, incluindo os muros dos livros de história, erigidos por um regime totalitário anterior. Uma democracia não pode.

– E num país com políticos decentes, como é que é?

– Entretanto, querida mãe de Salvador, nos países com dirigentes decentes, um governo democrático é capaz, sem necessidade de despentear-se nem um ministrozinho, de colocar ao acesso das pessoas todas as versões dos factos passados, pois não existe maior acto político de decência que exhibir os teus pontos fracos e permitir que os outros te ajudem a concertá-los.

Makemake estaciona o carro azul ao lado de casa. Ao sair da viatura, escutam Salvador a chorar. É fome só, que está a reclamar – acalma a avó –, mais nada. Comeu de tarde e brincámos com ele até agora, nem teve tempo de sentir saudades vossas. Dificil imaginar uma criança, que nem atingiu meio ano de vida, a ter saudades. Saudades do quê?

## 8

Aquela tardoite de conversas no Kuiper, Plutão anuncia que abandona o trabalho na loja de electrodomésticos e vai correr pelo mundo. Não se pode parar o vento com as mãos, argumenta Plutão simplestaxativamente, no jantar improvisado de despedida: alguns pedaços de mandioca com molho de tomate, arroz com legumes e décimos de peixe desespinhados com todo o carinho por dona Aure, que se tinha sacrificado mais de duas horas para isso.

Plutão esclarece mais alguns detalhes da sua decisão. Vou subir o comboio da meia-noite, que já é o dia de amanhã. Hoje, ainda me sinto enganado, quando me olho no espelho e vejo que ainda é hoje. Amanhã, a vivacidade será outra, os horizontes abrir-se-ão com mais clareza. Este mundo está cheio de almas penadas que, como eu, precisamos de sair da zona de conforto. Há muitos que pensam que basta sair e procurar novas aventuras, o futuro dirá e o destino já está escrito. Isto parece-me uma obscenidade – continua o monólogo, empolgado na sua decisão, como querendo justificar-se perante os seus amigos, que o escutam. Sair não é tudo, a questão principal é saber criar-se uma outra zona de conforto lá onde a gente vai, por muito irrisórias, primitivas e rudimentares que as condições sejam.



Ceres aproxima-se à cozinha e fala com a proprietária do Kuiper. Pede-lhe para tirar uma garrafa de vinho, aquele sulfito de qualidade que guardas para as ocasiões especiais, dona, eu pago. Planta a garrafa no centro da mesa, e os amigos discutem sobre se devem usar os mesmos copos que já tinham da água ou devem mandar trazer taças. Isso é indiscutível, diz o mais velho do grupo, Ceres.

Chega dona Aure com dez taças grandes numa bandeja que carrega, profissionalmente, com as pontas dos cinco dedos de uma mão. Vamos fazer um brinde pelo nosso corredor que vai fazer as Américas... Ou as Áfricas, Europas, Índias, sei lá. Vai desaparecer por um tempo, não o teremos connosco, só espero que comunique, frequentemente.

– Vou converter-me em alma penada, se não o era já. Melhor ser uma alma penada que viajou do que um empregado de loja vitalício. Se hei-de usar muletas, não há problemas, sei o que faço, tudo com tal de nunca parar de caminhar é válido, nesta fase da minha vida.

– Um brinde pelo nosso campeão! – Intervém Make, orgulhosa do novo desafio do amigo.

Plutão continua. Tem muito a dizer, agora que vê o seu tempo acabar, entre aquela companhia. Diz que o trabalho que tem estado a fazer durante os últimos anos na loja de electrodomésticos é útil, mas nunca conseguiu entender útil para o quê ou para quem. E desafia os seus colegas de mesa: por que se fabricam viaturas que podem ultrapassar o limite de velocidade das estradas? Isso é brincar mal com as vidas das pessoas, é como colocar dez rebuçados nas mãos de uma criança, como o Salvador – dirige-se à Make – e dizer que hoje só pode comer um, os outros nove rebuçados deve guardar para outro dia ou partilhar com os amigos. Uma tentação difícil de gerir, tanto para a criança como para o adulto.

– A melhor forma de evitar uma tentação é caindo nela. Oscar Wilde, é isso, Make? – Intervém Êris, a professora.

– É isso mesmo – confirma a mãe de Salvador.

– A criança, um dia, também deverá aprender a gerir o que tem, prezado Plutão – argumenta o pai de Salvador, que até então tinha estado silente. Se desde a base ensinamos os meninos a armazenar, administrar, gerir, cuidar e conservar aquilo que têm ou que podem alcançar, logo quando fiquem adultos saberão aguentar a tentação de conduzir um carro além do limite de velocidade estabelecido, seja qual for a potência do motor. Afinal, o governo pode aparecer em qualquer momento e modificar os limites de velocidade.

– Concordo contigo, Hau – corta a professora Êris – no concernente à educação das crianças, mas também entendamos que o nosso amigo que hoje vai embora é um amante das velocidades moderadas, do fazer pouco a pouco, dia após dia, peça a peça construindo o novo dia. Deveria haver fabricantes de automóveis que pensam como Plutão e outros que pensam como Hau, assim quem quiser adquirir uma viatura ultra-sónica, é com ele, o autocontrolo das tentações; e quem preferir o carro que nunca vai mais além da lei, feliz com isso também.

– Não vou embora, hoje – corrige Plutão –, é amanhã, às zero, no comboio da meia-noite, daqui a menos de três horas e meia. Mas obrigado pelos comentários a todos. Prometo-vos não me exceder em nada. Quando um dia eu voltar, e não digo se voltar, digo quando voltar, quero encontrar-vos assim mesmo como estão agora. Amém.

O comboio da meia-noite sai pontualmente da estação da vila. Apenas uma mochila nas costas e uma bolsa de mão com sapatilhas desportivas. São as segundas, as mais novas, pois o calçado habitual e que está a calçar no momento também é do mesmo tipo. Camisete com três botões, dois fechados, um aberto, e casaco fino por

cima, calças de ganga e chapéu preto. São zero horas e cinco minutos. Melhor assim, às escuras, não porque Plutão roubara, matara ou esteja a esconder-se de alguém, simplesmente, porque é uma forma diferente de começar um novo dia, uma nova etapa. Devíamos fazer nós todos é começar a contar as horas dos dias quando sai o sol, prontos. E se já somos capazes de viver com fusos horários diferentes, entre países e continentes, não será tão difícil readaptarmo-nos. Quando sai o sol, independentemente do lugar no mundo onde alguém está, se começa a contar a hora um. Sessenta minutos depois, é a hora dois. E assim sucessivamente, até anoitecer. Durante a noite, nem seria mister contar as horas, todos em casa, jantar, dormir, fornicar, ler, assistir à televisão, cuidar da família, por decreto de recolher obrigatório, até ao novo amanhecer.

O aventureiro faz de tudo para alcançar, em primeiro lugar, o sonho norteamericano. Lá onde há tudo em abundância e as fantasias ultrapassam peremptoriamente a realidade. Para surpresa dele, quando chega ao aeroporto, só se cruza com orientais e salamaleques. Será que existem rotas de viagem diferenciadas para umas e outras etnias do mundo, quando se dirigem a um ponto determinado?

No bairro onde se instala, outro tanto mais do mesmo. Só há árabes mujahidins, mulatos, alguns poucos caucásicos, indígenas latinos, mulheres com hijabs, nicabes e muitos mais tipos de véus. Não é isso que Plutão conhece pelos filmes heróicos de Hollywood. Mesmo assim, entende que será interessante misturar-se com todos estes grupos, que, na sua terra natal, não tem. Como corredor amador, sente-se atraído tanto pelas rastas dos jamaicanos, dominadores da velocidade, como pelas montanhas rochosas por onde respiram os amantes da resistência, quer na caminhada, bicicleta ou corrida.

Nos dias seguintes anda, corre, pedala bicicletas de aluguer. Percorre cidades, vilas, montanhas, sendeiros

e trilhas infindáveis e rios de água, água verdadeira. Frio no inverno, o ex-empregado de uma loja de electrodomésticos decide que precisa experimentar todo o ano naquele lugar, antes de decidir se gosta ou não. E gosta, principalmente, por uma simples razão: há muito por fazer. Clima frio e quente em doses equitativas, incontáveis eventos desportivos abertos ao público cada semana, ambiente multicultural no bairro onde vive, acessibilidade para a prática desportiva e boa vida, em geral. E não gosta, ao mesmo tempo, por uma outra razão ainda mais simples: tudo é caro e os seus fundos não se poderão esticar indefinidamente. O emprego legal é limitado e só permitido aos nativos, ao passo que os empregos ilegais são muitos e, normalmente, bem pagos, mas clandestinos e arriscados.

Pluão não saiu de casa para vir correr atrás da polícia no dia em que o apanhassem a trocar, numa esquina qualquer, envolepezinhos de narcóticos por feixes de notas de dólares. Correr pode correr, sim, mas esse não é o seu estilo.

Antes de a temporada de frio voltar a recrudescer, chega à Europa, o velho continente. Afinal é aqui onde se inventou tudo ou quase tudo que hoje conhecemos. Os Jogos Olímpicos, a política, o nacionalismo, as guerras, as artes renascentistas, barrocas e neoclássicas, as estradas, as pontes, as revoluções, os museus, os cinemas, os supermercados, os jardins zoológicos, os cárceres. As opções de praticar desporto também são vastas deste lado, e mais amigáveis ao bolso. Visita os fiordes noruegueses, e algures, na Finlândia, consegue, num belo dia de sol e frio extremo, marcar um encontro com o responsável da fundação Paavo Nurmi, dedicada ao saudoso campeão local. Medalhas conservadas desde a década de 1920, roupa usada por ele, sapatilhas rasgadas por todos os cantos, viseiras e óculos de sol das corridas que fez em outros países, e um extenso fundo bibliográfico recheado de documentos como diplomas, certificados de honra,

cartas de felicitação, artigos jornalísticos em várias línguas e acreditações das participações feitas durante os seus gloriosos anos activos no atletismo. Plutão observa tudo com atenção, reflecte para os seus adentros e, finalmente, decide ligar a mente com as palavras para se endereçar ao responsável do espaço. Afinal, este senhor não me conhece de nada e não terá objecção nenhuma se eu mencionar curiosidades de outras terras. Explica-lhe que há países onde existem fundações do mesmo estilo, para celebrar a grandiloquência de um campeão, mas não da área desportiva.

– Existem campeões de outras áreas? – Inquire o homem, magro e alto, trajado de pinguim. Camisa branca, gravata e casaco pretos.

– Claro, existem campeões de poesia, como os havia nos Jogos Florais da Provença, no século XIV. Campeão é aquele que mostra rendimento superior a outros concorrentes. Na terra onde eu nasci, tínhamos uma empresa de produção de cerveja, de nome TonnaH, que foi campeã da sua área por muito tempo...

– Os competidores não eram bons? – O responsável da fundação denota surpresa e vontade de querer saber mais sobre o que o visitante explica.

– É que nenhum competidor apareceu, simplesmente. Eu e os da minha geração só bebemos TonnaH – remata Plutão, brincalhão.

– Assim, está a dizer-me que na vossa terra existe uma fundação dedicada à tal empresa de bebidas?

– Nada disso, meu amigo – Plutão sorri, sabendo que a sua forma de conduzir o diálogo está a prender a atenção do homem. Estava a referir outras fundações. Há países pelos quais gostaria de passar, onde existe a fundação de enaltecimento de uma ditadura. Aliás, da figura de um ditador. Imagine-se que aqui onde estamos a admirar estas montras que exibem prémios, medalhas, taças,

diplomas, imagens e demais belezas heróicas do desporto, se alojassem armas como baionetas, espingardas, kalashes. Uniformes militares condecorados, despachos de guerra, imagens a preto e branco de conquistas de cidades e alcáceres, jornais e agendas pessoais onde se contam batalhas vencidas sob o comando da figura que se glorifica. Isso, e muito mais, existe, vergonhosamente. Mas não na minha terra, pois eu não tenho pátria nem etnia, só tenho terra, vila e, às vezes, província.

– Interessante. E permita-me perguntar: o quê o traz por aqui, senhor, para além de visitar a fundação que eu dirijo?

– Sinceramente, não tenho planos mais para além desta nossa conversa. Estou numa digressão planetária. Aquilo que alguns chamam de ano sabático, só que no meu caso não sei quanto tempo vai levar, talvez para sempre, porque mais de um ano já faz que saí, e parece que ainda estou a iniciar a caminhada. Quero conhecer bué de mundo. Já passei pelos países da América do Norte, e gostei, mas não me saciei. Tive aquela sensação de que o filme tinha um bom *trailer*, mas, depois, era só isso, um par de fotogramas irrealmente fugazes. Esperava mais, por isso estou aqui, nas terras frias escandinavas. É verdade que nestas bandas do mundo houve muitas confrontações no decurso das guerras mundiais? – Plutão revira o curso da fala. Está à-vontade com aquele senhor, que escuta muito e articula pouco.

O responsável pela fundação, que também se apelida Nurmi, como o campeão a quem homenageia, quotidianamente, faz uma pausa para respirar, igual estivesse a se preparar para a saída de uma maratona. Fala prolongadamente e aproveita, já que o visitante mencionou o frio inerente a estas terras e as guerras que os europeus tornaram mundiais, para contar que o seu pai, no fulgor tremeluzente das batalhas, tinha que se alimentar de neve, muitas vezes, recém-pisada pelo

inimigo. Nazis ou soviéticos tanto faz, todos inimigos e todos vermelhos na mesma medida. Será por isso, pela neve, que faziam as guerras lá, porque se fossem matar-se em zonas tropicais não haveria neve que servisse de sustento nos momentos mais extremos. Como batia frio, também podiam roubar os casacos dos bandos mortos e esquentar-se. Nem que sejam dos inimigos, as roupas aquecem igual, eis a razão de que se erijam monumentos aos heróis de guerra, normalmente. São pessoas que, nalgum momento das suas vidas, têm sentido a necessidade de pôr as suas vidas em risco e ir à guerra, para depois sobreviver e entender o valor que a existência tem na história da humanidade.

– Para si, Paavo Nurmi foi um herói?

– Ele também foi militar, mas não sei se engoliu neve no campo de batalha ou envergou casacos inimigos. De certeza que poderia ter mostrado os seus talentos atléticos ao mundo, nos Jogos de 1916, se aquela *drôle* de grande guerra não os tivesse abortado. Mas tivemos que esperar até à década de 1920. Se olhe como se olhe, ele é o nosso herói nacional.

– Prontos, foi um prazer conversar consigo. Continue a cultivar essa luz e paixão pelo que faz e explica, os visitantes apreciarão enormemente. Levo daqui algo de muita mais-valia do que o preço que eu paguei pela entrada. Obrigado, de verdade.

– Aqui tudo é muito caro, dizem os estrangeiros, e com razão. Há ricos e pobres, como em todos lados, mas, pelo menos, os governos se preocupam igualmente das riquezas dos ricos e das pobreza dos pobres. Obrigado pela sua visita, e volte sempre.

– Tem razão, tudo é caro, razão pela qual terei que migrar de novo, pois os fundos que eu trago para esta minha digressão conhecem limites, desafortunadamente. E

não quero ficar sem um tostão por causa de dizimos indesejavelmente inesperados.

– Vá para um lugar mais quente. Aqui, se tens interesse no desporto e, especialmente, nos corredores, já viste tudo.

Na saída da fundação Paavo Nurmi, Plutão cruza-se com um homem que o olha fixamente. O viajante ignora, em primeira instância, mas não pode evitar ficar dubitativo perante aquele olhar tão fixo e, de alguma maneira, familiar. Plutão tira o seu telemóvel do bolso direito das calças, como fazendo que pretende enviar uma mensagem ou responder a uma esposa que não tem nem procura. Fica a pensar no conselho dado pelo bom homem que acaba de despedir, de ir para um lugar quente. Talvez Espanha, Malta, Grécia, sul da Itália ou Turquia. Seria o momento perfeito de deixar o frio e, ao mesmo tempo, parar de procurar heróis. Recorda que uma vez, tempo atrás, a consumir umas TonnaH, no Kuiper, o amigo Hau dissera-lhe que o mundo não precisa de heróis, precisa é que não haja condições para que surjam heróis. Se não há guerras, nem miséria, nem circunstâncias precárias, qual seria a utilidade de um herói? Plutão guarda de novo o aparelho celular no mesmo departamento das suas vestes, e repara que o homem estranhamente familiar continua lá, a uma distância prudencial. Está de olho nele, de novo, imóvel. Como se quisesse entrar na fundação Nurmi, mas tivesse esquecido qualquer coisa e estivesse a considerar voltar ou entrar de vez pela porta vidralhada da fundação. Está bem perto de Plutão, que já não tem como fingir aquela presença nem fugir desesperadamente.

– Boa tarde, ilustre – arranca o homem, que veste uma camisola cinzenta e calça preta. A camisola, porém, não esconde uma pronunciada e deselegante barriga, seguramente, forjada através de anos a frequentar bares.



Caso estivesse aqui Makemake, com a sua sagacidade, teria descrito aquele homem como uma criatura tavernícola.

– Boa tarde, tudo bem? – Dissimula Plutão um mínimo interesse na socialização.

– Sim, tudo bem. Desculpe, vale a pena entrar aqui na fundação Nurmi? – Diz o homem, assinalando o portão de entrada. Quero dizer, há alguma coisa de espectacular?

– Recomendo, sim. Mas eu entrei porque tinha conseguido um espaço para falar com o responsável do lugar, que nem sempre está disponível. Foi simpático comigo, conversámos sobre a figura do atleta e demais heroicidades.

– Assim, entraste *mahala*, não é? – Deixa escapar um sorriso que Plutão reconhece como mais familiar ainda.

– Me apanhaste! – Responde, que agora também não pode reter o sorriso, já cúmplice. De verdade, teria preferido dizer, se existisse maior grau de confiança com o interlocutor: me apanhaste, sacana!

– Então, vamos fazer uma coisa – propõe o homem de barriga proeminente –. Não entro, e nós os dois vamos juntos tomar um aperitivo numa lanchonete qualquer. Na verdade, só saí passear e por acaso vi o espaço e espreitei, mais nada. Quando se viaja, não há nada melhor do que perguntar e interagir com todo o mundo, seja local ou forasteiro.

– Assim não lhe interessa o mundo do desporto, as corridas, os Jogos Olímpicos, as figuras internacionais, nem nada disso, suponho?

Plutão supõe erradamente. Caminham pausadamente pela cidade e, quando entram numa lanchonete de aspecto externo paupérrimo, o novo amigo do corredor explica que é director da Federação Nacional de Atletismo do seu mesmo país. Vou muito pouco à tua província,

é verdade, mas em alguma ocasião te vi a correres nos eventos populares que se fazem na capital da província. Não és um simples amador, sabes? Tens uma boa técnica de corrida e resistes bem às pendentes, se calhar podias melhorar o movimento do bracejo.

Agora, Plutão entende porque aquele olhar fixo lhe resultava familiar. Vai embora de casa, longe da sua terra, e encontra-se com o dirigente máximo do seu país, no que diz respeito ao desporto que ele pratica ocasionalmente. Agradece pelos elogios e pelas observações alusivas à sua melhorável forma de manusear os braços durante o esforço. Conversam um pouco sobre a vida, em geral.

A lanchonete, pela sua vertente interior, não é tão péssimo como o seu exterior podia fazer imaginar. Pedem mandioca cozida e submersa em molho de tomate, com umas cervejas. É pela primeira vez na vida que Plutão bebe uma água de cevada que não é da marca TonnaH, e, curiosamente, é com um conterrâneo, a muitos quilómetros de casa e do Kuiper. Enfrascado de bem-estar, sente-se à-vontade na conversa com aquele homem tão poderoso e, ao mesmo tempo, de aspecto descuidado. Conta-lhe que a vida é curta (a cerveja já está a fazer os seus efeitos), que se deve viver o momento e aproveitar a boa saúde que Deus todopoderoso nos dá para viajar, conhecer o mundo e ganhar experiências. Depois daqui, vou para um país do sul da Europa, ou, talvez, do norte da África, ainda vou pensar. Quero andar, entrar no desconhecido, fazer o que nunca fiz e que seguramente nunca mais poderei voltar a tentar.

No entanto, o director nacional, que tinha estado a escutar atenciosamente, já apurou o seu copo de cerveja estrangeira. E interrompe o seu colega de mesa.

– Em dois dias, parto para a Rússia. Venha comigo, vou apresentar-te pessoas importantes do mundo do desporto. Directores nacionais, secretários de estado, ex-

desportistas de elite, jornalistas de renome. E também alguns políticos só de fazer figura, isso sempre.

– Está a monitorar algum evento da federação, aqui na Europa? – Questiona Plutão, a meio caminho de querer extrair informação dos afazeres do homem, e de ganhar tempo para processar a proposta que acabava de lhe ser formulada.

– Bem, são reuniões. Chamámo-las “encontros inverniais”, que é a época do ano em que estamos envolvidos, dentro dos gabinetes e salas de reunião, nas preparações das competições de verão, que irão decorrer ao ar livre, a partir do mês de Março.

– Entendi. Mas eu estou numa digressão. Como dizia, tenho o plano de descer um pouco para o sul, para os países mais quentes...

– Eu também estou numa digressão. E tu não tens plano nenhum, só que estou a desviar a tua ideia de viajar sozinho. Mas pensa que as grandes decisões desta vida são as que se tomam de repente, sem reflectir profundamente, que queima os neurónios. Os países quentes estarão lá, próxima semana ou próximo mês, a esperarem por ti. Por nós.

– Quais são os eventos que estão a preparar para o verão?  
– Plutão tenta, de novo, extrair mais alguma informação e assim ganhar tempo para mastigar tudo o que está sendo dito, entre cervejas e pedaços de mandioca.

– Aqui é exactamente onde tu entras com mais força, como meu assessor. Queremos que o calendário contemple cada uma das dez províncias do nosso país, começando pela tua terra de origem, que dizem que é uma terra esquecida, deixada do lado. E também estás a olhar pelo teu orçamento. Compreendo. A partir de agora, podes ser o meu assessor, todos os custos da tua viagem e despesas que tiveres vão por conta da federação. O que achas, meu compatriótico?

– Mas os custos de viagem não posso aceitar que fiquem todos por conta vossa. Eu nunca trabalhei pela federação, nem me devem nada. O que é que deveria fazer lá, convosco, nessas reuniões?

– Gastas mais é aqui, nas cidades. A toda hora subir táxi, comboio, chapa para ir de um lado a outro. Comprar comida cara nas lojas, que, às vezes, até sai mais rentável passar refeições no restaurante, digo-te por experiência. Tudo se compra. Sabe, já imaginei o que teria sido de mim se, de jovem, tivesse ousado criar um negócio de venda de ar para respirar; ter-me-ia coberto de ouro puro, em toneladas. Lá onde vamos, na Rússia, será simples. Só chegar no aeroporto, nem pisaremos a cidade, directos para a palhota onde se realiza a reunião.

– E o que faz, então, no seu trabalho? – Pergunta Plutão directamente, só que, a dizer verdade, teria-lhe aprazido parabenizar o homem, porque se mostrava bem sucedido e não tinha aspecto de passar fome, apesar de que o seu sonho mercantil nunca tivesse dado certo.

– De certa maneira, vendo ar, que é vida. Ou seja, promovo e lidero a organização de emoções, esperanças e prémios, que é vida.

– Está bem, prontos – conclui Plutão, que já não está êbrio e coloca os seus pensamentos em ordem. Aceito ser o teu assessor, e obrigado pela confiança.

– Bem-vindo sejam. Ligo-te depois de amanhã, para acertarmos detalhes. Por enquanto, aproveita esta nova cerveja.

A comissão de trabalho de quatro pessoas, que acompanha o director nacional, não encontra problemas na incorporação de Plutão ao grupo. Só ficam na Rússia dois dias intensos, com reuniões e planos para o longínquo verão. Sendo um ano pré-olímpico, as provas internacionais deverão ser programadas em forma de preparação, uma forma de medirem as forças em que

cada um se encontra, tanto nas provas individuais como em equipas. Quando é dada a palavra a Plutão, faz-se um silêncio de cinco segundos que se assemelham a cinco séculos, e, finalmente, levanta a cabeça e abre as mãos. Sugere que, para as provas colectivas, devemos implementar um sistema inovador, mais propício às emoções fortes e que exija uma preparação estratégica muito acurada pelas equipas: a equipa que obtenha menos pontos será a vencedora.

– Nós nunca funcionámos com nenhum sistema de pontuação – esclarece o chefe, que não aprova nem desaprova a proposta do recém-incorporado à delegação. Mas explica um pouco melhor, em que consiste isso de que a equipa que obtenha menos pontos será a vencedora?

– Simples: participam tantos corredores de cada nacionalidade como quiserem, sem limites. Cada federação pode decidir isso. Em relação à pontuação, só os seis primeiros classificados de cada nacionalidade é que levam pontos. Esses pontos são atribuídos a partir da posição obtida na corrida individual geral. Por exemplo, o primeiro classificado é da Rússia, pelo que leva um ponto; os seus outros colegas nacionais, imaginemos que chegam nas posições oitava, décima terceira, vigésima, trigésima primeira e trigésima sétima. Quantos pontos somam? Cento e dez. Agora formulemos esta outra hipótese: o segundo corredor da prova, da Bolívia, soma dois pontos, mais os pontos dos seus compatriotas que chegam nas posições quinta, sétima, décima segunda, décima quinta e décima nona. Total? Sessenta pontos. Terceiro e derradeiro caso, a título de exemplo, desta competição fictícia: Quênia, sempre os quenianos por aí, conseguem as posições terceira, quarta, sexta, nona, décima primeira e décima oitava. Total? Cinquenta e um pontos. Portanto, nesta ordem, a classificação por equipas seria Quênia, medalha de ouro; Bolívia, medalha de prata; Rússia, bronze.

Proposta aprovada por unanimidade. Nem foi necessária votação ou consideração ulterior. O formato satisfaz o director nacional e o seu homólogo da Rússia, hospedeiro da reunião, apesar de que a sua selecção tenha sido usada como exemplo de terceira e última classificada.

O segundo ponto quente da reunião é a elaboração do calendário. A temperatura dentro da palhota é razoável, nada a ver com o ambiente gélido do exterior, e Plutão recorda-se que o director lhe tinha dito, no dia em que se conheceram e comeram mandioca, que o calendário do presente ano tencionaria abranger locais menos frequentados. A província donde ele saíra, faz mais de um ano, é o local ideal, segundo o director nacional, para que se faça uma prova desportiva do primeiro nível internacional. Aprovado e promulgado, sem vozes contrárias.

Após a reunião, assina-se um convénio de cooperação escrito numa folha de papel e em caracteres cirílicos apenas. Aproveita-se a estadia na Rússia para visitar-se mais algumas estepes montanhosas, e observar-se os tipos de terreno, agora cobertos de neve e que, para o verão, planificam tornar-se colinas verdejantes. A digressão avança, por fim, para os países quentes do sul da Europa. Plutão já não está sozinho nem quer desprender-se do grupo liderado pelo seu grandíssimo amigo, o director nacional, com quem já usufrui de plena confiança, inclusive para sugerir-lhe que reduza o abdómen e procure roupas mais decentes. Já velho, o director não escuta as recomendações, segue com o seu estilo. Anuncia a Plutão qual será o próximo destino da comitiva.

– Tens de conhecer as rias baixas da Galícia até Fisterra, na Espanha atlântica. E a Costa da Morte, Muros e Malpica.

– Com esse nome, só espero que a federação sustente as despesas de caixão e repatriação – ironiza o assessor.

– Já tivemos lá uma prova internacional – continua o director nacional, sem atender a piada macabra do seu assessor. – Foi há mais de dez anos, e foi um sucesso. Recordo que só conseguimos levar para lá dois corredores, um homem e uma mulher. Se fosse pelo novo sistema de pontuação que acabamos de criar, nem teríamos participado.

Já não há pressão de reuniões com nenhuma autoridade nem há que tomar decisões laborais. Os dias que restam de viagem são uma combinação de prazer e reconhecimento de terrenos. Se calhar, os nossos corredores mais bem-sucedidos poderão vir cá fazer estágios, sessões de preparação intensa, pois é bom para o corpo experimentar diversos ambientes e temperaturas. Fortalece física e mentalmente. Aqui, bem parece que estamos nos fiordes noruegueses, mas com uma temperatura infinitamente mais agradável. Isto é o paraíso. Porquê não viemos para aqui antes? Porquê não nasci aqui? – Pergunta-se Plutão, de balde, pois não encontra resposta plausível.

Neste momento, a delegação de cinco pessoas encontra-se numa viagem interminável. Descem de comboio pela costa atlântica e atingem Tarifa. Cruzam, pelo estreito de Gibraltar, a fronteira liquidamente imaginária que separa a Europa da África. A cordilheira do Atlas, para além de dar nome a tantos livros de geografia, tem sido berço de incontáveis corredores de renome. Impossível não parar uns dias aqui, e admirar como os grupos de corredores profissionais se organizam melhor do que relógios suíços, em sessões de treino de alto rendimento. Não existe raça, etnia, sexo ou quaisquer outras diferenças entre todos eles, que partilham o objectivo comum de melhorar o seu rendimento. A Lurdes e o Estévez são dois dos residentes. Plutão, colado ao seu director como se fosse a sua sombra, aproxima-se das duas estrelas, com quem cruza algumas palavras. Dizem que estão aqui a treinar-se porque nos seus países só recebem pressão dos meios de comunicação e nenhum tipo de apoio; cá estão livres,

sem necessidade de cumprir com ninguém mais além do que eles próprios. O seu ritual diário: comer, correr e dormir.

Chega o momento de avançar pela África profunda, os dias de viagem para a delegação são poucos e Plutão já assumiu que não terá como voltar a retomar a sua digressão solitária. Depois da parte da África central, vale a pena voltar para casa, para a terra. E com um emprego que, de certeza, o apaixona mais do que facturar dispositivos electrónicos no horário fixo da loja onde estivera por mais de dez anos.

Passam pelo vale do Rift, terra de masais no Quênia, um outro berço de maravilhosos corpos atléticos. Só de lamentar que as pragas de lagostas e demais dermópteros tenham assolado esta zona nos últimos anos.

Um pouco mais além, na localidade de Arusha, já em solo tanzaniano, decidem não subir o Kilimanjaro. Não estamos aqui nem por turismo nem para fazer alpinismo. Somos uma delegação de funcionários dedicados ao nosso campo específico, que é a pesquisa de campos de treinamento para corredores de alto nível. O director nacional anuncia ao grupo, durante o jantar do último dia, que já colheram informação suficiente. Entre caldo de peixe, pernas de frango assado e batatas cozidas sem sal, o dirigente ainda agradece a todos os membros pela prontidão em acompanhá-lo nesta digressão, que possivelmente seria a sua última missão de serviço internacional. Em especial, retribui palavras de gratidão para Plutão, o homem solitário que aceitou o enorme desafio de se juntar a um grupo de desconhecidos para descobrir o mundo. O futuro está nas suas mãos, se quiser continuar como nosso assessor, ou preferir seguir o seu caminho. Esteja à-vontade.

Se o grande vale do Rift corta a respiração de qualquer que o visita, devido à sua perfeição geológica, Plutão fica com a dúvida de como seria subir o Kilimanjaro. Ver o mundo



desde um ponto tão elevado deve ser como ganhar uma medalha de ouro e subir ao pódio. Todos os outros ficam em baixo. O mundo e as coisas da vida, tudo aos seus pés, eis como se sente neste momento Plutão, feliz como nunca por ter tomado a decisão mais corajosa da sua vida. Haverá momento para mais saídas, mais decisões e mais aventuras, mas agora é tempo de recapitular, de voltar para onde saiu, de reencontrar-se com os pais de Salvador, com Ceres, Horte, dona Aure, Brada, Êris, as tardes no Kuiper e os campos de batata, alho e pepino à beira do rio sem água da sua vila natal.

## 9

Igual como o rei Édipo da antiga Grécia consultava o oráculo délfico como ponto de apoio existencial, o coproprietário do Kuiper, Horte, precisa de ter uma revelação ou inspiração que o ajude a vislumbrar qual é o melhor caminho a seguir, quando se encontra numa multifurcação. Vai ao cemitério e dialoga com a lápide do pai. Por um lado, a sua esposa está cansada de mais de vinte anos a levantar o Kuiper sozinha, todas as manhãs, tardes, tarde-noites e noites, e algumas madrugadas também, sem férias, folgas, licenças de parto ou dispensas; dona Aure nem tivera conhecido direito a ficar doente. Por outro lado, o edil corrupto está a engordar os seus bolsos cada vez mais e a empobrecer as mentes dos aldeões, que ficam docilmente hipnotizados pelo preço acessível da TonnaH, cada vez mais açucarada e menos espumosa. Ainda, há um homem que se dá de muito bom, eficiente e serviçal cada vez que visita a vila, enquanto faz de tudo para namoriscar a Éris, a única professora do ensino pré-primário que existe na vila, a eterna madrinha de vários afilhados, mãe órfã de filhos por nascer. E por último, como se não bastasse, há uma nova inquilina aqui no cemitério, perto de ti, a mãe de Hau, a saudosa mãe, viúva de mercenário. Recordas no dia em que estivemos cá todos? Até o sacana do edil acabou aparecendo, depois, me contou dona Aure, quando eu já

tinha voltado para o Kuiper. O tempo passa e não me faço a ideia que essas pessoas todas que conheci estão a me fugir. Do lado positivo, o filho da falecida acaba de ter um bebê, foi quase nas mesmas datas, um que chegou e uma que vazou. Makemake teve que fazer de tudo, naqueles dias, para Haumea não desfalecer. São jovens, sairão para frente, como eu quando tu me deixaste, tão cedo. Não sei por onde começar. Pela primeira vez em muito tempo, sinto que, se tomo uma decisão errada, esta vai condicionar muitas outras coisas. Se desvio pela vereda que não é, já não haverá possibilidade para o regresso – lamenta Horte, que implora à lápide, lágrimas a jorrar sem interrupção. Em busca de ajuda, lê o epitáfio do pai, pela enésima vez. *O passado é a única coisa que nunca passa.* Mas nenhuma voz sai do mais além, em seu socorro. Um bando de abutres luta para burlar a martelada de ventania que aproxima. Presságio de chuvas. Vale a pena voltar – diz Horte em voz alta –, obrigado, pai, pela conversa, nada me sossega mais que tu, as tuas frases e as mãos de dona Aure. Até mais nos ver.

O coproprietário do estabelecimento mais visitado de toda a vila desce lentamente a montanha onde se localiza o cemitério. Na caminhada, puxa a sua mente de forma a alinhar a tríade de elementos, composta pelos problemas que o apoquentam, os seus pensamentos e as recomendações que o progenitor lançou desde o outro lado. Entra no Kuiper e observa que o local está bem cheio, estranhamente, num dia de semana, antes do horário habitual da tarde-noite. Será pelo auspício de chuvas, que as pessoas querem beber, comer, gritar, socializar ainda de tarde, e resguardar-se logo à noite, enquanto o céu mostra toda a sua zanga. Ajuda na cozinha, lava louças, corta algumas verduras, espregueia as mesas e atende lá onde os copos e chávenas estão vazios. Com isso tudo, encurta o tempo de espera para que o local esvazie, e possa comunicar à sua senhora tudo quanto conseguiu conversar com a lápide do defunto pai.

– Trago novas. Subi lá na montanha – aborda, quando a chuva já começou lá fora e dona Aure está quase pronta com a limpeza das mesas.

– Imaginei, demoraste um bocado, mas sei que te faz bem – retorque dona Aure. Mas, da próxima, vamos juntos, sabes que, da última vez, tive que ir com o insuportável que nos governa, e quase que faz enfurecer o filho da falecida. Ainda bem que eu não levava comigo nenhuma destas facas.

Horte coloca a proposta firme e frontalmente: contratemos a Brada, é uma jovem licenciada que fará muito bem ao Kuiper. Nós já não estamos para esta rotina. Pelo menos tu não deves carregar com tanto.

– É isso que foste falar com uma pedra? Decidir sobre mim, me reformar? – A raiva corrói a proprietária do Kuiper, qual um bidão de cicuta poderia inflamar-lhe o corpo.

Ipsofactamente, Horte contra-ataca. É só uma proposta – alega perante a mulher – se serve de ajuda, está bem; se não, também. Promete-me que o pensarás. Não se decidem coisas com tanto fervor acumulado.

– Se já decidiste tu por mim, quando estavas lá em cima! Te imagino a choramingar, ajoelhado e abraçado à lápide.

– Muito bem, deixemos a questão do Kuiper – conclui Horte. Não te vou pressionar, nem agora nem mais a frente. Já te falei a minha proposta e tu podes decidir livremente, és a proprietária. Se precisas ou queres conversar comigo, cá estou como sempre. Só tens que confiar em mim. Falei mais coisas com o pai, e escutei a sua voz, a escuto agora. Eu sei que tu e muitos outros que bebem TonnaH, comem mandioca e promovem debates aqui no Kuiper, são pessoas apolíticas, mas que já estão cansadas do mesmo comando, um homem gordo que só traz problemas e dinheiro para a vila, e curiosamente tanto os problemas como o dinheiro os multiplica, os

primeiros para o povo e o segundo para ele. A voz do pai está a dizer que me junte a pessoas que conheço, como Ceres e Hau, e fazemos política. O que achas de eu candidatar-me para ser o novo edil desta vila?

– Acho que tu não foste ao cemitério, hoje, mas bem parece que foste beber numa vila dessas do caminho para a cidade, e ainda estás com uma babalaza imperial.

Horte procura parapeitar-se em argumentos misturados, entre os que já tinha antes da visita à campa do pai, e os do resultado da imaginária conversa com o cadáver. Com a pedra de granito que faz de lençol ao cadáver. Por fim, Horte responde com rosto sério.

– Não fui beber, não. Para bebedeiras já chega com tudo que hei-de contemplar aqui no Kuiper aos finais-de-semana.

– É tudo, da entrevista com o velho? – Inquire dona Aure, agora com uma certa insolência moderada.

– Os mortos não são velhos. Na verdade, são muito jovens, dentro do seu grupo populacional, porque a morte é um estado que vai até à eternidade, e os que estão neste cemitério saíram da vida todos no último século. Praticamente anteontem, em termos históricos. E não, não é tudo que eu falei com a lápide. Ainda há mais, pois faz muito tempo que não subia, era necessária uma interacção profunda. Ele está a falar-me para que tenhamos cuidado, tu também, com alguém que tem estado a andar por aqui. Um que não é daqui, mas é daqui, sabes o que eu quero dizer?

– Sei o que queres dizer. Estou a recordar-me do carrasco Arreug, agora por um momento. Mais forasteiros com armas e rancores não quero, isso não. Mas, no concreto, não sei quem é esse que anda por aqui agora. – Dona Aure fica curiosa e acalma-se, para tentar compreender o perigo de que o seu parceiro está a falar.

– Um que é quase meu xará, de nome Oort. Seguramente, seja um nome fictício, um camaleão da vida. É um homem tanto quando anda de uniforme como quando está despido dele. Devo investigá-lo, saber quem é, o que faz aqui, como chegou, como estabeleceu os contactos que detém, e, especialmente, entender a razão por detrás de tantas visitas à vila e elogios à professora. É isso que o meu pai teria feito, e é isso que eu vou fazer. É isso que fazemos aqui, nesta vila tão remota, por tradição: quando alguém aparece de fora, o examinamos, não por desconfiança, mas por pura paixão introspectiva. Sempre vale a pena curar antes do que prevenir, não há melhor salvação. Está decidido: serei o novo edil desta vila.

– E como sabes que serás eleito novo edil, ainda imaginando que o actual ladrão claudica e foge?

– Da mesma forma como, no dia em que te conheci, soube com toda a clarividência que te iria casar.

Também contei ao pai sobre a morte da mãe de Hau, e recordámos os tempos em que ele e ela eram jovens. Sendo que agora partilham o mesmo quarteirão necrológico, pedi ao pai que mandasse saudações a ela de vez em quando. Ele me respondeu para que eu cuidasse do casal, agora com o filho, e que lhes procurasse divertimentos, actividades de ócio, entretenimento, cultura, reuniões, debates, jogos e tudo isso. Entrar em política não seria má ideia, ele que é licenciado na área, ser-me-ia um ótimo assessor.

– E com tudo isto, por onde pretendes começar, meu homem? – Dona Aure, compreensiva, apieda-se de Horte e apoia-o, como sempre tem feito, até ao ultralém. Ela vira compassiva em questão de poucos minutos. Pede desculpas ao seu parceiro, pois a fúria das suas primeiras reacções não lhe vinha do que o marido falava, mas do dia sobrecarregado de trabalho.

– Por falar contigo, e isso já estou a fazer. O que me aconselhas? O que farias, se estivesses no meu lugar? – Devolve Horte.

– Simples na teoria, já não sei na prática. Mas eu apostaria – recomenda, secamente, dona Aure – em unificar todos os problemas numa única via de tratamento. Como no xadrez, às vezes, um só movimento te tira do poço onde estás encurralado e te empurra contra o inimigo, que, intimidado e nocauteado pela tua resiliência, fica imerso num denso nevoeiro mental. Portanto, procura o teu movimento único, que despolete a queda do adversário.

– Não posso promover um golpe de estado na vila, de hoje para amanhã. A mudança de edil deve ser feita de forma exemplar. Vou criar um triunvirato – levanta a voz, Horte, emocionado: Ceres, Hau e eu. Três homens inigualáveis, que faremos a união mais conveniente. A força da mudança.

– Estás a andar rápido demais – interrompe dona Aure. Primeiro traz a moça que me salvou do carrasco, a Brada. Amanhã de manhã, pontual como um relógio suíço. Vai trabalhar aqui, comigo. Mas não me vai substituir, insisto: vai trabalhar comigo.

– Obrigado, mulher. Vamos conseguir! A tua força é o meu alimento, a minha salvação – Horte reduz a voz, de novo, para um tom mais íntimo, mais familiar, e beija a sua esposa na fronte e na bochecha.

Uma mentira pode ter variantes, reedições, reviravoltas, idas e vindas e formatos disparmente controversos, mas certeza absoluta é que qualquer falácia tem as pernas muito curtas. Sem faltar à incontornável evidência, um mentiroso não pode andar muito longe, e é assim que o edil declaradamente corrupto cai, desaparece de um dia para outro e todo o mundo se esquece dele na vila, como se não tivesse existido nunca, e as práticas escuras de

financiamento para projectos fictícios ficassem, de facto, como um corolário de um conto de ficção e agora já fosse a vez de acordar, lavar a cara e voltar às obrigações.

Com Brada em período probatório no Kuiper, e um vazio de poder na autoridade da vila, Horte decide dar o passo definitivo. Cansado de ver a vida passar sem poder honrar o seu saudoso pai, eterno candidato à edilidade nos tempos do pré-guerra, o coproprietário do Kuiper candidata-se para os comícios locais.

Horte só contempla a opção de ganhar, com uma maioria incontestável. Até já está a preparar o discurso de tomada de posse, feito ao ar livre de um maravilhoso dia de sol e brisa, em que se mostraria simples e metódico, como ele é. Mas, antes, deve resolver dois problemas inaprazáveis: o primeiro é que o Kuiper está em perigo se Brada não faz as coisas a sério; o segundo, que terá um concorrente duro de roer na sua caminhada eleitoral.

Nos primeiros dias de trabalho, Brada parece que tem o cérebro fora da cabeça. Atrasa, vai-se embora mais cedo do horário, consegue atender todos os clientes, e ainda reclama pelo pouco que ela ganha, mesmo que dona Aure não lhe desconte do salário nenhuma louça das que já partira em algumas semanas, muitas mais do que a proprietária em toda a vida. A jovem mulher junta as suas primeiras impressões laborais: as botijas de gás da cozinha são pesadas, nem dá para sentir se estão cheias ou vazias, eu não consigo levantá-las. Preciso de um apoio. Mas como conseguiu dona Aure gerir sozinha este local sem que nunca faltasse gás na cozinha, pratos e talheres limpos, bebidas na geleira, gelo nos copos, pacotes de televisão acessíveis, ventoinhas a funcionar no tempo de calor, aquecimento no inverno, luzes ao cair de cada tarde, alegria e música, e tudo em prazerosa harmonia?



Horte pensa que é sua responsabilidade motivar a jovem, porque se não trabalha devidamente, será difícil para ele abandonar o Kuiper e dedicar-se à política. Mas não explica nada disso à jovem jornalista. Para tratar o assunto, usa uma estratégia mais subtil.

– Venha cá, descansa uns minutos, Brada – convida-a.

– Estou a ultimar as limpezas cá dentro – escusa-se ela. Estou pronta em breve, dois minutinhos. É que dona Aure não gosta de ver gordura de óleo na proximidade dos fogões, e se não esfrego agora, depois resseca e é muito difícil de tirar.

Transcorridos os dois minutos, nem um instante mais, Brada senta em frente do marido de dona Aure, que a recebe com um sorriso e um copo de água. Ela está de avental preto, ligeiramente queimado por um dos laterais e com muita farinha borrifada, que cria um padrão zebrado. Sabendo que ela não tem muito tempo e quer trabalhar para recuperar a confiança da patroa, Horte demora pouco nos preliminares. Assegura-se de que ela está bem de saúde, faz duas perguntas banais acerca do tipo de óleo que usa na cozinha e as preferências dos clientes. De repente, o homem encosta-se recto na cadeira e fica hierático.

– Penso que estás em altura de receber uma nova tarefa – fita os olhos no avental da jovem mulher.

– Está a mandar-me embora? – Pergunta, com os olhos muito abertos.

– Isso só a proprietária é que pode fazer – intervém Horte, veloz. Pelo contrário, o coproprietário explica a necessidade de que Brada faça algo especial, enquanto passa tantas horas dentro do Kuiper, de manhã até à noite. Conta-lhe que, tempos atrás, quando o seu pai ainda vivia, nesta vila, temos tido a tradição de saber tudo que for possível, até os interstícios, das pessoas de fora. Não é fofocar, já me entendes. É algo muito mais diligente, que só tu,

como jornalista *freelancer*, podes fazer para mim. Dona Aure não pode saber nada, por enquanto.

– Já entendo – Brada dá uma palmada na mesa, que faz mexer a água dentro do copo, sem chegar a sobressair. Não quer que investigue a vida de ninguém, o caso é que, como não falo com os clientes além de atender os pedidos, tenho que ser, como dizer, mais sociável. Dar-lhes conversa. Reforçar a imagem do Kuiper com uma empregada que fala, escuta os outros, faz terapia e assim os clientes consomem mais.

– Não sabia que na Faculdade de Jornalismo ensinam-vos a imaginar tanta coisa. Não é por aí, minha filha – corta Horte, taxativamente. Trata-se daquele Oort, o novo amiguinho íntimo da Éris. Sabes de quem estou a te falar, verdade?

– Vi ele, e já os vi juntos. Não seria um casal lindo, chefe?

– É isso que quero esclarecer, este tipo de perguntas é que deves ajudar-me a responder, não apenas a formular. E por isso preciso da tua colaboração. Claro que Éris é uma mulher livre – Horte abre as duas mãos, em sinal de inocência e boa intenção, ao mesmo tempo que se congratula por ter conseguido levar a conversa ao terreno onde pretendia. – Ela pode decidir namorar ou andar com quem quiser, feliz fico eu por isso. Bastará que coloques sempre um olho nele, cada vez que entra e sai daqui, sozinho, com ela ou com outras pessoas, tanto faz. Observa se usa telemóvel, se traz papéis, *laptop*, assiste jogo, lê uma revista, faz crucigramas. Não me importo se toma café com muito açúcar, chá sem açúcar, água com gás, mandioca, amendoim ou batata com salada. Nem tão pouco deves dar-lhe muita conversa, só deves ser formal e educada com ele. A informação que deves extrair é visual, não-verbal. Entendes?

Um cliente da mesa contígua, com aspecto de ter jejuado por vários dias, precisa de lanchar e está com pressa,

porque deve voltar ao trabalho. Levanta a mão e Brada corre para ele, depois de concluir a sua conversa com Horte com um assentimento. Mensagem recebida e totalmente compreendida, chefe.

Um minuto mais tarde, Brada sai da cozinha com a encomenda: um pão amanteigado e um sumo de laranja ao homem apressado e esfomeado, que agradece com um único e silencioso aplauso. Se Plutão estivesse aqui, pensa Brada, adoraria fazer algo assim comigo. Jogar aos espíes: ele seguiria o homem lá fora, e eu aqui dentro no Kuiper. Depois, dissimuladamente, trocaríamos novidades, consensuariamos o balanço de cada dia, e mandaríamos o relatório a Horte. Depois, Plutão iria ficar a tomar uma água ou um sumo, enquanto dona Aure já estaria a descansar, eu ficaria a fazer as últimas limpezas e organizaria as mesas para o dia de seguinte. Estaríamos à vontade a conversar, e conversariamos durante uma hora ou mais. Depois, ele me ajudaria a trancar a porta do Kuiper, com a barra metálica antirroubos e tudo. Me levaria para casa, ele a carregar o guarda-chuva nos dias chovediços, eu amarrada ao ombro dele. Em casa dele, aqueceríamos alguma comida que eu levasse do Kuiper e jantariamos, sobremesariamos altas doses de paixão erótica e dormiríamos um dentro do outro. Mas tudo isso só se ele estivesse aqui, e não está. Meu querido Plutão.

Os dois amigos, e agora adversários políticos, decidem fazer um processo eleitoral interno, como se fossem do mesmo partido inexistente. Horte e Haumea, com Ceres a testemunhar, querem optar ao governo da edilidade da vila.

– Tu viveste fora, na capital da província, por muito tempo – acusa Horte, furioso, o pai de Salvador, – por mais de oito anos, entre internato da escola secundária, o curso universitário, o casamento com Make. Só tão logo é que voltaste, não me faça rir, miúdo.

– Exactamente por isso é que estou a me candidatar, porque estudei as ciências políticas, andei por aí, vi o mundo, conheço como se tratam estas coisas – responde Hau.

– Mas tu és muito jovem, tens o menino em casa, não é o teu momento de entrar em política da ruralidade – argumenta Horte.

– Tu é que já és velho, o teu tempo de governação já passou enquanto não fazias nada para mandar embora o cabrão.

O mais velho dos três, Ceres, cumpre com o seu papel de pacificador e árbitro da contenda. Em primeiro lugar, recorda a Haumea que ele também não fez nada para eliminar o anterior edil. Só agora, com o vazio de poder, é que lhe ressurgiu a paixão política. Vamos fazer o seguinte – comenta Ceres para os dois rivais, enquanto vira a cabeça para um lado e para outro, em busca de aprovação: um sorteio, um jogo qualquer que não implique pensar muito nem fazermos juízos de valores.

– Vamos lançar uma moeda: a cara ou coroa, – propõe Horte – o método mais simples que sou capaz de imaginar neste momento.

– Concordo, podemos fazer cara ou coroa para sairmos desta, – aprova Hau – com uma moeda de sei lá onde tu tanto viajaste, Ceres.

O velho aposentado aceita a proposta e sente-se confortável no seu papel de juiz. Tira um montão de moedas e permite que os dois homens escolham com qual querem apostar a sua sorte. O ex-diplomata sempre anda com moedas de todo o mundo, como uma forma de transportar cultura e valores de um lado para outro. O seu bolso é uma delegação do Fundo Monetário Internacional: sóis peruanos, slotis polacos, dirhams marroquinos, meticais moçambicanos, rúpias da Indonésia, riais sauditas.

Antes de se fazer o jogo, porém, Ceres exige duas condições: a primeira é que não haverá repetição, saia o resultado que sair; a segunda, e a mais importante, é que se vai criar um triunvirato, em que um será o líder e os outros dois, ou seja, eu e o perdedor do jogo, estaremos juntos na governação. Se concordam, por mim avancemos. Tudo bem?

– Concordamos – dizem em uníssono os dois concorrentes. Mas não tens euros borbonianos ou iuanes renmimbis, que só andas com essas moedas hiperinflacionadas?

*Alea iacta est.* Ceres lança para o ar e Horte respira aliviado quando confirma que é a sua escolha a que fica visível, uma vez a moeda cai no chão. A imagem de uma marimba com duas baquetas e um enorme número cinco, que representa a cara, em vez do emblema do Banco Nacional, que equivale a coroa, que era a opção de Hau. Ganhou Horte, e assim se pode dizer que já passou a maior dificuldade para conseguir chegar a ser o edil. Agora só lhe falta o trâmite de ser eleito numas eleições sem oposição, nas quais a lei lhe confere a vitória, mesmo que tenha só um voto e seja o seu próprio. Todavia, consegue o apoio de muitos aldeões que votam, não só para contribuir para um resultado já sabido de antemão, mas também porque querem mudança, querem ser vistos como pessoas que pintam o dedo com tinta indelével com o orgulho de exercerem o seu legítimo direito. Todos os residentes podem votar, não apenas os nascidos na vila. Hau e Make também votam por Horte, como Ceres, Brada, Êris e, naturalmente, dona Aure. Oort ainda não é residente, mas passou a vigília eleitoral, como já é habitual, em casa da Êris.

A desnecessária campanha eleitoral tinha consistido em criar um grupo de whatsapp, de nome Associação de Aldeões Juntos, acessível para todos os concidadãos, no qual qualquer pessoa pode apoiar uma ideia, um projecto

ou um investimento, e decidir como implementá-lo, se for proveitoso para todos. O lema do grupo, também redactado por Horte, é *Não quero que me apoiem a mim, mas a vós próprios.*

O novo edil não é amante de falar em vão, menos ainda de fazer promessas fora do alcance do cumprimento. Assegura que não será capaz de uma coisa: durante o tempo em que os concidadãos confiem em mim como edil, não vou fazer da minha ignorância um argumento. Os maus dirigentes não fazem as coisas mal por querer, nem por maldade, é que abusam da ignorância para encobrir erros, em vez de dedicar esse tempo a resolver os problemas. Chamamos a isto democracia porque houve eleições, e haverá mais eleições no futuro. Mas não chega para atingirmos a democracia. Só com plena disponibilidade é que poderemos permitir-nos ser chamados de habitantes democráticos. Ainda assim, o funcionamento de uma democracia, uma ditadura ou um califado absolutista na verdade não difere tanto de um para o outro. Sempre houve e haverá chefes, dirigentes, responsáveis, líderes e marechals, porque, como alguém de muita sabedoria disse uma vez, o passado é a única coisa que nunca passa.

Problema é quando a chefia ordena que se faça uma certa coisa que ele próprio não sabe como se empreende. Não me preocupa que as pessoas não saibam falar; me preocupa é que as pessoas não saibam do que é que estão a falar. O flamante autarca exemplifica: eu não sou arquitecto, não conheço as fórmulas de cálculo nem as leis físicas que poderão permitir construir um prédio, uma barragem, uma vala, uma ponte. É por isso que só poderei aprovar uma construção depois de sentar com o arquitecto e entender os passos que ele e a sua equipa devem seguir, detalhadamente.

Na parte final do seu discurso, Horte argumenta que quem estuda e consegue uma boa posição social e

laboral, imediatamente ganha o passaporte de entrada ao mundo do consumo, poluição e destruição, e torna-se partícipe do esgotamento dos recursos do planeta, porque tem um ou dois carros próprios, três telefones por carregar, diariamente, computador, viagens, restaurantes, máquinas de lavagem de roupa e loiça. Em contrapartida, quem não tem uma posição social elevada, fica confinado ao bom comportamento da machamba tradicional, não pode ter carro e vai de transporte público, lava tudo à mão e apenas carrega um telemóvel pequeno de vez em quando, a mercê do vizinho ou de um local público onde possa obter energia. Estamos juntos nesta luta contínua. Obrigado a todos por esta maravilhosa jornada.

Uma estrondosa salva de palmas invade o espaço público, numa tarde de ligeira ventania. Makemake levanta Salvador para o mais alto, Haumea aplaude, parado ao lado da sua esposa. Oort e Éris não estão longe, e também desfrutam do ambiente. Ceres anuncia, microfone em mão, que está na hora de ir para o Kuiper, todo aquele que o quiser, está convidado para fazer o brinde e festejar com a nova equipa governamental.

## 10

Depois dos primeiros dois meses titubeantes de trabalho no Kuiper, Brada é empossada como responsável do local, agora que Dona Aure está a ficar cansada pela idade e Horte atende os assuntos políticos da vila.

No ecrã da televisão, um jogo de basquetebol entre as selecções da Eslovénia e da Nigéria concentra as emoções dos consumidores, nesta sexta-feira de calor. Quem vencer o jogo, passa à final do torneio, contra o vencedor do jogo entre a França e os Estados Unidos, que se defrontam hoje mesmo, à noitinha. Infelizmente, a contenda nocturna não entra no pacote televisivo mensal que está contratado no Kuiper, e por isso Brada pensa que, talvez, pode convencer o casal proprietário do local para procurar ofertas de outros pacotes de entretenimento, com a finalidade de poder atrair mais clientes. Por enquanto, no intermédio do jogo em curso, ligeira vantagem para a equipa centroafricana, mas os centroeuropeus ainda não despoletaram todas as suas diabólicas capacidades.

Éris e Oort entram e sentam numa mesa. Desta vez, não comem mandioca, nem amendoim. O agente da polícia, agora vestido a civil, quer surpreender a professora, e não só gastronomicamente. Pedem muxama, o prato mais caro do cardápio. Um produto de importação,



que sai acompanhado de batatas cozidas e salada de alface irrigada com azeite. Brada deseja bom apetite aos dois e volta para a cozinha. Primeiro, conversam sobre assuntos corriqueiros. Estão felizes de sair juntos, um jantar especial apesar de que seja no mesmo lugar de sempre, o Kuiper. Mas, apesar de os olhos da Êris brilharem cintilantemente, não se sente completamente segura. Não sabe do que falar, se gosta de cinema, de arte, de geografia, da família, do trabalho, da comida, da natureza. Oort também experimenta a mesma sensação, até que consegue quebrar o gelo, aproveitando que Brada traz uma garrafa de água grande e dois sumos de fruta naturais.

– Há pouco assisti ao filme *Flor do Deserto*, e penso que, quando os teus alunos forem adolescentes, poderão aprender muito se tiverem a chance de assistir, tanto os meninos como as meninas.

– É pena que já não serei a professora deles, quando chegarem a essas idades – aventura-se Êris, que ainda adiciona. Qual é o tema do filme?

– Como uma mulher pode desmanchar a sua intimidade sem renunciar ser mulher, nem às tradições ou à família – diz Oort com voz arrepiada, quase emocionando-se.

– Podemos assistir juntos, ou és daquelas pessoas que não assiste a um filme duas vezes, nem volta a ler um livro pela segunda vez porque pensa que é perda de tempo? – Pergunta Êris, como que querendo conhecer mais alguma característica do homem que a convida a jantar.

– Bom, depende da qualidade. Por exemplo, tu já estás a trabalhar aqui na escolinha por mais de dois anos. Não achas que, em algum momento, terás que te lançar a outros desafios? Se calhar podes acompanhar esses meninos que tens agora, como o Salvador, até níveis

superiores, de escola em escola, o instituto e talvez um dia até à universidade. Imaginas?

– Interessante! Nunca pensei nisso. Quando eu estudava, cada ano, um professor novo. No momento em que começava a gostar de um, terminava o período, e voltar a começar com outra pessoa, melhor ou pior, mas diferente, e isso leva um tempo de adaptação que implica, a meu ver, lacunas na aprendizagem. Mas também, por outro lado, faz com que as crianças entendam formas de trabalhar diversas, outras vozes, outros procedimentos.

– Mas responde lá, não tens tido a tentação de procurar um nível de ensino mais elevado? Sei lá, afinal és professora, e com várias especializações pedagógicas. Podias leccionar e ensinar tanto – elogia-a, e Éris fica feliz em saber que um homem valoriza as suas capacidades profissionais.

– A melhor forma de evitar a tentação é caindo nela. É uma frase de um irlandês, Oscar Wilde.

Agora o ambiente é mais relaxado entre eles, a conversa começa a fluir de uma forma mais agradável e espontânea, como quando se conheceram por causa da visita da directora provincial de educação. Após o prato principal, no turno da sobremesa, salada de frutas para Oort e sorvete de chocolate para Éris, é a vez do polícia desactivador de bombas contar uma série de anedotas. Tinha sido professor por menos de um ano, mas explicou as principais vivências.

No início da minha carreira docente, eu desesperava com frequência sempre que os meus alunos chegavam com toda a parcimónia à sala de aulas e, quando exigidos a fazer uma breve recapitulação, me respondiam que não estiveram na aula anterior, e que, portanto, automaticamente, julgavam que ficavam exonerados de dizer o que acontecera na aula passada. Folgados também se achavam de saber qual era o trabalho que

estava a decorrer, ou qual o tepecê que deviam preparar. Mas, depois, pensei: como é que esta minha malta de alunos vai saber fazer recapitulação, se nunca antes teve chance de nem sequer saber o que é uma capitulação? Então, comecei a usar um novo tipo de pragmática. E a partir daquela época, nestas situações, eu passei a dizer assim para os meus alunos: “Eu não participei da primeira guerra mundial, mas ainda assim, sei o que aconteceu. *Grosso modo*, sei que no dia vinte e oito de Junho de 1914, um grupo de jovens estudantes da Sérvia decidiu cometer um atentado na cidade de Sarajevo, que resultou no assassinio do arquiduque do Império da Áustria-Hungria, Francisco Fernando. Logo depois, os austro-húngaros, junto com a Alemanha prussiana e o Império Otomano, declararam guerra à Sérvia e, por extensão, à sua nação irmã mais velha, a Rússia pré-soviética. Seguidamente, a Rússia declarou a guerra para defender a Sérvia. Os norteamericanos só chegaram depois, quando a maior parte do continente europeu já estava de rastos, para dizer que ganharam a grande guerra, sem sequer terem tido tempo de se despentear. No fim, os Impérios austro-húngaro, otomano e alemão colapsaram, e não tiveram outro fim que a capitulação. E recordem, meus caros alunos, que eu não estive lá. Agora, recapitem”. E assim aproveitava para, em questão de menos de cinco minutos, dar uma aula de tríplice sentido: conhecimentos de factos históricos, por um lado; por outro lado, o significado do termo capitulação, se bem que na sua acepção mais bélica; e, finalmente, uma lição de atitude com a vida e sobre a utilidade de não faltar, não atrasar, não mostrar fraqueza ou incapacidade, nem muito menos procurar escusas por não cumprir os deveres. O único problema era que, com total probabilidade, a turma já não prestava mais atenção aos conteúdos que vinham a seguir, na própria aula, seja de matemática, química, língua, música ou educação visual, porque ficavam absortos na memória do tal arquiduque efe efe.

Brada aproxima para recolher os recipientes das sobremesas, e perguntar se ainda vai um café, chá, infusão. O jogo de basquetebol terminou, a Nigéria conseguiu resistir aos embates da Eslovénia até ao fim, com um prolongamento incluído. Só duas mesas permanecem activas, a de Éris e Oort e uma outra, no canto, de dois adolescentes, que tomam garrafas de cerveja TonnaH uma após outra, a uma velocidade de se acabar o mundo nos minutos seguintes e o melhor a fazer fosse embebedar-se.

– Mais uma chávena antes que eu vá embora – pede Oort.

– Tomas café de noite? – A professora endereça-he um olhar de surpresa. Para mim uma infusão, Brada. Muito obrigada, vamos embora daqui a nada, não quero que fiques até tarde só por nossa causa.

– Tenho alguém aí naquela mesa que não é tão compreensivo – Brada responde, resignada, indicando com o nariz a mesa dos adolescentes consumidores compulsivos da água de cevada.

A tomar o café e a infusão, aparece Brada gentilmente com uma pequena tábua de cortiça desdobrável, com um papelinho manuscrito no interior, que é a conta do jantar. Oort tira a carteira e faz um gesto à sua parceira para não se preocupar, isto está resolvido, da próxima tomamos sorvete e pagas tu. Com o cartão de crédito que está prestes a raspar, assinala a cicatriz que tem no pescoço. Quer contar-lhe as origens daquela ferida, que são também, por sua vez, as raízes familiares.

– O meu pai era um mercenário, – começa a relatar – um que vai daqui para lá onde melhor pagam, para fazer o tipo de trabalho que seja mandado: matar, roubar, intimidar eleitores da oposição, esconder armas, desflorar meninas. Esse tipo de coisas o meu pai teve de fazer, para manter a família. Em termos de chefes, os mercenários não são racistas, nem têm prejuízo nenhum contra o tipo

de pessoa que os manda: o único requisito é o dinheiro físico e sem demoras.

– Obrigado por me contar, mas não te sintas obrigado. Não deve ser algo agradável de lembrar.

– Relaxa, isso é só para que saibas que tipo de pessoa era o meu pai. Por acaso, contornava bem as situações e sempre foi discreto com a minha mãe em termos de actividades ilícitas, pelo que ela nunca suspeitou nada. Eu também, sempre fiquei afastado dos assuntos turbidos. Oort apura, de um gole, o líquido escuro dentro da chávina, e continua. Mas um dia tudo mudou, eu devia ter os meus onze anos. Entenderás que o meu pai tinha armas em casa, e eu, a curiosidade mata o gato, dediquei-me a mexer as coisas que o meu pai trazia de fora, numa tarde em que ele estava a passar para dormir. Reconheço que as armas de fogo me aterrorizaram só de vê-las: duas pistolas pequenas e um sub-fuzil, também uma espingarda, tudo dentro de uma caixa de papelão. No interior do mesmo recipiente, uma corda de marinheiro, que seguramente tinha levado do estaleiro, já que muitas vezes ao jantar, comentava à minha mãe, na minha presença, que estivera a reparar barcos, e que os donos dos barcos davam boas gorjetas e, algumas vezes, entregavam peças dos barcos, como as cordas amarradoras. Naquela tarde, porém, eu tirei a corda da caixa e vi que tinha um nó apertado que fazia um círculo, da capacidade de uma cabeça humana. Havia restos de sangue seco na corda, e eu, com a inconsciência de um pré-adolescente, inseri a minha cabeça pelo orifício. De repente, o meu pai acordou e saiu do quarto onde dormia, eu fiquei nervoso e não consegui manusear aquela corda para tirá-la do meu corpo e voltar a deixá-la na caixa. Já podes imaginar a reacção do meu pai, que não era uma pessoa pacífica e calma por natureza.

– Puto, estás a mexer o quê, aí?

Comecei a chorar. E mais quando ele aproximou e me imobilizou, fisicamente, com as suas mãos robustas, e, mentalmente, com o seu olhar petrificador. Pegou no extremo da corda e puxou o nó para mais perto do meu pescoço, como se faz com os condenados a enforcamento antes da execução sumária. Apertou com a mão direita, enquanto me olhava ferozmente e me segurava pelos meus punhos, com a sua mão esquerda.

– Se continuas a chorar, puto, aperto mais, até asfixiar-te.

Parei de chorar, não por decisão própria, mas porque o meu organismo, inconscientemente, deixou de reagir a estímulos do mundo e só se concentrou em aguentar a dor que sentia no pescoço. Deixou de apertar, mas isto não significou que a dor diminuísse. Pelo contrário, aumentava, pois o meu pai arrastava, agora com as duas mãos, a corda por todo o meu pescoço, de forma que rasgasse a minha pele. Aqui onde podes ver a cicatriz, sangrei de uma forma tão profusa que nem nos filmes de guerra que já tivera presenciado. Abriu-se uma tal ferida, que ele próprio ficou assustado pelo que estava a fazer, e soltou-me. Mandou-me ir tomar banho e não voltar a mexer nas coisas alheias.

Quando minha mãe voltou e viu a ferida, falei que tinha raspado aquela zona do meu corpo com uma tampa de caneta durante toda a tarde, porque um pedaço de pão não havia baixado correctamente pelo esfago. Uma forma de mentir bem ridícula, mas pelo menos salvei o pescoço, ironicamente, de um segundo ataque brutal.

– Deve ser terrível contar isto para alguém, e viver com essa recordação traumática – compadece Éris, com voz entrecortada.

Brada está a uma meia distância, e aproxima enquanto a professora indica que pode vir. Oort, cabisbaixo, levanta o cartão de crédito para que Brada o raspe pela máquina,

e Êris tira duas moedas da menor denominação, como agradecimento por ter servido toda a comida em tempo. Brada consegue que os adolescentes da última mesa ultimem os copos de TonnaH e saiam do local. Ao passar pela porta, Oort e Êris continuam a trocar palavras sobre o mesmo assunto.

– A partir daquele dia, senti medo dos meus pais, de viver na mesma casa, de ir à escola. Tive que encontrar a coragem quem sabe onde, para poder tomar as seguintes decisões da minha vida. Aos dezasseis anos, não aguentei mais e fugi. Decidido a desenrascar na vida, fiz um curso gratuito de informática, procurei alguns trabalhos temporários com contactos de amigos da escola, que precisavam disto mais aquilo, e eu fazia. Cada vez mais ligado à área tecnológica, com computadores, máquinas, motores, cabos, filtros, peças dentadas e conexões sem fios. Mais tarde, com algumas poupanças, candidatei-me para os exames do corpo policial e comprei o meu primeiro carro, um de segunda-mão, que servia de transporte pessoal e também, às vezes, de táxi clandestino, aos fins-de-semana, em que tinha tempo de patrulhar de noite, e oferecia bons preços a alguns bêbados dispostos a andar comigo para casa, a um preço mais acessível do que as taxas infernais dos táxis legais. Passei todos os exames psicotécnicos da polícia, e no campo das práticas, rapidamente, os superiores viram em mim um talentoso das tecnologias que podia entrar a desenvolver a unidade da detecção e desmantelamento de explosivos. E assim até agora, mais alguns biscates que faço, como esse de acompanhar a directora provincial de educação, é por causa de contactos que faço esporadicamente, pois no corpo de polícia, não se ganha um salário do outro mundo, mas sim uma coisa está garantida: se és ávido por conhecer pessoas, e um pouco atrevido, é possível proteger pessoas muito importantes e estabelecer contactos de enorme valia, tanto no campo profissional como no pessoal. Olhando bem, por causa do meu

contacto com a directora provincial de educação é como te conheci, não é? E agora estamos cá, juntos, a falar da vida, por efeito dos nossos destinos e decisões.

Dois dias depois, nas primeiras horas da tarde, há debate entre três mulheres amigas no Kuiper. Makemake, Éris e Brada, que está a ter uma breve folga do trabalho, só no período pré-tarde, enquanto os clientes são escassos e dona Aure atende ao telefone uns pedidos de fornecedores. Hoje não há jogo nem nenhuma outra retransmissão fulgurante na televisão, pelo que Brada comenta às suas companheiras de mesa, que hoje sim, vou falar com a chefe para investir em outros canais mais variados, com mais desporto, filmes, emoção, que provoquem um efeito magnético em termos de clientes com sede e fome. Brada tira o avental que tinha estado a usar de manhã, e fica de camisola verde e calça preta. Éris está feliz de sentar entre duas amigas, às quais pode confessar a mistura de sentimentos que lhe correm pelo corpo, desde que o seu recém-adquirido namorado explicou as vivências da adolescência. Haumea tinha ficado em casa, com os sogros, a cuidar do dormilão Salvador. As três amigas tomam chá de canela, porque vai bem com o frio do ambiente exterior e a pouca movimentação do local.

Procuram um tema de debate, e acabam por falar sobre as injustiças no mundo. Make, que lê muitos livros de história por causa do trabalho na editora OriOn, menciona que as fronteiras entre países são uma enorme injustiça, uma crueldade. Enquanto Make respira de falar para tomar um sorvo de chá, Brada adiciona que a crueldade não radica na própria linha divisória de uma fronteira, com as suas casas aduaneiras por um e outro lado, as bandeiras, os símbolos representativos, as mensagens de boas-vindas e boa viagem para quem entra e para quem sai. O que é doloroso é que esta legalidade tão moderna e injusta é resultado de guerras, batalhas, subjugações, dominações e conferências imperialistas. Nós somos bem-aventurados, porque não temos vizinho continental



que nos dispute territórios. Do lado do mar, está tudo pacífico, só chegam turistas, nunca navios de guerra; dos outros três cantos, também o mesmo: paz, salvação, ausência de guerra e invasões. Dizem os historiadores dos livros que eu leio – interrompe Make –, que para nós termos guerra, algum dia no futuro, só poderá ser entre nós próprios, não com nenhuma nação inimiga. Claro que, esses historiadores são muito bons em analisar o futuro com uma receita do passado, bem conhecida e engolida por mais de seis anos pelos nossos concidadãos.

– Olhemos então para África, os nossos irmãos – intervém Éris, muito apaixonada pela geografia. Desde que os imperialistas desdobraram o continente ao seu antojo, como se se tratasse de um lenço ao vento, mas com aparência de monolito mastodôntico e inerte, até agora o continente está a ser peneirado a bel-prazer do poderoso cavaleiro Dom Dinheiro, que rima com estrangeiro.

Make faz um aceno e toma a palavra. Quer dar um tom diferente ao debate, porque ela é da opinião de que as fronteiras não são apenas aquelas que visualizamos fisicamente no mundo, quer por limites estabelecidos em guerras ou por acidentes geográficos naturais, como rios e montanhas. As fronteiras das palavras, das formas de expressão que Deus nos deixou, em forma de mundo multilingue. Exemplifica com termos hospitalários.

– Medicina, posso não entender muito, – parapeita-se, como nos bons tempos da academia – mas das etimologias das palavras, alguma coisa apanho. Como pensam que desenrasquei para tirar a licenciatura? Não se estuda linguística só com memorizar paradigmas de verbos deponentes ou traduzir Catilinárias<sup>1</sup>, que se encontram facilmente já interpretadas em fóruns da internet. É necessário pôr um pouco de colheita própria, entender que as palavras evoluem com o tempo e contexto, mas de

---

1 Série de discursos célebres do cônsul romano Marco Túlio Cícero, pronunciados no ano 63 a.C.

facto, são sempre as mesmas. Quando acabou a segunda guerra mundial, os ingleses e americanos espoliaram uma quantidade substancial de vocabulário da língua alemã, como *Müller* ou *Volk*, que passaram a ser *Miller* e *Folk*, respectivamente. Esse é um exemplo, no meu entender, de fronteira invisível. Eu uso uma coisa que antes era tua, mas agora passou para o meu lado. Pura conveniência, cortesia e ostentação de troféus de guerra, curiosa forma de praticar o multiculturalismo que temos hoje em dia. Um latrocínio lexical que até hoje fica impune. Se me levas a um hospital agora mesmo, não por querer adoecer, já me entendes, e o médico começa a falar de feridas holocranianas ou comprimidos analgésicos, posso deduzir que no primeiro caso, se refere a um ferimento que afecta a todo o crânio, na sua totalidade; e, no segundo caso, também saberei dizer-te que são pílulas que tiram a dor, ou seja, provocam a ausência da dor.

As duas amigas estão a acompanhar com prazer os dizeres de Make, que fala com equanimidade e de repente, faz um plexo de gestos corriqueiros com as mãos na mesa, onde repousam as chávenas de chá de canela, já consumidas. A mãe de Salvador remata a sua intervenção com uma pergunta ao ar.

– O quê podemos esperar de uma raça humana que é capaz de inventar elementos majestosamente intocáveis como o perdão, a paz, a redenção, a amizade, o amor, a benevolência, a solidariedade, mas não é capaz de usá-los na correcta medida, nos espaços e momentos adequados? Quanto mais sabemos, descobrimos mais coisas que não sabemos, reflecte Make. E quanto menos sabemos, mais pensamos que sabemos tudo. É uma das técnicas de motivação que nos ensinavam na Faculdade. De verdade, – prossegue Make – agora entendo que não há melhor forma de motivar alguém a fazer algo do que ameaçar com a ignorância, esse monstro destrutivo de vidas, amizades, alianças, famílias, equipas de trabalho, empresas, artistas, políticos, nações inteiras. Igual a

como quando cortamos relva, é nesse momento que conseguimos ver outras zonas onde é necessário cortar. Um dia, nos meus tempos de estudante de História Antiga, um professor da Faculdade entrou na sala e nos desafiou: ele queria saber a quais perguntas gostaríamos de responder sobre o tema, se naquele dia fosse a vez do exame.

– Escrevam no papel duas perguntas que vocês gostariam de tratar.

Passados alguns segundos de canetas subjugadas aos papéis, o professor voltava a falar com a turma. Podem começar, o exame tem duas horas de tempo.

– Adorei o método – exclama a professora do pré-primário. Se um dia vier a dar aulas no ensino superior, por exemplo, poderei aplicá-lo. Mas não agora, com Salvador, que ainda não escreve.

A conversa vira para um terreno menos profissional, e, imediatamente, mais pessoal, que é onde a Éris quer chegar, a razão pela qual convocou as suas amigas no Kuiper, essa tarde.

– Capacidades não te faltam, Éris, para ensinares nos níveis superiores – assevera Brada.

– Igual pensa o meu namorado, mas não sei, não estou segura – retorque Éris, com um fio de voz que mostra dúvida.

– Eu concordo com a Brada, tens todas as capacidades – afirma Make.

– Sim, tenho as capacidades e posso progredir para dar aulas em outros níveis. Não estou segura refiro-me a ele, o meu parceiro. Amigas – apela a professora, que usa o seu vestido azul mais elegante, cachecol branco por cima dos ombros. Ele teve uma história muito complicada quando era menino, e, depois na juventude, também nada lhe foi fácil, em termos de condições condignas para viver. Sinto

que, quando me fala de coisas da vida dele, me explica factos reais, mas de um jeito como se quisesse esconder algo pior, qualquer elemento muito mais grave que o atormenta. Mas entretanto, admiro o positivismo que ele pratica, sempre me anima, me encoraja, me elogia. É um bom amigo.

Make e Brada olham-se, surpreendidas e sem saber o que dizer, por um momento, perante a revelação da professora de escolinha. Não é nenhuma delas que articula palavra a seguir.

– No rescaldo da guerra que tivemos aqui, – continua Éris – o pai de Oort fez trabalhos muito ilegais, aliás, todo o mundo fazia trabalhos fora da lei naquela altura, porque, simplesmente, não havia lei. Mas é que ele, segundo me contou, fazia de tudo o mais ilícito: era mercenário, um assalariado do mal.

Brada sente arrepios em todo o corpo quando escuta a palavra mercenário, mas se mantém silente e atenta aos dizeres da amiga, que deixa de falar do pai de Oort e de nada relacionado com a guerra, para voltar a falar do namorado, como para se autoconvencer e persuadir as suas amigas de que é, no fim de contas e apesar de tudo, um homem bom, que vale a pena para ser o pai dos seus filhos. Explica, ainda, perante o silêncio de Make e Brada, que a cicatriz de Oort foi provocada por um acidente no qual ele não tinha culpa. Passou a juventude a procurar meios, e, embora andasse sempre com o cartão de crédito a tiritar, conseguiu ganhar uma posição num trabalho legal, na defesa da pátria e da nossa segurança, na unidade anti-explosivos da polícia nacional.

– Um dia, em casa, Oort fez magia digital – explica Éris, empolgada. – Pediu para que eu pensasse uma frase qualquer, e ele adivinhou-a, de forma que apareceu na tela do meu telemóvel e, ainda sem ele olhar para o aparelho, pronunciou a frase. Fiquei estupefacta, a esfregar os olhos como se aquilo não fosse real. Fiquei sem fôlego,

como se um camião me tivesse passado por cima depois de correr uma prova atlética de longa distância. Olha que o homem é bom com a informática, tecnologias, cabos, peças de motor, filtros, telas de plasma, isso tudo.



**Segunda parte: Na Hora H**

*O homem chega à sua maturidade quando encara a vida  
com a mesma seriedade que uma criança encara uma  
brincadeira.*

Friedrich Nietzsche (1844-1900)



# 11

*1 de Janeiro – 06:11*

Caro amigo e colaborador,

No dia de hoje, como poderás bem imaginar, ninguém manda emails, todo o mundo está na azáfama capitalista das bebedeiras, óculos de sol em salas fechadas, roupa branca, deglutir doze uvas, prometer ser bom, deixar de fumar, fazer mais desporto, estudar, ter um emprego melhor, tirar fotos, usar anteolhos resplandecentes e não sei mais quantas tradições absurdas. Para a maior parte já terminou a festa, coitados, estão a dormir de babalaza; e para os mais jovens, que ainda continuam em pé, muitos navegam à procura de começar o novo ano com uma foda rapidinha e safada. Não esquecendo o terceiro grupo, os que trabalham. Estes, por sua vez, subdividem-se em duas classes. Por um lado, os que jobam por obrigação, por turno, tais como enfermeiros, polícias, bombeiros, paderios, taxistas; e, por outro lado, os que esperam este dia como um oásis no deserto: cantores e dançarinos que hoje fazem a colheita maior para todo o mês de Janeiro e, em alguns casos, para todo o ano.

Sou eu, o director, já me conheces das outras vezes em que, esporadicamente, fizemos isto e aquilo para um fim

determinado. Recordo-me tão bem, como se fosse hoje, da tua capacidade para entrar naquele lupanar da baixa da cidade, fazer-te passar por cliente, manter a calma mesmo quando tinhas a gaja a ponto de caramelo, e, finalmente, arrombar a porta do quarto contíguo, onde apanhaste o Ministro dos Transportes bem montado no comboio de carga, que até saía fumaça. Uma jogada de mestre. Depois, foste embora tranquilamente, enquanto os meios de comunicação nem demoraram poucos minutos a chegar para retratar o jumento, de cuecas desdobradas, a gravata azul na coxa direita e o azimute ainda enfiado. Todos os jornais falaram disso durante mais de uma semana, e desde aquilo, o ex-Ministro já não voltou a aparecer mais em público. Brilhante, ganhaste toda a minha admiração.

Bom, o assunto que me leva a escrever-te hoje não tem a ver com aquilo nem nada parecido. De facto, sim um pouco, porque agora vamos subir de categoria: como se não bastasse, ao ridicularizar um Ministro, agora vamos MATAR o Presidente do Governo. O maior traidor da pátria.

Para tal, a primeira coisa que devemos acautelar é a nossa comunicação. Ninguém vai achar que o dirigente máximo da Federação Nacional de Atletismo envia um email desde o escritório de trabalho num dia feriado, como hoje, logo tão cedo de manhã. Esta é uma rede não rastreada, porque é de uma intranet do governo. Pobre desgraçado, Sua Excremência, o nosso chefe máximo, Presidente do Desgoverno.

Presta especial atenção à minha identificação. “Federação Naccional de Atlettismo” é o meu nome em clave, a partir de agora, somente para comunicar-me contigo através desta via. Observa bem as deliberadas falhas ortográficas: duplo “r” na primeira palavra, duplo “c” na segunda e duplo “t” na terceira.

Mais uma praticabilidade: inventa-te um nome fictício para comunicares-te comigo. Assim, pelo menos, se tudo se descobre, tardarão algum tempo a dar com a nossa identidade. Eu vou escrever para ti sempre no período de manhã, no intervalo das seis às dez. Tu irás responder para mim de tarde, entre as treze e as dezoito, deixando alguns poucos dias, máximo uma semana, entre a minha mensagem e a tua, pela questão da frequência de uso da intranet, já sabes.

Terás novidades minhas, pois no dia seis tenho uma reunião do Conselho Directivo para planificação anual. Precisaréi que nos actualizemos, frequentemente, mas não todos os dias, pois, apesar de que não se desvela o conteúdo dos emails no servidor central, de facto fica registado o envio ou a entrada de correio, pelo que não é bom engarrafar o sistema. Cuide-se.

Federação Nacional de Atletismo

*1 de Janeiro – 14:18*

Prezado amigo,

Está certo, entendo o que pretendes. Estou à tua disposição, dá-me os passos a seguir e eu faço, discretamente. Apanhar um Ministro em plena caça nocturna foi memorável. Como bem sabes, por este governo não tenho piedade nenhuma e estou pronto para actuar. Como da outra vez, também não serei exigente na parte financeira, o mais que eu quero é a protecção individual antes, durante e depois, especialmente, depois do acto. O envolvimento dos meios informativos foi brilhante no prostíbulo, espero que desta vez também. Jornalistas são manipuláveis, igual aos presidentes, ministros, deputados e toda essa malta. O meu pai foi morto na guerra por um companheiro enlouquecido, que se fazia de bom amigo, mas que era afim às ideias do governo na clandestinidade. Afinal, este Presidente do

Governo que temos agora é só um continuador, aleitado aos mamilos de quem matou o meu pai. E ainda dizem que estamos em democracia e liberdade, e que se deve reparar as injustiças da guerra e da repressão. O meu pai nunca foi contemplado para compensação, nem reconhecimento pelo sacrifício que fez. Ele foi um herói verdadeiro que deixou tudo por uns ideais, para que agora essa nova fornada de políticos venha falar, com a boca grande, de salvar a pátria. Reparação vamos dar nós a esse sacana engravatado, traidor de traidores, fugaz parêntese ornamental para os livros de História que os nossos filhos estudarão no futuro.

Concordo com o formato de comunicação estabelecido, me parece seguro. Por enquanto vou continuar igual, como um pastor solitário que anda pelas montanhas com o seu rebanho, mas sem rebanho. Aguardarei o resultado da reunião do dia seis.

“Nuvem Pressageira” é o meu pseudónimo, única e exclusivamente para esta nossa troca de mensagens. Cuide-se.

Nuvem Pressageira

*7 de Janeiro – 06:30*

Caro amigo e colaborador,

Já é oficial. O evento está marcado para o dia vinte e cinco de Março, que calha num domingo. Uma prova internacional do calendário atlético, com os melhores corredores das categorias masculina e feminina. Jornalistas de todo o mundo estarão presentes, e o Presidente do Governo também, para a entrega de galardões. O delegado do governo que esteve na reunião de ontem, um outro burro igual ao Presidente, deixou entender que eu já estou a ficar velho demais, e assim confirmou os rumores que já se faziam sentir meses atrás: vão destituir-me. O

Presidente do Governo já tomou a decisão. Mas quem é esse jovem, para mexer na minha Federação? Dos quatro anteriores Presidentes do Governo que já tivemos, nenhum deles me incomodou, tudo andou bem. E agora, este mafioso vai deitar-me no balde de lixo, como se eu não fosse ninguém? Nem pensar!

A prova internacional será numa vila lá longe, um pouco mais além donde Jesus Cristo perdera o mundo. Na nossa província, quero dizer. Teremos a primeira reunião com o edil da vila no mês de Fevereiro, em que eu irei lá pessoalmente. Tu não venhas, terás uma outra ocupação. Eu estarei com o meu assessor que acabo de conhecer, é da terra e bom amigo. Também haverá uma equipa de mais sete pessoas da Federação, que começarão os trabalhos de preparação logo após a minha reunião com o edil.

Neste momento, preciso de ti uma coisa simples: aquele *flash* USB que te mandei comprar, numa loja de electrodomésticos da cidade faz dois anos, ainda tens, certo? Confiando que ainda o tens, por favor presta atenção ao que deves fazer com ele: clona-o e interconecta o original com a reprodução. Depois, mete o original num envelope, entremeado com alguns papéis insulsos, e manda-mo por correio ordinário. Cuide-se.

Federação Nacional de Atletismo

*10 de Janeiro – 13:48*

Prezado amigo,

Mandei-te o envelope com o *flash* original dentro. Fiquei com a cópia, e tudo que tu insiras no original eu também poderei ver e manusear, como pediste. Aguardo, então, as correspondentes indicações.

Conheço a vila e já estive lá. De facto, estou na vila agora mesmo a escrever-te estas linhas, em casa de uma

jovem professora de escolinha que se apaixonou por mim. Trabalha todos os dias rodeada de crianças, mas nenhuma é a sua; quando volta para casa cada noite, é uma sempiterna mãe sem descendência, uma profissional da orfandade. Acho que é daquelas que só se fazem de bonzinhas para que as deixemos grávidas e, depois: se alguma vez te vi, não me lembro. Mas por enquanto está tudo bem, gosto dela, passamos tempo juntos, conheço alguns dos seus amigos, e ela está feliz com este meu trabalho de *freelancer*, como polícia desactivador de artefactos explosivos.

Como sabes, eu adoro andar sempre um passo pela frente. Mas, neste caso, devo admitir que foi pura casualidade. Através de uns contactos que eu fiz quando fui professor de instituto, procurei um biscate como guarda-costas de uma senhora, a directora provincial de educação. Visitei a escolinha onde esta moça trabalha, conheci a ela e cá estou, como um aldeão mais. Há poucos dias, celebrámos a tomada de posse do novo autarca, com quem te irás encontrar no mês de Fevereiro. É um bom gajo, só sei que é coproprietário do local mais popular da vila, onde a gente vai comer e beber. A sua mulher gere o espaço com o apoio de uma jovem, talvez filha ou sobrinha do casal, que é muito trabalhadora, mas pouco adestrada na arte de servir mesas e lavar louças. Nota-se que não foi formada nisto; talvez só esteja a passar uma temporada perto dos pais, a ajudá-los. Cuide-se.

Nuvem Pressageira

*31 de Janeiro – 06:46*

Caro amigo e colaborador,

A directora provincial de educação é a minha ex-mulher. Ela, há mais de dez anos que está a sugar o meu dinheiro o mais que pode, para sustentar a nossa filha, que vive com ela. Mas isso não importa agora. A minha ex-mulher

odeia o Presidente do Governo tanto ou mais do que tu e eu, por questões educacionais: meios de ensino, infra-estruturas escolares primitivas, professores inefectivos, salários baixos e demais calamidades. Mas ela NÃO deve saber nada do que estamos a comunicar entre nós. Entendido?

Não te faças muito amigo dos amigos da tua namorada, sei do que falo. Nas vilas pequenas e recônditas, as pessoas têm uma fixação especial com os que vêm de fora, mesmo que sejam da mesma província. É cultura e tradição local, fazer o quê. Pior ainda se estás a namorar com uma jovem mulher que ainda não fez filhos. Irão escrutinar-te minuciosamente, para saber se tens os requisitos para ser o pai dos filhos dela. Quem decide com quem se casa uma mulher, nas vilas de hoje em dia, é mais a população do que a própria pessoa. Fique a advertência.

Estou a preparar material para ti. Assim que eu guardar a informação no *flash* original, uma luz vermelha piscará no teu *flash* também, pelo que deves guardá-lo sempre bem perto. Cuide-se.

Federação Nacional de Atletismo

*2 de Fevereiro – 16:18*

Prezado amigo,

Está entendido. Não tenho contacto frequente com a directora provincial de educação, pelo que não te deves preocupar com isso. Só foi um trabalho pontual. É uma boa pessoa, lamento que entre vocês as coisas não tenham andado melhor. E terei todo o cuidado com as pessoas que andam por aí. Posso dizer que em poucos dias, já sou conhecido. Mas não faz mal, sinto-me integrado e ainda vou à cidade, de vez em quando, resolver trabalhos pontuais. Entro e saio à-vontade.

Em relação ao nosso assunto, o *flash* sempre anda comigo, de dia, no bolso, na mesinha, de noite, quando durmo, entre um molho de chaves. Ela nunca me perguntou nada sobre o *flash*, nem precisa.guardo indicações sobre o procedimento a seguir, assim que me envies o material que estás a preparar. Tudo em ordem. Cuide-se.

Nuvem Pressageira

*11 de Fevereiro – 07:35*

Caro amigo e colaborador,

Agora estou na cidade, de malas arrumadas para sair amanhã de manhã para a vila. Como já te contei, venho acompanhado de um meu assessor e mais sete colegas. Irei ficar por uma noite em casa do meu assessor e amigo, que está de regresso depois de uma digressão pelo mundo. Logo depois de amanhã é que serei recebido pelo edil para falarmos do evento desportivo. Já que nós, os forasteiros, somos sempre analisados com chanfrador, também vou aproveitar e, quebrando o protocolo, vou procurar saber alguma coisa do que o edil acha da política nacional, se gosta do governo actual, esse tipo de coisas. Ajudará a urdir o nosso plano com mais cautela. Cuide-se.

Federação Nacional de Atletismo

*12 de Fevereiro – 17:21*

Prezado amigo,

Bem-vindo! Eu estou aqui perto, e seguramente nos cruzaremos. Podes ver o meu carro numa ruela perto da praça que conduz ao edifício da edilidade. Numa dessas casas é onde eu fico com a professora. De facto, o carro não é meu, é aquele cinzento da direcção provincial de educação, que seguramente tu também terás usado alguma vez para levar a tua mulher ou ex-mulher agures.



Me permitem usá-lo à-vontade porque a directora irá precisar de mim a qualquer momento, e ela tem plena confiança em mim que me deixa levar a viatura quando não estou de serviço.

Tanto se nos cruzamos como não, qualquer detalhe da reunião poderá comunicar-me, e assim vou-me preparando. Hoje, a minha namorada me questionou se pretendo ficar com ela para sempre, ter filhos e me estabelecer aqui com ela. Respondi se ela já considerou a opção de não ficar aqui porque cada vez, as pessoas jovens como ela, têm menos filhos e, portanto, há menos opções de emprego para professores de escolinha, não apenas aqui na vila, mas em toda a província. Cuide-se.

Nuvem Pressageira

*18 de Fevereiro – 08:30*

Caro amigo e colaborador,

A reunião andou muito bem, só que o edil é uma pessoa de pouca conversa. Educado, inteligente, formal e bem organizado, sem dúvidas, mas quando lhe perguntei acerca de novidades políticas, do nosso governo e demais generalidades, ensimesmou-se e fez de tudo para concluir a reunião, alegando que estava ocupado com uma equipa de engenheiros que deviam reparar o sistema de iluminação de uma casa semi-abandonada. Mas, contudo, não protestou quando falei que a prova deve ser celebrada na vila, por exigências do calendário. Tranquilizou-se por saber que o meu assessor principal, e chefe da delegação que irá organizar tudo, é um velho amigo dele, corredor amador desde sempre e, portanto, uma opção de confiança.

Em outra ordem de ideias, hoje falta um mês e uma semana para a corrida. Já tenho a primeira parte do material para te passar, o texto. Agora estou a pensar no

formato do cartaz que irás projectar no dia D, na hora H, junto com o texto. Na reunião de hoje decidimos que o pavilhão gimnodesportivo da vila será o local de trabalho de todos os jornalistas. Haverá um ecrã enorme, no qual serão projectadas notícias oficiais durante o decurso da prova, por exemplo: *Fulano anda na primeira posição, mas perde vantagem em relação ao segundo; Beltrano luta para conquistar a oitava posição, e coloca-se perto do sexto e do sétimo; a selecção xis, neste momento, estaria a entrar no pódio por equipas, superando a selecção campeã das últimas três edições.* Este tipo de actualizações será recorrente. Na parte final, após a entrega de prémios, é onde tu entras. Porque ninguém esperará notícias muito destacadas, uma vez a prova concluída. Mas este será o momento em que tu vais surpreender a todo o mundo. Em questão de minutos, justificarás o actual Presidente do Governo, por desonrar a memória do teu pai e de tantos outros heróis, e ganharás a tua gloriosa reforma dourada. Terás todas as facilidades para fugir, se consegues fazer bem o trabalho nos dias prévios. Recebe o texto no *flash* e dedica um tempo a ler, esta noite. Cuide-se.

Federação Nacional de Atletismo

*25 de Fevereiro, 13:17*

Prezado amigo,

Texto recebido e analisado. Não achei nada especial a sugerir. Pode ficar assim como está, pois parece-me que irá causar o impacto desejado. Que seja esta a versão final:

*ATENTADO TERRORISTA CONTRA O PRESIDENTE DO  
GOVERNO*

*O Presidente do Governo da nação encontra-se em estado de saúde grave após explosão de uma bomba, que estava programada para detonar ao passar a viatura oficial,*

*com ele dentro, no cruzamento da saída da vila onde teve lugar a prova internacional de atletismo, na qual o Presidente do Governo esteve presente para efeitos de apoio e promoção do desporto, já que, como ele próprio falara minutos antes da fatal acção terrorista, a prática desportiva é um elemento chave para a libertação mental de uma sociedade composta por indivíduos que desejam e merecem viver pacificamente. Os serviços médicos presidenciais asseguram, neste momento, que o Presidente do Governo, cinquenta e um anos de idade, casado e pai de duas crianças, está vivo mas inconsciente e com gravíssimos ferimentos, a caminho do hospital, e com escassas hipóteses de sobreviver, devido à quantiosa perda de sangue.*

*O motorista da viatura atacada, um homem de trinta e sete anos, pai de três crianças, também está em estado grave, mas não perdeu tanto sangue, e tem ferimentos menos profundos, porque a bomba explodiu na altura em que lhe passou por cima a parte traseira do carro, onde o Presidente estava sentado.*

*Seguir-se-á informando enquanto se aguarda pela conferência de imprensa do director do hospital provincial, para onde o Presidente foi levado de ambulância.*

É perfeito, meu amigo, porque se dissesse que o Presidente do Governo já está morto, a atenção dos meios voltar-se-ia para a procura de quem colocou a bomba na estrada. Mas assim, toda a atenção estará centrada na saúde de Sua Estridência. Agora só falta o cartaz, com uma foto e demais detalhes, e eu tomo conta da execução.

Hoje falta um mês exacto para a glória. Cuide-se.

Nuvem Pressageira

4 de Março – 09:45

Caro amigo e colaborador,

Tenho mais detalhes, incluindo a tua missão, no concreto: o Presidente do Governo vai sair do casarão presidencial, na capital da nação, pelas oito horas, que é a mesma hora em que começa a corrida masculina, de doze quilómetros e seiscentos metros. Uns trinta e tal minutos mais tarde, quando os corredores estejam a terminar, o nosso alvo já estará a despegar do avião oficial e percorrerá, em aproximadamente uma hora e meia, a distância até ao aeroportozinho da nossa capital provincial. Uma hora e meia é o tempo de intervalo entre as provas masculina e feminina. Assim que comece a prova feminina, de oito quilómetros e quatrocentos metros, a viatura presidencial estará a avançar, à velocidade de furar o vento, para a vila, e estacionará ao pé do pódio de honra, onde o Presidente do Governo ocupará a cadeira central, ao meu lado, e saudará os vencedores, tanto das categorias individuais e por equipas, de ambos os sexos. Entregará os prémios e fará um discurso patriótico, de louvor à nossa vila e à província, pela capacidade organizadora. Também anunciará alguma reforma surpreendente que o governo está a pensar, para que tudo seja maravilhosamente igual que sempre na política: um engano, uma burla, um insultante latrocínio.

No tempo em que ele estiver a entregar os prémios e fazer o discurso público, muitos dos jornalistas ainda continuarão trancados no pavilhão gimnodesportivo, sem se aperceber de que, dois minutos depois de o Presidente do Governo terminar de falar e entrar no carro de regresso, tu estarás a abandonar a vila, por um caminho de terra batida anexo à via-férrea. Com o teu fardo policial, não te será difícil sair do iminente barulho, pois sempre podes dizer que deves comprovar a ausência de pessoas estranhas escondidas no mato, pelos arredores do circuito onde se fez a corrida. Eu, desde o pódio de autoridades já carente do Presidente do Governo, estarei a acompanhar os teus movimentos ocularmente, com os

meus óculos de sol. Ninguém irá notar que estou a te seguir com o olhar.

Ao abandonares o meu alcance visual, será este o preciso instante em que se activará o sistema de transmissão que tu terás instalado no pavilhão dos jornalistas, e começará a rolar o texto, juntamente com a imagem da ambulância presidencial que eu terei maquetizado para o efeito. Tudo isto em simultâneo com a explosão real, que tu poderás activar, assim que estiveres longe da multidão, por controlo remoto em ligação a um cinto de explosivos, aquela magia que tu sabes fazer tão bem com explosivos e dispositivos informáticos. Eis a razão de seres extremamente discreto durante os dias prévios, em que estarás a entrar e sair do pavilhão gimnodesportivo várias vezes, em horário laboral, e também deverás controlar a estrada que vai para o cruzamento, onde o carro presidencial deve arder com o cabrão dentro, e se possível, que sofra a agonia na ambulância a caminho do hospital.

A partir de agora tudo deve ser assim, como está escrito. No máximo, ainda poderemos ter uma derradeira troca de emails antes do evento, não mais. O resto vai seguir o seu curso normal. É verdade o que dizem alguns: a vingança serve-se fria. Mas neste caso, nós é que iremos aquecer o sangue do sacana. Cuide-se.

Federação Nacional de Atletismo

*7 de Março – 14:50*

Prezado amigo,

O plano está compreendido, e não vejo a hora de entrar em acção. Por um lado, sinto que quantos mais dias passam, mais chances há de que a minha namorada ou alguém no bar me veja como alguém estranho, que faz coisas ilegais.

Mas não tenho medo nem vou recuar, estou firme e vou manter-me fiel ao plano.

Os materiais e a magia dos dispositivos informáticos, como tu a chamas, está tudo sob controlo, sempre estou preparado para este tipo de manobras, é o meu pão de cada dia. Se for necessário, posso instalar um rastreador no telemóvel da minha namorada, para que me ajude, inocentemente, a activar toda a festa: quando eu ligar para ela, ao atender a chamada começará a rolar o texto na tela do pavilhão e explodirá a bomba na estrada. Tudo ao mesmo tempo. Já estou a investigar qual é o melhor local do caminho de terra batida a partir do qual possa visualizar a estrada, o lugar onde a bomba estará, e os movimentos da viatura do nosso herói. Cuide-se.

Nuvem Pressageira

*17 de Março – 06:28*

Caro amigo e colaborador,

Esta é a última indicação. O resto, como combinado. Só escrevo para te recordar que amanhã já faltará só uma semana. Depois de amanhã, segunda-feira, chegam os primeiros corredores, e até quarta-feira, os teus amigos jornalistas. Eu só vou na quinta.

Agora é tempo de te concentrares bem na execução. Deposito em ti a minha máxima confiança. Tudo OK. Cuide-se.

Federação Nacional de Atletismo

*18 de Março – 15:57*

Prezado amigo,

Obrigado pela última comunicação. Nos avistaremos, de alguma forma, a uma distância prudencial. Não nos

olharemos, só nos avistaremos como dois completos desconhecidos, que coincidem no evento por motivos diferentes: tu, como director da federação nacional, para contemplar o sucesso organizativo e ganhar uma boa reputação perante o Presidente do Governo que te quer destituir. Eu, como força de segurança, lei e ordem, para velar que tudo decorra da melhor forma.

Já avancei, nem imaginas quanto, na instalação de cabos que desviem o sinal oficial para o sinal do nosso *flash*. Será tecnicamente impossível que se elimine a mensagem do circuito interno que vai para a tela do pavilhão. Todos os que estiverem dentro da sala, irão visualizar e ficar atónitos. Da forma como organizarei tudo, será possível tirar o *flash* quando a mensagem já estiver inserida no circuito. Assim elimino provas. Tudo OK, até quinta-feira. Cuide-se.

Nuvem Pressageira

## 12

Parece que ninguém reconhece Plutão quando desce do comboio e põe os pés na vila donde saiu alguns meses atrás. Chega acompanhado de uma delegação de oito pessoas, todos eles da Federação Nacional de Atletismo. Dos oito membros do grupo, sete ficam na estação prévia à vila, a dormir numa pousada espaçosa, poucos quilómetros no interior em relação à barraca de dona Maluia, visível desde a linha férrea. Este grupo maior de sete elementos irá encontrar-se, no dia seguinte, com Plutão e o seu acompanhante, o único que quer dormir na vila, e que não é outro que o director da federação nacional, o chefe máximo, o responsável maior. O director só irá permanecer na vila no primeiro dia de trabalho, enquanto Plutão fica com a missão de liderar o grupo maior durante cinco dias, com o propósito de reconhecer o terreno, medir a quilometragem, observar os desníveis acumulados, complexidade das curvas e, especialmente, a sujidade do rio que já não é rio. A prova desportiva deve passar por cima do rio, pelo que será necessário colocar uma tábua de madeira ou qualquer material firme que agüente as investidas das pernas de trezentos corredores de elite, cento e cinquenta da categoria masculina e os mesmos na contraparte das fêmeas. Todo este trabalho da delegação só será depois de ter a primeira reunião de cortesia com o edil da vila.



Após as saudações e apresentações de rigor, Plutão, que agora é assessor da Federação Nacional de Atletismo, anuncia que se organizará uma prova internacional na vila. É de carácter obrigatório, porque está decidido assim pela federação, e o evento faz parte do calendário mundial de provas pontuáveis para a taça final. Por esta razão, Plutão apela abruptamente à edilidade que deve concordar e apoiar a iniciativa com os seus recursos disponíveis, sem esquecer que o maior dispêndio fica a cargo da Federação.

Depois das formalidades alusivas ao evento desportivo, que seria no mês seguinte, o encontro entre o autarca e o director nacional, sob a mediação de Plutão, vira uma conversa de tom político. Pensará que nós, das federações desportivas – provoca o dignatário, cabelo branco e camisa abotoada até ao queixo – nem sabemos nada ou não podemos emitir opiniões políticas. Todos os responsáveis locais são iguais.

– Opiniões políticas não estão proibidas aqui dentro, nesta casa, nem em qualquer canto desta humilde vila. Mas devo admitir certa surpresa, pensava que íamos tratar apenas da organização do evento, pois um mês não é muito tempo para preparar – responde Horte. Assim é tudo, estamos prontos por enquanto?

– Vocês aqui não são um apêndice de nenhuma pátria, quem diz isso, que vocês são o fim do mundo, que estão afastados de tudo e que não conhecem civilização da cidade, deveria chegar e ficar uma semana, um mês, três meses aqui, admirar estas pedras, o vosso rio, este povo, estas casas e esta cultura. Vocês são uma pátria, um povo.

– Agora entendo que sim, estamos prontos? – Horte não quer calçar sapatos que não são do seu tamanho, entrevendo que o director nacional apenas quer transmitir uma mensagem por ordem da chefia, alguém que neste

preciso instante estará num gabinete de um prédio da cidade e tomar chá e tratar papelada, no máximo.

– Por hoje, estamos prontos. Irá receber todas as actualizações com o grupo que chega amanhã, o assessor Plutão toma conta deles. Mas, bom, o meu endereço electrónico está sempre disponível, qualquer dúvida não hesite em me contactar.

– Assim o farei, pelo menos assim que a comissão terminar os trabalhos esta semana, vou escrever-lhe.

– Ah, uma última coisa, e isto é absolutamente confidencial. É tão confidencial que nem vou contar-lhe tudo. Só se faça a ideia de que, no dia do evento, aqui nesta vila, estará presente uma figura política do mais alto nível. Não vai demorar, só entregar os prémios, fazer saudação de cortesia e sair; nem vai falar com jornalistas.

Horte pensou qual é essa forma tão misteriosa de anunciar que virá aqui o Presidente do Governo. A prova é internacional, poderia tratar-se de uma figura dirigente do país vizinho, mas não vejo o sentido se o evento se realiza aqui. Será lógico que o Presidente do Governo deste país venha presenciar e entregar os prémios, como gesto de apoio aos jovens desportistas que lutam para alavancar a nação às posições de honra do atletismo. Ou será o Vice-Presidente? O Ministro do Desporto? Sua Santidade do Vaticano? O Secretário-Geral das Nações Unidas? Seja como for, esta reunião recém-finda constitui o exemplo que confirma a visão que Horte já tinha das pessoas que tomam decisões: pensam que a política é uma vulgar forma de prostituição.

Bem cedo de manhã, no dia seguinte, Horte está a caminhar pela margem do rio que já não é rio. Não está excessivamente preocupado com a atitude do director nacional da Federação, basta que deixe a equipa trabalhar bem na preparação da incontornável prova desportiva. Antes do meio-dia é que o edil tem tempo para receber a

delegação completa, incluindo o director, que deverá sair logo após certificar-se de que o grupo já está no terreno.

Horte ainda tem um momento para tomar banho e aprumar-se devidamente, pois não é todos os dias que se trabalha cara a cara com uma delegação profissional vinda de muito longe, da capital do país.

Quando o autarca se faz presente, o grupo, de nove pessoas no total, chefiado pelo director nacional e o assessor Plutão, já está no portão do Conselho da Edilidade, o modesto edifício onde os funcionários públicos tratam de papelada, fazem reuniões, expedem documentos carimbados e divulgam informações aos concidadãos. Horte convida-os a subir as escadas que conduzem à sala de reuniões, um espaço bem requintado com plantas nos quatro cantos, pinturas antigas que representam as civilizações antigas que habitavam, dizem os arqueólogos da zona, as grutas escondidas debaixo das montanhas onde um dia, em tempos da guerra mais recente, o pai de Horte observara como os grupos de refugiados internos guarneciam a sua existência. A sala de reuniões é a mais nobre do edifício, e hoje as dez cadeiras já estão preparadas para o efeito, à volta de uma magna mesa rectangular. O próprio edil é quem as tinha colocado ontem, à noite.

Após a protocolar saudação de boas-vindas para a equipa, o director nacional escusa-se. Tenho de sair, há mais compromissos na cidade com outras provas menores do calendário atlético, para além de uma reunião de balanço económico semestral que precisa da minha presença. Contudo, ficamos ligados para qualquer novidade. Recorde que no dia do evento eu estarei cá acompanhado de alguém. Votos de bom trabalho a todos! E a reunião prossegue.

Para o evento, em termos logísticos, se deve contemplar a plena ocupação em certos hotéis da cidade e da zona circunvizinha, todos eles devem ser designados, em

especial, pela organização. Nenhum dos corredores, treinadores, preparadores, equipa médica, jornalistas, pessoal de segurança ou transportadores de material, pernoitará na vila, pois o espaço é muito reduzido e é necessário que a vila fique descongestionada de movimentos organizativos, ao mesmo tempo que se realizam as actividades próprias do evento. Em relação aos alojamentos faremos assim, recomenda uma das integrantes da equipa organizadora: coordenaremos as delegações nacionais em quatro grupos de chegada. Dez federações chegam, na segunda-feira de manhã, ao aeroporto, e, daí, terão um transporte à espera que os trará para o hotel número um; as dez equipas que chegam no mesmo dia, à tarde, vão ao hotel número dois. A mesma operação com as federações que chegam na terça-feira, de manhã e à tarde. Chegada, transporte e alojamento nos hotéis três e quatro. Na quarta-feira, enquanto os desportistas já estiverem a ambientar-se e fazer os últimos treinos prévios, chegarão os representantes dos meios de comunicação de todo o mundo. Vamos tratá-los como uma equipa em si, e terão todos o mesmo hotel. De facto, irão ficar aqui perto, ao lado da barraca de dona Maluia, onde existe um complexo residencial. É perfeito para os jornalistas, que depois irão trabalhar permanentemente, desde quinta-feira até domingo, no pavilhão gimnodesportivo da vila.

O edil, sentado ao lado de Plutão, assente com a cabeça toda a descrição organizativa que a colega expõe. Horte gosta de ouvir os detalhes de tudo o que vai acontecer, passo a passo. Que a equipa de trabalho tem muita força é evidente. Um outro dos colegas da equipa, sentado do lado oposto do autarca, pede a palavra.

– Eu vou tomar conta dos jornalistas, por completo, e das equipas médicas e de segurança. Já sabemos, hoje em dia, qualquer evento de massas pode ser alvo de ataques terroristas.

– Bem observado, – acrescenta Plutão – essa é prioridade absoluta, tanto da Federação Nacional como do governo do país. O senhor edil já sabe que há-de vir alguém de uma alta posição, da esfera política...

Horte não responde, simplesmente, acena ligeiramente com a cabeça para frente e encerra as pálpebras por um segundo. Dentro de si, fica admirado pelo facto de que um conhecido dos tempos, Plutão, se refira formalmente a ele como senhor edil. O assessor Plutão, chefe da delegação, na ausência do director nacional, adianta mais alguns detalhes. Informa que, nos dias prévios à corrida, sexta-feira e sábado, haverá as apresentações das selecções nacionais e os discursos de encorajamento, algo essencial no desporto.

Na fase extemporânea da reunião, a pausa do café, uma vez que já se abordara o mais carnoso que havia por se tratar, Plutão explora um pouco a situação pessoal do seu amigo e actual edil da vila. Horte retorque que adoraria ter uma conversa mais informal, como nos velhos tempos. Porque não vens ao Kuiper? Dona Aure continua lá, mas como ela anda com medo desde o incidente com aquele louco de Arreug, e eu estou plenamente dedicado aos assuntos oficiais, segredos de estado – ironiza – tivemos que contratar uma nova responsável para o Kuiper. Uma jovem moça com muita energia e dedicação, que tu conheces. Que tal amanhã à tarde, àquela hora das quinze? Posso reservar um espaço, não somos o centro urbano mais buliçoso do mundo, precisamente, como tu já bem sabes. Tomaremos café ou chá de canela, convidate a casa. O teu pagamento será que me contes tudinho da tua digressão, lá nos extrarrádios do mundo. Saudades, mano. O abraço prolonga-se por vários segundos. Tanta efusividade exige o seu vagar.

Sentados na zona das mesas exteriores do Kuiper, xícara de chá de canela para Horte e café com uma ponta de

leite para Plutão, os dois homens querem contar-se muitas novas, mas não têm a certeza de quem deve ter a iniciativa da interlocução, se o recém-regressado à terra ou o recém-eleito autarca.

– Aquele homem é um bocadinho estranho, não é? –  
Inquire Horte.

– O meu chefe? Bem mesmo, sim. Olha que no início via nele qualquer coisa menos um dirigente de uma federação desportiva, com aquela barriga e aquele aspecto descuidado. Também é verdade que de jovem alcançou um certo nível nacional na prova do decatlo, e por aquilo do sacrifício para estar na elite, depois, na velhice, este tipo de pessoas acaba por se atirar desesperadamente à bebida, aos prazeres efêmeros, à vida mundana, em geral.

– Como o conheceste, se posso perguntar-te?

– Não fui eu que o conheci, foi ele que me reconheceu, de algumas corridas populares que se faziam cá na cidade, alguns anos atrás. Viu-me e começou a falar comigo como se fôssemos amigos íntimos de longa data.

– Só assim, directamente, te fez assessor dele, sem mais?

– Convidou-me a comer uma mandioca numa lanchonete, até degustei uma cerveja estrangeira que eu nem conhecia, tudo muito prazeroso. E me lançou a proposta de ser seu assessor, à sua mão direita.

– Como podes ver, continuamos colonizados pela TonnaH, nós aqui – solta uma gargalhada limitada, o edil. Desculpa, tenho que voltar para as obrigações, há um grupo de artes tradicionais que diz precisar do nosso pavilhão para uma sessão prática. Vou ter com eles. Até mais ver, amigo.

– Até breve, senhor edil.

– Até breve, meu amigo. E, por acaso, podes confirmar-me quem é a pessoa do máximo nível político que o teu director comentou que virá no dia da prova?

– Posso confirmar, sim. Mas não devo, sem autorização do meu chefe. Sigilo profissional. Nem sequer as unidades policiais ainda foram informadas, pois a tal figura já traz consigo os guardas privados, como podes imaginar. – Sem responder explicitamente e sem se aperceber de que estava a quebrar o protocolo, Plutão acabou de oferecer a outrem uma informação muito sensível.

Brada aproxima-se da mesa e recolhe as xícaras dos seus dois clientes. Plutão não se surpreende de ver a moça como empregada do Kuiper. Sabe que ela gosta da vila, se sente em casa aqui e não acha estranho que tenha voltado para fazer a sua vida, estar com Hau e Make, com Horte e dona Aure. Ainda bem que arranjou este novo emprego, mais um, com o qual poderá avançar.

– Acredito que já tens um espaço onde ficar – inicia Plutão, a moça a carregar uma bandeja com a mão direita. – Mas se precisares, já sabes onde é a minha humilde casa, fica à vontade.

– Obrigada, amigo, – devolve Brada com um sorriso a meio caminho entre profissional e gentil – sim, de facto fico aqui ao lado, a própria dona Aure me falou que tem uma casa meio abandonada, assim posso utilizá-la, enquanto procuro poupanças para comprá-la e asseá-la. Depois de tudo, tanto tu como eu acabámos por voltar, será que aqui na vila sempre temos algo a fazer, metas por alcançar. Estou feliz por me reencontrar contigo.

– Vejo que estás a construir a tua própria casinha nas profundezas do deserto.

– Essa é a ideia, instalar-me aqui. E tenho projectos jornalísticos, não penses que apenas sirvo chávenas e lavo louças.

Plutão fica feliz de coração e introduz o valor da consumição no bolso de marsupial do avental da jovem mulher. Não tem tempo para tagarelas e quer que Brada continue a atender os clientes, que já estão a preparar a conquista do local, como em cada tarde, para assistir ao jogo, telejornais de vários canais, conversar, comer, beber, cantar, dançar, festejar um aniversário ou tocar timbila. Plutão teria ficado muito prazerosamente a assistir àquele espectáculo, à espera de os velhos amigos saírem do trabalho para virem conversar e comer mandioca, mas agora é um outro homem e foge daquele engarrafamento. Toca o telefone, é o seu superior, o omnipresente director nacional da federação atlética, que liga desde o seu fedorento escritório da capital do país, num prédio de trinta e cinco andares.

– Boas tardes, meu caro assessor! – Saúda euforicamente o director.

– Boa tarde, caríssimo ilustre.

– Como estão as coisas, desse lado? Algum crocodilo no rio?

– Se os houver, não os tenho visto, será que ando ocupado demais?

– Se estás na tua casa! No lugar de origem, nunca se vive atarefado em excesso, meu amigo. Mas, bom, – continua o director, agora com um tom de voz mais profissional – quando te falei de crocodilos não me referia aos fluviais.

– Os crocodilos terrestres, como os que sentam nos gabinetes, estão de boca fechada, todos.

– Nada de soltar informação sobre o Presidente do Governo, tu não sabes nada sobre quem virá. Está bem?

– Está certo, chefe. Já me perguntaram, sim. Mas, por enquanto, tudo controlado – Plutão faz o máximo para não emanar nervosismo ou uma voz trémula que indique



que está a esconder qualquer coisa. O profissionalismo à distância se mantém desta forma.

– Se o edil te pressiona para que lhe fales no concreto, inventa a resposta que quiseses: que não sabes, que não foste informado ainda, que só ouviste rumores, mas não podes desvendar nada, ou, simplesmente, que ligue para mim, eu vou embrulhá-lo. Aquele autarca, de burro não tem nem uma pálpebra.

Plutão já dava a conversa por concluída, enquanto o director ainda tira uma nova intervenção. Pede-lhe para ganhar a estimação de Ceres, o diplomata aposentado, pois ele é a única pessoa que pode exercer influência sobre Horte e permitir que os serviços especiais de segurança trabalhem com maior eficiência e discrição.

– Tu viajaste muito, não é? Aqui vamos fazer uma coisa como acontece no Irão, onde tem os militares do exército regular, e depois há mais uma unidade invisível mas muito poderosa, a Guardia Revolucionária.

– Não sei se estou a acompanhar tudo que o senhor diz.

– É simples. Por enquanto tu falas com o teu amigo Ceres, temos carta branca inclusive para suborná-lo, se for necessário. Isto funciona assim, as ordens superiores devem ser cumpridas, não há outra alternativa.

– Posso falar com ele, mas, mesmo eu posso convencer o edil para que permita a entrada das unidades especiais, e cumprirem as ordens superiores, afinal ele é apenas o responsável desta vila, hierarquicamente já sabe que sempre estará subordinado a nós, que somos uma autoridade nacional.

– Tens razão, tu podes. Mas se és tu a falar com ele, logo vai adivinhar que estás a seguir indicações minhas, e não quero que me veja como alguém que pretende introduzir interesses pessoais no evento.

– Mas espere lá, senhor director. Entendi a questão de pedirmos apoio ao velho Ceres, mediante algumas moedas. Mas qual é a cena do exército regular e uma unidade invisível poderosa? Todo o mundo sabe que o Presidente do Governo há-de vir com a segurança privada.

O director nacional presente, pela primeira vez em mais de um ano, que Plutão é bom trabalhador, mas não plenamente confiável para assuntos duros. Com uma conversa cara a cara seria mais simples comunicar-lhe esta metodologia. Ainda assim, insufla os pulmões e começa a detalhar através do telemóvel. Conta-lhe que contar-se-á com policias normais, alguns de uniforme e outros à paisana, isto sempre é assim em qualquer evento multitudinário. Depois, como já sabemos, o Presidente do Governo traz consigo o séquito interminável de homens corpulentos com dispositivos de detecção de irregularidades nas proximidades do protegido. Aliás, não é ele que os traz, são eles que o trazem a ele. Então, já temos as duas unidades policiais, da lei e ordem tradicional que qualquer cidadão conhece. É aqui onde entra o nosso extraordinário e desvalorizado desígnio: um pequeno corpo com máximo de duas ou três pessoas, as quais podem ser policiais ou militares, com vasta experiência em operações contra o terrorismo e desactivação contra-relógio de artefactos, tais como bombas e outros engenhos.

– Agora entendo melhor toda a ideia. Tem a sua complexidade, mas não me parece difícil – reage Plutão, inocentemente.

– O primeiro desses homens já passou pela vila nos últimos meses, a dar umas voltas de reconhecimento. Compreenderás que misturar-se com a comunidade local faz parte do trabalho deste tipo de pessoas. Chama-se Oort, vais conhecê-lo em poucos dias, depois de teres conseguido a anuência do edil.

Um homem robusto, uniformizado com as vestes do corpo de segurança nacional, concretamente, da unidade de detecção e desarmamento de explosivos, dirige-se ao pavilhão gimnodesportivo da vila, o local reservado aos jornalistas, para comprovar se tudo está em ordem. Visualiza a sala, dá duas voltas e presta atenção especial às esquinas, mas não com o maior detalhe. Endereça umas breves palavras aos poucos jornalistas que se encontram dentro, todos engolidos pelos ecrãs dos seus computadores.

Hoje, segunda-feira, os profissionais da informação e comunicação são todos das zonas circunvizinhas, pois o grupo maior de jornalistas acreditados, nacionais e estrangeiros, só chega na quarta-feira prévia ao evento. Dois operários de uma empresa tecnológica instalam uma tela grande, pela qual irão circular notícias durante o evento. As vinte pessoas que se encontram no pavilhão, com capacidade para mais de quinhentas almas, deixam as suas actividades, momentaneamente, e viram-se para o homem da lei e ordem. Brada está dentro da sala, num dos cantos por onde o homem passa velozmente. Observa nele um ar autoritário e, ao mesmo tempo, de teimosia, inclusive desconfiança, mas acaba por fazer um acto de fé e não o interrompe na fala. Inspeção rotineira, desculpem a inconveniência, sou da unidade especialista em segurança. Fiquem calmos, em poucos minutos, terei feito a revisão do espaço e poderão voltar a trabalhar normalmente, obrigado pela compreensão.

Uma vez terminada a sua breve intervenção, Brada decide sair atrás dele. Quer conversar com o homem, esclarecer por que razão está sozinho numa missão de serviço tão delicada. Entretanto, a jornalista e empregada do Kuiper considera mais prudente conversar com o edil, Horte, de forma a entender quem é este senhor de poucas palavras. Brada fica a uma distância prudencial, que deve aumentar ainda mais quando, na saída, o homem é

interceptado pela professora Êris, que transeuntava pela zona.

– É bom te ver, Oort! Não me falaste que vinhas ao evento.

– Igualmente, bom te ver. Ia ligar-te noutro momento, agora ando ocupado com as inspecções rotineiras, mas podemos encontrar um tempo para falar mais logo. Acho que poderás ajudar-me muito.

– Ajudar, eu, que nem sou capaz de controlar as turmas de miudinhos da escolinha, queres que desactive bombas?

– Não, mulher! – O pseudoterrorista não aguenta uma ténue e curta gargalhada. – Gostaria é que me apresentes um corredor amador daqui da vila, chama-se Plutão. Obedeço ordens superiores, já sabes, assunto confidencial, de ter com ele, pois ninguém melhor para me desocultar todos os segredos desta vila. Sempre que vou a um evento multitudinário, hei-de fazer este trabalho. Afinal, não me dedico a desactivar bombas, mas a tentar impedir que quaisquer desalmados as activem. Desactivo-as só quando não há outra forma de evitar o desastre.

Êris fica aliviada uma vez entendido o propósito daquele bom homem. É tão bom que, quando se encontra com ele, só acontecem coisas boas na vida dela.

Em poucas horas, os hotéis da cidade estarão lotados, autocarros constantemente a sair, vazios, para o aeroporto, e a entrar, na cidade, abarrotados de corredores de muitas nacionalidades. Chegaria, na quarta-feira, o contingente maior, o dos jornalistas e demais membros da organização. O director nacional, chefe de Plutão, só se faria presente na quinta-feira, de transporte privado, e ficaria a dormir na humilde casa do seu fiel assessor.

Já que o pavilhão gimnodesportivo se tornaria o centro nevrálgico da informação, o Kuiper seria a cozinha deles todos, e também das autoridades, pelo que deverá

aparentar ser um restaurante de luxo, especialmente, no domingo, porque o Presidente do Governo estará presente na vila e poderá querer degustar um produto local, como a mandioca cozida mergulhada em molho de tomate. Não faltariam bandeiras, ornamentos e mais pompa. Em termos desportivos, serão no total doze quilómetros e seiscentos metros para os homens, divididos num circuito de três voltas, quatro mil e duzentos metros, cada passada. Para as fêmeas, se reduzirá uma volta, e irão fazer oito mil e quatrocentos metros no total.

Emoção, curvas, subidas e as correspondentes descidas. Fez-se um enorme trabalho não só para assegurar a tábua que ajuda a superar as imundícies do rio, mas também para eliminar as rochas e pedrinhas do caminho, as acumulações de areia, os ramos de árvores, tudo cercado pelas metálicas barreiras publicitárias. O tabuleiro de madeira é robusto, pesado, e descarregam-no oito operários da parte traseira de uma carrinha. Fica instalado de tal forma que não deverá sobressair durante todo o decurso da prova, primeiro, os machos, que correm em estilos diversos, e, depois, as mulheres, de pisada mais leve.

Regra geral, os brancos, europeus e norteamericanos, descarregam altas doses de músculo em cada pegada e fazem barulho, quais comboios de mercadorias pesadas; os negros africanos, masais do Quênia e os mulatos do Magrebe, passam fininhos, discorrem levemente de tal forma que produzem o efeito óptico de estarem a correr numa máquina rolante; sobre os baixinhos japoneses, é difícil dizer que correm, pois avançam abruptamente, fazendo um duplo esforço: além de irem para frente, lutam para não serem engolidos pelo céu, toda hora para cima e para baixo, como se a lei da gravidade não existisse para eles; e também há, em menor representação, os da tribo Tarahumara, os *Nascidos para Correr*, que galopam livres, sem sapatillas que aprisionem os pés.

A música do filme *Carros de Fogo* é tocada pelos altifalantes, hoje, ainda como ensaio geral do que vai acontecer em menos de uma semana.

## 13

Sete dias antes da corrida internacional, o ferver das preparações é cada vez mais evidente. Alguns instaladores já chegaram para começar a colocar cadeiras, montar o palco de autoridades e delimitar o percurso da corrida. Rajadas de vento ameaçam mexer tudo e obrigar os operários a refazer todo o mesmo trabalho, manualmente, depois, sem nenhum tipo de remuneração duplicada. Esses mesmos operários, uma equipa de dez pessoas, trazem as suas famílias a comer no domingo, pelo que dona Aure descobre a doçura irresistível do capitalismo, ao ver que o número de clientes no Kuiper aumenta exponencialmente, de um dia para outro. A proprietária, sozinha, sabe que não daria alcance à demanda, ainda bem que conta com a infatigável Brada, que adoptou o costume matutino, após as irregularidades iniciais, de chegar uns minutos antes da hora e esperar por dona Aure. Às noites, também espera que dona Aure vá descansar para dar a sua jornada por completada. Mesmo que a chefe a mande ir descansar, ela fica até ao fim, todos os dias. Só pára uns minutos de manhã, e uma pausa um pouco mais longa, de meia hora, antes dos tráfegos da tarde e da tarde-noite. Fazem uma equipa tão boa, que dona Aure não sente a ausência de Horte, que ainda ajuda ocasionalmente, quando tem um espaço das obrigações consistoriais. Brada tornou-se afillhada

deste casal, o nexo de união perfeito, caído do céu, para que não murche a paixão e coragem que Horte e dona Aure precisam para manter o seu matrimónio firme perante o desgaste do tempo. Brada anda de uma mesa para outra, a deixar chávenas de café, chá e sumo, assim como numerosos pratos recheados de mandioca, batata, pernas de frango, pão amanteigado, feijão atomatado e salada repoulhada.

A todas horas do dia, esses trabalhadores parece não terem horário. Será que estão a fazer os trabalhos, mesmo, ou apenas vêm comer? Pena que não fiquem a dormir, organizaríamos uma pousada aqui mesmo no Kuiper, ou os vizinhos da vila transformariam os seus lares em pensões rurais bem acolhedoras, por um valor simbólico, ou uma retenção no salário que a edilidade paga aos trabalhadores, com os fundos que a federação nacional de atletismo emprestou para tal. Esses da federação podiam ter pago directamente aos trabalhadores, em vez de transferir as quantidades irrisórias para a caixa da edilidade, se depois do evento vão querer compensação. Afinal de contas, os trabalhadores são escolhidos pelos amigos já conhecidos dos técnicos da federação. Ainda bem que Plutão está dentro da organização e mobilizou o chefe para recrutar pessoas da zona, que conhecemos e sabemos que trabalham bem. E não só trabalham, também comem, facto este que produzirá um impacto difusório para o nome do local, mais clientes virão comer as delícias do Kuiper e mais o negócio crescerá.

Na hora do almoço, o grupo de dez trabalhadores está concentrado numa modesta reunião, antes de voltar ao trabalho de carga e montagem de peças, trazidas em dois camiões.

– Aqui, o nosso mais novo faz dezassete anos, hoje! –  
Exclama o pai do miúdo, chefe do grupo de biscateiros.  
Soprar velas, corte de bolo fugaz e regresso às obrigações,



para que assim aprenda como é a vida adulta. A celebração familiar será em casa, com todos e com mais pompa.

– Posso trazer a minha namorada? – Ousa perguntar o aniversariante, enquanto mostra o telemóvel ao seu pai, com uma foto da sortuda no ecrã.

– Combinámos que mulheres, só próximo ano, quando fizeres os dezoito, filho – assevera o pai, meio brincalhão, meio sério.

– Mas, pai, – lamenta o filho – se eu digo a ela que espere um ano para ser minha namorada oficial, vai-me mandar fumar. Daqui a uma semana, já terá um outro fulano e eu ficarei o último da bicha.

– Tens que entender, filho, que, quando um jogador está no banco, não perde a motivação de aquecer para sair a jogar, pois até o apito final tem possibilidades. A qualquer momento, um colega pode precisar de substituição – replica o pai.

– Mas não se substitui um jogador da equipa rival – argumenta o filho, com certo sucesso, pois o seu velho muda de expressão e mostra-se mais receptivo.

– Bom, por enquanto, filho, tenhamos a festa em paz. Falaremos disso depois – concede o pai.

Brada aproxima-se da mesa com o bolo, parabeniza o aniversariante e encoraja os outros nove homens a cantar uma canção para o benjamim.

Uma vez terminada a breve cerimónia, o pai do miúdo, chefe do grupo dos trabalhadores, tira um feixe de notas e paga todas as consumições.

– Isto é pelo dia de hoje. Vão a parte as consumições dos outros dias, que são refeições regulares, cobertas pela federação. Hoje, foi extraordinário, por isso, prefiro limpar a dívida.

– Não se preocupe, podia pagar no fim da semana – responde Brada, mas acaba por conceder o gesto do homem, gorjeta incluída. – Está bem, como quiser, pelo dia de hoje, vou manter a factura dentro dos dias normais de trabalho, em nome da federação.

O grupo de trabalhadores vai-se embora, todos eles de uniforme azul com colete verdeamarelado por cima, e botas cor castanha oscura, de volta ao trabalho de preparação do evento desportivo internacional. Bem haja à mão-de-obra temporária.

Brada contempla pela janela do Kuiper o carro do director da federação nacional de atletismo, que passa a toda velocidade. A jovem empregada do Kuiper pega no telemóvel e liga para Plutão, para que venha e assim conversam um pouco.

Uma vez terminada a reunião do director da federação nacional de atletismo com o edil, ele devia ir-se embora, de regresso ao seu escritório da cidade, onde goza de todos os privilégios do mundo consumista moderno: carro, casa, apartamento de descanso, lojas, restaurantes, energia eléctrica e conexão à internet estável. Mas ainda fica mais uma noite na vila, pernoita em casa de Plutão. Na manhã a seguir, protagonizada pela ventania, antes de partir da casa de Plutão, o director nacional confirma as visões do mundo que ele detém e que exibira na primeira reunião com o edil. É um homem crítico, sem dúvida. Ele fala, chávina de café com leite na mão. Plutão, o anfitrião, escuta o seu superior hierárquico com atenção. Conta que, uma vez, à empregada do banco, teve de informá-la quanto era a nossa moeda nacional convertida em dólar, para fazer uma transacção. Inconcebivelmente, ela me pediu para eu fazer a conversão! Mas ela trabalha num banco, e será que não tem, ela própria, ou um seu colega, meios para converter o valor e logo fazer a transacção que o cliente, nesse caso, eu, tinha solicitado?

– Na verdade, as transações internacionais não são muito comuns cá nos bancos do nosso país, muito menos nesta nossa província. Ainda estamos muito desligados.

– Eu aqui a desviver-me para trazer eventos internacionais de prestígio, e os profissionais, os fazedores das coisas, a desprezar-me. Fosse eu director do banco, mandava embora aquela moça que não sabia converter moeda, directamente a limpar casas de banho, vender recargas de crédito na rua ou, melhor ainda, trocar dinheiro na fronteira, como estágio pré-profissional, se é que ainda quisesse recuperar o emprego no banco.

– Existem várias formas de motivar alguém para fazer melhor o seu trabalho – expõe Plutão, que não quer contradizer as palavras do seu chefe, apesar de não concordar plenamente com ele. De facto, só espera que acabe de beber o café e não lhe peça mais uma chávena, antes de ir. Precisa descansar mentalmente deste homem, continuar com as preparações do evento, com a equipa dos trabalhadores, e não com o homem dos discursos.

– Me traz lá mais uma chávena de café, Plutão? – Pede o director.

O assessor Plutão acede, sem protestar o pedido do homem, mas traz a chávena só pela metade, com o pretexto de que a água na chaleira já escasseia e levaria muito tempo para voltar a aquecer, devido à fraqueza da energia eléctrica.

– Porque não compras um gerador a combustível? É mais estável para casos de funcionamento diário, como aquecer isto – o director assinala a chávena meio cheia, meio vazia, que acaba de receber de Plutão – e também para emergências. O sistema público de energia eléctrica falha muito, também na cidade. Por isso, na minha casa, tenho dois geradores, um grande e um pequeno. Vale a pena, recomendo-te. Se é muito caro, façam lá uma parceria entre vizinhos, ponham dinheiro cada um uma

parte, e comprem um gerador potente, que sirva para abastecer umas dez ou quinze casas.

– Vou pensar nisso, senhor director, obrigado pela sugestão – agradece falsamente Plutão, exausto, que já não vê a hora de poder descansar, sozinho, em casa, antes de voltar às tarefas.

O director ainda solta mais proclamas sociais, como se estivesse a procurar alguma informação de Plutão.

– Sabes que o nosso exército nacional tem capacidade para tirar países inteiros da Idade Média? – Questiona o director.

– Conselhos vendo, que para mim não os tenho – responde, ambíguo, Plutão, que faz uso da linguagem não-verbal, num gesto, abrindo as palmas das duas mãos, usando-as como parapeito de golpes ou balas que o director pudesse cuspir.

– O que queres dizer com isso? – Interroga o chefe do atletismo nacional.

– Que não acho que os nossos recursos públicos devam ser destinados para tirar-se os países da Idade Média. Ou será que esses da Idade Média vieram alguma vez resgatar a nós, desta loucura da Idade Tecnológica em que vivemos, para voltarmos com eles à Idade Média, com os descobrimentos de novos mundos, o fabrico de novas ferramentas da agricultura ou a fundação das primeiras universidades? Quem me dera voltar para lá. Que venha o exército e use os meus fundos contribuídos para me fazer voltar atrás no tempo! – Clama ao céu, o assessor Plutão, desesperado tanto pelo tema da conversa como pela sempiterna presença da chávena de café, colada na mão direita do director. Com a exclamação feita, Plutão consegue o seu propósito. Que o director anuncie a sua retirada da cena.

– Volto para cidade, o dever me chama, não tenho mais tempo a gastar aqui com bate-papo – escusa-se.

Mas se está tão ocupado, o senhor director, o que está a fazer aqui, chávena de café, uma após outra, a falar de taxas bancárias intercambiais e exércitos que viajam no tempo? Por que não foi embora antes, me deixando fazer o trabalho que ele próprio me encomendou? É isto que pensa Plutão verdadeiramente, para os seus botões. Mas acaba por falar, em voz alta, algo diferente.

– Seria mais razoável que os governos perguntassem ao povo o que quer que se faça com o erário público. Mas, bom, senhor director, apreciei a sua visita. Anotei a sugestão de comprar gerador. Mas, antes, deixe-me mexer a companhia pública de energia. Afinal, eles trabalham com base no dinheiro meu e de todos os contribuintes. Ou será que os dirigentes da empresa de energia pública nacional não recebem salário nos meses em que o serviço é deficiente? Nos reduzem as tarifas?

– Liga para eles, sim. Mas não hoje, amanhã de manhã. Já sabes que agora é tarde e podem não atender com a mesma força de vontade em prol da resolução dos assuntos. O gerador funciona sempre igual, manhã, tarde, noite e madrugada. Basta procurar combustível e alimentá-lo constantemente.

Não mais de dois minutos passam que o director da federação nacional saiu da casa de Plutão, e enfiou o caminho de saída da vila em direcção à cidade, toca o telemóvel de Plutão. É a Brada.

– Boa tarde, mano, tudo bem?

– Já é boa tarde? Caraças, aquele senhor me comeu demais do meu dia produtivo – lamenta Plutão.

– Vi o carro do teu director agora mesmo, a passar em frente do Kuiper a toda velocidade.

– Sim, já foi embora, finalmente. Só vamos manter o contacto telematicamente sobre as preparações do evento.

– Mas ele te trata bem? Gostou de ficar na tua casa?

– Razoável, posso dizer. Ele está habituado a dormir em hotéis, residências privadas, quartos espaçosos, com todos os luxos e serviços de limpeza. Por ser um homem assim, ainda se comportou bem. Só reclamou da energia, disse-me que tenho que comprar gerador, como se o salário que me paga fosse extraplanetário!

– Aqui no Kuiper, dona Aure também quis comprar um geradorzinho, mas não lhe saía em conta ir comprar combustível, caríssimo, semanalmente. Devia aumentar os preços do bar e perdia clientes inexoravelmente, pelo que voltou ao sistema habitual, que falha muito mas funciona. É melhor assim e não depende de comprar combustível regularmente, já me entendes.

– Acho que este homem ficou traumatizado com as teorias de Carl Jung sobre as pessoas que, seja pela causa que for, nem são introvertidas nem extrovertidas. Jung designa-as de ambivertidas. Pelas ideias que têm, eu penso que este meu director é uma delas, rara espécie no mundo.

– Para chegar a uma posição elevada dentro do governo, não achas que qualquer um deve ser raro, complexo?

– Bom, me ligaste só para falarmos daquele sacana, agora que, finalmente, consegui me livrar dele fisicamente?

– Venha lá ao Kuiper, se tens um espaço. Daqui a pouco, tenho um momento de descanso, meia hora, antes que comece a parte mais dura da jornada. Éris está a vir, também, com o namorado. Assim sentas com eles e logo eu me junto a vocês, no meu tempo de intervalo.

– Tenho pouco tempo, mas venho – conclui o assessor da federação.

Já consumida boa parte do dia produtivo a servir cafês ao seu director, para Plutão não é um esforço demasiado, o facto de ter que roubar uns minutos a si próprio para ir ao Kuiper. Assim, logo subirá ao pavilhão, para ver os avanços na colocação de mesas, cadeiras, casas de banho móveis, tomadas de energia extraordinárias. Se a própria companhia eléctrica estatal não faz uma tarefa brilhante, Plutão considera que será necessário comprar ou alugar um gerador potente, apenas para este evento. Já sabe que o director concorda, mas primeiro terá que falar com Horte, o edil.

Brada adivinha a silhueta de Plutão a aproximar-se ao Kuiper. Ao confirmar a identidade do corredor amador e actual assessor da federação nacional de atletismo, a moça faz um gesto para que ele aproxime e entre. Quando os dois estão na porta, frente a frente, o vento ainda a pairar no ar, Brada não sabe quais palavras usar, mas está decidida a dizer algo sério ao seu amigo. Enquanto ainda não se sabe se está a balbuciar ou a comunicar de verdade, Plutão interrompe-a. Nenhum discurso de perdão é necessário. Depois de tudo, é melhor serem amigos.

– Mas eu te usei como um objecto, mereces desculpas – diz ela, finalmente. Eu só queria atingir os meus objectivos, apareci aqui nesta vila e procurei as minhas formas de chegar a Arreug, o velho carrasco que me desgraçou a infância, não conheci criancice. Não prestei atenção à dor que podia estar a causar em ti, olho por olho, dente por dente.

– Desculpas aceites, de verdade, fica tudo bem. Está esquecido. Havemos de nos encontrar mais vezes, aqui na vila. Portanto, fiquemos assim – conclui Plutão.

– Obrigada, querido – responde Brada, aliviada, enquanto seca as mãos transpiradas nos laterias do avental de

cozinha. Vamos lá entrar, Éris e o seu namorado estão lá, numa mesa do canto, são lindos os dois juntos. Eu venho já e sento convosco, só estou a terminar de lavar algumas louças de antes, houve uma pequena festinha dos teus trabalhadores.

– Sim, me falaram, um puto que atingiu os seus dezassete anos. Quem me dera voltar a essa idade. Quando terminares, me traz um chá de canela e uma porção de mandioca.

– Descuida, querido. Convida a casa – sorri a jovem empregada.

Plutão saúda e acomoda-se ao lado da sua amiga, a professora Éris, radiante, feliz, com um vestido verde-escuro, que se estica majestosamente até aos tornozelos da dama, e lhe destaca umas gostosas ancas arredondadas enquanto ela se levanta para cumprimentar o recém-chegado. Oort também se levanta, aperta a mão de Plutão e os dois homens se fitam por dois segundos, como se já se conhecessem de algures. Plutão observa a cicatriz no pescoço do namorado de Éris e não diz nada. Os três sentam de novo e comentam as novidades mais recentes das suas vidas. Finalmente, Plutão escusa-se pelo pouco tempo que tem.

– Estou de serviço, só a insistência dessa jovem é que me trouxe aqui. Estou a monitorar os trabalhos do grupo de trabalhadores no pavilhão, que será espaço para jornalistas, assim como toda a montagem do palco, na praça onde começará e terminará a prova do domingo da próxima semana, dia vinte e cinco. Os dias voam, não podemos perder tempo.

Chega Brada com o chá de canela e a mandioca mergulhada em tomate, que enlouquece o seu amigo. Para Oort e Éris, traz uma cerveja TonnaH e um sumo de frutas, respectivamente. E mais mandioca, também para



ela mesma, que há dias que está sem comer mais nada do que resta no Kuiper, ao fim de cada jornada. A conversa flui muito bem entre os quatro, não precisam de recorrer ao telejornal para ter tema de conversa. A professora Éris abre o debate, com um tema puramente da sua área, a escola.

– Devia-se começar por ensinar às crianças, na escolinha, tudo aquilo que é mais complexo, assim iam acreditar logo e aplicar perfeitamente, sem interpretações desviadas. Depois, na Faculdade, já se poderia passar à parte mais mecânica e chata da aprendizagem: verbos, pronomes, somas, arestas, plantas, animais, nomes de países, e tudo aquilo mais elemental, que o jovem da Faculdade fosse capaz de assimilar mais profundamente e relacionar com os complexos conceitos primários alojados na sua cabeça já desde as tenras idades.

– Podiam dar-te um certificado de altruísmo, Éris – brinca Brada. Quem me dera eu tivesse tido professoras como tu, na minha infância, que se preocupassem comigo como pessoa que está no mundo, na vida, e não apenas como um carapau a flutuar num oceano de matéria a ser memorizada.

– Todos tivemos esse tipo de professores. Mas memorizar também ajuda, às vezes – replica Oort, que também foi professor, e sente-se à-vontade na conversa.

– Os menininhos adorariam aprender sobre verdades e mentiras extramoriais – prossegue Éris. – Aquelas afirmações que, segundo a intenção do emissor, para alguém podem ser verdadeiras e falsas para outros.

Neste exacto momento, no telejornal fala-se de uma falsificação de uma obra de arte, por um ladrãozinho inexperiente, que queria sair da pobreza por meios ilícitos. A pintura feita pelo jovem oportunista fora assinada por um renomado artista, só assinada, segundo o apresentador do telejornal. Plutão argumenta que, se

calhar, pode ser feito o mesmo até com um artista que já pereceu. Sempre poderá sair um fulano qualquer a dizer que encontrou, depois de intensas pesquisas, uma relíquia do tal artista, enquanto foi ele próprio, mergulhado na falsidão, quem pintou e copiou a rúbrica do falecido, cobrindo-se de glória. Oort observa que Plutão pronuncia a palavra “falsidão” com uma ênfase desmedida, como se a palavra tivesse, para Plutão, uma implicação ulterior à notícia do telejornal que o grupo de amigos está a comentar, enquanto deglutem pedaços de mandioca preparados por dona Aure e Brada, que já aprendeu, depois de muito esforço, a elaborar o prato estrela do cardápio do Kuiper.

Consumidas as viandas e apurados os copos e chávenas dos líquidos, Plutão deseja boa continuação da tarde ao par, e pisca o olho à Brada, em gesto de agradecimento pelo tratamento. Brada e Plutão se levantam. Ele dirige-se a ela, com rosto descontraído.

– Foi bom te ver, volto mais logo, se tiver tempo, ou amanhã, a esta mesma hora da tua pausa.

– Serás muito bem-vindo, todos os dias, manhã, tarde e noite.

– Tu também serás bem-vinda na minha casa, se o trabalho te permite. Pelo menos, sei que és melhor hóspede do que o burro do meu director.

– Depois do evento, seguro que encontrarei o momento propício, querido.

Brada acompanha Plutão até à porta da saída, antes de voltar aos seus afazeres na cozinha. Dona Aure precisa que a jovem corte alface, cenoura, pimenta, e os coloque dentro de uma panela grande, a ferver em água, com três dentes de alho inteiros.

Ele comenta, agora com o rosto sério, que aquela cara, do tal Oort, o namorado da Éris, lhe soava a uma pessoa

conhecida. Quando o vi pela primeira vez, essa cicatriz no pescoço me resultou familiar, porque seria visível tanto para um homem com barba como sem. Mas a voz confirmou as suspeitas.

– Suspeitas de que, Plutão? Pergunta-lhe como contraiu a cicatriz, se estás curioso.

– Este homem veio comprar na loja de aparelhos tecnológicos onde eu trabalhava anteriormente, antes da minha digressão na qual conheci o meu actual chefe. Veio um dia, perguntou-me todo tipo de especialidades acerca dos cabos de todas as cores que existiam na loja, e também perguntou pela capacidade de todos os *flash* que havia expostos, pendurados nas prateleiras. Foi embora sem comprar nada e voltou, um mês depois, dizendo que tivera uma cólica nefrítica, passou do hospital, e o processo de recuperação impeliu-o a decidir-se sobre qual dos cabos e *flash* devia comprar. Tirou o valor físico, levou os produtos e partiu. Desde aquela vez, não mais voltou. Mas é ele, com certeza.

## 14

A hesitação devora todo o interior da professora Éris. Será que é verdade que o amor é espontâneo, não planificado, assim que surge alguém, se abraça à pessoa como se fosse possível manusear fisicamente um conceito tão abstracto como a felicidade? Como diz a canção do Júlio Iglesias, amar-se não tem horário, nem data no calendário. Mas este Oort, é tão perfeito como parece? Com a sua cicatriz no pescoço, as suas aventuras para se formar, a sua experiência como docente, a fuga das dificuldades familiares, tudo para desenrascar na vida, de biscate em biscate, de contacto pequeno para contacto maior, sem se esquecer dos pequenos, acumulando-os numa telazinha de cânhamo, que agora são o seu sustento. Bonito demais para ser verídico, pensa Éris, na cama, com o homem ao lado. Ainda é cedo, hoje é mais um sábado de trabalho na escola, tudo normal, pois não há muito movimento na vila em relação ao evento, a oito dias. Para além dos dez operários que montam o palco e a linha de saída e chegada na praça, e que conectam cabos no pavilhão gimnodesportivo, não haverá movimento forte até à quarta-feira, dia da chegada dos jornalistas, pois os corredores se alojam na segunda-feira nos hotéis da cidade. Portanto, é mais um dia de batalha com os meninos, a aprender as letras do abecedário, cantar uma canção com números, desenhar formas e, ao fim

do dia, assistir a bonecos, se se comportarem bem nas actividades prévias. Oort nem imagina, pressupondo que ninguém pode ler a mente de outrém, que neste momento é objecto de escrutínio dentro dos interstícios neuronais da sua parceira.

– Me queres de verdade? – Éris inicia a introspecção, abruptamente.

– Bom dia – com os olhos ainda semicerrados, a meia-haste.

– Bom dia, desculpa-me, querido. Dormiste bem? – Rectifica Éris.

– Estava a dormir muito bem, até que me deturpaste o prazeroso descanso – replica Oort, visivelmente ofendido. Que horas são?

– Ainda não deram sete. Descansa um pouco mais.

– Bom, sabes que para mim sete horas já é tarde, para muitas coisas. No meu trabalho, não há horários, a lei e ordem nunca pára, nem faz greve, férias ou interrupção lectiva. Mas já que perguntaste o que eu acho que ouvi, vou responder-te da única forma que sei, se me permites: se eu respondo “sim, te quero de verdade”, qual seria a diferença entre isso ou responder, simplesmente, “sim”. Ou ainda melhor, se eu dissesse “sim, te quero muito, te amo, mas não de verdade”. Não apreciei esse matiz da verdade que colocaste na pergunta. Estou a me comunicar claramente?

Éris cala e assente, arruma a almofada e organiza bem a sua parte do lençol que partilha com o polícia da unidade de antiexplosivos. Enquanto se prepara para o banho e ir para o trabalho, considera que o seu namorado está a levar o assunto muito a peito, está sério demais ou chateado com alguém., Não pode ser toda essa descarga de zanga comigo só.

Quando Éris ingressa na casa de banho, para as limpezas, Oort levanta-se da cama como se tivesse uma mola incrustada no rabo. Abre o computador, para ler um email que acaba de entrar esta manhã, pelas seis e vinte e oito minutos, de um seu amigo. Lê atentamente e acata o conteúdo da mensagem. Está na hora de ir trabalhar. Hoje toca mais uma inspecção rotineira do pavilhão gimnodesportivo, onde alguns jornalistas locais já estão a operar, mais como prova das condições do que para trabalhar realmente, na redacção e difusão de notícias.

Éris sai da casa de banho, fresca e sem mais remorsos pela briga de antes. Passa uma borracha. O dia começa agora, emocionalmente.

– Preparei café para nós os dois, dona Aure não vai sentir a tua falta nas contas de hoje, pois está a facturar, bem mesmo, com esses trabalhadores pagos pela federação. E este café é feito com todo o meu coração, para ti, não para um cliente anónimo.

– Agradeço, minha querida. – Responde Oort – Desculpa-me de novo, pela minha forma de falar antes. Nem sei se estava acordado ou foi um pesadelo. Tu me fazes tão bem, em todos os aspectos. Como não te conheci antes.

Éris dá um sorvo curto ao café, que ainda está bem quente. Delicioso, sem açúcar, só um pouco de canela e uma gota de leite fresco.

– Uma vez, tive uma cólica nefrítica por culpa de um café mal preparado – explica o polícia. – Aliás, as condições higiénicas do local é que eram infrahumanas. Que forma de brincar com a saúde dos clientes, para não falar do café de máxima qualidade que se desperdiçava, com aquelas máquinas podres e cheias de fungos, bactérias e quem sabe mais o quê. Acho que já fecharam, graças à minha demanda judicial. Fiquei no hospital mais de duas semanas, e depois com tratamento em casa. Melhorava,

piorava, apertava, abrandava. Um suplício. O tratamento médico, quem pagou foi o dono do local, claro.

– E isso foi quando? – Inquire Êris, curiosa por este episódio, até então, desconhecido, da vida do seu parceiro.

– Faz uns dois anos. Eu passava muito por lá, porque naquela rua havia uma loja de electrodomésticos de qualidade e bons preços, onde, por acaso, acabei comprando este *flash* – Oort mostra o dispositivo à Êris – depois de liquidar a doença.

Êris é a primeira a vestir e sair de casa para o trabalho, distância que faz a pé, em escassos minutos, pois na vila tudo é perto. Oort só se demora mais alguns minutos. Começa a rabiscar a resposta do email que acaba de ler, mas não pode mandá-lo imediatamente, pois o remetente é exigente em termos de disciplina nos correios, e enquanto ele só escreve para Oort nas manhãs, quer que o desactivador de bombas apenas responda nas tardes, e não no mesmo dia, se possível. Guarda o rascunho num documento de texto *word* que apagará logo depois de enviar o email definitivo, como costuma fazer sempre que comunica com este específico contacto. Sai de casa, sem tomar mais nada que o café e um copo de água. Durante o dia, procurará um tempinho para abastecer o seu organismo da maravilhosa mandioca do Kuiper, mais um café de qualidade, sem impurezas que provoquem doença.

Já na escola, o instinto maternal da professora Êris reaparece, robusto e potente, vindo de nenhures. Salvador faz uns rabiscos espontâneos, que parecem letras um pouco do estilo que os sistemas da internet usam para detectar se o usuário é humano ou robô. Nem se distinguem maiúsculas, minúsculas, letras ou números, formas redondas, paralelepípedas, com ou sem perspectiva. Mas, de qualquer maneira, essa

expressão manual da criatura, quer pelo conteúdo ou pela desenvoltura do menino com o lápis, agrada tanto à Éris que não consegue descolar os olhos do papel. Decide conversar com aquele pequeno génio, na língua desconhecida para o público geral. O idioma que só uma professora e o seu aluno, bebé de seis meses, podem dominar com plena proficiência.

– O que estás a escrever, Salvador?

– Não estou a escrever, estou a desenhar – responde o menino, na língua infantil que só Éris sabe interpretar.

– É um desenho muito lindo. O que significa?

– Nada, porque ainda não tenho cores para pintar dentro do desenho. A mãe me dará lápis coloridos quando chegar a casa, e vou pintar – volta a argumentar o pequeno, servindo-se de gestos e sons.

– Mas também é bonito assim. Quais cores vais usar?

– Minha mãe gosta de todas as cores, só da cor branca é que não gosta. E o papel é branco, por isso, terei que pintar toda a noite até cobrir todos os cantos do papel.

– Sabes o que podes fazer? Pergunta à tua mãe porque é que não gosta da cor branca, e amanhã me dizes. Está bem?

– Está bem, professora. É que eu quero pintar de cor branca, isso é que eu quero fazer. Posso?

A cor branca, de facto, é a que simboliza a paz, nas bandeiras – pensa Éris, enquanto não deixa de disparar olhares, ora às mãos do menino, ora ao papel. As nuvens do céu, quando estão a posar para que algum artista as pinte, são brancas; mas quando vêm carregadas de um arsenal de gotas de chuva, qual cavalo de Tróia grávido de guerreiros escondidos, as mesmas nuvens viram cinzentas, pretas. Talvez em outros planetas as nuvens sejam de outras cores: vermelhas, azuis, laranja, lilás,



verdes, quem sabe. Assim, os alunos das escolinhas daqueles planetas poderão pedir às suas mães, com todo o sentido, que lhes comprem lápis coloridos, para decorar os desenhos de nuvens feitos na escola. Mas cá, neste planeta, as coisas sem cor são as que têm o maior sentido. Isto é fácil de entender para as crianças – conclui Êris – e também para alguns adultos. Só alguns.

Há conversa no Kuiper. Make, Hau e Êris falam sobre a experiência que a professora teve hoje com Salvador. Curiosa a visão das cores que o menino tem. O que a professora entende é que a paz custa, porque na idade adulta se requer uma elevada dose de força mental para não cair na tentação de querer pintar, mas na infância é diferente. Não há essas tentações. Vocês, pais de Salvador, também interpretam assim o que ele vos fala em casa, quando pinta? E quando faz outras coisas? Já lhe ensinaram a agrafar, profissionalmente, como a mãe?

Makemake nega com a cabeça, como resposta à última questão colocada por Êris. Haumea não reage às perguntas da professora, mas adiciona que, nós humanos, quando lemos, entendemos quão caras são as palavras, tais como amigo, verdade, perdão, ciência, família. Não é um qualquer que pode mencioná-las todas correctamente, sem balbuciar. Com Salvador, temos mercado aberto de palavras, em quantidade e qualidade.

O Kuiper não está excessivamente concorrido, neste momento. O grupo de dez homens encarregados das preparações do evento já foram, estarão a descansar nos braços das suas mulheres ou namoradas, até amanhã de manhã. A tomarem três xícaras de chá de canela, a professora dá relatório aos pais de Salvador. Sentada frente a frente com Haumea e Makemake, e nervosa, por não querer interferir demais em assuntos parentais, começa por comentar que Salvador apresenta dotes como artista. Parece que hoje, na sala de aulas, estivesse

a desenhar uma bandeira. Se calhar, pretende inventar uma nova pátria, só para artistas como ele.

– Muitas nações mudam as cores das bandeiras – intervém Hau – ao longo da história, em função das guerras, conquistas, tratados territoriais e demais acordos, sejam bélicos ou pacíficos.

Perante o silêncio de Make, Éris concorda com o pai de Salvador. Argumenta que Hau possui uma boa bagagem de cultura geral, sobre o mundo, as nações, a história. Mostra admiração por um homem que sabe coisas e as menciona, sem leccionar a ninguém, numa conversa informal entre amigos. É neste momento que se abre o cisma definitivo na mente da professora Éris: se a montanha não vai a Mahomé, é Mahomé quem deve ir à montanha. Vou passar para o ensino superior, quero dar aulas de história, quero participar em debates de gente madura e adulta, que esquenta a cabeça de tantos livros que lê. Afinal o que é cultura geral? Hau não acredita o que está a ouvir da professora, e decide intervir, com um tom de voz amigavelmente pedagógico.

– Cultura geral é o domínio de conhecimentos, coisas que tanto quem estuda como quem não estuda deve conhecer, pela sua relevância no imaginário colectivo da sociedade.

– Certo. – Retorque a professora. – Mas quais conhecimentos são mais úteis, como cultura geral, para nós e para as novas gerações?

Há tensão calma no ambiente. As xícaras de chá já se esgotaram para os três amigos e poucos clientes restam à sua volta. Dona Aure continua dentro da cozinha, com as limpezas habituais e alguns passeios pela sala central do local, para controlar que tudo está em ordem.

Éris ainda não está completamente satisfeita, e pressente que está a ficar sem argumentos, deixando Hau com toda a razão. A professora queima a última bala, o derradeiro argumento que desperte um ponto

de vista brilhantemente diferente, antes da conclusão da conversa entre os três amigos. Exemplifica com um artista qualquer. Imaginemos um escritor, um cantor ou um actor de teatro. Se bem que é difícil aplaudir um escritor, quando o leitor consome a obra na sua solidão preferida, fisicamente longe de quem redigiu o texto, ainda é possível aplaudir à distância, agradecer pelo esforço. No caso do cantor ou do actor de teatro, vamos ao espectáculo e batemos palmas *in situ*, a contemplar em directo o resultado dos seus esforços artísticos.

– Quero dizer – repisa Éris – que cultura geral é a benesse imaterial que se produz quando um artista, seja escritor, cantor ou actor teatral, por exemplo, consegue que o leitor ou espectador se coloque no seu lugar, acompanhe todo o processo criativo e não apenas o resultado final. A salva de palmas é a maior demonstração de cultura geral. É por isso que cada comunidade, com as suas características culturais, bate palmas em ocasiões e situações diferentes. Se todos aplaudíssemos para o mesmo escritor, o mesmo cantor ou o mesmo actor, ou nos emocionássemos com as mesmas manifestações artísticas, perderíamos cultura geral, nós todos, habitantes fugazes deste planeta. Aplauda-se não só por gostar de algo, mas porque se valoriza todo o tempo sacrificado em se treinar, em se aperfeiçoar. Se o artista recebesse os aplausos trocados em valores monetários, as riquezas do mundo se igualariam de forma surpreendente, acho, porque todos temos algum talento que alguém pode congratular na base de salvas de palmas gratuitas.

O silêncio entre os três adultos, agora mais do que nunca, revela-se como o símbolo da paz, da ausência de acção, igual que a cor branca das bandeiras imaginárias que Salvador tenta desenhar quando está na escola. Bom menino.

– Está na hora de voltarmos para casa, – conclui Make, fatigada depois de mais um dia de trabalho – os avós já

cumpriram sobejamente o tempo diário de ficar com o miúdo. Obrigado pela aula, senhora professora.

– De nada, voltem bem – despede-se Êris, satisfeita pela sua intervenção. Pede um pratinho de amendoim torrado, da casa, e decide que vai ficar à espera do seu namorado, Oort, que ainda deve estar na inspecção rotineira do pavilhão, ou a escrever algum email laboral em casa.

Mas quem entra não é Oort, é Plutão, que senta ao lado de Êris, sem considerar se ela está, por acaso, à espera de alguém que não seja ele ou já se encontra prestes a sair, pois a chávena de chá está sem líquido, e o pratinho de amendoim já consumido na totalidade. Comenta que hoje se cruzou com Oort três vezes, a entrar e sair do pavilhão gimnodesportivo. Honestamente, não sei o que está a fazer, aquele aqui. Fui informado que haveria segurança adicional, um corpo. Mas por enquanto só vejo isso mesmo, um corpo. A vagar sem rumo nenhum pela vila, a perder tempo e a pisar o chão com toda a sujeira que ele traz nas botas, que depois o pessoal de limpeza tem que fazer desaparecer. Ainda bem que não mexe nos cabos nem na enorme tela central, que custou um dia inteiro a colocar, e ainda agora está a se instalar a conexão correcta com o servidor central que transmite as notícias. Quando me cruzei com ele hoje, pela segunda vez, na saída do pavilhão, reparei atenciosamente na cicatriz que lhe sobressai no pescoço. Tentei interligar as várias imagens que orbitam no meu cérebro cada vez que vejo aquela marca.

– E deste com a imagem certa? Quero dizer, sabes se foi a uma guerra, foi atacado em acto de serviço, anda metido em problemas com pessoas criminosas? – Pergunta Êris, a meio caminho entre a ironia e a preocupação de que o seu namorado seja, na verdade, um desalmado.

– Há uma coisa que me inquieta dele. Dois anos atrás, – começa a relatar Plutão – ele comprou quatro cabos azuis. O assunto é que os cabos azuis servem, normalmente, para bloquear conteúdos, evitar que sejam transferidos de um terminal para outro, por exemplo, de um computador para um telemóvel.

– Assim, todo aquele que compre cabos azuis é suspeito? Não me faça rir, amigo.

– Espera. Normalmente, as pessoas honestas compram esse tipo de cabos para bloquear acesso a páginas não muito edificantes, por exemplo, pornográficas ou de venda de armas, em lugares tais como um centro escolar ou um escritório governamental.

– Até aqui, tudo bem, faz sentido. Ele trabalhou em vários institutos secundários, faz aproximadamente dois anos.

– Oxalá fosse tão simples. Da primeira vez que veio à loja onde eu trabalhava, conversámos muito tempo, acerca dos cabos e do *flash* que ele pretendia adquirir. Na conversa, eu lhe disse que sou desta vila, e ele falou-me que tinha contacto com alguém daqui. Não sei quem poderia ser, porque naquela altura tu não o conhecias, pois não?

– Não, só o vi pela primeira vez no mês passado, na ocasião em que ele guarda-costava a directora provincial de educação. Mais o quê? – Impacienta-se Éris, que encoraja Plutão para que continue o relato.

– Aquele dia, depois de sair da loja, sentou na cafetaria que fica ao lado, e vi como tomava café. E desapareceu. Voltou a marcar presença mais de dois meses depois, o que é um tempo prolongado apenas para decidir que tipo de cabos pretende comprar, ou para poupar o pouco dinheiro que aquilo custa. Mas apareceu, era ele mesmo, com a cicatriz inconfundível no mesmo lugar e com idêntico aspecto que vi hoje no pavilhão, só que por aquele então, tinha barba, um outro aspecto, e,

naturalmente, ia desuniformizado. Não falámos nada, ele tinha mau aspecto, como um doente. Pagou os produtos e foi-se embora.

– E assim até agora, que te reencontras com ele três vezes por dia?

– Com ele sim, só agora, mas curiosamente soube uma informação dele por pura casualidade. A cafetaria ao lado da loja, onde eu trabalhava, encerrou, de um dia para outro. Não quis ser fofoqueiro, mas os clientes da loja, pessoas do bairro, andavam a comentar sobre aquilo, e, finalmente, entendi que a cafetaria tinha sido empapelada por um cliente que tinha tomado um café em mau estado, cheio de bactérias na chávena. O estabelecimento não cumpria os mínimos requerimentos de segurança alimentar, e foi multado, para além de pagar o tratamento hospitalar do afectado, que passou quase um mês no hospital, com cólicas nefríticas, e ainda mais uns dias em casa, de repouso.

– Sim, esse cliente é Oort, que colocou um pleito à cafetaria, e por isso as autoridades sanitárias mandaram-na encerrar. Já conheço a história, ele contou-me com todos os detalhes – retorque Êris. – Até teve que tomar comprimidos que ajudassem a recuperar os movimentos peristálticos do organismo, que tinha ficado severamente alterado por culpa das cólicas que sofrera. Só não sabia que ele tivesse comprado esses dispositivos na loja onde tu trabalhavas. Curiosidades deste mundo minúsculo.

– Agora, querida Êris, diz-me o que ele andava a fazer com esses cabos azuis, hoje, aqui, no pavilhão dos jornalistas? Quer bloquear que uns conteúdos pornográficos entrem na tela, ou, pelo contrário, quer que certos conteúdos sejam bloqueados e não saiam do circuito que vai desaguar na tela central? Eu entendo algo disso, sendo que trabalhei naquela loja, aprendi. Esses cabos são reversíveis, servem tanto para bloquear que algo entre como para evitar que se elimine.

– Ainda acho tudo muito rocambolesco, Plutão – Éris insiste em defender Oort de qualquer suspeita infundada.

– Bom, mas não impossível. E se tentas sacar-lhe alguma informação, nas vossas conversas íntimas? Talvez te demonstre o que é que anda a fazer, com aqueles cabos e o *flash*.

– Também escreve emails, de vez em quando, não todos os dias. Melhor que fales com a Make, ela tem tacto verdadeiro para estas coisas, não eu. Ela sabe entender, tratar e decidir o que é melhor, que seguramente será informar Horte e pedir reforços policiais. É o que eu faria, em caso de perigo, mas enfim, se sei alguma coisa que possa ser de interesse, te farei saber.

Plutão e Oort estão pertíssimo de se cruzar, por quarta vez no dia, na porta do Kuiper. Não o fazem por questão de brevíssimos segundos, o tempo que demora Plutão em se afastar da porta e seguir o caminho para casa, e Oort em chegar à porta do estabelecimento onde Éris ainda aguarda, já sem nada por consumir na mesa. Mas Oort não pretende entrar, só acena levemente para captar a atenção da professora, que se levanta, paga a conta e sai. Abraça o namorado e pergunta-lhe como correu o dia, enquanto tomam o caminho para casa. Foi muito bom, sem sobressaltos. Mais um dia já passou.

## 15

- M’wauka bwanji.<sup>1</sup>
- Podes ouvir-me?
- Nada. Caiu a rede.

Haumea está a tentar conversar com um fornecedor estrangeiro, africano, especializado em aparelhos. Depois de tantos meses em casa, a fazer trabalho à distância, já não sabe se está a dirigir-se na língua que deve falar com cada pessoa. Esta é a parte comercial do seu trabalho, a que mais odeia, mas que lhe permitiu ficar mais tempo em casa, a acompanhar os primeiros meses de vida do seu filho Salvador. Algum dia, mais cedo que tarde, será a vez de voltar ao trabalho de campo, à procura de zonas para reflorestamento e recuperação da biodiversidade. Makemake está em casa, recém-regressada de deixar Salvador na escolinha, nas mãos de Êris.

Hau e Make têm feito muito trabalho online durante o crescimento do filho, mas é que agora, de facto, tudo se faz à distância. Os intervalos são feitos em casa mesmo, sem necessidade de desligar as máquinas. Quando é hora de comer, Make perde a noção do tempo, e nem sabe reconhecer se se trata do pequeno-almoço, café da manhã, almoço ou lanche. Perante a confusão de Hau,

---

1 Saudação em Nyanja, língua do grupo bantu. Significa “bom dia”.



quando a encontra a cozinhar fora de horário, Make se justifica da forma mais simples para ela, que é aplicar conceitos linguísticos que se recorda dos estudos na Faculdade de Língua e Literatura.

– Olha, pequeno-almoço e café da manhã são a mesma coisa, só a variante dialectal é que os diferencia – argumenta Make. Podes dizer matabicho, como fazem os nossos irmãos africanos das duas costas oceânicas.

– Com o trabalho online, a cabeça vai-me explodir – diz Hau. – Tudo se faz à distância, agora. Trabalho, família, saúde, saraus culturais, compras. Onde é que está a nossa vida de antes?

– Não sei, mas a humanidade tem atingido um ponto em que o progresso e a modernidade é isto, a distância – reflecte Make. Tantos esforços para inventar-se e fabricar-se barcos, carros, bicicletas, aviões, helicópteros, riquexós, para reduzir as distâncias entre pessoas e lugares, que agora voltamos para trás: quanto mais longe, melhor. Só que as distâncias físicas sempre foram as mesmas, somos nós que agimos como se houvesse muros de cimento entre cada um de nós.

– Assim, Make, será esta a razão dos baixos índices de natalidade que a nossa província apresenta? – Aventura Hau.

– Se cada vez há mais pessoas que aderem ao trabalho online, como parece que é a tendência, – diz Make –, será bom que o nosso amigo Ceres, ou algum dos seus continuadores se apressem a criar a televisão que capta e emite cheiro, não achas?

De repente, alguém bate à porta, com as juntas dos dedos de uma mão. Pela característica forma de chamar, sem tocar a campainha, só pode ser Ceres, o homem que tanto inventou na sua vida activa como diplomata, mas que tem receio de um simples som electrónico caseiro.

Num dia laborável, mais ninguém do que um aposentado poderia estar a visitar.

Ceres está em casa de Salvador para apresentar uma proposta a Make e Hau. Em primeira ordem, inquire se os avós maternos do menino estão em casa, ao que Make responde que foram dar um passeio. Assim respiram ar puro, já que nós estamos em casa, alega Make, e podemos tomar conta do menino, sem problemas. Não sabemos se irão ficar aqui por muito tempo ou estão a pensar em voltar para a cidade, para dedicarem-se à olaria, entre outras afições. Ceres entende que Make e Hau não andam apressados, apesar das ocupações telemáticas habituais, e o diplomata fica feliz que o jovem casal o deixa falar. Por isso, começa a contar anedotas de viagens feitas em tempos remotos.

– Quando comecei a viajar, descobri que as pisanas são as mulheres mais lindas do mundo. Isso aprendi na Itália. Quando lá estive, eu era muito jovem, com toda a força e vontade para fazer coisas novas, autossustentar-me. Numa ocasião, antes de começar a comer, preparei massa esparguete, pensei que devia avisar os meus colegas de que eu corto os finos tubinhos amarelados, com faca. Caso não seja costume deles e fiquem chocados, pelo menos não iam me aparthear, porque me justifiquei antes de proceder. Justificar-se, algo que se aprende a viajar. Pelo contrário, não houve comentário nenhum, apenas aceitaram. Está bom, tudo controlado. Corta lá os teus esparguetes e come em paz. Alguns de nós também fazemos o mesmo.

– Assim, vieste te justificar por algo que pretendes fazer?  
– Pergunta Make.

– Seja como for, tenho a certeza de que os teus pais, Make, irão concordar com a minha proposta – solta, de repente, o diplomata Ceres, que tem a mesma idade, aproximadamente, que os pais da Make.

– De que se trata? Uma entrevista online com um teu contacto, que vai inventar uma nova panaceia estrafalária? – Ironiza Hau.

– Bom, a entrevista online já é algo tão comum que nem conta, mas pode ser feita e é algo breve – esclarece Ceres. O assunto é que podem levar o menino, Salvador, a participar num evento da televisão, um canal pequeno, provincial, mas muito engraçado.

– Obrigado por pensar em nós – agradece Make. De facto, também não há muitas mais famílias na vila.

– E qual a comissão que tu levas, companheiro? – Retorque Hau ao seu colega de triunvirato consistorial.

Ceres sugere que ele próprio pode ir ter com Horte para informar da actividade televisiva. Simplesmente, que a população saiba, e dona Aure possa sintonizar o canal no Kuiper, no dia D, na hora H. O diplomata responde a Haumea que, uma vez aposentado, ele já não leva mais nenhuma comissão de nada, só faz actividades pelo prazer de se sentir útil, igual como na edilidade. Como se tivesse escutado a conversa do casal antes de ele chegar, na qual Hau lamentava, Ceres também argumenta que, com esta participação na televisão, o jovem casal não vai ter que fazer tudo online. Perante a multiplicidade de esforços por fazer o mundo avançar desde a distância, um programa de televisão vai ser muito bom, porque poderiam saudar e abraçar pessoas, conhecer cara-a-cara outros meninos e outros adultos, não há dúvida.

– Mas o programa trata de o quê? – Pergunta Make. Temos que preparar, nós e Salvador, algum material, uma canção, um desenho feito pelo menino, uma roupa especial?

– Vou consultar o meu contacto, que é o apresentador do programa – conclui Ceres. Isso tudo é pacífico.

No mesmo dia, à tarde, Ceres entra na sala de reuniões do edifício da edilidade, onde Horte está a assinar uns documentos de adesão a uma campanha de recolha de lixo entre as povoações circunvizinhas.

– Com licença, senhor edil, terá um minuto?

– Para um membro do triunvirato que governa esta vila, sempre terei todos os minutos que sejam necessários!

– Grita Horte, com os braços abertos e um sorriso do tamanho do arco-íris.

Ceres fica parado, à espera que o assinante conclua a tarefa. Quando o autarca termina de trafegar com os papéis, o velho diplomata pede para se sentar, e já encostado, apresenta a iniciativa de levar o menino Salvador, filho de Hau e Make, a um programa infantil da televisão, na cidade. O edil aceita e fica maravilhado com a ideia. Procedam com isso! Podemos conversar esta noite no Kuiper, com Make e Hau. Eu estarei lá – explica o edil – porque, à tarde, os trabalhadores que têm estado a fazer as preparações para o evento desportivo, querem apresentar o resultado final dos seus trabalhos. Plutão também estará presente na reunião. Iremos falar, comer e depois eles vão-se embora, deixando tudo pronto para a chegada dos corredores e das autoridades. Assim, uma vez terminada essa reunião no Kuiper, estarei convosco, e não voltarei mais para esta sala, a Casa do Povo.

Aquela tarde-noite, no Kuiper, Brada teve que sair antes por causa da preparação das mesas dos jornalistas no pavilhão gimnodesportivo. A poucos dias do grande evento desportivo, ainda restam alguns cabos por mexer. Ceres começa a falar.

– Olhem, companheiros, eu ainda tenho muito por inventar, não sei se vou a tempo das modernidades que se avizinham. Ainda gostaria de encontrar alguém que me diga como se fazem tantas coisas, passo a passo, e

me pague por isso, prazo a prazo. Por exemplo, muitos cozinheiros da televisão sempre comentam que é uma pena que a caixa com imagens não consiga transmitir o cheiro da comida. Prontos! Hei-de encontrar alguém que me diga como faço isso, igualmente com os telemóveis. Transmitir cheiro. Ou controlar o tempo, o que achas? Reservar dias de calor para as minhas férias, num local determinado, não seria maravilhoso? E assegurar chuvas constantes e não demasiado torrenciais para os camponeses. Hã-de haver uma forma de inventar isto tudo. Mas eu já não chego, que tal se promovem o vosso filho, Make e Hau, para este tipo de investigações? Será um génio.

Ceres continua a falar, sabedor de que está sendo escutado com atenção, pela maioria dos seus companheiros de tertúlia, que deglutem porções de mandioca seca e amendoim torrado, junto com garrafas de cerveja TonnaH e copos de água. Plutão é o único que pede uma refeição completa, perna de frango com batata frita e salada. O ex-diplomata reconta a vivência que teve na Itália, com o facto de cortar esparguetes antes de comer, e a necessidade de se justificar, na vida.

Depois das anedotas viajantes, é o momento de explicar sobre o programa da televisão. Trata-se de um programa onde algumas crianças de menos de um ano podem falar entre si e dar recomendações aos adultos. O programa chama-se “Há debate”, e é apresentado por um homem de uns quarenta anos de idade, amigo de Ceres, ideólogo de alguma das pseudo-empresas que ele tinha criado, há muitos anos. Deixa, ligo para ele para sabermos quando é que poderá haver a próxima oportunidade de levar o Salvador, pois há uma bicha de pais com filhos que querem entrar no programa, que se faz quinzenalmente.

– Amanhã há debate! – Anuncia Ceres, com júbilo. Acabo de ter a confirmação com o meu contacto, o apresentador. Ele é quem me ligou agora mesmo para informar.

– Muito bem, vamos lá – agradecem Make e Hau, que de longe não parecem tão entusiasmados como o ex-diplomata.

– Vocês têm um especialista em relações públicas aqui, não podem negar – remata Ceres.

– Ninguém mais do que Ceres. Um brinde! – Hau levanta um copo com água, para que os companheiros de mesa o acompanhem, com o líquido que quiserem. O que devemos preparar para o programa? Alguma veste especial para o Salvador?

Chegou o dia de ir à televisão. Pelas catorze horas, depois de esperar por uns minutos num enorme salão, desprovido de mesas ou cadeiras, é o momento do debate infantil. O apresentador chega acompanhado de uma mulher madura, já quase na idade de reformar, que é colaboradora ocasional do programa quando a temática está ligada à educação de crianças e jovens. É a directora provincial de educação, que estivera na vila, na escolinha de Éris e Salvador.

Ceres fica no público, com uma garrafa de água na mão. Makemake e Haumea, um de cada lado do seu filho, fazem parte do círculo onde quinze bebês, quinze pais e quinze mães se distribuem o minúsculo espaço do estúdio, que fica não longe do centro cultural do Saber Popular. Inexplicavelmente, nunca tiveram a ousadia de entrar, quando eram adolescentes e estudavam perto dali.

Na primeira parte do programa, o apresentador faz um esforço para ser amável com o grupo dos pais, presentes com os seus filhos. Diz para os adultos que os programas infantis não se diferem muito dos cinemas de bairro, para adultos, em que se repõem filmes antigos com actores carismáticos, muitos já falecidos. É uma forma de recuperar a cultura que já se foi, assim as crianças levam valores sociais que se praticavam em tempos não

muito remotos. As diferenças intergeracionais somam, não subtraem – encerra o apresentador, obtendo a cumplicidade dos pais e mães presentes na plateia, entre eles Make, que não deixa escapar Salvador nem um centímetro longe dela. O homem, gravata verde encaixada entre a parte interior de um colete preto e o exterior de uma camisa branca, adiciona que, hoje em dia, as crianças já não jogam com berlindes nem pião, como fazíamos nós na escola, cada coisa no seu tempo. Como as frutas, que caem por temporadas, agora é tempo de cerejas, próximo mês, manga, logo, há-de vir melancia e, finalmente, as gostosas e doces tangerinas. E volta a começar o ciclo. Nós intercalávamos os jogos, mas agora tudo é digital, as crianças nascem com máquinas na mão e nós, nostálgicos, nos achamos velhos como se tivéssemos noventa anos e quiséssemos recuperar nos nossos filhos costumes de outra época.

O apresentador, depois da simpática troca inicial de impressões, muda de discurso e fica mais sério. Hau e Make teriam esperado o contrário, que a conversa do apresentador com os pais fosse muito detalhada, carregada de regras e normas a seguir durante o programa, e que depois ele fosse mais amável, descontraído e brincalhão com as crianças. A melhor forma de tratar uma criança é falar-lhe a verdade mais pura e única, desde a idade bem tenra. O homem alto e esbelto fala das bandeiras dos países do mundo. Os pais ficam no segundo plano, ele e os meninos iniciam o sarau.

Vamos desenhar, meninos – ordena. Peguem no lápis e imaginem um objecto da forma que quiserem, que vos recorde uma coisa muito agradável e prazerosa. Difícil pedir a uma turma de quinze meninos, que juntos não somam nem onze anos de idade, para desenhar algo que recordem do passado. Mesmo assim, cada um dos integrantes deste grupo de desconhecidos, futuros ministros, professores, apresentadores de televisão, donos de restaurantes, faxineiros, actores, soldados

ou desportistas, pega no instrumento indicado e se ensozinha, concentrado, no seu papel gigante, a conjugar o envio de ordens encomendadas pelo cérebro com a movimentação das mãos. Salvador desenha, igual que fizera na escola com Éris, algo parecido a uma bandeira. Um pedaço de roupa, inclusive podia ser uma toalha ou um lençol. Uma bandeira sem cores. O apresentador faz gestos excelsos para informar a todos que terminara o tempo indicado para desenhar. A directora provincial não fala nem se mexe, só observa, à espera do momento da sua intervenção. Está sentada, isolada, entre os pais e o grupo dos protagonistas, que se encontram em plena acção. O apresentador, treinado em vociferar quando está no ar, exorta os meninos a parar de manusear as ferramentas de trabalho e afastar-se dos papéis. O microfone diminuto inserido na gravata é apenas um ornamento sem significância, seguramente nunca o tira ao fim do programa, até entra na bacia com água e detergente para ser lavado, e assim cumprir a sua função decorativa com maior brilho.

– Muito bem, meninos, – grita – estão de parabéns, seja o que for aquilo que conseguiram desenhar, será válido, desde que expliquem o que significa, qual recordação vos traz.

Na segunda parte do programa, sem pausa para intervalo, a mãe de Salvador se dirige ao seu filho e aproxima-lhe os lápis de cores. Mas Salvador rejeita-os e chora. Por muito que Make insista, ele quer que a sua bandeira fique só branca. Não por ausência de cores, mas porque essa é a cor que deve ter. A mesma cor que já vem incorporada no papel. A cor que não é identificativa de raça humana nenhuma. A cor da ausência de guerra. A cor do que não precisa ser pintado, nem adicionado ou misturado com nada. Como uma omelete sem ovos. Como um comprimido analgésico que tira a dor, ou provoca a ausência de dor. Isso é que Salvador está a querer comunicar. Pela insistência do menino em fazer dois desenhos iguais, um



na escola e outro no estúdio da televisão, a mãe entende que há algum sinal. Agarra no braço do seu marido, Hau, que está a contemplar a mesma coisa que ela, hierático, imóvel. Os seus pensamentos estão conectados, como em tantas outras vezes, mas nenhum dos dois sabe o que dizer ao outro, nem ao seu filho em comum. Make levanta-se e anda ao redor da sala, observa os desenhos de outros meninos, que estão a pintar com muitas cores, tantas como as divisões possíveis dentro do espaço do papel. Os pais de todas as outras crianças exprimem júbilo, sorrisos, alegria, felicidade e vários mais elementos abstractos, existentes apenas na flutuação da mente humana. Hau fica a penetrar os seus olhos no papel com o desenho de Salvador, que está calado, sem expressão nenhuma.

De repente, Make saúda a directora provincial, que acaba de levantar-se para fazer o mesmo que Make está a fazer, visualizar todas as brinciações dos pequenos contertúlios. A mãe de Salvador corre para se juntar de novo aos seus dois homens. Afinal, qual é o problema de deixar as coisas como estão, sem cor, sem recheio, sem nada supérfluo? Pressente que o evento desportivo na vila está em perigo, por excesso de alguma coisa. Excesso de desportistas, cada um com as cores da sua respectiva bandeira nacional? Excesso de jornalistas, a falarem da mesma coisa em diferentes línguas, quando seria mais fácil um só jornalista falar para todo o mundo numa única língua universal? Excesso de segurança, com tanta polícia a circular, alguns fardados, outros à paisana? Excesso de armas, escondidas entre as roupas oficiais ou civis dos agentes? Excesso de cabos e dispositivos no pavilhão gimnodesportivo, onde se agolpeam os correspondentes da imprensa de todo o mundo, hoje de olhos numa pequena vila? Há excesso de alguma coisa, e faz-se imperioso que voltem as bandeiras brancas, a ausência do excesso, como Salvador acaba de evidenciar.

Há que voltar para casa, o programa terminou. Como pais pela primeira vez, Make e Hau aprendem a lição: escutar uma criança inocente é algo que abre os olhos dos adultos ao mundo. O único problema é que, quando os olhos estão abertos, se avistam mais perigos, que sempre estiveram aí, mais perto do que imaginávamos. Make entende que, como as ondas do mar, vale a pena recuar para ganhar forças.

– Hoje, analfabetizei-me a mim mesma – pensa em voz alta, no parque de estacionamento de viaturas, a procurar o meio que os levaria de volta para casa.

Ceres não compreende o significado daquelas palavras, apesar de toda a sua sabedoria, viagens, contactos e invenções empreendidas durante a sua vida laboral. Haumea sorri, em sinal de tácita aprovação, mais uma vez, como tantas outras vezes desde que conhecera a sua parceira vitalícia, nos remotos tempos em que ambos estudavam na Faculdade, nesta mesma cidade, capital de província, que o seu filho Salvador acaba de visitar pela primeira vez na vida, descontando o momento em que veio ao mundo, na maternidade moderna e eficiente do bairro central.

Foi uma bela experiência, comenta Hau, que hoje está a conduzir. E adiciona que acha curioso chamar debate a um espaço onde cada interveniente expressa os seus pensamentos num papel, e não com palavras. Ceres, que irá ocupar a cadeira do copiloto, concorda com ele e vira-se, procurando com o olhar a colaboradora do programa, a senhora directora provincial de educação. Ainda antes de subir nas suas respectivas viaturas, os dois velhotes têm a opção de conversar.

– Divorciei-me, – começa ela – aquele homem não me fazia mais que sofrer, com os seus contactos, andanças. Se lixe aquele sacana, que procure pitinhas de vinte anos,

mas comigo nada. Que me pague a manutenção da nossa filha e prontos – remata, contundente.

– Interessante – cogita em voz alta Ceres. – Quero dizer que fico feliz que viu o problema antes que crescesse de forma insalvável.

– Só espero que não faça mal a mais ninguém. No domingo, vocês lá na vila têm a corrida internacional, não é? Já estou a vê-lo, sentado no palco de autoridades, ao lado do seu odiado Presidente do Governo. Não gostaria de estar no lugar do edil, naquele dia, a partilhar palco com esses dois desalmados.

– Está tudo acautelado, senhora directora, o evento andarà bem, tenho certeza. Como membro do governo da edilidade, garanto que estamos a trabalhar fortemente na segurança de todos, quer políticos, desportistas, como público, em geral. Está convidada, se o quiser – brinca Ceres, sabendo que a senhora directora não tem energia para aguentar este tipo de eventos, e, muito menos, numa vila longínqua onde estará presente o indesejável do seu ex-marido.

A directora veste um casaco branco e elegante, brincos azuis em forma de estrela de cinco pontas. Com o seu andar queixoso e lento, que nem um paquiderme em estado avançado de gravidez, a mulher sobe num táxi e parte, esboçando um sorriso maternal para Salvador, que está agarrado pela mãe, agradecendo a ele, e, por extensão, a todas as crianças do mundo, que continuem a fazer tão bem o que melhor sabem fazer: salvar o mundo que os adultos acreditam ser só deles.

## 16

Horte, Ceres e Hau vão ao cemitério. Sobem a pé, juntos, mas separados, cada um vai visitar o seu ser querido, sangue do seu sangue, pois Ceres também garante, ali, os restos dos seus pais. Algum dia, aqui haverá uma família alargada de defuntos. Na conversa com a lápide do seu pai, Horte escuta o pequeno relatório sobre a mãe de Hau, como se comportou nos primeiros dias de convivência neste reino de quietude.

– Olha, Hau, vem cá, o meu pai está a te dizer algo – diz o edil.

– Me desculpa, mas isso de falar com pedras, eu não faço – conspurca o pai de Salvador.

– O meu pai está a falar dela, da tua mãe. Em nome do meu pai, que não pode falar por si só, peço-te que conversees com ela, que venhas com uma certa regularidade. Aprender a falar com mortos não é fácil, mas podes aprender. Também custa falar com os vivos, até o ponto de, muitas vezes, desistirmos, mas é útil. A mim, o meu pai aconselha-me. Como pensas que eu teria pensado em me candidatar para ser edil desta vila, a terra que o meu pai viu apodrecer, que viu descarrilar com a guerra e que nunca mais viu renascer? Lá, na República dos Finados, poderão entregar-lhe o Prémio Nobel do Altruismo, por tudo que fez pelos outros, não

se importando com viver na miséria absoluta, em termos materiais, enquanto a sua riqueza mental não parou de aumentar até que pereceu. Hoje, ele é um dos mais ricos, porque, lá onde está, as riquezas materiais não creio que tenham uma relevância muito destacada. Resta saber se, toda a sabedoria que acumulou entre os vivos, tem alguma aplicação aqui, neste bairro de corpos santos e almas fugiças. Naquele lugar, os três membros do triunvirato recordam os tempos da guerra, que os três viveram de forma muito diferente, mas hoje, tiram as mesmas conclusões. Quando há um golpe de estado, seja aqui ou acolá, tudo são ventos de gloriosa mudança, para os meios internacionais: “as mulheres poderão tomar decisões próprias, sem depender dos maridos que se apoderaram delas até agora”, “não queremos vingança, apenas justiça”, “os meios de comunicação gozarão de plena liberdade informativa”, “não colocaremos vidas humanas em perigo”, “isto é pelo povo, pela pátria, não contra ninguém”, “a transição será garantida de uma forma completamente pacífica”. Aqui foi exactamente igual, assim que não somos tão diferentes do resto do mundo, os de lá fora, destaca o edil, parado em frente da campa do seu pai, a ler, mais uma vez, o epitáfio por si escolhido: *O passado é a única coisa que nunca passa.*

Poucos metros e algumas campas mais acima, onde estão os defuntos mais jovens, em termos de ingresso ao bairro mortuário, Haumea e Ceres estudam a possibilidade de gravar o epitáfio da mãe de Hau, sem necessidade de tirar a lápide para tal. O velho ex-diplomata mostra-se receptivo ao encargo. Algum invento terei que engenhar, só que o meu parceiro, o teu filho Salvador, ainda é muito novo para inventar nada. Por enquanto, deixemo-lo ser criança, e depois, que escreva para salvar o mundo. Essa seria a melhor invenção.

– Por enquanto, faz lá uma foto da pedra – exorta Ceres ao pai de Salvador.

– Tira-se fotos, num cemitério? – Retorque Hau, apavorado, como um adolescente evergonhado de dizer aos pais que reprovou a um exame.

Sente medo pelo simples facto de poder desmanchar alguma tradição secular e as consequentes represálias, por uma foto. Um cemitério é lugar que sempre encerra tradições seculares. Finalmente, acede e tira mais de uma foto, para poder estudar, em casa, o espaço disponível que existe, de lado a lado e de cima para baixo, para escrever o epitáfio da mãe, viúva de mercenário: *Se consegue mais com um sorriso do que com a ponta de uma espada.* A máquina para gravar iremos inventar depois, não há pressa, reconhece Haumea. Os três integrantes do triunvirato se olham, e lançam uma pergunta ao ar, com as suas vozes em exactíssima e não planificada harmonia uníssona.

– Candidatamo-nos para as eleições nacionais?

– Primeiro, asseguremos que a prova desportiva decorra da melhor forma possível. Os olhos do mundo estão em nós, mais do que nos corredores – Horte tranquiliza os seus dois aliados.

Durante a segunda e terça-feira da semana do evento, os corredores já estão acomodados nos hotéis da cidade, mas não aparecem na vila, para evitar muito cansaço com o vaivém das deslocações. Alguns treinadores e membros dos corpos técnicos de cada federação se deixam ver na vila. Alguns entram no Kuiper, para tomar café e degustar a mandioca com molho de tomate, entre outras iguarias.

Dona Aure reza ao Deus dinheirista com todas as suas forças, para que esse poço de petróleo, esse oásis de água fresca no meio do deserto, essa mina de ouro, diamante, cobre, bauxita e coltan, em forma de consumidores barrigudos, não se esgote nunca.

– Nada é eterno, dona Aure – diz Brada, com um certo lamento. As torneiras irão fechar, com total certeza, próxima semana.

– Quem disse que nada é eterno? Um ejaculador precoce?  
– Dona Aure resigna-se a aceitar a realidade. As torneiras deixarão de jorrar dinheiro imediatamente depois que o último corredor abandone a vila.

Os delegados das federações passam mais tempo a consumir no Kuiper do que a trabalhar, verdadeiramente. Olhando bem, esse é o trabalho deles, esperar. As vitórias desportivas são semeadas nos treinos; nas provas oficiais, apenas se recolhem os frutos, com maior ou menor grau de doçura. Uma tarefa ainda podem fazer, se a chuva o permite. Aproveitam para conhecer o terreno, e levar algumas informações importantes aos seus atletas, em relação ao tipo de sapatilha que deverão usar, a rigidez da superfície, o número de curvas e contracurvas para um e outro lado, o desnível das subidas e descidas da prova, e mais outros detalhes de interesse, que o corredor deve gerir, durante a corrida, qual um estratega militar em plena campanha bélica.

Os trabalhadores já terminaram os seus deveres. Instalaram o palco, colocaram cadeiras, limpam o pavilhão gimnodesportivo e delimitaram o percurso, incluindo a instalação da tábua de madeira no rio. Por questões orçamentais e de poucas pressas, depois do evento, para as limpezas e arrumações, só será necessário um número menor de trabalhadores, para infortúnio de dona Aure. Talvez os benefícios colhidos nesta época ajudem a comprar um gerador ou um pacote de televisão com canais mais impressionantes. Poucas pessoas ocupam as mesas interiores do Kuiper, o ambiente é frio, toda a vila só aguarda o calor humano que brotará, qual um cogumelo recém-nascido, a partir dos próximos dias.

– Já estamos nas ultimíssimas preparações – Ceres quebra o gelo, com uma garrafa de TonnaH na mão, já a acabar.

– O mafioso vem amanhã – diz Horte. Perdão. O senhor director da federação nacional de atletismo chega amanhã.

– Tanto te preocupa, esse homem? – Retorque Makemake.

– Amanhã de manhã, prometeu, antes das onze. Mas quem sabe – o edil, que mastiga amendoim torrado com fúria, ainda aumenta informação.

– A sua ex-mulher não fala nada bem dele – assevera Ceres. – Basta que pague as contas de casa, incluindo a manutenção da filha, e a mulher já se acha vencedora da lotaria nacional.

– É incrível que haja ex-casais capazes de serem amigos e fazerem as coisas pacificamente, desde que se divorciam – participa Éris do colóquio, um pouco murcha pela ausência de Oort, que está nas últimas revisões de não sei quais sistemas de conexão.

– Senhor edil, com os devidos respeitos, eu me preocuparia mais por aquele segurança do que pelo director da federação nacional – afirma Plutão, convencido. Ao mesmo tempo, faz um gesto de desculpa dirigido a Éris. Já sei que é o teu namorado e gostas dele. Eu não tenho nada em contra disso, mas parece-me alguém não completamente limpo, não sei.

– Nos divórcos, – opina Éris – quando assinam o papel perante o notário, dever-se-ia proclamar “até que a morte os volte a unir”. Lá nos cemitérios, todos somos da mesma pátria, com o mesmo passaporte. O que interessa se alguém faleceu num país ou outro?

– E aqueles que são incinerados e espalhados em rios, qual passaporte terão, lá do outro lado? Há rios que atravessam muitos países. – Estas últimas palavras



de Horte fazem um silêncio, que paira no ar por vários segundos, já sem líquido em nenhum dos copos, nem nada sólido nos pratos.

Haumea tinha ficado silente até agora. Só a sua esposa Makemake é que conhece perfeitamente o que está a correr pela sua mente, e mesmo assim não pode evitar que o seu marido exploda, nervoso, qual um pneumático de camião superlotado de ar.

– Basta de conversar sobre a morte – impõe Hau, visivelmente incomodado pelo assunto. – Justamente agora que esperamos a maior injeção de vida que esta vila já viu, não sabem mais que falar das regras de concorrência dos que estão lá, do outro lado.

Como um anjo a aterrar do céu, com a missão de acalmar as feras, Brada sai da cozinha e intromete-se entre o grupo. Retira os vasilhames que agora são lixo, pelo facto de estarem vazios, e limpa as mesas com um pano molhado. Tudo com muita vivacidade, até alegria, se não fosse pelo rosto apagado que mostra, indissimulavelmente. Horte levanta-se e acompanha a jovem empregada até à cozinha, onde dona Aure está sentada a fazer as contas, muito mais positivas do que qualquer dia normal, e a fazer a lista de produtos para encomendar a partir de amanhã, em que haverá, até domingo, cardápios redobrados para atender os visitantes internacionais. Uma vez frente a frente, o edil pergunta a Brada como foi o dia.

– O dia foi excelente, tudo bem – responde Brada, descontraída.

– Já sabes, lá em cima, no pavilhão, com o nosso amigo – assevera Horte, com um tom de voz muito baixo, mas firme.

– Nada especial, na verdade – admite Brada, que não esconde a vontade de acabar o dia e poder dormir. – Me sinto um pouco péssima, como investigadora, porque cada dia estou a dar o mesmo relatório. Mas é isso

mesmo: nós, os poucos jornalistas locais, fazemos as nossas actualizações, escrevemos, conversamos pouco, fazemos as nossas pausas, vamos à casa de banho, teclamos no telemóvel, voltamos a escrever crónicas, e, quando chega o fim do dia, vamos embora. Sempre igual, sem alterações. E o nosso amigo, também, todos os dias como um relógio, faz as suas voltas de reconhecimento, mete o nariz nos cantos da sala, onde tem tomadas, circunda a tela central, e com toda a lentidão do mundo, qual uma tartaruga a perseguir uma lesma, vai para a porta e dirige-se a nós, sempre com as mesmas palavras de agradecimento e votos de uma boa continuação do trabalho, que é muito útil para a imagem da vila, a promoção do desporto e tudo isso. Acho que lhe deram esse discurso já feito, só para recitá-lo à nossa frente, como se ele fosse o nosso chefe de turma da nona classe.

– É isso que me preocupa, que cada dia faça a mesma coisa, o mesmo percurso e observe as mesmas coisas. A interpretação é fácil: há algum perigo precisamente aí, onde ele olha e reolha tão repetidamente. Agora, como podemos adivinhar o que há de perigoso ou daninho naqueles quatro cantos desjanelados da sala, nas suas correspondentes tomadas de energia e, sobretudo, na tela central de emissão de notícias?

Já entrada a noite, Oort encontra o seu momento. Pega no telemóvel e escreve uma mensagem à Éris. Estou ao telefone com os meus chefes, que chegam no sábado. *Venho já, mas não precisas de esperar por mim acordada. Beijos.* Desliga o telemóvel para que ninguém o contacte nos próximos minutos, e assim ganha liberdade para entrar no pavilhão e manipular a imprensa do evento, no pavilhão gimnodesportivo. Um artista a quem lhe são dados dois meses para pintar um quadro realista, primeiro deve fazer uma fotografia da natureza, e pode perfeitamente usar cinquenta e cinco, ou cinquenta e

seis dias, do total de sessenta de que dispõe, apenas para observar, impávida e imperterritamente a natureza viva que pretende retratar, plasmar no lenço. Só nos últimos três dias é que pinta. Esse é o procedimento que usa Oort. Apesar de não ter sido concedido um tempo prolongado de dois meses, como o artista, Oort foi capaz de ganhar tempo às ordens do seu superior, o mafioso e desalmado director da federação, no seu último e definitivo ataque para desprender-se do Presidente do Governo, qual um broche de ouro à sua vida activa. Primeiro, como guardacostas da directora provincial de educação, ocasião na qual pôde chegar à vila, numa primeira toma de contacto com o terreno. Depois, como curioso homem de cultura, na apresentação do livro de memórias da Brada na editora OriOn, onde encontraria Êris, casualmente e sem uniforme policial. A seguir, a conversa, a mandioca no Kuiper, mais conversa, a amizade, as intimidades emocionais da madrinha eterna, os desejos maternos, a casa de Êris, dormir na cama com ela, acordar com ela, voltar a dormir, pegar nas arredondadas ancas, fazer sexo, imaginar o futuro juntos, consolidar o presente separados. Isolados. Tudo para conhecer o terreno, preparar o assalto.

O assalto é um capítulo a parte, porque não precisa de namorar mais com Êris, convencê-la de que é um homem atribulado e muito trabalhador, que faz o bem para o mundo porque desactiva bombas, que terão um futuro brilhante juntos, melhor, se poder ser, com um emprego de docente com condições mais condignas. Na vila, às ordens escuras do director da federação nacional de atletismo, Oort precisa de convencer todos os aldeões, pelo menos, o inteligente novo edil, Horte, e o seu círculo mais próximo. Mau presságio, para Oort, é que o autarca não gostou do director de federação nacional de atletismo, logo na primeira reunião. Acha-o arrogante, de opiniões políticas demasiado anacrónicas. Oort não acredita, em nenhum momento, que a tendência intromissora do

seu superior provoque fissuras no trabalho, e, por isso, não faz nenhuma referência a este aspecto nos últimos emails que os dois malevolentes têm estado a trocar. Do lado mental, a preparação para o assalto está no melhor passo, em correcto andamento, mais ainda com Éris no papel de colaboradora inocente. O território cada vez se vislumbra melhor delimitado. A nível prático, tudo está concentrado no dia da execução, na hora H, nas duas frentes. Não basta matar o Presidente do Governo; deve-se atemorizar a população, criar barulho entre os jornalistas, profissionais na divulgação de atrocidades, cúmplices dos perpetradores. Também não basta criar medo entre as massas, reinventar o evento desportivo e dar material avulso para os destaques dos telejornais; deve-se matar o Presidente do Governo, concluir o trabalho, redigir as diligências do operativo, como mandam os códigos da lei e ordem.

Oort tinha calculado os passos exactos que devia dar para saltar e entrar pela janela do pavilhão, cujo edificio é grande, mas nada elevado em relação ao nível do chão. Com as inspecções feitas, considera que não custa pular até à janela, que apresenta uns blocos sobressalentes, que ajudam o terrorista para que coloque as pontas dos dedos e estabeleça a ponte directa ao objectivo, qual um pirata coloca uma escada móvel no momento de assaltar um navio poderoso, no alto-mar. Na noite antes, se Éris continua a colaborar como tem feito até agora, tudo vai sair muito bem. Poucos dias antes da manobra, envia o último email ao seu chefe distante. Apenas para confirmar que o terreno está livre, estou bem infiltrado e não há indícios sólidos que nos levem a pensar que seremos bloqueados. Oort pensa que o director fez bem em decidir que o evento desportivo seja organizado nesta vila longínqua. Estes aldeões, é verdade que não morrem de fome, com este local chamado Kuiper. Mas são todos uma malta de pobres burros camponeses que nunca viram máquinas, pessoas estrangeiras, jornalistas profissionais,

polícia anti-bombas, nem muito menos um Presidente do Governo em pessoa, com toda a pompa e grandiloquência. Nos olhos do polícia terrorista, todos os concidadãos da vila têm igual aspecto a um tal Analfalberto, um amigo da infância, de poucas luzes e ínfima capacidade de decifragem, dos tempos adolescentes em que Oort ia à escola.

Consegue entrar, tendo deixado Êris a sonhar com ele a sair da cama e voltar uns minutos depois. Nada mais longe da realidade, com as suas botas de ir para o campo e camisola do uniforme policial, começa a mexer no bolso direito da camisola, donde sai o *flash*, o mesmo que tinha comprado dois anos antes na loja da cidade, onde se cruzara, pela primeira vez, com Plutão. A tela gigante central não dorme nem descansa em nenhum momento, ficando em *stand-by* durante a noite, em que ninguém está a ler as informações que por ela poderiam circular. Os cabos azuis os carrega num plástico da mesma cor, e cumprem a sua função sem nenhum impedimento, pois são novos, nunca antes foram estreados nos dois anos anteriores. Actua com celeridade, pois sabe que um pequeno som pode acordar algum vizinho da vila das casas próximas ao pavilhão. Também traz uma faca de mesa, não muito dentada nem afiada, mas suficiente para rasgar a cobertura plástica dos extremos de cada cabo de cobre. Uma vez os quatro cabos enfiados à corrente das tomadas eléctricas, o *flash*, inserido nas traseiras da tela gigante, não deixa de cintilar, mostrando actividade frenética. Qual uma bebida energética circula bravamente pelas veias de um corpo sedento e cansado, o texto que o director da federação nacional tinha preparado, começa a espalhar-se pelo sistema informático, e já está em todos os fios de corrente do pavilhão. Desta forma, qualquer outra notícia que queira circular até aos computadores ou telefones dos jornalistas, será bloqueada por um muro, uma barreira infranqueável. Mas não agora, neste momento que é noite. Também não amanhã de manhã, quando os

jornalistas começarem a chegar à sala e desbridarem toda a sua actividade informativa. O bloqueio se produzirá exactamente na hora H, imediatamente depois do fim da corrida feminina, em que o alvoroço será maior entre os jornalistas, e justamente antes da entrega de prêmios aos vencedores, com a encenação e discurso do Presidente do Governo. Nesse instante, Ort pousará o seu colete anti-balas numa das cadeiras do pavilhão, deixará de ser polícia e se tornará agente ao serviço do caos, a deslei e a desordem, enquanto o Presidente do Governo estará a encorajar a juventude a manter os valores desportivos, vida sã e cultura do esforço. O terrorista terá programado os cabos e o *flash* para que, três minutos mais tarde, enquanto ele esteja a fugir para um local elevado onde visualizar toda a cena, e o Presidente do Governo a sair da vila, a mensagem comece a emitir-se pela tela gigante. Nesse momento de incredulidade e desnorte generalizado, desde a sua atalaia, premirá o botão de um pequeno remote, que accionará a invisível bomba preparada exclusivamente para que Sua Ex-Excelência sinta o seu rabo a queimar, e lhe seja emitido, por fim, o passaporte diplomático para residir com pleno direito na República dos Finados.

Tudo preparado, é o momento de voltar a sair pela janela por onde entrou e regressar aos lençóis da professora Éris. E sonhar, qual uma criança com o coração cheio de esperança numa véspera de Natal, com que no dia de amanhã o plano traçado corra às mil maravilhas.

## 17

Na quarta-feira prévia à prova desportiva internacional, o edil Horte cumpre a sua única promessa eleitoral, pois, no dia em que Ceres arbitrou para que Hau e Horte se candidatassem, o coproprietário do Kuiper venceu o cara ou coroa com a condição de que eles três coformariam um triunvirato. Horte convoca os seus aliados no Kuiper. Haumea pode vir com Makemake, se tem ocasião de deixar Salvador com os avós maternos, ou inclusive trazê-lo para que participe do seu primeiro conselho autárquico.

Brada está dentro da cozinha, com dona Aure, a ferver mandioca para os responsáveis máximos da política da vila. O local não anda muito concorrido: Êris já deve estar a descansar com o seu namoradinho, o misterioso Oort; Plutão nem sequer dorme em casa. Fica num hotel da cidade com uma das delegações atléticas, que tinha tido um problema de compreensão do sistema de transporte e precisava da ajuda de um local, ninguém melhor do que Plutão.

Muitas pessoas já saíram do Kuiper de tarde e agora estão a descansar, ou simplesmente foram passar o fim-de-semana longe de um megacontecimento que não lhes desperta interesse nenhum. A jovem empregada do Kuiper melhorou muito, tanto na qualidade do seu serviço, como na sua relação com dona Aure. Mas não

sabe, enquanto tira a mandioca da panela para servi-la num prato quadrado branco com o contorno azul, que a reunião que está a decorrer na mesa central é sobre ela, entre outras coisas. E quando aproxima à mesa para entregar a mandioca, o molho de tomate e as châvenas de chá de canela, Horte agradece e manda-a sentar, numa cadeira deliberadamente vazia, entre Make e Hau.

– O chá eu não vou tomar, pedi para ti. E podemos comer juntos a minha porção de mandioca – fala Horte, convidativo. Os outros membros da mesa ficam silentes, também Salvador, a chupar o leite materno do mamilo da Make, que está virada para um lado, elegantemente, por forma a não deixar ficar o seu peito estridentemente exposto ao público. Fica constituído o primeiro Conselho da Edilidade improvisado, com a participação de Ceres, Hau e Horte. Também Make participa, como membro consultivo, na tomada da decisão que poderá ser uma salvação para eles e para toda a vila.

– Licenciada em Jornalismo, como está a andar o trabalho?

– No pavilhão? – Pergunta retoricamente Brada. – Tudo bem, cinco estrelas, posso dizer. Mas claro, ainda estamos na fase de preparação para as coisas grandes do fim-de-semana.

– O trabalho que estás a fazer também é grande, acredita – assevera Horte, com ar sério, fitando os olhos da sua interlocutora. Os outros companheiros de mesa mexem a cabeça de um lado para outro, quais árbitros de cadeira numa partida de ténis, a acompanhar as bolas lançadas por cada um dos intervenientes.

– Sim, entendo – assente a jovem perante a constatação do seu duplo chefe, tanto no trabalho no Kuiper como na administração da vila onde mora. E adiciona que não acha correcto que os jornalistas só venham na quarta-feira, enquanto os corredores já estarão alojados na



cidade desde a segunda-feira. Não seria mais lógico que, em primeira ordem, aparecessem os jornalistas, para documentar tudo que se passa, começando pela chegada dos desportistas?

– Isso mesmo coloquei aos da federação nacional, quando estiveram cá para as preparações. Mas são de cabeça paralelepipedal.

– Todos os dias fazemos o mesmo trabalho: – explica Brada – limpeza geral, ligar os computadores e imprimir uma página de prova, a preto e branco. Depois, ligamos a tela central com o cabo do servidor central, e começamos a escrever notícias. É monótono, mas não está mal. Até gostei do dia em que ajudámos os operários que estiveram a colocar a tela, foi entretido, também porque durante a tarefa, apareceu aquele teu amigo, o namorado da Éris, com fardamento oficial de desactivador de bombas. Fazia uma ronda de inspecção rotineira, pela nossa segurança e para o bem de todos.

– E ele apareceu mais vezes? – Inquire, directo, Horte.

Ceres e Hau não entendem a fixação do edil no homem da segurança.

– Sim, passa todos os dias, entre as dez e as treze horas – informa Brada. Até uma vez ousei perguntar-lhe porque vem nesse horário meio morto de actividade, e respondeu-me que de manhã e à tarde faz outros trabalhos de escritório, também pela nossa segurança e para o bem de todos, ao que eu adicionei: a justiça não descansa, e foi-se embora. O homem faz uma rotina curiosa, posso dizer: passa pelos quatro cantos da sala, depois circunda a tela central, levanta exageradamente os joelhos quando passa por cima dos cabos de ligação da tela com o servidor central, volta a passar pelos cantos da sala e dirige-se à porta, sem tocar nada com as mãos durante todo o percurso. Ali parado, nos agradece pela paciência,

deseja-nos boa continuação do trabalho e despede-se, com um andar devagarinho, silencioso.

– Preciso que, para além do trabalho que estás a fazer para os meios locais, provinciais, faças um outro trabalho: que investigues o homem mais profundamente, como uma infiltrada. Não importa se dispensas uma parte do trabalho informativo. Jornalistas temos muitos, mas inspectora infiltrada por ordem da edilidade só uma, e és tu.

Brada fica estupefacta. Agora lembra-se da tarefa encomendada pelo coproprietário do Kuiper. Mesmo assim, responde, com cara de surpresa, olhando de soslaio para Make, como ponto de apoio feminino numa conversa de predominância masculina.

– Infiltrar-me? Aonde? Se já estou dentro do assunto, mais profundo não sei como queres que faça.

– Sim, infiltrares-te. Não mais profundamente, mas em vários lugares ao mesmo tempo, e com toda a atenção aos detalhes, aquilo que o olho público não vê. Cada vez que falo com os membros da comissão, e pergunto-lhes sobre a segurança, me saem com politiquices, em vez de respostas. Que pergunte ao director da federação, ele é quem trata disso. Mas quando ligo ou escrevo para o director, me devolve mais discursos patrióticos.

– Entendo... Mas onde é que eu entro, no tema da segurança?

– Existem vários pontos de vista, Brada – levanta a voz Hau, o segundo membro no escalão do triunvirato autárquico. – Mas não fiques mal disposta, apenas queremos saber se há alguma preocupação adicional no pavilhão onde os jornalistas trabalham.

– Uns dizem que todos vamos morrer, se não fazes algo para parar a tragédia que se avizinha – solta Ceres,

enquanto Horte faz um gesto de desaprovação a este comentário, porque o considera aterrador em demasia.

– Todos, algum dia, vamos morrer – Make faz a sua participação, como tentativa a desalarmar o ambiente. – Mas aqui se trata de controlar que dentro do pavilhão não haja movimentos falsos, que o trabalho aconteça normalmente. E actuar, se for necessário.

– Mas não haverá serviços policiais, segurança? – Reage Brada.

Horte nota que a conversa pode escapar do seu domínio, se o triunvirato começa a divergir em opiniões. Portanto, sente a necessidade de interromper os que, por sua vez, interromperam a sua fala e o seu fio de pensamento.

– É isso mesmo que nos preocupa, os serviços oficiais de segurança, a lei e ordem deste país. Explico-te: pela minha experiência e conhecimentos, recorda que aqui passámos uma guerra, quando eu era adolescente, devo dizer-te que não é normal um homem uniformizado andar a passear pela vila, a entrar e sair do pavilhão todos os dias, e ainda ficar a dormir aqui. Já existem forças de segurança oficiais para o evento, incluindo os guarda-costas pessoais do Presidente do Governo, que virão com ele no domingo. Portanto, não compreendemos que este homem, o meu quase xará Oort, esteja aqui há tantos dias a fazer um trabalho rotineiro. E mais motivo para desconfiar temos, quando os da federação não querem dar nenhum detalhe sobre o dispositivo de segurança que a nossa vila terá para que o evento fique bem blindado.

– Está certo, chefe – assente Brada. – Estou a aprender muito a trabalhar consigo, nos dois sentidos. Cada dia um passo mais, até à vitória final. Na Faculdade de Jornalismo, quando estudava, um professor nos mostrou um vídeo de um jornalista iraquiano que tirava os sapatos e os lançava, primeiro, um e, depois, o outro, contra o Presidente dos Estados Unidos da América. O docente queria, com

aquilo, fazer-nos entender que, em qualquer profissão, existem diferentes níveis de aplicação e interpretação na execução, e que tudo depende dos valores culturais que cada pessoa traz consigo. Também me lembro muito bem das aulas de Linguagem Jornalística, nada a ver com a língua que se usa nas escolas. Nessa cadeira, que Brada aprendera na Faculdade, é importante aprender a prescindir de verbos, especialmente os copulativos, que, como as pessoas ou objectos que não podem nem querem estar juntos em boa sintonia, não faz nenhum sentido uni-los com cola. Entretanto, se dois elementos querem estar juntos, que se unam, pois não precisam de nenhum nexos que os interligue.

– Estás no caminho de me entender – aplaude o edil. – A partir da próxima semana irás cruzar-te com jornalistas e outras pessoas de várias esferas sociais, pelo que deverás ter cuidado e adaptares-te às diferenças, enquanto não deixas de ser quem tu és. A teoria já está, agora tens que implementar.

Na véspera do evento, Oort e Éris passam a noite juntos. Ele deveria estar a fazer as últimas inspecções de rotina, porque amanhã o Presidente do Governo estaria na vila no momento da entrega dos prémios. Mas Éris pensa, sem querer perguntar demais a um homem da lei e da ordem, que Oort pode fazer o trabalho logo cedo de manhã, e relaxar por hoje. É bem provável que nas próximas horas não exista momento nenhum para descontraír nem muito menos para intimar, assim ela faz um passo mais no namoro.

– Queres ser pai do meu filho? – Inquire, directamente.

– Há muito tempo que quero ser pai, – reflecte o polícia – mas nunca surgiu a ocasião mais propícia. Em primeiro lugar, deveríamos considerar a nossa situação laboral, especialmente, a tua, que não é muito segura.

– Não sejas pessimista. Terei o mínimo de cinco meninos em cada ano, incluindo o nosso. Quero dizer, que gostaria que ficássemos aqui a viver. O que achas? Pensa no sonho de ser pai, por um momento, e não apenas nos condicionantes – insiste Éris, que se estica em cima do seu namorado, com a intenção de que ele responda com um feroz instinto sexual.

Mas sem tempo para ir mais além, logo nos preliminares, Éris volta a sentir dores de cabeça, o maldito e inoportuno tinitus. Amanhã é dia de descanso laboral, domingo. Mas com este barulho que se organizou para o evento, nada de descansar, já posso imaginar. Nunca tivemos um evento tão grande aqui na vila. Há-de vir um famoso cantor, artista, político, jornalista? Não terás um momento para estarmos juntos, relaxar, enquanto assistimos à corrida? Oort responde negativamente com um gesto da cabeça. Estou de serviço, já sabes. Não sei quem há-de vir. Jornalistas sim, muitos, evidentemente. Já estão aqui desde a quarta-feira, a trabalhar. Eu os vejo todos os dias, quando passo do pavilhão. Não me fales de descansar, até tudo terminar, está bem? Ou achas que posso cometer um pequeno erro depois de toda a preparação que venho fazendo nas últimas semanas?

– Qual é essa preparação que vens fazendo? – Pergunta Éris.

– Achas que – acrescenta Oort, com certo desconforto, ignorando a pergunta da Éris – uma pessoa pode ir a um restaurante e não pedir comida, nem bebida, só ficar aí sentada a ocupar espaço que seria para os clientes? Ou pensas que um jogo de futebol pode começar se, quando tudo está preparado e os vinte e dois jogadores posicionados no relvado, o árbitro não aparece para dar o apito inicial? Então, algo assim é que não pode acontecer amanhã. Eu devo estar no centro dos movimentos e, ao mesmo tempo, passar desapercibido o mais que puder. Não sei se me entendes.

– Tu nunca passas desapercibido, és tão fofo. Olha, mas não me respondeste. Me conta um pouco dessa preparação específica que tens feito. És um oficial da lei e ordem, quero aprender a dominar as massas e manter tudo sob controlo, como tu fazes. Eu que nem sou capaz de controlar uma turma de cinco menininhos a gritarem.

– É complicado de explicar, é tarde, estamos cansados, e tu tens cara de sentir dores de cabeça. Como já terás visto, estou colado ao computador para verificar correios que podem entrar: da federação nacional de atletismo, da chefia do corpo nacional de polícia, do edil, dos hotéis da cidade onde se hospedam os corredores, etc. Informação muito confidencial, melhor não me fazeres entrar em detalhes.

– Boa noite e bom descanso, meu herói silencioso.

– Bom descanso, madrinha. Amanhã será um dia glorioso para nós todos. Se durante a noite eu acordo e vou para algum sítio, será um sonho que estou a programar para ti. Hei-de voltar depois e acordaremos juntos, como todos os dias.

A prova atlética internacional traz reminiscências da guerra a Horte. Quando são sete e meia da manhã, ao ver tantas pessoas de uniforme, seja de polícia ou de desportistas, pensa que se trata de uma invasão real, uma guerra relâmpago que alguém organizou para se apoderar da vila, se bem o número de efectivos seria avultado para uma vila tão pequena. O edil também recorda-se dos guerrilheiros internacionais que acudiram à guerra nacional, quase vinte e cinco anos atrás, e longe de se entenderem para derrotar o inimigo, só contribuíram para o desfalecimento das forças legítimas e o avanço inexorável dos revoltados. O autarca pensa que, de facto, os corredores que estão aqui hoje não terão o problema de compreensão linguística, porque hoje a

linguagem é comum para todos: correr e chegar ao fim da prova, sem batotar. Os jornalistas podem vestir como quiserem, só precisam de se identificar, alguns com um bracelete laranja vistoso, outros com colete da mesma cor e estridência. Também policiais à paisana, mas todos eles estão concentrados nos arredores dos autocarros onde estacionam as delegações e da zona da corrida. Só alguns agentes é que fazem uma breve expedição pelos arredores do circuito fechado para a corrida, que começa em breves minutos, na categoria masculina.

Quando avista tantas bandeiras e roupas desportivas das nações participantes, Hau está a cosmopolitar numa grande cidade do mundo sem sair de casa, da sua vila. Num domingo sem nada como aquilo, seguramente agora mesmo estaria a tomar café e ler o jornal no Kuiper, mas hoje rememora as lutas políticas que assolaram o mundo ao longo da História, motivo pelo qual decidiu estudar Ciências Políticas na Faculdade. Ainda sem acreditar que aqui, neste cotovelo do mundo, se organize uma prova atlética do calendário internacional, revive nele o espírito de mudar o mundo e imaginar como seriam tantas coisas se fossem de outra forma. Com outras guerras, outros heróis, outros países, outras bandeiras, outros valores humanos, outros canais de televisão, outros políticos, outras marcas de cerveja, outras línguas e outros códigos de comunicação que não exijam o uso de sujeitos, verbos, complementos oblíquos, pronomes em próclise ou em ênclise. Como seria o mundo sem palavras? A vida sem palavras?

Horte pensa na frase do epitáfio do seu pai. *O passado é a única coisa que nunca passa.* Vê corredores de elite a atravessar o rio moribundo e a subir as montanhas, e inevitavelmente confunde-os com os deslocados internos da guerra, que vinte e cinco anos atrás faziam o mesmo percurso para se estabelecerem no bairro alto, o último

parapeito da humanidade que existiu durante aquela época. Agora é um circuito desportivo do mais alto nível. O actual edil recorda aquela visão dramática, sendo um adolescente e sentado ao lado do seu malogrado pai, o homem de mais sabedoria que jamais viveu na vila. Como no filme *Galípoli*, em que pobres jovens anzaqueiros<sup>1</sup> são levados à barbárie convencidos de que na morte reside o heroísmo, aqueles refugiados nem sequer tinham forças para pensar no heroísmo e, no entanto, jogavam xadrez. Tanto na guerra como no desporto, com o inimigo não se confraterniza. O que se pode fazer, em certo momento e como último recurso, é ser igual a ele, juntar-se ao inimigo e eliminar-lhe esta designação. Sem inimigos, é só assim que a política pode abandonar a sua vertente vexativa.

Make, que carrega Salvador amarrado na sua traseria, com uma capulana azul, branca e verde, comenta ao seu marido que estes jovens corredores de elite que vieram de todo o mundo pouco ou nada devem saber de tudo aquilo que aconteceu nestas montanhas. Nem falta que faz. Se existe uma próxima vez, o que é muito improvável, de trazerem um evento internacional para aqui na vila, por favor, tragam o Chefe do Estado, ele é apolítico, desperta animadiversão em certos grupúsculos da população, mas nada comparável a este que virá hoje. O Chefe do Estado é um símbolo, uma bandeira, um que está aí, mas sem papel nenhum. Pacífico. Há nações onde se chama Rei ou Rainha, noutras é Emir, é Califa, é Presidente da República, é Imperador. Seguramente no reino dos pinguins da Antártica, devem ter muitos Chefes do Estado, talvez um Imperador para cada dia da semana.

Hau põe óculos de sol e observa o panorama. Encontra Éris, a professora, hoje órfã de crianças, como em todos

1 Adjectivo criado *ad hoc* a partir do acrónimo ANZAC (*Australia and New Zealand Army Corps*), que é a forma como se designou o contingente de tropas destes dois países, Austrália e Nova Zelândia, na Primeira Guerra Mundial, derrotado na batalha de Galípoli, actual Turquia, em 1915.



domingos e também carente de namorado, que está de serviço, de um lado para outro, seguramente dentro do pavilhão.

O director da federação nacional de atletismo, que tinha passado as três noites prévias num hotel da cidade, a fazer vaivém, chega com o seu carro, onde também viaja Plutão. Descem juntos e Plutão fica perto dos seus amigos, o casal com Salvador, Éris e Ceres.

O director da federação nacional dirige-se ao palco de autoridades, saúda os seus súbditos e senta-se ao lado do cadeirão do Presidente do Governo, ainda desalojado. A corrida já está prestes a iniciar e, sobre o palco, o director recebe uma pistola de ar comprimido das mãos de um dos jovens do protocolo. Preparado para o disparo de saída, provavelmente hoje seja o dia mais importante na vida deste homem, no ocaso da sua carreira, a dirigir o organismo nacional do desporto que sempre amou. Precisamente, neste dia tão marcado, juntam-se dois elementos inusuais: por um lado, está previsto que se sente ao lado do Presidente do Governo por uns minutos, e por outro lado, tem uma pistola ao seu alcance, mesmo que seja de chumbinho.

Na prova masculina, os primeiros corredores destacam-se num grupo, inicialmente, de dez elementos. Esta associação subdivide-se em dois grupúsculos interraciais. Na cabeça da corrida, o masai queniano, alto e magro, fica deliberadamente por detrás do etíope, baixinho e com uma cruz cristã de ouro a bater no seu peito a cada pegada. Na liderança do abissínio nas zonas de subidas, o masai sente-se confortável e pronto para preparar o ataque final, mas não lhe resulta fácil, pois a primeira posição serve de motivação para o etíope, fazendo com que esqueça a presença do rival. Seguem-nos o ucraniano, alcunhado de “a locomotiva humana”, um ugandês e um tanzaniano também de etnia masai, como o queniano que marcha pela frente. O segundo

grupúsculo é composto por um eritreu de pele clara e um marroquino que podia ter estado mais à frente, junto ao queniano e ao etíope, segundo prometiam os meios de comunicação nas semanas prévias à corrida. Com eles também anda um checo, renomado no seu país por ser a nova esperança atlética desde os tempos de Zatopek. Encerram os dez primeiros lugares um norteamericano e um japonês, colados ao checo em todo o momento.

As duas primeiras posições ficam definidas após a segunda passagem pela tábua do rio, no início da segunda volta ao circuito. O masai e o abissínio avançam descomunalmente, quase sem esforço. Não correm, não pisam no chão, não fazem embate contra a superfície. Literalmente voam. Toca-se a campainha, terceira e última volta, a expectativa é máxima entre o público, os jornalistas e as equipas técnicas de cada federação nacional. No último tiro, o masai queniano ganha a guerra, depois de perder todas as batalhas intermédias em que o cego corredor da Etiópia, a terra dos cara-queimadas, não o deixava passar nem um instante. O queniano levanta os braços e esboça um sorriso grandioso. Após cruzar a linha de chegada, espera uns segundos pela chegada do seu companheiro de aventura e vizinho geográfico do corno da África. O etíope benze-se, pois é profundamente cristão, e opta por não seguir o modelo de celebração com reivindicação política que um seu compatriota tinha exibido nos passados Jogos Olímpicos, ao levantar os braços e fazer, com eles, o sinal de uma cruz. Protesto interno que não tem enquadramento numa competição desportiva internacional.

A uma considerável distância, chegam os outros, os mais humanos. O ucraniano termina na terceira posição, primeiro branco, dirão os meios de comunicação globais, como se houvesse necessidade de valorizar o mérito de um corredor branco, numa categoria, e os negros em outra.

Na chegada, abraços efusivos, festejos, mais abraços e palmadas nas costas para o vencedor e para os seus dois colegas de pódio, o etíope e o ucraniano. Magnificamente, as felicitações não são unidireccionais, mas sim de todos para todos, entre os corredores e as equipas técnicas dos três países, Quênia, Etiópia e Ucrânia, a saltarem e brincarem juntos como se todos eles estivessem a se sagrar campeões.

Na corrida feminina, depois dos homens, segue-se o mesmo percurso mas apenas em duas voltas, não três. As quenianas não brincam nem um pouco, ocupam as cinco primeiras posições logo de início, e estabelecem um grupo de camisetas vermelhas e calções pretos, qual um esquadrão militar só decorado pelo azul céu da camiseta de uma alta somaliana de dentes palatais afiadíssimos, uma britânica loira e uma atleta do Catar, mas de apelido ugandês. Oito posições dianteiras para oito diplomas. Mais complicada seria a repartição dos lugares do pódio. Finalmente, três quenianas esbeltas é que não permitem nenhuma intrusão inimiga e dão o golpe final na última volta.

Na última passagem pelo rio, o tabuleiro de madeira já não está nas melhores condições. Apresenta uma racha do lado esquerdo, que é exactamente a zona que esconde a maior quantidade de imundícies que habitam o rio. A racha faz com que a primeira passagem das últimas corredoras incline ligeiramente a tábua para o lado direito. Mais um embate da tourada e aquilo podia afundar. Assim, a esperança é que as primeiras corredoras, que já aproximam e estão na segunda e derradeira passagem por aquele ponto, o façam uma a uma, não todas juntas, por forma a minimizar o volume dos impactos contra a maltratada madeira.

As imagens de alegria, fervor e promiscuidade na celebração das fêmeas não diferem das vividas

anteriormente na categoria masculina, só que neste caso tudo fica em casa. As quenianas levam as três primeiras posições e os abraços, sorrisos e palmadas nas costas são entre os membros da própria delegação queniana, incluindo o campeão masculino.

Alguns dos jornalistas não aguentam permanecerem confinados dentro do pavilhão e decidem sair para fotografar os campeões de mais perto, assim como também colocar os microfones nas suas proximidades com o propósito de arrancar alguma declaração vitoriosa. A segunda classificada da prova feminina, com finas tranças em harmonia com as cores nacionais (verde, preto e vermelho), acede a falar com a Brada, que parabeniza a corredora e lhe pergunta se vale a pena todo o esforço de treinamento silencioso para ganhar este momento de alegria infindável. A corredora responde, sorriso ilimitado no rosto, que sim, vale a pena. Seguidamente, chama uma companheira, que chegou na quarta posição, também queniana, e as duas contam à jornalista que elas treinam juntas, e que, portanto, a segunda posição de uma delas é o pódio das duas. Somos pobres, comemos duas refeições por dia, dormimos numa palhota com gado bovino e entramos na escala de cozinha e limpeza do nosso espaço, todos os dias, de segunda a domingo, antes e depois de sair para o treino. Hoje estamos a dormir num hotel muito fino e amanhã estaremos de regresso à nossa rotina. Não estudámos, não temos carro nem roupas fastuosas, tudo que temos é graças à nossa federação nacional, que nos dá a oportunidade de correr por todo o mundo. Como não se pode adorar este desporto? Não há maior satisfação do que vir cá e fazer o que mais nos agrada: correr livres.

Brada tem a resposta que queria para ser publicada nas agências de imprensa, mas sente que as jovens corredoras ainda têm mais para dizer. Ainda caminha pela zona o campeão masculino, também queniano, que saúda pela última vez o etíope, segundo classificado, e o

ucraniano, terceiro. Na entrevista com a Brada, o trio de vencedores conta que neste desporto, quando estamos a praticá-lo, não existe raça, não há ricos ou pobres, nem bandeiras, religião, política ou condições de acesso. Nada disso. Quando corremos só existe a liberdade, na sua mais pura expressão, do corpo e da mente em harmonia, em perfeita simbiose.

Salvador, que agora conta um pouco mais de meio ano de vida, bate palmas na zona de chegada, como querendo dizer, na sua língua pueril: Bravô! Muito bem! Waaaau! Corre! Ganhou, muito beeeem!

## 18

– Que comece a função! – Exclama o director da federação nacional, no momento em que visualiza Oort a sair do pavilhão gimnodesportivo. Se ele fez tudo como concordado, a conta atrás já começou, para que apareça o texto na tela do pavilhão e concentre a atenção de todo o mundo, ao mesmo tempo que o brilhante terrorista estará a uma distância prudencial de tudo, ninguém pensará nele e poderá completar o trabalho, só com premir um botãozinho que faça detonar a estrada quando o carro presidencial passar por cima do cinto explosivo.

Quando Brada volta da empolgante entrevista com a tríade de atletas quenianas, de regresso ao pavilhão para continuar com a redacção do texto editorial alusivo aos eventos, masculino e feminino, cruza-se com Oort, que está a sair apressadamente. Para além da velocidade do passo, nota algo mais no individuo que não resulta coerente. Tirou a parte de cima do fardamento policial, incluindo o colete antibalas obrigatório para ele num evento multitudinário. As calças continuam sendo as mesmas de todo o dia, as mesmas de cada vez em que aparecia para fazer as devidas inspecções rotineiras no pavilhão. Tão rápido anda, que se mistura entre uma multidão de corredores, treinadores, câmaras de televisão e público em geral. Brada faz de tudo para segui-lo com a vista, e encontra-o perto do palco, a endereçar um gesto

com o polegar acima a alguém que está sentado entre as autoridades, o director nacional. Seria uma simples saudação? Se conhecem de algum lado, um jovem oficial da policia e o director da federação nacional de atletismo? O dirigente responde, a franzir a testa, com um outro gesto, reprovador, nada simpático. Assinala-lhe que vá para longe, com as duas mãos abertas, como se estivesse a puxá-lo, telematicamente, para fora dos confins da vila, do outro lado onde o evento está a decorrer.

Brada, antes de fazer ou pensar em fazer algo, procura inspecionar o interior do pavilhão, igual como fizera Oort nas suas inspecções rotineiras dos dias prévios. Na sua cadeira, encontra o colete antibalas de Oort. Sem tempo para dar com uma razão plausível que explique esta situação, dá uma volta pela sala, e em todos os quatro cantos acha cabos azuis ligados às tomadas, todos eles juntando-se debaixo da enorme tela central, onde se junta uma miríade de conexões entretecidas, qual um cesto feito de varas de vime. Os cabos azuis se conectam ao servidor central, onde um *flash* verde e preto palpita luzes vermelhas, em plena actividade. Alguma coisa está a ser transferida para ser projectada na tela principal, que de momento só projecta textos informativos acerca das classificações da prova, nas corridas masculina e feminina, quer individual como por selecções nacionais. A jovem jornalista passa à acção e liga para Make, instintivamente, apesar de saber perfeitamente que o seu chefe imediato é Horte. Make responde ipsofactamente que deve informar Horte, o seu superior, enquanto ela alerta Hau, Plutão e Êris, aos quais manda, que se vá atrás do terrorista, de camisete branca e calça azul escura de uniforme policial; que se avise o director da federação nacional, sobre a situação; que se dirija para casa com Salvador, pois Make deve entrar no pavilhão dos jornalistas. Hau, Plutão e Êris obedecem os respectivos comandos de Makemake, que se apresenta no pavilhão com a intenção de falar com Brada e decidir o passo a

seguir. O passo a seguir é contactar Horte, que está no Kuiper, com dona Aure e Ceres. O edil tinha rejeitado sentar no palco das autoridades, não pelo Presidente do Governo, mas sim pela indecência do director da federação nacional nas reuniões de preparação.

Hau corre, emulando os atletas que acabam de exibir o seu potencial muscular nos sendeiros agrestes da vila. Aproxima-se a Oort e chama-o. Os dois já estão longe da multidão, numa zona superior, onde anos atrás, durante a guerra, os pobres mais pobres da vila iam se esconder para jogar xadrez, individual ou por equipas, cozinhar, tomar banho, dormir, transar, salvar a vida, paraapeitar-se dos tiros e das bombas. O terrorista não tem intenção de ir para lado nenhum, pois desde este ponto elevado tem uma visão excelente da estrada que vai para a cidade, e avista o ponto exacto do alcatrão onde, dias atrás, ele próprio tinha colocado um cinto transparente de explosivos, que iria arrebentar, em breves instantes, o carro blindado do Presidente do Governo.

– Se te aproximas, disparo e não poderás ver o teu filho crescer – ameaça Oort, que mostra a pistola oficial amarrada na calça, escondida por baixo da camiseta branca.

– Tu não estás cá para matar ninguém – retorque Hau.  
– O teu pai já sofreu bastante dos horrores da guerra, das armas, do contrabando, das sevícias. Agora tu deves honrar a paz.

– Honrar a paz, tu me falas disso? O meu pai foi abatido pelo teu pai, a golpes de panela na cabeça, enquanto ele estava de costas. E tu me falas de honrar a paz?

– Estava a desembridar uma menina de só oito anos. Esta que agora é jornalista. Por isso que foi morto, não porque o meu pai tivesse algo contra ele. Se trabalhavam juntos no mesmo assunto nojento! – Remata Hau, doloridamente por ter que recordar o episódio mais escuro de toda a



sua família, dificilmente superável por muitas gerações vindouras.

– Se te aproximas a mim, disparo nas tuas pernas e nos teus braços, e depois levo-te até à vila para que vejas como disparo na cabeça da tua mulher – volta a ameaçar Oort, fora de si, nervoso porque a passagem da viatura presidencial é iminente, e não tem mais tempo a perder com este inimigozinho, enquanto tem assuntos maiores a resolver. Numa mão, a pistola oficial; na outra, o dispositivo que deve accionar para a explosão.

– Dispara ao ar, cornudo, filho da puta! – Grita Haumea, com todas as suas forças, para que o terrorista perca tempo e fique nervoso, e assim, também demonstre se a arma tem munição.

– Está carregada, com uma bala só, que não vou entregar ao ar, filho de mercenário, lheguelhé. Xiconhoca!

Hau volta a gritar, agora palavrões ininteligíveis. A viatura do Presidente do Governo está a passar pela zona quente, e Oort tem as duas mãos ocupadas. A sua cabeça esquentou tanto no último minuto que não sabe qual das duas mãos é que deve apertar. Se for a direita, com a pistola, em direcção a quem, a Haumea ou ao carro que passa? Se for a esquerda, com o remoto que controla a bomba, devia lançá-lo, qual fosse uma granada? A sua mente não consegue processar a situação e os movimentos exactos que tão conscientemente ensaiara nos últimos dias. Bloqueia-se e Haumea lança-se contra ele, abraçando-o e bloqueando as duas mãos do terrorista. Os dois homens caem para o chão, Hau ainda em cima de Oort, em posição horizontal. A viatura oficial passa e afasta-se da vila, com o chefe do poder executivo da nação dentro, confortavelmente sentado, a ler o jornal do dia. Não demora a aparecer um grupo de agentes policiais, que, já despreocupados com a autoridade máxima, procuram objectos ou pessoas estranhos na zona. Os dois homens ficam detidos e algemados, nem opção tiveram

de se baterem aos golpes, devido à prontidão dos agentes da lei e ordem. Não é difícil pôr algemas aos palavrões.

Dentro do pavilhão, Make descobre, com a ajuda de Brada, todas as más artes do pseudo-namorado da Éris, Oort, o terrorista. De facto, é Make quem ajuda Brada a entender tudo que tinha visto: o colete antibalas e o conjunto de cabos entrelaçados no pavilhão, que está cheio de jornalistas a teclar furiosamente nos seus computadores, obcecados em mandar para os seus países todas as novidades do evento, minuto a minuto, segundo a segundo. Mas provavelmente seja tarde demais, pois Oort já manipulou o sistema de transmissão de notícias que os jornalistas podem seguir no pavilhão gimnodesportivo do evento, segundo o qual, o Presidente do Governo está em perigo. Aquele Oort está a concorrer para a taça mundial de terrorismo, planificou algo bem grave e até agora só nós é que sabemos, diz Make à Brada. O primeiro problema aqui será ganharmos a credibilidade de todas as pessoas que estão aqui. Ninguém achou estranho que um agente da polícia entrasse, mexesse em todos os cabos e ligasse um *flash* ao servidor central. Terão pensado que são procedimentos de segurança habituais aqui, nesta terra. As duas mulheres concluem, aterrorizadas, que muitos vêm do estrangeiro, podem não entender a nossa língua, se agora falarmos que há perigo elevado por causa de um louco que quer provocar sangue e morte. O máximo que iremos conseguir é que todo o mundo fique nervoso: se entenderem a nossa mensagem de perigo, pelo conteúdo em si; e se não a entenderem, pela azáfama e desconcerto que se armará. Make tira o seu telemóvel e tenta conectar um dos cabos azuis da tela central ao aparelho. O ecrã emite uma mensagem de erro, não se pode fazer nenhuma operação porque o servidor central está a trabalhar, a transferir conteúdos para a tela central, e nenhum dispositivo periférico pode associar-se. Make está desapontada e sem visão do que

fazer. Não podemos ligar agora para Horte e dizer que o pavilhão está numa confusão, com uns cabos azuis aparecidos do nada, pois ele deve estar a despedir o Presidente do Governo e outras autoridades do palco. Brada procura alternativa, retira o *flash* do servidor central, debaixo da enorme tela. Coloca o disco removível no seu computador, e surpresa: uma mensagem em forma de texto jornalístico anuncia que o carro do Presidente do Governo explodiu com ele dentro, à saída da vila. Mas ninguém parece saber nada. Os jornalistas têm acesso, através dos seus computadores e telemóveis, às notícias nacionais e internacionais de outros meios do mundo, e nenhum dos presentes na sala sabe nada de um atentado que custara a vida do Presidente do Governo nesta vila remota. Este é o momento de ligar para Horte e colocar as coisas no seu devido lugar.

Antes de receber a chamada de Makemake, Horte recordara-se do seu pai. Será como nos tempos da guerra – recapitula em voz alta, ao lado de dona Aure e Ceres, que bebe cerveja, – quando os milicianos internacionais que vinham para ajudar o país acabaram por arruinar as pobres famílias que neles confiaram, e criaram uma confusão de proporções babélicas, que propiciou que o desastre da guerra fosse ainda maior do que a própria palavra guerra já implica. Só que desta vez será ainda mais humilhante, pois não estamos em guerra e esta gente toda veio aqui para cobrir um evento desportivo. Caso saiam vivos, será um milagre, e o problema diplomático estará em cima de nós. Não haverá pretexto bélico que ajude a justificar o caos que se originará por culpa da organização porosa deste evento. Não saber controlar um terrorista *freelancer*, hoje em dia, é algo mais do que grave. Imperdoável.

Horte tinha saído do Kuiper para se juntar às autoridades. Saúda o Presidente do Governo, não saúda o repudiável

director da federação nacional. O chefe do governo abandona o local, cerimoniosamente: desce do palco, levanta a mão para saudar as massas, entra no carro e ainda mais uma vez, estica a mão pela janela acortinada para congratular o povo pela maravilhosa organização do evento internacional. A viatura oficial faz-se pequena à medida que avança metros para fora da vila, onde a uma certa altura, anedoticamente, faz um pequeno salto como forma de superar uma lomba invisível no caminho. Sem mais sobressaltos, a silhueta do carro preto diminui ainda mais, a caminho do aeroporto provincial, até desaparecer por completo, na curva à esquerda que vai dar ao cruzamento da barraca de dona Maluía.

No caminho de regresso ao Kuiper, pois Horte não pretende ficar nem um minuto mais ao lado daquele indesejável director nacional, o edil recebe um telefonema, da Make. A voz da amiga é clara e directíssima: temos um texto que fala de um atentado terrorista contra o Presidente do Governo. O carro dele explodiu logo à saída da vila, na estrada adjacente à via-férrea. Temos que confirmar se isto é verdade, Horte. Uma vez que consegue processar a informação que acaba de receber da Make, o edil assegura que o Presidente do Governo já passou por aquele ponto da estrada há alguns minutos. Se tivesse havido algum incidente, saberíamos. Já deve estar longe sigilosamente, a viatura dele anda veloz, e quando há engarrafamento já sabes que todos os normais devemos deixar passar. Portanto, daqui a uns dez minutos já deverá enfiar a estrada que leva ao aeroporto provincial, e daí, para o casarão da capital. Horte tranquiliza a sua amiga, que respira aliviada, mas que ao mesmo tempo interroga-se como é possível aquele texto. Make, nervosa, não consegue se dirigir ao edil como corresponderia oficialmente.

– Horte, este texto é uma notícia escrita previamente, pois tem muitos detalhes. Fala do motorista, idade, filhos; do Presidente, filhos, estado civil; lugar exacto do acidente, explosão muito forte, até fala das palavras textuais que o

Presidente do Governo pronunciou faz escassos minutos, na entrega de prémios da corrida. Ninguém pode teclar isto tão rapidamente, e com uma foto de uma ambulância, na qual não se vê quem é a pessoa a ser descarregada, qual um caixão, e levada para dentro do hospital provincial.

– Por acaso, posso ligar para o hospital provincial, mas duvido muito da veracidade disto, pois, como dizes, são muitos detalhes escritos em poucos minutos – apela Horte, sem muita convicção.

– Quem escreveu isto só pode ser alguém próximo ao Presidente do Governo, alguém que conhecia o conteúdo do discurso. Alguém que tivesse estado envolvido nas preparações do evento, ao mais alto nível de direcção – conclui Make.

Éris, alheia a tudo, está na sua solidão caseira, depois de ter deixado Salvador em casa, com os avós maternos. A professora liga para o seu namorado, para saber onde está, se o trabalho anda bem, e quando volta para casa, pois está a preparar-lhe um arroz de peixe e verduras com todo o carinho. Mas o telemóvel de Oort não chama, está fora da linha, e Éris começa a chorar por um olho. O outro olho ainda aguenta firme, impertérrito.

Horte decide articular um plano para travar o terrorista, que provavelmente deve andar a uns metros além do limite da vila, já muito perto donde o carro presidencial devia ter pisado uma rede invisível, uma lombá armada com um cinto explosivo que ia actuar, na hora H, como linha de chegada da vida do Presidente do Governo, enquanto estivesse confortavelmente sentado na sua viatura oficial de regresso ao aeroporto, onde iria viajar naquela mesma tarde de volta para a capital do país, após ter feito a entrega de prémios aos vencedores da corrida, tanto na categoria feminina como masculina. O edil conclui que, com tanta polícia nos arredores e algures, uma carta breve serve para alertar a segurança presidencial e permitir que os meios de comunicação

concentrados no pavilhão tenham tempo de ignorar a notícia do suposto assassinio do Presidente do Governo, escrita pelo director da federação nacional e Oort com antecedência, e infiltrada no sistema informático central que todos os meios consultaram no pavilhão, antes de passarem a escrever nos seus rotativos para publicação.

*Prezados jornalistas acreditados,*

**ATENÇÃO!**

*Esta é uma mensagem oficial da edilidade desta pequena e humilde vila, hoje sede desta maravilhosa competição desportiva internacional onde todos vocês estão a fazer um enorme trabalho para trazer as informações frescas para o mundo, através dos vossos canais televisivos nacionais e edições físicas e digitais de jornais.*

*Informamos que a unidade policial local dedicada à criminalidade virtual alertou, há poucos minutos, de que a transmissão de informações ao servidor central, que se mostram em permanentes actualizações no ecrã principal do pavilhão, tem sido alvo de uma filtração de informação; em breves minutos vai aparecer uma notícia falsa, dizendo que o carro oficial do Presidente do Governo foi atingido por uma bomba à saída da vila, caminho do aeroporto. Insistimos que esta notícia é falsa. A viatura presidencial está a avançar sem problemas, após que o terrorista que planejava colocar um cinto de bombas na estrada, tenha sido interceptado pelos agentes da lei e ordem. Infelizmente, não podemos fazer nada para evitar que o texto filtrado apareça no ecrã. Apelamos para que ignorem a mensagem assim que aparecer.*

*Encorajamos a todos vocês a não divulgar o conteúdo desta carta para ninguém fora deste espaço, pelo menos até transcorrido um mês do evento, por questões de sigilo profissional.*

*Desejamos continuação de bom trabalho e bom regresso aos vossos países. Esperamos que se tenham sentido em casa.*

### *A Edilidade*

Todos os jornalistas tiveram oportunidade de ler a mensagem em papel, porque o edil fora flexível para entrar no edifício da edilidade, atravessar o saguão à velocidade do raio, redigir a mensagem e enviá-la aos endereços electrónicos da Make e da Brada. As duas mulheres fizeram de copistas, nada muito longe do trabalho que Make faz, nos dias normais, na editora OriOn. Assim que imprimiram as cópias suficientes, nas duas máquinas disponíveis no pavilhão, distribuíram-nas velozmente por todas as mesas onde sentavam os jornalistas do evento, inclusive espalharam alguns exemplares pelas mesas vacantes, se calhar o ocupante tivesse descido para a casa de banho ou estivesse a atender o telemóvel. A mensagem foi lida em voz alta por Brada, que teve que fazer uma *captatio benevolentiae*<sup>1</sup> para que todos lhe prestassem a devida atenção. Breves instantes após a leitura da mensagem oficial, aparece na tela gigante a mensagem falsa, que Oort tivera infiltrado no sistema de transmissão do servidor central, com uma escabrosa imagem de uma ambulância a abrir as portas traseiras, das quais sai um corpo, supostamente do Presidente do Governo, coberto por um lençol branco.

O director da federação nacional de atletismo escapa, com o seu carro pessoal, sem que a estratégia do edil nem as elucubrações de Make e Brada possam impedi-lo de fugir impunemente, deixando no ar uma gravíssima acusação de atentado contra a máxima autoridade governamental do país. Não sabe que o seu cúmplice foi detido com uma pistola numa mão, e um dispositivo

1 Expressão em Latim que significa “atrair a benevolência”, ou conquistar a atenção de alguém a quem se dirige uma comunicação.

remoto para activar uma bomba, na outra mão. Todo o evento termina, tanto da parte oficial e legítima, como da parte criminosa. Alguns jornalistas internacionais, completamente calados no que diz respeito à mensagem visualizada na tela, começam a sair, em carros pequenos. O Presidente do Governo não sabe de nada, e apanha o seu avião de volta para a capital do país, como se nada extraordinário se tivesse passado.

Haumea é libertado horas mais tarde, já de noite, declarado inocente na sua briga com o terrorista Oort. É submetido a algumas perguntas controvertidas, relativas ao grau de conhecimento que tem com esse homem. No interrogatório de Oort, Hau foi sido acusado de injuriar o pai do terrorista por causa de uma acção bélica acontecida há mais de vinte e dois anos. Hau não pôde negar a evidência, que conhecia a identidade do terrorista e que tinha estado a investigar, através da vida do seu próprio pai, assuntos turvos do pai de Oort.

Afinal, os dois homens jovens, que brigaram hoje na vila, são filhos de mercenários. O motivo principal da libertação de Hau é a não implicação na bomba dirigida ao Presidente do Governo, já encontrada e desactivada pelos agentes que patrulharam a estrada antes, durante e depois da passagem da viatura presidencial, a entrar e sair da vila. Haumea evitara que o terrorista activasse a detonação do cinto explosivo camuflado na estrada, com a melhor arma que jamais o ser humano inventara: a linguagem, nas suas vertentes verbal e não-verbal, que, combinadas, contribuíram para que o terrorista recebesse o mal em excesso da sua própria medicina: ataques verbais, que ajudaram Hau a ganhar tempo e, ao mesmo tempo, queimar a paciência do terrorista, que reprovou no seu exame final de doutoramento, a sua tarefa mais exigente e complexa em toda a sua carreira como profissional dentro do mundo da crueldade. Nada



a ver com apanhar um ministrozinho num bordel. Este nível era superior, e escapou-lhe a medalha de ouro, saiu-lhe o tiro pela culatra, tanto a ele como ao director da federação nacional de atletismo. Sortudos os humanos de que as cobras não tenham pernas.

Éris é obrigada a descozinhar o arroz de peixe e verduras. Volta a meter tudo no seu lugar de origem, para que não apodreça até que voltasse a sentir fome e vontade de preparar uma refeição. Agora mesmo, sabendo de tudo através de um telefonema da Make, a professora não tem a coragem de fazer nenhuma das suas actividades.

## 19

Depois do evento, na vila, limpeza do Kuiper e volta à normalidade de ser uma vila abandonada no último confim do mundo. A tábua de madeira é retirada do rio, partida como está já não serve nem para ser lar de cão. Todas as barreiras metálicas delimitadoras do percurso atlético são carregadas por um grupo de operários da zona, chefiados pelos mesmos dois irmãos biscateiros que trabalharam por dois dias e meio no Kuiper, para tomar conta do banquete pelo casamento de Makemake e Haumea, quatro anos e meio atrás. O palco de autoridades, com o pódio dos vencedores incluído, é desmontado imediatamente, nenhuma cadeira fica como recordação para a vila. Horte teria gostado de conservar um cadeirão honroso dentro do edifício da edilidade. Dona Aure mais ainda, se tivesse recebido alguma mobília nova e glamorosa para a sala central do Kuiper, mas nada fica.

O pavilhão gimnodesportivo volta a ficar desértico, despovoado, sem tela gigante, nem cabos, nem jornalistas estrangeiros que falavam línguas estrangeiras e comunicavam com os seus respectivos chefes estrangeiros.

Brada não recorda nenhum momento de união ou colectivismo durante todo o evento, onde os colegas de profissão de vários cantos do mundo tivessem

tido o momento de relaxar e se conhecer. Tudo ficara individualizado, cinco dias de trabalho em frente de um computador, até ao ponto de não trocarem palavras uns com os outros vizinhos, separados apenas por centímetros físicos. Nas distâncias curtas é onde surgem os maiores abismos mentais.

Na tarde do dia seguinte, segunda-feira, a tomar cerveja no Kuiper, Hau tenta adivinhar como é que os meios nacionais e internacionais estariam a fazer a cobertura do evento. Muda de canal várias vezes, pois o telejornal nacional não diz nada mais especial do que uma foto do Presidente do Governo a fazer o discurso, ao fim da corrida.

– Quero ver o que acham, lá fora, da nossa capacidade organizativa – desafia à sua esposa, que está sentada ao lado.

Brada está de pé a limpar uma das mesas contíguas, uma vez que recuperou o seu emprego normal no Kuiper, depois de tantos dias de entrar e sair do pavilhão dos jornalistas. Traz mais uma TonnaH para Hau, que agradece.

– Não pedi mais uma cerveja ainda, mas me adivinhaste a intenção.

– Convida a casa, às duas. Tu foste o nosso salvador, ontem.

- Temos que ir, Salvador me espera – corta a Make. Mas se queres ficar aqui, bebe lá um pouco e descontraí, à-vontade. Até lá.

Sem tempo para se levantar da cadeira e procurar a porta de saída, Make cruza-se com o seu filho, que já dá os seus primeiros passos. Os avós maternos vieram ao Kuiper, depois de tantos anos da última visita. Querem deliciar-se com a mandioca e o seu molho de tomate. A

mãe de Make tomará TonnaH, o pai um café irlandês, mas reduzido de licor. Hau traz mais duas cadeiras para que os velhos se sentem na mesa contígua, que Brada limpou recentemente. Juntos, todos os quatro adultos e o menino, prestam atenção ao telejornal. Depois de muita mudança, ficam num canal de um país africano, mas com o apresentador que é um homem branco que fala rápido, como se acabasse o mundo. Nenhum dos outros meios anteriormente consultados fazia referência ao atentado terrorista contra o Presidente do Governo, que supostamente teria acabado com a vida do dirigente numa cama do hospital provincial. Talvez por ser um canal africano, apenas fala-se da vitória dos corredores daquele continente, tanto nas provas feminina como masculina, individual e por equipas nacionais. Hau pensa que, em alguns desportos, o campeonato nacional é equivalente a uma prova internacional do nível máximo. Neste caso, bastava apenas juntar quenianos, etíopes, ugandeses, tanzanianos, somalianos e eritreus, só esses seis países, e já teria o mesmo nível de um evento mundial. Pode-se dizer que, na prova de ontem, os atletas centroafricanos se passearam, como se apenas fosse um treinamento para os Jogos Olímpicos, que vão ter lugar no ano próximo, em São Pedro de Macorís.

Igual como se estivessem em casa, a família unida assiste ao telejornal e tenta jogar a adivinhar as notícias que poderiam sair. Hau imagina que, daqui a uns dez anos, encorajará Salvador a fazer a mesma coisa. De acordo com o que leu no jornal impresso da manhã, junto com tanto quanto se comenta entre os habitantes da vila, a organização do evento devia ser qualificada como excelente, pois nada falhou. Os habitantes da vila, por uma semana, não foram aldeões, mas concidadãos da mega-urbe do centro do mundo, como uma cópia de Paris, Londres, Pequim ou Nova Iorque, mas num cotovelo do mundo, longe dos holofotes.

Trocam de canal, mais uma vez, e voltam para um de tema local. O apresentador do telejornal nacional destaca que, no plano internacional, encerra as suas portas, no próximo mês, o Parque Nacional de Gonarezhou, no sul do Zimbábwe, devido à seca das lagoas. Com isto, os elefantes serão transferidos para o Parque Nacional do Serengeti, na Tanzânia, apesar da superlotação que aquele lugar já apresenta. Hau pensa em voz alta que é uma solução provisória, e portanto irreal. Pão para hoje, fome para amanhã. Esta notícia, Haumea tinha-a imaginado desde o dia em que saiu daquele parque com a Make, muitos anos atrás.

O tema de debate entre os agregados familiares é sobre a diversidade social deste lugar chamado mundo.

– Afinal isso tudo que falam os meios de massa e os livros é isto, que nós observámos na semana passada? – Questiona o pai da Make, enquanto introduz uma porção generosa de mandioca, molhada com tomate, na boca.

– Pai, é isso, sim, mas não só. Também é tudo o que vem anexado: as reflexões pessoais, o cruzamento de sentimentos, paixões, lembranças, costumes, tradições, formas de pensar – argumenta a mãe de Salvador, que alimenta o menino com a primeira mandioca da sua vida.

Haumea conclui que o mais maravilhoso das outras culturas é podermos voltar à própria, no momento e situação que nos dê prazer, sem dependência.

– Concordo – adiciona a avó materna. Basta haver imposição, e qualquer cultura, língua, tradição ou vestuário torna-se vulgar, inimiga, cruel, opressora, por muito respeitável que ainda seja para os donos.

Uma chuva incessante cai dos olhos de Éris, que experimenta em carne própria que foi usada, como um objecto fútil. É o momento de ficar independente. Se

a vida te dá solidão, usa-a. Acolhe-a. Cuida-a. Não se rejeita o resultado de uma outra rejeição. Encerrada nas paredes da sua pequena e humilde casa, a madrinha de tantos afilhados faz esforços para não pensar demais na sua desgraça. Evita pensar no desalmado que brincou com ela, que a iludiu loucamente com galanteios e sonhos infelizes, inexistentes. Os verdadeiros sonhos, iguais aos produtos da cesta básica, nunca podem ser de importação. Faz esforços sobrehumanos, também para não pensar no impensável: o que estará a fazer, agora, aquele sacana do terrorista? Passou a noite no calabouço? Foi levado para a cadeia provincial? Será julgado? Tinha cúmplices? Cada vez que se depara com os chinelos de Oort, na casa de banho, intactos, desde a última vez que os usara, não pode parar a torrente de questões a ferver na panela do seu raciocínio inconsciente.

Volta a preparar o arroz que tinha descozinhado no domingo após a derrota sentimental. Come forçosamente e, quando se dispõe a lavar as poucas louças usadas, toca o telemóvel. Só neste momento se apercebe, depois de mais de um dia em hibernação, da hora que é. Quase para as dezoito horas de uma segunda-feira, quem poderá ligar-lhe?

– Boa noite, minha filha. Sou a directora provincial. Ligo-te em mau momento? – Pergunta a senhora, com tom maternal, de compaixão.

– Boa noite, senhora directora, como está? Não é mau momento, claro que não. Fico tão feliz em ouvir a sua voz – a lembrança do dia da visita, em que a professora brilhou e não falhou nenhuma das questões da directora, apareceu na mente da Éris, qual uma toupeira a sobressair da galeria.

– Já aplicaste algum dos problemas matemáticos que fizemos naquele dia?

- Bom, infelizmente, ainda não tenho as turmas de instituto, e os meninos da escolinha são adoráveis, mas ainda não são matemáticos renomados – lamenta-se Êris.
- Recorda-se que não são problemas matemáticos. São exercícios de leitura, para prestar atenção a cada palavra.
- Recordo-me, sim – afirma a professora, que por uns momentos esquece o vazio que sente no coração. Não sabe que a senhora directora liga por um motivo muito diferente ao que estavam a falar até então. De facto, a ligação tinha dois objectivos: dar uma informação e fazer uma proposta.
- Minha filha, quero dar-te uma informação e fazer-te uma proposta.
- Claro, senhora directora – fica empolgada a jovem madrinha eterna.
- Informo-te que aquele sacana do meu ex-marido é quem queria usar-te, como ponto de união de Oort com a vila. Já entrou na cadeia, eu mesma é que descobri tudo.
- Espere. Descobriu o quê, exactamente? O que é que tem a ver Oort com o seu marido?
- Ex-marido – esclarece a directora provincial, repisando o prefixo “ex” com muitíssima ênfase prosódica. E a partir de agora, também ex-director nacional da federação de atletismo. Porco, burro, sanguessuga.
- O director nacional do atletismo, esse senhor que sentou no palco ao lado do Presidente do Governo, tinha relação com Oort, o seu guarda-costas, motorista, assistente, conselheiro?
- Aquele também. Ladrão, oportunista, aproveitador, mafioso, falso, traidor. Filha, sinto dizer-te isto, e mais ao telefone, mas aquele guarda-costas seguramente te quis de verdade, de coração. Mas caiu nas mãos de um

dirigente poderoso. Olha Plutão, inteligentemente soube marcar distâncias com aquela escória.

Éris não acredita no que está a ouvir. Sente curiosidade e, ao mesmo tempo, nojo e repúdio. Os dois homens estavam aliados, Oort e o director da federação nacional. Mas com qual objectivo? E o que eu tenho a ver, no meio deles? Uma simples professora de escolinha, numa vila do fim do mundo, onde ninguém quer vir porque o emprego não é seguro.

– Fica a saber que os dois já estão na prisão. As pegadas digitais de Oort foram encontradas nos cabos do pavilhão gimnodesportivo, e acabou confessando que ele tinha manipulado o sistema informativo do evento, para que circulasse uma mensagem que anunciava o atentado com bomba contra o carro do Presidente do Governo, após que tivesse saído da vila, em direcção ao aeroporto. Na confissão dos actos, não consumados, porque Hau evitou que Oort activasse a bomba contra o carro, o teu ex-namorado acabou soltando toda a verdade, incluindo o nome do director da federação nacional de atletismo, com quem eu tenho uma filha em comum.

– Meu Deus, é tudo tão complexo – por um momento, Éris revive o pesadelo de recordar que até faz dois dias, ela tinha estado a partilhar a cama com um terrorista.

– Melhor assim, que já se sabe tudo e se fez justiça. Bom, justiça nunca é completa, porque agora nossa filha fica sem pai por uns bons anos. Tu foste o elemento de união, de afecto, para que Oort passasse mais tempo na vila e pudesse preparar o terreno. Sem saberes, prezada Éris, a tua casa tinha sido um centro de operações de um ataque terrorista a nível do poder do estado.

– Custa acreditar. Pelo menos agora já sei a verdade, não tenho de me preocupar mais sobre onde está, se voltará ou se é um homem honesto. Já se sabe tudo, e isso representa um alívio, igual que se fica relaxado quando a



alguém lhe é diagnosticada malária ou sarampo, porque, no mínimo, fica a saber o que tem e qual o tratamento a seguir, em vez de ficar com a ansiedade de ter os médicos perdidos, num caminho-de-não-retorno, a investigar no seu corpo, qual um campo de experimentos laboratoriais, uma nova doença.

– Agora, a proposta – fala, com um tom de voz mais vivo, a directora, através do telefone: tenho espaço para ti num instituto secundário, numa pequena cidade ao norte da província. Um pouco longe, mas te adaptarás. Era isso que querias, não é?

– Querias, quero, e desejo! – Exclama Éris fortemente, como se tivesse recebido um chute de metanfetaminas alucinogénicas.

– Não pode ser imediato.

– E se aparece alguém que ocupa o meu lugar, durante o tempo de espera? – Pergunta, preocupada, Éris.

– Guardei-te o lugar, é todo teu, igual a uma escova de dentes adquirida no supermercado e já usada pela primeira vez. Ninguém irá ocupar o teu lugar lá. Só preciso que saia alguém disposto a vir para o lugar onde tu estás agora.

– Onde faltam meninos. Assim, se não encontra ninguém, não terei como me deslocar para o novo local de trabalho?

– Tecnicamente, é assim como dizes. Mas não te preocupes, tenho anos de serviço nisto e, posso assegurar-te, se não encontramos ninguém para vir ocupar o teu lugar em, digamos, dois ou três meses, se fecha a escola e cria-se uma nova unidade regional para que as crianças da tua vila passem para a escola de uma das localidades mais próximas. Um arranjo.

– E não se pode fazer agora, esta movimentação? – Inquire Éris, ansiosa, evitando, educadamente, repetir a palavra

“arranjo” que a senhora directora usara para se referir ao plano de mudança.

– Se fazemos agora, vai parecer que estou a querer favorecer alguém, a criar uma nova unidade *ad hoc*, e isso custa dinheiro e prejudicaria a minha imagem, perante os administrativos. Só isso, filha, paciência.

– Que é a mãe da ciência. Mas obrigado, mesmo. Isso significa muito para mim – Êris fala de coração. Aceita a proposta sem duvidar. Esperará os três meses, se for necessário. Assim, terá mais tempo de se despedir, se preparar mentalmente, e ir embora em paz, do lugar mais pacífico do mundo.

– Prezada Êris, essas eram as minhas comunicações. Continuamos em contacto, sobre o arranjo. Boa noite, descansa.

– Boa noite e muito obrigado por pensar em mim, senhora directora.

A professora Êris vai para casa de Hau, Make e Salvador. Decide que Make será a primeira pessoa a saber. Devo dizer-lhe que o seu filho irá ter uma nova professora.

– Venho a dizer-te que o teu filho terá uma nova professora.

– Já esperava essa notícia, pois não se pode ter sempre o mesmo professor. Imaginas, desde o berçário, escolinha, ensino primário, secundário, universidade, sempre com o mesmo professor? Algum dia os caminhos se bifurcam. É a vida.

– Os teus pais não estão em casa, Make?

– Não. Também apanharam a sua bifurcação, ontem mesmo. Primeiro, querem fazer uma viagem à China, um sonho que tinham, para conhecer a história das cidades imperiais de não sei qual dinastia. Depois, no regresso, vão voltar para casa deles, onde eu cresci, na cidade. Ali

tem mestres oleiros onde podem fazer oficinas, trabalhos semanais, actividades de prazer. Aqui tudo é mais isolado, mais parado. Não é esta uma vila para velhos que querem reformar activamente.

Sobre o assunto da nova professora, Éris percebe que Make está triste com sua saída, mas entende. Como não sabemos quando chega a nova pessoa, a directora provincial recomenda-me ficar aqui, por enquanto, assim posso reflectir na decisão, e nos próximos passos a dar, no meu futuro, tanto profissional como pessoal.

Makemake oferece chá de canela, na sala central da casa. Salvador está a ouvir toda a conversa entre as duas mulheres, e seguramente quer argumentar a favor da decisão da professora, que vai embora à procura de melhor vida, novos desafios. Salvador, como súbdito obediente, não iria objectar nada contra que Éris vá atrás dos seus sonhos. Todavia, gostaria que ficasse por mais alguns dias, alguns meses, para aprender, desde bem jovem, o que são as saudades, e o que é a nostalgia de alguém que se foi e que jamais voltará.

Na festa de despedida de Éris, o discurso da professora é breve e, naturalmente, muito pedagógico. Explica que falhar vale a pena por fazer algo antes do que por não fazer. Inanição é o mais grave cancro da espécie humana, seguramente Darwin concordaria comigo. Uma vez falhamos, num mundo perfeito, que não é este, a pessoa segue dois passos: primeiro, se desculpa pelo erro; segundo, se esforça para melhorar. Outrossim, uma pessoa que não comete erros é a mais pobre do mundo, porque é equivalente a uma pessoa que não nasceu, nem viveu. Só morreu.

Haumea aproveita para anunciar que tem uma nova saída, por trabalho. Vai à calota antártica, a entrevistar pinguins acerca das mudanças que precisam que nós, humanos, façamos para eles poderem continuar vivos como espécie.

Brada e Plutão voltam a sentir a falta um do outro. Reapaixonam-se. Uma noite, no Kuiper, dona Aure despede-se da sua empregada, até depois-de-amanhã. Recorda que amanhã vou à consulta, pelas dores no joelho. Horte ainda está na sala do Kuiper, a terminar umas limpezas na cozinha. Faz isto amiúde, porque o trabalho de escritório na edilidade não lhe tira mais do que uma ou duas horas por dia, flexibilidade esta que lhe permite usar mais tempo para investir nas pessoas, na vila, em engenheiros, projectos de reflorestação, iniciativas desportivas locais, atrair negócios que ajudem a alavancar o nível de vida das pessoas, estradas melhoradas, promover a natalidade e aumentar as zonas de parques infantis, onde todos se sintam em casa, crianças e adultos. E para além disto tudo, ajudar sua mulher a levantar o Kuiper.

– Horte, meu marido, está na hora de oferecermos o Kuiper à Brada, ela é como uma filha para nós.

– Sem dúvida. Queria fazer a mesma proposta, mas como a chefe és tu, calei-me até então. Pensa que Brada é capaz de investir dinheiro do bolso dela para comprar o pacote de televisão mais elevado, e assim atrair mais pessoas a beber e comer, e como haverá desporto e filmes interessantes no ecrã, as pessoas irão se emocionar mais, poderão pensar em trazer amigos de outras vilas para viver mais intensamente os momentos, poderão apaixonar-se, como ela mesma e Plutão. E se há muitos apaixonados, haverá maior índice de natalidade, mais professoras para substituir Éris, mais vida, mais emprego e mais actividade na vila, em todos os sectores: agrícola, construção, ensino, canalização de águas, energia, lojas e muito mais. Seremos a nova Nova Iorque, a vila que nunca dorme. O que achas, patroa?

– Acho fantástico, mas muito ambicioso para nós ver tudo isto. Por enquanto, vamos ver se podemos apoiar

no financiamento deste novo pacote de televisão para o Kuiper. Como dizes, para que haja mais emoção, mais alegria, mais paixão e as pessoas bebam e comam mais.

– Brada se entende bem com Plutão, pois não? – Pergunta, Horte, curioso, como forma de motivar dona Aure a procurar algum reforço.

Já de noite, Brada é abordada pelo casal proprietário do Kuiper. Plutão está aí, também, a ajudar Brada nas limpezas. Dona Aure fala, em primeira ordem. Meus meninos, o que estão a fazer aqui, agora, podem continuar a fazer pelos próximos dias, meses, anos, se quiserem. O Kuiper é vosso – dona Aure coloca as chaves na mão de Brada, que fica inesperadamente estupefacta. Só consegue responder com um agradecimento enorme. Quase fica de joelhos, a chuva está a aproximar os olhos dela, de emoção.

– Vamos lá terminar isto hoje. – Consegue dizer Brada.  
– Quero descansar que amanhã tenho de acordar cedo e levantar isto, a servir pão amanteigado, mandioca com molho, amendoim torrado, batatas fritas e cozidas, frangos assados, cervejas TonnaH, sumos, chás, cafés e brioches.



## Epílogo





*La vie est de brûler des questions*

Antonin Artaud (1896-1948)

Organiza-se um pequeno evento popular de reinauguração do pavilhão gimnodesportivo Salvador. Horte exerce, hoje, o papel de mestre de cerimónias, no Kuiper. Propõe que o nome do pavilhão gimnodesportivo fique atribuído a Salvador, e a proposta fica aprovada por unanimidade. Nada mais democrático que uma decisão tomada sem oposição. As razões estão claras, esgrime o edil, este menino irá salvar o mundo. Aliás, já nos salvou, pois é uma criança que tem um pai e uma mãe que também sentem pelos outros, que lutam e arriscam tudo quanto podem para que as coisas saiam bem. Os que entendem a política mais do que eu, sabem que vale a pena lutar por um objectivo que contribua a não mudar nada, apenas manter a estabilidade, não perder o que já se conseguiu. Os tempos de hoje nos exigem isto, não perder, conservar. Eis o vosso maior atrevimento, e o meu humilde reconhecimento. Horte conclui o discruso, deixa o microfone numa mesa e entrega uma tesoura à Makemake. A mãe de Salvador, com o filho no braço esquerdo, pega na tesoura com a mão direita e corta a fita, mostrando um sorriso de tamanho extraordinário.

– Viva pela Make! – Grita Ceres, desde a parte traseira.  
– A nossa vizinha mais experta em detecção de crimes virtuais.

– Eu sou unidade policial local dedicada aos crimes virtuais? Bem, pelo menos, alguma coisa terei aprendido do trabalho online, nos últimos meses – Make remata o momento de felicidade inquebrantável. Haumea fica ao lado da sua senhora. Agarra o pequeno Salvador, que já pode colocar os pés no chão e aguentar-se em pé, com apoio de uma mão paterna. O menino está a colher tudo quanto observa, e regista-o, com a sua língua infantil, na sua memória ainda fresca, para um dia da sua vida adulta, recuperá-lo total ou parcialmente e escrever para salvar o mundo.

Em casa, após o momento de glória, Salvador está cansado e adormece nos braços da mãe. Antes de anoitecer, Hau e Make recordam que, neste momento, a nossa amiga Éris deverá estar a ensinar os seus alunos de instituto secundário que, com o Tratado de Tordesilhas, um dia faz muitíssimo tempo na história, dividiu-se a América do Sul verticalmente, como se fosse um bolo em duas fatias. Soltam mais frases: o que seria de nós se o edil não fosse Horte e fosse o anterior, amigo de terroristas e malandros piores que Oort e o director da federação nacional de atletismo. Já tenho o meu epitáfio, conta Hau, de repente. *Cada vez sabemos mais coisas, mas compreendemos menos.* Posso escrever a frase num papel, ou, melhor ainda, em dois papéis, agrafar as duas folhas pelas quatro pontas com o agrafador que o teu pai ofereceu quando nasceu Salvador. Depois, enrolaremos os papéis e os introduziremos numa garrafa de vinho branco ou tinto, que já teremos tomado, e fecharemos com a própria rolha original. Lançaremos a garrafa ao mar de Poséidon, com a esperança de que circule flutuante algures, pelas águas do além. Quem a encontre, num ou noutra litoral deste mundo, abrirá e continuará a narração. Voltará a lançar a garrafa com a mensagem acrescentada, e,

assim sucessivamente, passará por outras costas, outras ilhas, outras ribeiras até que depare com todas as águas límpidas do planeta secas. Naquele momento, o único rio disponível será o desta vila, e o nosso filho Salvador, daqui a cinquenta anos, será o encarregado de recolher esta garrafa e se inspirar nela para escrever a sua obra. Um novo tipo de escrita, um género literário novo que ultrapasse as escrituras sagradíssimas, a poesia, o conto, a novela, o teatro, o romance, o artigo jornalístico e o guião de cinema. Será uma forma de escrita que salvará o mundo, a sua obra será o novo troféu para os campeões desportivos do futuro e será também alimento para que cresçam embondeiros, buganvílias e acácias furiosamente coloridos. Fará com que o cheiro traspasse fronteiras tecnológicas e se possam descozinhar os alimentos. Nós ainda estaremos cá, daqui a cinquenta anos, de regresso ao futuro, a recordar para viver.

– Maridão – Makemake encosta a cabeça no ombro do seu marido, recuperando a expressão que usara enquanto recém-casados, – sempre vale a pena curar antes do que prevenir.

– Não há melhor salvação – retorque Hau. – Como disse Horte para dona Aure no dia em que, após conversar com a lápide do pai, decidiu que seria o novo edil. Amanhã, subimos ao cemitério?

Sobem todos juntos à montanha sagrada, o bairro dos mortos. Por um lado, Makemake, Haumea e Salvador, que, pela primeira vez, pisa aquele lugar. Por outro lado, o edil Horte e dona Aure, com a afilhada Brada, que deixa Plutão a tomar conta do Kuiper por umas duas horas de tempo, naquela manhã. Ar puro e ambiente calmo. A jovem, agora proprietária do local, no caminho de subida, fala com o vento.

– Se conseguirmos que se plante nas nossas machambas, será um produto local que atrairá pessoas de todos os cantos da província.

Dona Aure responde, sem duvidar nem um instante.

– Filha, o Kuiper é teu, podes fazer com ele o que achares melhor, eu sempre vou apoiar-te, até ao fim das minhas energias.

## Colecção Xikalavitu

### Livros Publicados

### Autores

1 - Dores do Parto, Dores da Inspiração (2013)

\_\_\_\_\_ *Alex Barga*

2 - Sonhos, Caminhos & Lutas – Antologia Poética (2015)

\_\_\_\_\_ *Vários Autores*

3 - Aliança com a solidão (2016)

\_\_\_\_\_ *Alex Barga*

4 - Pedido de Madrinha de Guerra (2016)

\_\_\_\_\_ *Miguel Sumburane*

5 - A Sombra dos Sonhos (2017)

\_\_\_\_\_ *Matos Matosse*

6 - Leis de Amor – Laws of Love (Bilíngue:2017)

\_\_\_\_\_ *Alex Barga*

7 - Eterna Paz (2018)

\_\_\_\_\_ *Bee Yoni, o Dragão*

8 – O cão e o gato – The dog and the cat (Bilíngue:2020)

\_\_\_\_\_ *Angelina Neves*

9 - As Cinco Pragas do Divórcio – (2020)

\_\_\_\_\_ *Fernando Parruque*

10 – Contos e Descontos – (2021)

\_\_\_\_\_ *Daniel Mabjaia*

11 - Quem Me Dera Ser Puta - I Wish I were A Bitch (Bilingue 2021)

\_\_\_\_\_ *Alex Barga*

12 - A Revolução Dos Pinguins - (2021)

\_\_\_\_\_ *Roger González Margalef*

13 – Melita Em Busca de Um Amor-Perfeito – (2021)

\_\_\_\_\_ *Altino Mário Estefane*

14 – The Strange Mask – (2021)

\_\_\_\_\_ *Lucas Mkuti*

15 – No Espaço de Um Sempre – (2021)

\_\_\_\_\_ *João Borjes Namelo*

16 – SCHOOL IS COOL – (2021)

\_\_\_\_\_ *Estudantes da Universidade Joaquim Chissano – U.J.C.*

17 – Pelos Mares do Amor, Paz e Guerras – (2021)

\_\_\_\_\_ *Aquiles Dimende*

18 – Noites de Luar à Volta da Lareira da Avó Elisa “Anedotas” – (2021)

\_\_\_\_\_ *Fidalgo Varges*

19 – Deus Em Mim – (2022)

\_\_\_\_\_ *Armaia*

19 – SALVAÇÃO – (2022)

\_\_\_\_\_ *Roger González Margalef*